

RedDoor

VAGALUME

PARTE 1



UM DESTINO

VÁRIOS CAMINHOS



VAGALUME

VAGALUME

Parte 1

Essa história possui referências geográficas, não necessariamente exatas, qualquer informação desse tipo está diretamente relacionado aos fatos da narrativa.

Observação:

A história VAGALUME possui dois narradores, para facilitar você será informado durante a leitura sobre a mudança da narração representadas pelos emojis:

Reika: ✨

Representa a narração em primeira pessoa da jovem.

Narrador: 🗣️

Representado pelo olhar do narrador em terceira pessoa.

Data de publicação 2026

Capítulo 1 — As populares sempre estão um nível acima

Oi, meu nome é Reika Tamura, me mudei com meus pais do Japão para Minnesota — tenho 22 anos, moro com minha avó e meu pai, que precisa de cuidados especiais. Sou linda, perfeita e estou na nata do campus.

Faço parte das Psycho Phoenix, o grupo de líderes de torcida do Time de Football Phoenix, que fica na Minnesota Phoenix Cities University. Somos o grupo que dita as regras, o lema que todo mundo conhece. Quando a gente passa, o corredor para. O orgulho dos Phoenix. Já a nossa Universidade possui um campo acadêmico amplo. no centro da entrada um chafariz, que vive em manutenção. Eu estudo filosofia, as salas têm um certo charme, empoeiradas mas passava de ano em beleza, afinal você não queria seu filho estudando numa pocilga, parecendo aqueles albergues sujos, enfim... voltando, aqui, ninguém duvida de quem manda. E eu? Eu mando porque mereço. Nós três — Jilian Sand, Saraya Fernandez e eu — somos o topo da cadeia alimentar e quando atravessamos o corredor principal do bloco central, os alunos simplesmente param. Alguns desviam o olhar, outros encaram com medo e os mais ousados? Sussurram elogios.

Foi no meio dessa travessia diária que ouvi a cutucada. Um toque no meu braço. A voz já conhecida:

— Ei, Reika, olha pra frente, queixo reto.

Jilian Sand, a loira mais afiada do campus, líder das Psycho Phoenix e presidente do Grêmio. Linda, sarcástica e com aquela risada que parece sempre esconder uma ameaça. Eu rolei os olhos com classe, sem perder o salto.

— Desculpa, é que a luz aqui atrás estava muito forte. Alguém acendeu o cabelo, loirinha?

Ela riu, me empurrou de leve pelo ombro, como quem marca território. Saraya, que vinha logo atrás, soltou um assobio debochado.

— Se vocês duas forem presas, quem é que vai comandar esse lugar, hein?

Seguimos andando como um trio de tempestades disfarçadas de beleza e todo mundo sabia: quando as Psycho Phoenix passam, a temperatura sobe.

Estávamos dominando o corredor como de costume — eu, Jilian e Saraya — passos firmes, cabelos impecáveis, risos calculados, quando meu corpo esbarrou em alguém menor. O baque foi quase imperceptível para mim... mas para ela? Foi como bater num muro invisível de status, os livros da garota ruiva voaram pelo chão lustrado, ela se abaixou apressada, com

as mãos trêmulas tentando juntar tudo, os óculos escorregando no nariz. um estereótipo ambulante de “sem chance”.

Eu parei. Não por preocupação — Mas porque precisava me firmar ali, meu respeito e minha reputação sempre. Ela murmurou, sem me encarar:

— Me desculpe...

Levantei uma sobrancelha, dei um passo à frente e me abaixei levemente, como se fosse ajudá-la... mas só para ficar na altura certa, encará-la de cima.

— Garota... que isso nunca mais se repita. E por favor, olhe por onde anda. Só não fique mais na minha frente. Ok?

Ela congelou. Os olhos tremulavam sob as lentes, e o que vi ali me deu até um pouco de pena — quase. Era puro medo.

— M-me desculpe... — respondeu ela, baixando os olhos como um cão assustado.

Saraya soltou um risinho abafado, Jilian nem disfarçou a risada, e murmurou só para mim:

— Você é um inferno quando quer.

Ergui o queixo, ajeitei o cabelo e segui andando como se nada tivesse acontecido, porque nada tinha acontecido, certo? Só mais uma qualquer lembrando seu lugar. Seguimos andando, a ruiva ficou pra trás, no chão, com seus livros espalhados e a dignidade em migalhas. Nem virei o rosto, aquilo pra mim foi só mais um lembrete: o mundo gira, mas não gira em torno dos fracos. Jilian riu ao meu lado, jogando os cabelos pra trás:

— Você é um problema diplomático, Tamura.

— Sou a solução, querida. O campus fica melhor quando sabem o lugar deles.

Saraya completou com um estalo de chiclete e aquele olhar que só ela tem:

— Lindas, cruéis e necessárias.

E era isso. O trio mais insuportável, mais adorado, mais temido do campus, atravessando o corredor como se fosse uma passarela, deixando para trás uma trilha de suspiros, inveja e silêncio. Então nos dirigimos ao ginásio dos Phoenix que estava iluminado, aquecido e com aquele cheiro forte de borracha e ego masculino no ar. Jilian correu direto pros braços de Robby assim que passamos pela porta dupla. Ele estava sem a camiseta, suando, ostentando músculos e aquele sorriso que só ela sabia dobrar. A pose era perfeita — o rei e a rainha no centro do mundo.

Eu e Saraya trocamos um olhar entediado. Amor não estava no nosso cardápio. A gente servia presença, poder, e, quando queria, o veneno mais puro.

— Ai que emoção, Jilian! Eles suam e elas desmaiam. — murmurei, tirando o moletom e amarrando na cintura.

Saraya riu. — Se eu quisesse ver homem correndo atrás de bola, ligava a TV. Pelo menos podia mudar de canal.

Do lado de Robby, lá estava ele: Alan. O das quentinhas. Sempre grudado no quarterback como se fosse um mascote não oficial do time. Trazia Gatorade, toalha, lanche... e a dignidade pendurada num fio invisível.

— Olha lá, Reika... já trouxe a marmita do Robby. Será que tá quente?" — sussurrou Saraya, rindo baixo.

— Deve tá. O nome dele é Alan, mas na cozinha do campus ele é só o Alan das quentinhas.
— completei, já aquecendo os ombros com preguiça cênica.

O técnico gritou:

— Psycho Fênix, posição! Agora é treino sério, quero sincronia e energia de competição! Vambora!

A música começou a tocar. Pisamos no centro da quadra como quem pisa em cena. Os olhos estavam todos em nós. A coreografia começava e o fogo que a gente carregava não era só pelo time... era por sermos quem somos: o centro. O topo. O pesadelo favorito do campus.

Depois do treino, tenho a sala de aula que estava quente demais para o clima lá fora. O aquecedor do prédio central parecia decidido a nos assar vivos. Mesmo assim, eu entrei impecável — rabo de cavalo alto, cropped justo, olhar blasé. Escolhi o meio da sala, onde todos podem ver... mas não me tocar. Saraya se sentou duas fileiras atrás, mastigando chiclete como se estivesse entediada com o planeta Terra. Jilian, claro, tinha faltado. Dia de passar o tempo com o boy número 1, como ela dizia.

O professor entrou. Camisa amarrotada, pasta lotada, aquele olhar de quem já perdeu batalhas contra alunos piores. Mas não contra mim. Ele sabia meu nome — e sabia exatamente como eu gostava de ser provocada.

Ele largou a pasta na mesa com força.

— Tamura... já que você está tão afiada hoje, por que não ilumina a sala?

— O que é heliocentrismo?

Senti todos os olhares se voltarem. Alguns esperando minha falha. Outros, meu brilho. Me levantei com elegância. Cruzo os braços atrás do corpo, como quem segura a própria coroa.

— Heliocentrismo é o modelo astronômico em que o Sol ocupa o centro do sistema solar, e os planetas, incluindo a Terra, giram ao seu redor. Foi proposto por Nicolau Copérnico no século XVI e revolucionou o entendimento da estrutura do universo, enfrentando a visão geocêntrica que colocava a Terra como centro.

Silêncio. O professor apenas assentiu, meio contrariado, meio impressionado.

— Resposta correta.

Me sentei lentamente, lançando um olhar frio para a menina ao lado, que parecia até ter parado de respirar. Puxei minha caneta, como se nada demais tivesse acontecido.

— Fácil demais. — murmurei.

Saraya riu lá atrás e eu voltei a fingir que não me importava com a sala... mesmo gostando de cada segundo em que ela ficou minha. Posso garantir que minhas aulas de Filosofia não são lá aquelas coisas. Acima do Professor há um relógio, meio vintage, sabe? aqueles de presente de vó, então...é nesse tipo que eu tenho que fixar meus olhos esperando o final de mais uma aula torturante, com alunos sem sal, sem tempero, sem nada...

O sol já começava a cair quando saí pelos portões do campus. As folhas outonais dançavam no vento, e o clima era seco e frio, típico de Minnesota. Lá estava ela, pontual como sempre. Minha vó, de braços cruzados, óculos escuros, dentro do velho Jeep vermelho herdado de algum parente que provavelmente era mais teimoso que ela.

— Reika, vamos! — gritou do banco da frente, já com o motor ligado.

Entrei no carro com um suspiro leve, afivelo o cinto e encosto a cabeça no encosto. Meus músculos ainda lembravam a tensão da coreografia.

— Como foi seu dia? — perguntou, virando na avenida sem perder o ritmo.

— Nada de mais. Apenas um dia comum. — respondi olhando pela janela, observando os postes, as casas e a vida que corria lá fora.

Ela não insistiu. Ela nunca insistia. Sabia que eu só falava quando queria. O caminho foi curto, silencioso e familiar. Chegamos na nossa casa — dois andares, gramado bem cuidado, varanda com um banco de madeira que ela sempre recusa pintar. Toff veio correndo até a porta, ronronando antes mesmo de eu abaixar.

— Ei, bebê. — falei baixinho, me abaixando para alisar seu pelo cor de mel. Ele se enroscou nas minhas pernas como se o mundo inteiro coubesse naquele gesto.

Minha vó tirou a chave da ignição e me olhou com doçura:

— Vai lá ver seu pai.

Assenti em silêncio e subi correndo as escadas, já tirando a jaqueta. A porta do quarto estava entreaberta. Entrei devagar e ele estava ali, sentado em sua cadeira de rodas, coberto por uma manta azul, os olhos semicerrados, a sonda fixa, o olhar flutuando — mas quando me viu, tudo nele pareceu acender por dentro.

— Rei...ka... aaooo...

A voz era fraca, arranhada. Mas eu entendi. Só eu entendia.

— Eu sei, pai. Já vou buscar sua sopa. Aguenta aí.

Passsei a mão no cabelo dele, cuidadosamente, como se fosse um gesto secreto. Como se fosse algo que nenhum dos meus colegas, rivais ou fãs jamais imaginariam.

A Reika que o campus conhecia era feita de fogo, já a que estava ali... era só uma filha tentando manter o mundo em pé.

Mais um dia típico no campus da Universidade de Minnesota. Os corredores estavam cheios, os armários abertos, os risos ecoando. Mas tudo parecia silenciar — ainda que por segundos — quando nós três passávamos. Jilian Sand, a líder nata e de andar firme, marchava à frente com seu rabo de cavalo loiro balançando como se desafiasse o vento.

Saraya Fernandez vinha ao lado, olhos escuros e expressão de superioridade em cada centímetro do rosto. E eu... bem, eu era Reika Tamura, não precisava andar à frente, nem sorrir demais — eu era o veneno sutil no meio da beleza brilhante.

— Você viu o Alan das quentinhas ontem? — Saraya comentou, dando risada.

— Claro. O Robby quase empurrou ele da arquibancada. — Jilian completou, revirando os olhos.

Eu estava quieta. Sentia algo vibrar dentro de mim. Um orgulho estranho, crescente, como se o mundo ainda não tivesse entendido completamente quem eu era. Foi quando, ao longe, meus olhos cruzaram com aquela mesma figura do outro dia. A ruiva. Óculos, postura murcha, livros apertados contra o peito como se o peso do universo dependesse deles. Ela caminhava devagar, procurando algum lugar no corredor... ou tentando desaparecer dele. Não sabia seu nome e nem fazia questão. Ela estava no lugar errado, na hora errada. Sem desviar o olhar, fui direto. Passos firmes, controle absoluto.

Pum.

O impacto do meu ombro contra o dela foi seco, direto. Ela perdeu o equilíbrio e os livros voaram de suas mãos, espalhando-se pelo chão como folhas perdidas ao vento, se abaixando rapidamente, tentando recolher tudo, nervosa. Os olhos arregalados, como um cervo pego pelos faróis de um carro. E eu só disse, com a calma cruel de quem conhece bem o poder que tem:

— Fracassada.

E segui andando. Sem olhar para trás. Porque as regras do topo não precisam ser explicadas. Elas são sentidas. Virei as costas com o mesmo desdém que sempre usei. O som dos livros ainda se arrastava no chão atrás de mim quando uma voz, inesperadamente firme, se ergueu no corredor:

— Vocês devem desculpas a ela!

Parei. Devagar, com elegância letal, girei o rosto para trás. Era ele. Timothy. Franzino, meio desajeitado, usando uma jaqueta larga demais pro corpo fino. Ele estava tentando ajudá-la — a ruiva ainda de joelhos, ajustando os livros com as mãos trêmulas. Timothy quase não conseguia se manter de pé. Mas ali estava, encarando a gente, como se fosse feito de aço em vez de vidro.

Jilian solta uma risada nasalada, debochada.

— Robby, tem um garoto aqui querendo bancar o herói. — disse ela, já olhando por cima do ombro, chamando o reforço com puro veneno no tom.

Robby apareceu com os passos largos e arrogantes de quem se acha invencível. O boné virado pra trás, a camiseta estufando o peito exagerado de treinos. O Quarterback dos Phoenix era conhecido por resolver qualquer "problema" com gritos ou socos.

Ele parou ao lado de Timothy, e como um touro encarando um coelho, falou:

— Ae? Timothy, cala essa boca antes que apanhe feio.

Um silêncio tenso caiu ao redor. Alunos mais afastados começavam a prestar atenção.

— Não foi nada de mais. Você quer arranjar briga com uma das Psycho Phoenix? Se ousar gritar com elas de novo, pode dar adeus à sua vidinha aqui.

Ele deu uma risada ameaçadora. Timothy recuou meio passo, mas não saiu do lugar. Cruzei os braços e observei aquele garoto... não fazia ideia de onde estava se metendo. Mas algo nele, mesmo frágil, acendeu um breve — e irritante — lampejo de... ousadia. Jilian recolhe seus olhos, joga o cabelo pra trás e diz com voz baixa e direta:

— Vamos, meninas. Os fracassados já deram show demais por hoje.

Eu ri e Saraya ergueu o queixo, e seguimos. Mas por dentro, algo pulsava no fundo do peito. Não pela ruiva. Mas por aquele tal de Timothy aquela ousadia estúpida... Ainda ia custar caro pra ele.

O sol de Minnesota batia firme no campo, dourando a grama e o suor dos atletas. Nós estávamos sentadas nas arquibancadas exclusivas das líderes de torcida, uniformes impecáveis, garrafas d'água personalizadas, e a aura de realeza flutuando ao nosso redor. Lá embaixo, os garotos treinavam. Robby comandava os passes. Alguns ainda tentavam impressionar — especialmente um tal de Alan.

O famoso “Alan das quentinhas”, apelido que grudou como glitter depois que descobriram que ele vendia marmitas para completar a bolsa esportiva. Um azarado, um desastre ambulante no campo.

Ele correu para pegar a bola, tropeçou nos próprios cadarços — de novo — e caiu com a cara na grama, o tênis voando para longe como uma folha levada pelo vento.

Eu encostei o queixo na mão, sorrindo com preguiça.

— Isso é melhor que muito filme. — murmurei, quase saboreando o desastre.

Saraya soltou uma risada contida, afiada como uma navalha.

— Kkkk nem me diga... Qual será o próximo momento histórico desse inútil? Uma concussão gourmet?

— Ou talvez ele finalmente descubra que marmita não ganha jogo.

Jilian, do outro lado, nem se virou, estava ocupada trocando olhares com Robby, fazendo aquele joguinho de casal perfeito que dava ânsia em qualquer pessoa com bom gosto. Alan se levantou tonto, com grama nos cabelos e terra até na sobrancelha. Um dos técnicos o mandou sair de campo e sentar. A gente aplaudiu por entretenimento.

— Alan, o mártir das marmitas. — declarei como se fosse uma cerimônia.

Saraya fingiu chorar.

— Descanse em paz, guerreiro.

Rimos juntas. Mas, por um instante, meus olhos percorreram o campo...E lá, na arquibancada oposta, ela estava. A ruiva. Com os livros no colo, assistindo tudo, discreta. Sem torcida. Sem grupo. Só ela. Eu cruzei as pernas devagar, sem desviar o olhar.

Não some fácil, hein?

— Vamos, Saraya.

A arquibancada ainda estava vibrando com a queda do Alan das quentinhas, mas algo em mim latejava. Talvez fosse o tédio. Talvez fosse o fato de a ruiva ainda estar ali, sentada feito uma peça fora do tabuleiro, como se o mundo não a tivesse notado, como se estivesse segura naquela bolha invisível. Descemos juntas. Eu e Saraya. Passos ensaiados, postura impecável, aura afiada como navalha. Ela nos viu se aproximando. Apertou os livros contra o peito, como se fossem escudos. Patético.

— Olha só quem temos aqui! — comecei, a voz tão doce quanto uma lâmina de gelo.

— Sabia que você está estragando o jogo?"

A ruiva, claro, murmurou com a mesma voz sussurrada e encolhida de sempre:

— Me desculpe.

Por mim, parecia uma vitrola quebrada. As mesmas palavras. Sempre. Já estava insuportável.

Saraya soltou uma risada — curta, cruel, divertida.

— Ela só sabe dizer isso. Me desculpe, me desculpe... parece um papagaio traumatizado.

— Sabe... — dei um passo à frente, olhando bem nos olhos dela. — "Você quer ser alguém nesse campus? Então cresce. Cresce e aprende a não ser invisível. Cresce e para de ficar no caminho." Meus olhos desceram para os livros. Títulos científicos, uns de literatura... como se ela fosse passar a vida toda em bibliotecas mofadas.

— E esses aqui? — perguntei, chutando os livros com a ponta da bota, fazendo alguns voarem escada abaixo. — Pra que eles servem, hein? Pra te fazer chorar com mais estilo?

Ela se ajoelhou rápido, tentando pegá-los, desesperada. E aí veio o choro. Os olhos marejados, as mãos tremendo.

— Aí tá chorando agora? Awnnn. — fiz um biquinho falso. — "Vou chorar também, Saraya, olha só que emoção!"

Saraya virou o rosto, rindo de verdade dessa vez.

— Ai, Reika... você é má. Mas faz isso parecer arte.

A ruiva saiu correndo. Deixou dois livros pra trás. A arquibancada ficou mais vazia. E melhor.

— Venha. — eu disse para Saraya, voltando a subir as escadas. — "A realeza não anda entre plebeus por muito tempo."

O dia acabou do jeito que sempre acaba. Comigo sentada no banco do Jeep, ouvindo o motor velho vibrar. Minha avó buzinou no mesmo tom de sempre — nem irritada, nem alegre. Só prática. Como tudo que ela é. Não falamos uma palavra. Não precisava.

Ela sabe que eu falo quando quero. E hoje, eu não queria. Chegamos em casa.

O mesmo gramado bem-cortado, a mesma escada de madeira, o mesmo som do Toff miando no hall. Cumprimentei meu pai com um beijo leve na testa. Ele tentou responder, mas só saiu um "Rei...kaaa...", como se fosse uma prece incompleta. Sorri e fui buscar a sopa, como sempre. Mas não é disso que se trata esta noite.

Subi, vesti meu moletom preto e me joguei na cama. Meu quarto é meu templo. Uma cama larga, lençóis com texturas monocromaticas, cartazes antigos de bandas na parede, e uma prateleira com pequenos troféus — alguns meus, outros herdados.

Minha avó abriu a porta com cuidado. Ela olha pra mim com aquela expressão de sempre — que parece seca, mas guarda uma ternura oculta.

— Força para um novo dia, Reika. — disse baixinho, antes de fechar a porta.

Apaguei. E então... aconteceu.No silêncio da madrugada, uma luz verde brilhou. Era... viva.Ela apareceu na fresta da janela, e em segundos, meu quarto inteiro estava tomado. O teto pulsava. As paredes tremeluziam como água. E eu... dormia. A luz penetrou a pele dos meus braços, subiu pela espinha, alcançou meu crânio como uma onda elétrica. Meus olhos se moviam sob as pálpebras — rápidos, ferozes.

Mas eu não acordei. Meu corpo, sim.

No dia seguinte...

O céu estava anormalmente claro. Jilian passou o gloss vermelho. Saraya colocou seus óculos escuros de armação grossa. E eu? Eu olhei para o espelho, e não sorri. Algo tinha mudado.

— Hoje não vai sobrar ninguém, meninas. — eu disse, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo alto.

As três. Impiedosas.Mais do que nunca. O corredor estava fervendo. Gente indo pra aula, saindo do treino, mochilas batendo, conversas vazias. Mas... ela não estava lá. A ruiva. A vítima oficial do campus. E sinceramente? Melhor assim. A presença dela já me tirava a paciência.

Jilian apareceu com o celular na mão e aquele brilho no olhar — quando ela sabe que alguma coisa vai quebrar.

— O Robby vai acertar as contas com o Timothy. — ela disse, como quem anuncia o show principal da noite.

Meus olhos se acenderam. Não perdi tempo. Corri com ela e Saraya, atravessando a galera até chegar no ponto de impacto. No meio do corredor, lá estava Robby, segurando o Timothy pelo colarinho da camisa amarrotada. O menino franzino mal conseguia se equilibrar com os pés no chão.E ao lado dele...a ruiva de novo caíndo, com mais livros espalhados. Eu só consegui soltar:

— Ela duplica livros, só pode...

Saraya riu. Jilian revirou os olhos. Eu só queria ver o show.

Robby rosou:

— VOCÊ acha que pode levantar a voz com um de nós? Você tá maluco, moleque?

Timothy tentou responder, a voz tremendo:

— Ela não merecia...

— Ah, não merecia? ENTÃO TOMA! — Robby soltou o primeiro soco.

Foi rápido. Um, dois, três golpes seguidos. Timothy foi jogado contra os armários. Um zumbido coletivo se espalhou entre os estudantes que começaram a formar um círculo.

— ACABA COM ELE, ROBBY! — eu gritei, empolgada.

Claro que eu torcia pro Robby. Namorado da Jilian. Alpha do campus. E o tal do Timothy... tava ferrado. Cada soco dele ecoava como um recado. E o mais doido? A ruiva só ficava ali, ajoelhada, tentando juntar os livros, como se não fosse com ela. Nem chorava mais.

Saraya comentou:

— Será que ela tem alma?

— Talvez seja tipo uma boneca que a galera esqueceu de carregar. — respondi com sarcasmo, cruzando os braços.

A tensão no ar... era quase deliciosa. O tipo de caos que dá sentido a uma terça-feira qualquer. A tarde estava morna e o céu de Minnesota parecia ter parado no tempo — aquele azul lavado de nuvens finas que não decide se vai esquentar ou esfriar.

Mas dentro do ginásio da universidade, o clima era outro: fúria, suor e risadas maldosas.

Jilian amarrou o cabelo em um coque alto, eu ajustei os punhos, e Saraya já estava no canto fazendo polichinelos com a animação de quem vai pra guerra.

Era o nosso momento. As Psycho Phoenix. A ruiva? Nem sinal. Talvez estivesse se escondendo debaixo da cama com os livros em posição fetal — quem liga?

Hoje era treino e a gente estava sedenta. No canto oposto, Alan das Quentinhas tentava ajustar o protetor e seu capacete. Na lateral do campo o técnico anunciava os pares para o circuito. Corrida, sparring, abdominais. Nada de moleza.

Logo na primeira volta de corrida, Alan tropeçou no próprio cadarço e deslizou de barriga no chão como um pinguim de patins.

— Pelo menos ele limpou o chão com a camisa. — soltei.

Na sequência, fomos para o treino firmes, poderosas, collant de líder de torcida bem lavado e despertando o foco em nossa atenção. Enquanto bebíamos água no intervalo, Saraya comentou:

— Sabia que ele trouxe marmitta de feijão pra comer antes do treino?

— É por isso que quando ele chuta a bola, o ar morre. — completei.

Jilian riu alto. Alan, no fundo, tentava levantar a barra do supino... com a ajuda de dois pesos de dois quilos e o incentivo de uma das auxiliares.

Mas pra nós? Só mais um dia como as impiedosas do campus.

Apitos. Passes. Gritos. Capacetes voando, protetores no chão... e três garotas andando lado a lado como se fossem as donas daquele campo: Reika, Jilian e Saraya — as Psycho Phoenix. Imponentes, sincronizadas, cabelos ao vento, como uma tempestade prestes a cair. No meio da galera, o Alan — também conhecido como Alan das Quentinhas — já estava com a camisa errada:

— Alan... cadê o equipamento? — resmunga o treinador, já bufando.

— Eu pensei que hoje era só resistência, coach!

— Resistência ao ridículo talvez! — cochicha Saraya do meu lado.

A gente se posiciona nas arquibancadas. Jilian logo avista Robby e grita:

— ARREBENTA, AMOR!

Robby acena, confiante, com a bola já debaixo do braço. Ele dá o sinal e a jogada começa.

Épico. Rápido. Brutal. Enquanto isso... Alan se atrapalha todo com a posição. Ele corre pra frente quando devia recuar. Gira no lugar. E tropeça no próprio joelho.

— MEU DEUS ELE CONSEGUIU CAIR SEM SER ATINGIDO! — digo alto, já chorando de rir.

Saraya segura a barriga:

— Melhor que Netflix!

O treinador já gritava:

— ALAN, CARAMBA! ISSO AQUI É FOOTBALL, NÃO DANÇA INTERPRETATIVA!

Alan tenta justificar:

— Tô pegando o jeito... só escorreguei porque minha calça tá grande.

— A calça ou o juízo? — Jilian comenta, e a gente ri ainda mais.

O treino segue e as jogadas intensas mostram como os meninos se esforçam. Mas nossos olhos sempre vão parar onde não deveriam: no desastre cômico chamado Alan. Em um dos lances, ele corre com a bola, desesperado, achando que estava fazendo um touchdown, mas... estava correndo na direção errada.

O time adversário e o próprio time ficaram olhando, incrédulos.

— REIKEI-TOUCHDOWN INVERSO!” — grita Saraya, quase engasgando de rir.

Quando finalmente o jogo termina, e todos se reúnem, Alan tropeça mais uma vez e derruba o cooler de Gatorade... em cima dele mesmo. Já que ele serve como apoio do time também.

— Banho de isotônico, Alan? Faz parte da sua dieta? — pergunto, com sarcasmo gotejando.

Ele dá um joinha tremendo:

— Tá tudo sob controle...

Claro que está, Alan. Claro que está.

Enquanto os jogadores recolhem os capacetes e vão para o vestiário, nós nos afastamos em grupo — as três impiedosas, com o rastro de caos atrás.

— Aposto que amanhã ele vem com a chuteira trocada de pé. — diz Saraya.

— Ou tenta passar protetor solar no capacete achando que é o rosto. — acrescento.

Jilian só sorri:

— Esse campo nunca vai ser o mesmo com o Alan das Quentinhas por perto.

E nem precisa ser. Depois do treino, meu corpo ainda carregava aquela energia elétrica, aquela adrenalina de guerra que só o campo podia dar. Eu estava quase indo embora. Quase. Mas aí eu ouvi — uma voz perto da arquibancada:

— Por que você não some desse campus?!

Aquela voz nojenta era do Melvin, amigo do Robby. E a menina na frente dele... de novo ela. A ruiva perdedora, sentada no canto da parede, cercada pelos próprios livros. Tremendo. Chorando. De novo. Eu parei. Não porque me importasse com ela.

Mas porque tinha algo errado naquela cena. A posição dela. O tom do Melvin, o jeito como mexia no cinto da calça bege dele. O modo como ele avançava. Ela não estava só assustada — ela estava sendo caçada. Eu estava presenciando um abuso! Melvin virou pra mim, com aquele sorriso sujo, e disse:

— Reika, gata, não fala pra ninguém vou me divertir aqui, tranquilo?

Eu cruzei os braços, voz firme, quase indiferente:

— Acho que ela já recebeu o castigo dela. Por fora estava forte e altiva, mas por dentro aflita por aquela situação. Mas Melvin quis ir além. Ele riu.

— Gata, sai da frente. É só uma brincadeira.

A ruiva estava em prantos. Não tinha mais defesa. E ele queria me envolver nisso como cúmplice?

— Melvin, pare. Por favor.

— Gata, segura. É só uma brincadeira! Ninguém vai saber!

Então foi como se algo rasgasse dentro de mim. O tempo parou.

Eu fechei os punhos, e minha pele começou a formigar. Uma energia densa me envolveu como se o ar estivesse explodindo de dentro pra fora. E então — BUM.

Eu e Melvin não estávamos mais ali. Voamos.

Atravessamos o campus inteiro em um flash esmeralda, como flechas lançadas pelos deuses, e fomos parar a quilômetros de distância, no monumento central da cidade.

A poeira subiu. Os pombos fugiram. Melvin caído, atordoado, olhos arregalados e eu por cima dele ergui os punhos. Meus dedos tremiam. Minha pele pulsava em verde fosforescente. Minhas pernas estavam firmes no chão rachado.

— Que porra essa Reika?...onde estamos...porra...o que tá havendo?

— Melvin... se alguém souber disso, eu te pego. Entendeu?”

A única frase que consegui soltar naquele momento estranho. Ele me olhou como se tivesse visto um fantasma.

Ou um anjo vingador. Ou os dois. Sem dizer uma palavra a mais, ele correu e sumiu da minha vista. E eu...fiquei ali. Sozinha. Respirando forte. Olhando pras minhas mãos como se fossem de outra pessoa. Como se eu não fosse mais a mesma Reika. O monumento refletia meu rosto pálido. Minha mão tremia.

— O que foi isso? Um sonho? Uma alucinação? Um poder?

Talvez eu pegasse um ônibus. Talvez voltasse pra casa andando.

Ou talvez sumisse por umas horas... só pra entender o que estava acontecendo comigo.

Mas algo era certo agora: Eu tinha mudado. E não havia mais como voltar atrás.

Eu andava pela calçada de pedras como se cada passo pudesse me devolver pra realidade.

O sol já se punha, e as luzes da cidade acendiam, uma a uma, como se alguém lá em cima tivesse começado a pintar o céu com um pincel nervoso.

Meu coração ainda martelava.

Minhas mãos ainda formigavam.

Eu não entendi nada.

O que foi aquilo? Como eu consegui fazer aquilo? Pelo amor de Deus, isso não faz sentido! Eu me sentei num banco da praça, encostando o corpo e olhando o céu.

“Você vai acordar, Reika. Vai acordar a qualquer momento. Isso é só um delírio.”

Porque tinha que ser. Não tinha outra explicação. Eu sou uma garota do Campus, estou em Minnesota, faço parte do time, sou uma das Psycho Phoenix — e o que acabou de acontecer não entra nesse mundo. Fechei os olhos. Respirei fundo.

“Vai passar. Vai passar. Só estou cansada, só foi emoção, o treino, o Melvin... o jeito que ele tava perto daquela menina... Foi só isso. Certo?”

Mas então me lembrei:

A luz verde. Aquela maldita luz que acendeu no meu quarto quando minha avó disse "força para um novo dia". Aquilo entrou em mim. Eu estava dormindo.

E algo... algo aconteceu.

— Tá. E se isso ainda for um sonho? — murmurei.

Olhei pras palmas das minhas mãos. Elas pareciam normais agora. Mas eu sabia.

Elas não eram mais normais.

Talvez ninguém soubesse. Talvez eu pudesse esconder. Mas e se isso voltasse? E se eu perdesse o controle de novo? Ou pior... e se eu nunca tivesse controle desde o início?

Eu me levantei do banco. Talvez fosse melhor ir pra casa. Ou não. Talvez andar por horas me fizesse esquecer. Mas uma coisa eu sabia, e a certeza era dura como pedra: Esse sonho não acabou.

E talvez... Talvez ele nem seja um sonho.

A porta rangeu quando entrei. O céu já escurecera de vez, e a casa parecia mais silenciosa do que nunca. Minha avó estava na cozinha, e quando me viu, largou o pano de prato sobre o balcão.

— Reika! Eu liguei pra você umas dez vezes. Onde você estava?

A voz dela não era só cobrança... tinha um tom de medo ali. Preocupação. Como se ela soubesse que algo estava errado, mas não quisesse dizer.

Eu parei no meio do corredor, ainda suada do treino, ainda com o cheiro do campo, da briga, da poeira.

— Nada! Nada demais... só fiquei andando por aí. Pensando...

Ela franziu o cenho.

— Sozinha?

Eu desviei o olhar, meio impaciente.

— Tá tudo bem, vó. Eu vou... só vou subir, dar um beijo no pai e dormir, tá?

Ela não respondeu de imediato. Só me olhou como se tentasse enxergar dentro de mim, como se esperasse que eu dissesse mais. Mas eu não disse.

Subi as escadas, sentindo o coração ainda pesado. O corredor até o quarto do meu pai parecia mais longo hoje.

Bati de leve. Ele estava lá, como sempre, naquela maldita cama com as sondas... com os olhos cansados, mas vivos.

— Rei...ka...— ele murmurou, e mesmo com as palavras embaralhadas, eu entendi tudo.

Ele me olhou com tanta ternura, como se sentisse que eu estava diferente.

Me ajoelhei ao lado dele, beijei sua mão e encostei minha testa em seus dedos.

— Tá tudo bem, pai... é só um sonho esquisito. Logo passa, né?

Ele sorriu de leve, os olhos marejados, me levantei e fui para o meu quarto. Quando saio do quarto dele minha respiração pesa, meu coração aperta e as vezes da vontade de não olhar para trás.

Naquela noite, não havia luz verde.

Não havia energia estranha no ar.

Mas havia um frio por dentro de mim, como se algo tivesse acordado... e eu ainda não soubesse quem eu me tornei.

Apaguei a luz. Me joguei na cama.

E mesmo assim... não consegui dormir.

Estou deitada... mas não há paz.

Só o teto do meu quarto, imóvel e silencioso, testemunha os pensamentos que me rasgam por dentro.

A maçaneta gira devagar.

É minha avó, sempre no mesmo horário, com a mesma frase.

— Força para um novo dia.

Ela fecha a porta.

Mas hoje...Eu não durmo.

Porque dormir seria me enganar.

Porque algo dentro de mim sabe que tudo aquilo foi real.

Minha mente repete a cena como uma fita arranhada. O Melvin, o grito, o impacto.

O chão rachando. O monumento da cidade. Minhas mãos.

Minhas mãos!

Eu me sento. Corro para o celular.

A tela brilha forte na escuridão do quarto.

Abro o app de notícias locais, deslizo, quase sem respirar. Ali estava:

“Pequeno terremoto atinge a região central da cidade. Moradores relatam rachadura no solo próximo ao Monumento Memorial.”

Minha mão treme.

"Caramba... foi onde eu caí com o Melvin..."

Sinto meu estômago virar. Levo a mão à boca, abafando um som sem nome.

Eu joguei alguém a quilômetros de distância. Com meu corpo. Com minha força. Fecho os olhos. Tento negar.

Mas não dá mais.

Isso não foi alucinação.

Não foi um devaneio de fim de treino.

Já amanhecendo, eu vou até o ponto de ônibus, a porta do ônibus se fecha atrás de mim. O céu cinzento não combina com o calor que ferve dentro do meu peito.

Meus passos no campus são automáticos, mas minha mente está a mil.

Tudo que vejo — cada folha, cada sombra, cada passo — parece mais... nítido. Como se eu tivesse acordado de verdade pela primeira vez. É muito estranho.

— Reika! Está dormindo em pé? Mantenha a postura!

Jilian me puxa de volta pro corredor.

A voz dela bate seco no ar, e os saltos ecoam. Eu nem percebi que parei. Nem percebi que estava no corredor, dormente de tudo em minha volta. Tento disfarçar o choque:

— Tô bem — minto, ajeitando a postura.

Mas não estou. Olho ao redor e sinto olhares. Não é paranoia. Alguém viu.

Alguém sabe. E então... Ela. A ruiva.

A mesma garota frágil, acuada, sempre com os livros tortos nos braços.

Ela vem no sentido oposto, e nossos olhos se cruzam. Mas dessa vez... algo nela é diferente também. Um medo mais puro.

Um medo de mim.

Meus passos disparam sozinhos.

— O que foi, garota? Qual o seu problema???

Eu a empurro contra os armários, o som do ferro é escandaloso enquanto o corpo dela é empurrado, sinto o impacto que causo.

Minha voz sai afiada, como se quisesse cortar tudo. Ela recua, os olhos marejados. Mas não responde. Sua boina preta cai da cabeça, deixando amostra seu cabelo ruivo.

Saraya e Jilian correm até mim.

— Reika! Ei! O que foi isso?!

— Você tá surtando?

Saraya segura meu braço.

Jilian entra na frente, me olhando nos olhos.

— Olha pra mim. O que tá pegando com você?

Minhas mãos tremem. Eu olho ao redor — alunos pararam, observam de longe. Alguns assustados, outros cochicham meu nome e a ruiva?

Ela se afastou, se encolhendo entre os armários, como uma mancha vermelha numa parede cinza.

Eu fecho os punhos. Não posso contar.

Não agora. Mas algo mudou.

E eu... não sei mais o que sou.

No campo de Fotball dos Phoenix o som dos apitos e o impacto dos corpos em campo preenchem o ar. Mas meu foco está em outro lugar.

Assim que piso na lateral do gramado, vejo Robby rindo alto, dominando as conversas como sempre. E ao lado dele... Melvin. Ele me vê e congela.

O mesmo Melvin que debochava, que provocava, que tratava a ruiva como lixo diante de todos... Agora me encara como se tivesse visto um monstro.

Seus ombros encolhem.

Ele tenta disfarçar, volta o olhar pro chão, mas já foi. Eu vi.

— Ei, Melvin.— minha voz sai baixa, porém firme.

Ele levanta os olhos devagar.

— R-Reika.

Robby não percebe nada, continua brincando com os outros jogadores.

— Você tá estranho. — falo, dando mais um passo.

Melvin engole em seco.

— Tá tudo certo, só... cansaço, treino, sabe?

Mentira fraca.

A distância entre nós é mínima agora, e eu posso sentir o suor do nervosismo escorrendo por ele.

Mas não sou eu quem deveria ter medo, certo?

Ele tenta sorrir e fracassa.

— Aquilo ontem... foi só um sonho, não foi? Tipo, uma brisa nossa, né?

Eu olho pra ele por longos segundos.

Só o encaro. O vento sopra e levanta um pouco da poeira do campo. Robby olha de relance, mas volta pro treino. Melvin não se move. É como se o chão o tivesse cravado ali.

— Você viu o que eu fiz, não foi?

Ele assente com a cabeça, quase imperceptível.

— Foi surreal... Você... me jogou longe. Aquilo foi impossível.

— E ninguém pode saber. — falo com firmeza.

— Eu juro... eu não vou contar pra ninguém.

Me viro, deixando ele ali, tremendo.

Mas sei que esse olhar não vai sumir do rosto dele tão cedo.

A tarde cai com um tom dourado nos céus de Minnesota, e o cansaço do dia não é nada perto da confusão que me corrói por dentro. Desço do ônibus sozinha. Sem as meninas. Sem ninguém.

Do outro lado da estrada, a floresta começa densa, cheia de sombras e folhas secas que estalam sob meus tênis.

Ali ninguém me veria. Ninguém ouviria. Era o lugar perfeito pra entender... o que eu sou agora. Respiro fundo, me aproximo de uma árvore grossa, antiga. Minhas mãos tremem. Fecho os punhos.

Sinto aquela coisa pulsando de novo... como ontem, quando o Melvin quase fez algo horrível com aquela menina.

Algo dentro de mim que grita. Que queima. Que quer sair.

Dou um grito abafado e acerto o tronco com tudo. Mas não é um simples soco.

A árvore se despedaça como vidro, lascas de madeira voam em todas as direções, o chão treme e o impacto varre o entorno como uma onda — os arbustos, outras árvores pequenas, até o ar parece vibrar.

Eu caio de joelhos, ofegante.

Minhas mãos doem... mas não estão machucadas. Nenhum corte. Nenhuma lasca.

— O que... o que é isso? — minha voz é um sussurro rouco.

O som das folhas caindo me cerca.

Pássaros voam assustados ao longe.

E só há silêncio depois. Minhas mãos pousam no chão. Me apoio nelas.

Respiro mais uma vez. E finalmente entendo... Aquilo foi real. Tudo foi real.

Ainda ajoelhada no meio daquele lugar, sinto a respiração aos poucos se acalmar.

O sol já está se pondo atrás das árvores, tingindo o céu de laranja e púrpura, e eu sei que não posso ficar ali para sempre.

Me levanto devagar, os músculos ainda tensos pela explosão de força que nem eu compreendo. Olho para o caminho de volta, entre as sombras que crescem, e começo a andar, passo a passo, de volta para casa. O ar fresco da noite começa a envolver tudo, e o silêncio da floresta me acompanha, quase como se guardasse meu segredo. Enquanto caminho, penso no que aconteceu.

Não há mais espaço para dúvidas — aquilo não é normal, não é humano. Mas quem sou eu para decidir o que isso significa? Penso na minha avó, no meu pai. Nas meninas no campus. No Melvin e na ruiva. Será que algum dia vou conseguir controlar o que há dentro de mim? Ou isso vai me destruir antes?

Quando chego na porta da casa, o coração aperta. Mas o medo fica de lado — porque por mais que tudo esteja confuso, uma coisa é certa:

Eu sou Reika Tamura.
E não vou deixar que nada me derrube.

Abro a porta, o cheiro familiar me abraça, e subo as escadas devagar, pronta para enfrentar o que vier. Toff chega com seus pelos cor de mel me recepcionando, como sentisse que precisava daquilo.

O som da porta se fechando ecoa suave pela casa, interrompendo o silêncio confortável que a noite trouxe.

Subo as escadas com passos lentos, sentindo o peso do dia e a confusão que insiste em não me deixar em paz.

No corredor, vejo a porta entreaberta do quarto do meu pai. A luz quente escapa por baixo da porta, convidativa e calma.

Aproximo-me devagar, hesitando por um momento antes de entrar.

Lá está ele, na cama com a sonda, olhos fixos na pequena coleção de fotos na mesinha ao lado da cama. Quando me vê, um sorriso fraco mas sincero ilumina o rosto cansado.

— “Rei...ka...”
Sua voz é suave, rouca, mas cheia de amor.

Sento-me ao lado dele, segurando sua mão com cuidado. É um gesto simples, mas pesa mais do que qualquer palavra.

— “Oi, pai.” — digo baixinho.
— “Foi um dia estranho...”

Ele aperta minha mão, um gesto de apoio que não precisa de explicação.

Minha avó entra silenciosa, trazendo uma bandeja com chá e biscoitos.

— “Aqui, você vai precisar disso. Deixe seu pai descansar querida, você está com fome e precisa comer”

Ela sorri, olhos cheios de ternura e preocupação. Então ficamos nós duas, sentadas naquela sala acolhedora, e a confusão do mundo lá fora parece distante. Por um momento, tudo o que importa é esse instante de paz.

O aroma do chá paira no ar enquanto minha avó se ajeita no sofá do canto e liga a TV em algum programa de investigação policial.

— Reika! Beba o chá antes que esfrie.

Ela sempre foi assim — calma, paciente, dona de um olhar que parece enxergar além do tempo. Então cansada com mil pensamentos finalmente chego ao meu quarto, deito como uma rocha.

Quando ela abre devagar minha porta e repete sua frase de costume, com aquela voz firme, cheia de esperança:

— “Força para um novo dia.”

Mas hoje... eu paro ela pela primeira vez em anos.

— “Vó!? Espera.”

Meu tom soa estranho até para mim — quase um pedido, quase uma confissão.

— “Eu... quero... fazer uma pergunta só. O que acontece quando seu corpo reage estranho? Quando você sente que algo não está certo dentro de você?”

Ela me encara, os olhos se aprofundando, buscando alguma lembrança escondida. Por um instante, o silêncio domina.

Então, com uma serenidade que só os anos trazem, ela responde:

— “Você tenta entendê-lo primeiro.”

— “Mas... e se ele for mais forte que você?” — sussurro, sentindo o peso da dúvida e do medo.

Minha avó sorri, um sorriso cheio de vida e força, misturado com um toque de mistério.

— “Então você aprende a dançar com ele, Reika. Não para vencê-lo, mas para seguir o ritmo. Para não perder a si mesma no caminho.”

Por alguns segundos, suas palavras ecoam dentro de mim como um mantra. A dor, a confusão, a força que eu não compreendo — tudo faz sentido em um novo ritmo.

— “Força para um novo dia.” — repito para mim mesma, mas agora com outro significado.

Minha vó me abraça, apertado e cheio de calor, como se estivesse passando um pedaço daquela força para mim.

No Campus o corredor estava cheio de murmúrios, mas eu só tinha olhos para ela — a garota ruiva, sempre no canto, sempre invisível para a maioria.
Me aproximo com o coração acelerado, meio sem saber o que esperar.

— Oi! Vamos conversar ali fora? — minha voz sai meio dura, porque, sei lá, não tô acostumada a ser gentil.

Ela me olha com aqueles olhos verdes que brilham, mas não diz nada. Só balança a cabeça, devagar, concordando.
Saímos do prédio e o silêncio do ar frio pesa entre nós.

— Não sei por que tô fazendo isso... — eu começo, e paro. Talvez ela tenha medo de mim, ou talvez eu tenha medo dela.

Ela respira fundo, os olhos fixos no chão.

— Não tenho nada pra dizer. — diz, quase num sussurro.

Fico encarando, esperando que ela fale algo mais, qualquer coisa. Mas ela só me encara de volta, sem nenhuma palavra, um enigma que não quer ser decifrado.

Narrador: 🗣️

O vento gelado soprava no rosto de Reika enquanto ela mantinha os olhos cravados na ruiva, agora parada diante dela como se já soubesse de tudo.

— "Tudo bem... você me viu voando do campus?!" — Reika explode, com a voz embargada pela confusão que ainda dominava sua mente.

A ruiva apenas a encara. Por um momento que parece congelar o tempo.

— "Sim." — diz ela, com uma serenidade assustadora.

Reika recua meio passo, surpresa pela honestidade crua. O coração martelando no peito.

— "E tem mais alguém que sabe!?"

A ruiva balança a cabeça devagar.

— "Não."

Um silêncio estranho se instala.

E então...BUMM!!!

Um estrondo invade o campus. Alarmes disparam. O chão vibra. Estudantes gritam ao longe. Portas arrebentam. E do meio da fumaça e metal distorcido... surge uma criatura de aparência mecânica, com olhos vermelhos pulsando energia.

Ela não hesita. Avança direto na direção da ruiva.

Reika não pensa. O instinto fala mais alto.

— "NÃO!!!" — grita, se lançando na frente dela com tudo que tem.

O impacto a arremessa. Seu corpo gira no ar, espiralando com brutalidade.

Ela atravessa o corredor como um raio, colidindo violentamente contra o mural de troféus da escola, destruindo-o por completo. Vidros, medalhas e placas voam pelos ares. A dor queima, mas ela se levanta. Ferida, trêmula, furiosa.

O robô estranho agora ergue o braço, apontando diretamente para a garota ruiva — imóvel, como se esperasse o fim.

Mas Reika se coloca de novo entre elas.

— "Não sei de onde você veio..." — ela rosna, cuspidando sangue, com os olhos incandescentes.

— "...mas você NÃO VAI encostar um dedo nela!"

A energia começa a vibrar nos punhos de Reika. Algo dentro dela se ativa outra vez... O robô ergue o braço com precisão assassina, mas Reika Tamura já se moveu.

Com um grito que nasce do centro do peito, ela canaliza aquela força desconhecida que antes jogou contra uma árvore, que arremessou Melvin como uma pena, e agora... explode em seu punho fechado.

KRAAASHHH!

O golpe acerta em cheio. O robô é lançado pelos ares como se fosse feito de papel retorcido. Ele atravessa janelas, colunas e parte da estrutura metálica da arquibancada antes de se perder na fumaça. As luzes vermelhas de emergência ainda piscam, alternando entre claro e escuro. O silêncio é cortado apenas por um leve zumbido elétrico.

Reika cai com um dos joelhos no chão, o outro estendido à frente, ofegando, os olhos brilhando, o punho ainda cerrado — a fumaça subindo de sua mão.

Atrás dela, a ruiva não disse uma palavra sequer. Ela observa. Apenas Reika, de joelhos, respirando pesado. Seu corpo treme. Não de medo. De força.

A sirene de evacuação para. Tudo se acalma. A escola está vazia. Só elas duas.

A campeã ofegante e a garota que parece saber mais do que diz.

Reika vira a cabeça um pouco, a respiração irregular.

Ela permanece com um dos joelhos estendidos, o outro tocando o solo.

Sua respiração sai quente, pesada.
Seus olhos, arregalados.
Ela não está exausta — ela está em choque.

Atrás dela, a ruiva... Estática.
Assustada. Com os olhos marejados, mas não de medo — de espanto.
Reika vira-se um pouco, apoiando a mão no chão.

— "...Você sabe o que está acontecendo comigo, não sabe?"

A ruiva hesita. Balança a cabeça, um não silencioso. Reika fecha os olhos por um momento e murmura:

— "Nem eu..."

Um silêncio estranho se instala.
Um intervalo onde o mundo parece não saber mais o que fazer com elas.
A ruiva, com a voz trêmula, finalmente solta:

— "...Você... voou... você... me protegeu..."

Reika encara o vazio.

— "Eu nem sei o que sou mais."

O som distante de sirenes policiais se aproxima.

Reika se levanta.

— "Anda. Temos que sair daqui."

E pela primeira vez, a ruiva segura sua mão.

TIROS!
Rajadas atravessam a fumaça como se o próprio ar estivesse em guerra.

Reika mal pensa. Seu corpo reage.

— "AGACHA!"

Mas não há tempo.

Ela envolve a ruiva com os braços e, num reflexo instintivo, salta —
voa, praticamente — pela sacada do segundo andar dos campus.
Elas caem num gramado lateral com um baque surdo. Reika por baixo. A ruiva em cima.

— "Ah..."

Reika solta um gemido abafado, o corpo tremendo, seu busto arfando forte, rápido. A queda doeu. Mas nada que se compare ao caos que viria se tivessem ficado. A ruiva está em choque, agarrada no uniforme branco e vinho degradê com o P rasgado e a calça jeans de Reika.

— "Você... você me salvou..."

Reika não responde. Olha para cima, olhos semicerrados. A sombra metálica ainda está lá. O robô. Parece tatear o ambiente, farejando, analisando — procurando algo. Ou alguém. Reika prende a respiração, o peito ainda subindo e descendo rápido. Olha para o lado.

— "Ali. Vamos nos esconder ali."

Ela se põe de pé num pulo e segura a ruiva pela mão. Corre em zigue-zague entre colunas quebradas e arbustos do campo externo. O robô vira o sensor, mas não as vê. Ainda.

Elas entram em um antigo abrigo de manutenção, uma estrutura esquecida atrás do bloco de educação física. Lá dentro, apenas caixas velhas, um cheiro de óleo e poeira — e silêncio.

Reika encosta a ruiva contra a parede e tranca a porta com uma corrente quebrada. Ofegando ainda, Reika se vira para ela.

— "Você... não faz ideia de quem eu sou, né?"

A ruiva apenas nega com a cabeça.

— "Nem eu. Mas eu vou descobrir."

Do lado de fora, o som mecânico se afasta...

SOM MECÂNICO.

O barulho aumenta. Pisadas pesadas. Sensores piscando em vermelho. O robô está perto. Muito perto. Dentro do abrigo, a ruiva está encolhida, tremendo. Reika aperta os punhos.

— "Fique aqui. Cabeça baixa. Não respire alto." — sussurra firme, mas com doçura.

Ela empurra a porta com o ombro e sai.

Lá está ele. Metálico, com o peito iluminado por uma luz pulsante vermelha, farejando o chão como um cão de caça cibernético. Reika respira fundo. Roupas de líder de torcida rasgada e a calça jeans por cima, suada. Cabelos bagunçados. Mas olhos afiados.

— "EIIII! ROBÔ!" — ela grita, fazendo eco nos galpões —
— "QUER ALGUÉM? ENTÃO VEM PRA CIMA DE MIM!"

O robô se vira num estalo.
O scanner cruza o corpo de Reika.
Ela corre. SALTA. CHUTA.
O golpe atinge o peito do robô.
Por um segundo, parece eficaz...

Mas ele a agarra pelas pernas com braços mecânicos e a lança contra a parede como se fosse uma boneca.

CRASH!
A parede trinca. Reika cai de lado, gemendo, com a cabeça tonta e a respiração descompassada.
O mundo gira por um momento.
Ela tenta se levantar... e vê algo.
Uma mangueira de pressão industrial, abandonada no chão. Ela rasteja até ela, ligando a válvula com os braços trêmulos.

— "Vamos ver se você sabe nadar, lata velha..."

ZUUUUUUUUUM!

Um jato de água pressurizada atinge o robô com força. Faíscas! Luzes tremulando! Ele se desequilibra, cambaleia.

Mas então...
SHHHK—VRRRMMM!

De seus braços surgem propulsores.
O robô se ergue e voa, escapando pelo céu noturno, deixando rastros de fumaça metálica.
Reika cai de joelhos.
Ofegante. Exausta. Molhada. Mas viva.

Ela olha pra trás. A ruiva está espiando pela porta, assustada... e impressionada.

— "Ele... foi embora..."

Reika passa a mão no rosto, limpando o sangue de leve no supercílio.

— "Foi... mas não era só sobre você, era sobre mim também. E agora... tudo mudou."

A respiração ainda ardia em seu peito.
Molhada, suja de terra e com o uniforme rasgado no ombro, Reika Tamura não se parecia com uma heroína de quadrinhos — e ainda assim, era mais poderosa que qualquer uma.

A ruiva atrás dela se encolhia, incrédula.

Reika, ajoelhada, encarava o céu nublado por onde o robô fugira com os jatos de propulsão. O cheiro de mangueira queimada, metal e adrenalina ainda pairava no ar. Ela se ergue devagar. Um joelho. Depois o outro. O corpo gritava, mas sua alma rugia.

— “Ele não vai voltar... por enquanto.”

A ruiva se aproxima devagar, com um olhar quase... reverente.

— “Você... é humana?”

Reika não responde. Só encara.

— Eu sou quem te salvou. E isso basta.

Segura firme no braço da garota e a puxa.

— “Vamos sair daqui antes que alguém perceba o que houve. Nem você nem eu estamos prontas pra explicar.”

Enquanto se afastavam dos escombros molhados, o vento passava entre os cabelos pesados de chuva, e algo mudava em Reika. A dúvida dava lugar a um pressentimento: Ela era mais do que pensava. Mais do que queria.

Reika: ✨

Estou sentada, encolhida, tentando absorver tudo.

Minhas mãos... tremem.

Meu peito ainda pulsa forte por causa da queda, da luta, da confusão... e da presença daquela garota ruiva ali, do meu lado. Ela está em choque. Total. O olhar perdido, a respiração curta. As mãos trêmulas.

De repente, ela solta:

— “Vamos morrer! Vamos morrer! ...o que foi isso? Eu quero ir pra casa!”

Eu viro pra ela, rápido. Me aproximo, alarmada.

— “Olha, pare por favor... está me deixando apavorada! Eu também não sei o que houve nem porque estamos aqui!”

Minha voz sai um pouco mais firme do que eu esperava. É estranho... eu me sinto no limite, mas ao mesmo tempo algo dentro de mim está mais desperto do que nunca. Talvez adrenalina. Talvez... algo que sempre esteve lá.

Respiro fundo.

Vamos lá, Reika... você consegue.

Me levanto com dificuldade, a roupa de líder de torcida ainda encharcada. Minha calça está toda suja, os detalhes amarelos viraram quase um marrom estranho, e a letra P no uniforme já nem aparece direito.

Passo a mão pelos cabelos, tentando me recompor. Sento num banco molhado próximo e olho pra ela de novo. A garota ruiva.

Com a voz mais suave, digo:

— "Olha, já que estamos aqui e começamos com o pé esquerdo... meu nome é Reika. E o seu?"

Ela respira fundo, engole seco...

— "E...e... Ellen. Ellen Turkson."

— "Ellen, certo? Escuta... estamos no campus e precisamos sair daqui. Não fique nervosa — eu também estou. Mas se ficarmos paradas aqui, pode acontecer muita coisa. Vamos."

Ela me olha como se estivesse agarrando uma tábua de salvação. Frágil, vulnerável... mas com algo nos olhos que me intriga. Medo, sim, mas também... uma conexão? Ela se levanta, trêmula, e começa a me seguir. Passos leves atrás dos meus.

As folhas continuam rangendo sob meus pés enquanto sigo pelo caminho lateral do campus e dessa área mais verde. Ouço os passos de Ellen logo atrás — arrastados, hesitantes, quase sufocados pelo medo.

Ela ainda tá tremendo.

Não sei o que pensar. Ela diz que se chama Ellen Turkson, mas isso não significa nada. Nada é confiável agora. Nem mesmo eu. Meu corpo está frio, molhado, minha calça suja, o top torcido no ombro... e minha cabeça a mil.

"Será que ela sabe mais do que diz? Será que esse ataque foi por causa dela... ou por minha causa?"

Viro pra ela por instinto.

— "Não me siga tão perto."

Ela para de andar por um segundo. Parece surpresa, até um pouco ferida, mas não digo mais nada. Não posso ser boazinha agora. Não com tudo o que aconteceu. Eu nem confio em mim nesse momento. Chegamos numa área mais densa do campus, uma parte com vegetação alta, quase abandonada. Um pequeno galpão enferrujado aparece à frente. Paro. Me viro.

— "Vamos entrar ali. Só por um tempo."

Ellen não diz nada. Só entra atrás de mim.

Lá dentro, silêncio. Apenas o som da respiração das duas. Me afasto dela, sento numa pilha de caixas cobertas por lona e cruzo os braços.

Ela me observa com aqueles olhos vermelhos de choro, e eu olho de volta, sem muita paciência.

— "Ellen... seja honesta. Você tem alguma ideia do que está acontecendo?"

Ela hesita. Morde o lábio. Mas diz:

— "Não... eu juro que não."

— "Ótimo. Porque se eu descobrir que tá mentindo pra mim... isso aqui vai ficar muito pior pra você."

Silêncio de novo. Ela abaixa os olhos, mas não responde. Eu me viro, encaro a parede. O peito ainda sobe e desce.

A sensação de poder que me atravessou antes... ainda pulsa.

Ellen Turkson não é o problema. Mas também não é minha aliada.

E até entender quem ela é... eu só confio em mim. A luz do sol da manhã ainda é pálida quando atravesso o jardim da frente, os cabelos presos num coque alto e os passos rápidos demais para quem "não tem nada acontecendo".

Me livrei da roupa de líder de torcida antes de chegar em casa. Escondi bem no fundo do guarda-roupa, junto com as dúvidas da noite passada.

Minha avó me olhou com aquele olhar que atravessa alma e osso.

— "Força para um novo dia, Reika."

Então, ela fecha a porta do mesmo jeito doce que ela tem, sem imaginar o que passei lá fora. Mas seu gesto, parece ser acolhedor para tudo que sinto.

Na entrada do Campus, já estão lá Jilian Sand — a que fala mais alto do que deveria — e Saraya, que nunca larga o celular.

— "Oi meninas, tô indo!"

Elas sorriem. Andamos juntas. Mas eu não tô ali de verdade. Tô em alerta. Tô vigiando. A Ellen está lá. Sentada sozinha, como se ainda sentisse a ameaça pairando sobre os ombros. Eu tento disfarçar. Olho pra ela de longe. Meu coração aperta, não de carinho — mas de urgência. Eu preciso entender o que foi aquilo. Por que ela? Por que EU?

Jilian reclama:

— "Mais devagar, Reika! Tá pisando duro igual soldado! O que tá acontecendo?"

Me viro rápido:

— "Nada! O treino vai começar mais cedo. Vamos logo!"

Acelero o passo, sem dar tempo pra resposta. Quando passo perto da Ellen, o movimento é sutil: deixo um papel cair.

Ela vê. Seus olhos correm do chão até mim. Mas não digo nada. Só sigo. Como se nunca tivesse olhado.

No papel:

"Me encontre depois do treino. Sala de ginástica."

Narrador: 🗨️

Então Jilian, Saraya e Reika chegam ao campo de Fotball da Universidade, a grama ainda está fria do orvalho da manhã quando as Psycho Phoenix começam a se reunir.

Uniformes ajustados, tênis rangendo, e aquele silêncio que precede o grito do treinador.

Reika já está de pé, postura firme, as mãos nos quadris, encarando o vazio como quem desafia o destino.

É então que a porta se escancara com barulho demais.

— "Oi garotas!"

Robby surge como sempre: sorriso maior que a educação, energia de quem acorda achando que é o dono do mundo. Ao lado dele, Melvin, mais quieto, olhos grudados... em Reika.

Robby ergue os braços teatralmente:

— "Eu poderia escolher qualquer uma de vocês... Já pensou, Reika? Eu e você... ou Saraya, só nós dois..."

Jilian revira os olhos e dá um tapa no ombro dele:

— "Eu sei, meu amor! É brincadeira. Eu só tenho olhos pra você."

Robby finge dor com um gemido exagerado, arrancando risos das outras garotas. Mas Melvin não ri.

Ele continua olhando Reika como se visse algo além. Como se ainda ouvisse o som do vôo, os gritos, a queda. Como se o pesadelo da noite passada tivesse pulado pro dia seguinte.

Reika se aproxima dele, devagar.

Inclina o rosto, deixa os fios molhados roçarem de leve a orelha dele e sussurra:

— "Boo."

Melvin se encolhe com um susto involuntário.

— "Você tá... tá bem?"

Ela sorri. Um sorriso contido, calculado, quase um aviso.

— "Tô viva. E você?"

Antes que ele responda, o som seco de um apito invade o ginásio.

— "ALINHADAS!"

O treinador não brinca. Nunca.

É o início do treino. Todas se posicionam.

Saltos. Gritos de comando. Sincronia.

E então — quase tropeçando na própria mochila — entra Allan, o das quentinhas.

Suado, com a lancheira tombando de lado e o uniforme torto.

— "Desculpa, desculpa!"

— "VOCÊ ACHA QUE ISSO AQUI É UM RECREIO, ALLAN!?"

O treinador berra.

As garotas seguram o riso. Saraya até disfarça atrás do rabo de cavalo.

Mas o treino começa. E tudo parece... normal. Como se o mundo não tivesse virado de cabeça pra baixo na noite anterior. O apito soou como um corte seco no ar.

Reika: ✨

O treinador entrou na quadra como uma tempestade contida. Rosto duro, mãos cruzadas atrás das costas, olhos de sentinela. Quando ele falou, todas nós sentimos:

— "Ouçam, Phoenix. Vamos ter que adiar o treino."

Meus ombros caíram quase sem perceber.

— Houve uma destruição significativa na ala norte do campus. Estão fazendo reparos. Quebraram nossos troféus... e o nosso orgulho. Mas... — ele respirou

— Depois da reforma, entraremos de novo.

"Nosso orgulho"? Eu quase ri.

Se ele soubesse da manhã passada... do robô, da fumaça, da Ellen desesperada, e de uma garota que caiu do 3º andar dos prédios das salas para estar viva e desesperada para que ninguém tenha visto. Então...

Levantei a mão. Minha voz saiu antes do meu bom senso:

— Já sabem o que aconteceu?

O treinador olhou direto nos meus olhos. Aquilo me atravessou.

— Por algum motivo... as câmeras foram desativadas.

Pronto. O nó na minha garganta apertou.

“Que conveniente,” pensei. Mas o que saiu foi um sorrisinho cínico e amargo:

— Que pena.

Foi aí que a Jilian resolveu falar — como sempre. Com os braços cruzados e o salto batendo na grama, ela soltou a frase como se cuspiresse:

— Todo mundo sabe que as estruturas do campus não são das melhores. Meu pai poderia até ajudar, mas é um campus classe D. Não merece isso!

O treinador chegou perto dela, a voz mais baixa e afiada:

— Ok, Jilian. Já acabou?

Sem esperar resposta, virou-se pro restante:

— Todos para o chuveiro. Estão dispensadas!

As garotas começaram a sair, rindo de nervoso ou em silêncio absoluto.

Eu fiquei ali por mais alguns segundos.

Olhei pro lugar onde ficavam nossos troféus. Estavam todos quebrados... mas o medo da noite passada ainda estava inteiro em mim. O bilhete pra Ellen

Dobrado com pressa, escrito com raiva, jogado no chão como um pedido de ajuda mal disfarçado. Ela vai aparecer?

Preciso saber que não estou louca.

E que, mesmo com o uniforme molhado e o coração em ruínas, alguém mais sentiu aquele terror pulsando no ar.

A sala de ginástica está vazia.

O ar tem cheiro de suor velho e vinil.

Me sento no colchonete como quem se entrega. O relógio não coopera — os segundos arrastam os pés. Então a maçaneta gira. A porta se abre.

— Reika?

Ela está lá. Ruiva, trêmula, com aquele olhar de quem atravessou a noite acordada.

Levanto o rosto devagar e aceno com a mão.

— Vem até aqui.

— Reika!? Eu pensei que estava sonhando!

Reviro os olhos.

— Eu também... definitivamente não estou no dia mais normal da minha vida.

Respiro fundo. A ideia já está formada, mesmo que pareça absurda.

— Vou te pedir algo estranho. Me dá um soco.

Ela pisca.

— O quê?

— Você ouviu. Me dá um soco, garota.

Me levanto. Fecho os olhos.

Respiro. O coração bate mais alto que o silêncio da sala.

— Anda!!!

O impacto vem como um raio — direto no meu rosto. Sinto tudo girar. Meus joelhos cedem, os punhos tocam o chão com força. Vejo estrelas dançarem, e por um segundo, tudo desaparece.

— Meu Deus, Reika! Me perdoa!!!

Ela corre até mim, em pânico.

Seus olhos estão arregalados, a mão na boca, o corpo inteiro tremendo.

Fico ali alguns segundos. E penso.

Como foi que eu aguentei aquele robô?

Esse soco dela me desmontou. Mas ontem à noite... eu resisti. Senti medo, mas continuei em pé. Algo não bate.

Levanto devagar, massageando o maxilar.

— Ora ora... quase pegou meu queixo.

Dou um sorriso torto.

— Você bate bem, Ellen. Estou até surpresa.

Ela ainda está ofegante.

Mas agora... me olha com mais firmeza.

— Reika... o que está acontecendo com a gente?

Eu olho pro chão. Depois pra ela.

— É isso que eu tô tentando descobrir, Ellen. Mas agora sei de uma coisa: se formos embora separadas, esse troço vai nos pegar de novo.

Ela engole seco.

— Você quer... que a gente fique juntas?

Me sento de novo no colchonete.

— Quero saber o que tem por trás disso tudo. E por enquanto... você é a única que viu.

Ela respira fundo, hesita... e senta ao meu lado. Vou até o banheiro e lavo o rosto.

A água gelada me desperta um pouco — o suficiente pra respirar e me manter de pé. Olho no espelho e encaro meu reflexo. O rosto está ali, levemente marcado, um vermelho que vai virar roxo com o tempo.

Mas os olhos... esses olhos não são de quem apanhou. São de quem não vai cair tão fácil.

— "Reika... se segura e seja forte!" — murmuro pra mim mesma, firme, sem drama.

Troco de roupa. A velha calça jeans, meu top branco com as listras verdes. É quase como vestir uma armadura informal.

Aquela versão de mim que ninguém suspeita. A que sabe esconder os rastros.

Caminho pelo corredor até a sala.

O tempo parece desacelerar, mas eu entro decidida. A porta range mais do que deveria. E claro! A sala está lotada!

— Desculpe, professor.

Ele levanta a cabeça, ajeita os óculos.

— Reika... é a primeira vez que você se atrasa.

Uma pausa.

— Entre. Vamos manter a aula.

Sento no meio, como sempre. Mas sei que os olhares me perfuram. Principalmente o dela. Saraya me encara com aquele olhar atravessado de sempre. Um pouco de desdém, um pouco de... ciúme?

— Reika escapando do campus assim! Tá tendo algum encontro escondido?

Dou um sorriso irônico sem olhar diretamente pra ela.

— Nada disso.

Mas ela percebe o silêncio entre as minhas palavras. E isso a deixa ainda mais curiosa. A aula continua, mas minha cabeça está a quilômetros dali. O soco da Ellen, a queda do robô, as câmeras desativadas, o olhar do treinador, a destruição da ala norte e... aquela sensação estranha que eu não consigo nomear.

O sol já está mais baixo, derramando um dourado pálido sobre o gramado do campus. As sombras se alongam, e o calor do dia começa a ceder lugar a uma brisa leve que dança entre as folhas.

Lá está ela. Ellen de perfil, conversando com Timothy, usando a mesma saia listrada de sempre e aquele casaquinho de algodão roxo que parece ter virado uniforme — ou talvez ela o use porque é o que a faz se sentir segura.

Me aproximo devagar, mas não aviso.

Chego perto o bastante pra perceber o tom suave da conversa deles — até interromper:

— Timothy, vaza e nos deixa a sós.

Ele gira o rosto, assustado. Hesita, tropeça, e quase cai.

— Não façam nada com ela!

Diz, tentando parecer bravo, mas soa mais como um pedido infantil. Ele recua com passos desajeitados, deixando apenas a gente sob a sombra das árvores.

Me sento primeiro. Ellen hesita, mas se acomoda ao meu lado. Ficamos assim por alguns segundos. O som do campus ao longe. Pássaros. Vozes espaçadas. Mas entre nós... silêncio tenso.

Eu respiro fundo.

— Ellen... de onde vem essa sua força?

Ela não me olha. Não hesita.

— Do meu pai.

A voz dela vem baixa, mas firme.

— Boxeador. Ele era muito bom pra mim. Me levava pra passear, olhar os peixes, contar histórias.

Ela se desarma diante dos meus olhos. Como se, ao evocar o pai, todo o peso do passado viesse à tona com suavidade.

E então ela joga o pescoço pra trás, olhando o céu.

— E eu estou me abrindo com você. Veja como são as coisas... você nem olhava pra minha cara.

Essas palavras atravessam minha pele.

Pela primeira vez... me sinto mal.

Porque ela tem razão. Quantas vezes ignorei sua existência? Quantas vezes fui mais dura do que deveria?

Ela continua, sem esperar resposta:

— Meu pai era cinturão médio. Tinha um ótimo cruzado... eu aprendi com ele sobre essas coisas de boxeador.

Ela diz isso com um orgulho contido, mas autêntico. Um brilho discreto nos olhos que revela amor, respeito, saudade.

E por um momento... A garota calada de saias listradas e casaquinho roxo deixa de ser um enigma. E se torna real.

Ela se levanta do banco com calma.

Ajeita a saia, passa a mão no casaquinho roxo, e olha pra mim com um leve sorriso de canto.

— Reika, preciso ir. Minha tia vai me buscar... até amanhã, eu acho.

Só isso. Simples. Honesto.

Mas por dentro... algo em mim desaba.

Eu não respondo. Não porque não quero. Mas porque não sei como. Fico apenas sentada, o olhar preso ao horizonte que ela começa a deixar para trás. Ela desce as escadas e some na direção do portão, onde uma mulher a espera no carro.

E eu... Eu permaneço ali. Sozinha. Sendo a líder popular do Campus, nesse momento comigo mesma com um nó na garganta e um estranho sentimento de vazio que começa a me corroer por dentro. Desde quando me importo com quem vai embora? Eu não sou assim.

Mas ali, naquele banco do Campus, com o céu se tingindo em tons de âmbar e púrpura... algo mudou.

Me levanto devagar, passando a mão na calça jeans, pronta para ir embora. Minha avó deve estar chegando.

Foi aí que ouvi.

— Reika...

Virei rápido. Ninguém.

Olhei em volta, para trás, para cima... nada.

Girei o corpo de novo, tentando entender.

— Não acreditoooooo!

Um grito? Uma risada? Uma manifestação? Meu coração disparou.
E então vi.

Uma luz. Verde. Intensa. Brilhante. Pulsando bem diante dos meus olhos.
Era como se um fragmento de uma estrela tivesse decidido cair direto no meu peito. Eu pisquei. Cocei os olhos. Me afastei um passo.

— Reika...

Veio de novo. Não era mais uma alucinação. Meus olhos arderam.
Senti meu corpo vibrar — como se fosse uma extensão daquela luz.
E então, como um toque sutil de energia, meus olhos ficaram verdes. Não só isso. Algo me dominava por dentro. Algo que eu não entendia... mas sentia. Como um eco distante, como um chamado antigo, como se algo finalmente tivesse me encontrado.

Meu corpo inteiro reagiu.

— Reika! Vamos embora!

A voz da minha avó quebrou tudo.
A luz sumiu. O ar voltou ao normal. O mundo retornou. Minha cabeça girou como se tivesse saído de um transe. Toquei os próprios braços, pisquei com força, buscando o chão. Buscando a realidade.

Respondi, tentando manter a calma:

— Já vou, vó...

A porta se abre com um rangido familiar.
Entro em casa e sinto o cheiro do arroz recém-cozido, misturado ao perfume de camomila que minha avó sempre deixa espalhado pela casa. Tudo parece igual — os móveis de madeira clara, os vasos de plantas bem cuidados e os quadros tortos que ela insiste em dizer que estão “no ângulo certo para atrair sorte”.

Deixo os tênis no hall, e piso descalça no tatame da sala. É estranho como mesmo depois de um dia cheio, a casa parece me absorver, como um abraço silencioso.

— Lavou as mãos, Reika?

A voz da minha avó vem da cozinha, sempre doce, mas com um toque de autoridade que me faz sorrir.

— Ainda não! — respondo já indo para o lavabo.

O espelho pequeno me encara. Eu encaro de volta. Ainda estão ali... meus olhos. Verdes? Talvez tenha sido só cansaço. Talvez não. Jogo água fria no rosto. Inspiro.

Ao voltar, ela já está colocando a comida à mesa: Arroz, sopa de missô, tofu grelhado e legumes salteados com um toque de gergelim. A comida simples... mas feita com carinho de quem ainda acredita que amor pode ser servido em tigelas quentes.

Sento à mesa. Ela também.

Comemos em silêncio por alguns minutos. Até que ela comenta, como quem fala do tempo:

— Te vi hoje no banco do gramado. Estava pensativa.

— Estava... só cansada, vó. — digo, sem levantar o olhar.

— Sei. — ela responde, mexendo na sopa. — Você está crescendo, Reika. E com isso, vai precisar aprender a ouvir o que está dentro. Nem tudo que brilha é luz... às vezes é só reflexo do que escondemos.

Eu engulo seco.

Ela sempre fala assim. Como se soubesse mais do que deveria. Como se enxergasse por dentro de mim.

Depois do jantar, lavo os pratos enquanto ela vai assistir o programa dela na TV — aquele antigo com pescadores de carpas e piadas sem graça. Ouço suas risadas abafadas pela parede.

No meu quarto, abro o caderno. Tento estudar. Mas não consigo parar de olhar para a janela. O céu está limpo. Estrelado.

E por um segundo... acho que vejo uma pequena luz tremeluzir no alto da colina. Mas sumiu. Talvez tenha sido só imaginação.

Ou talvez...

Fecho o caderno. Me deito.

O abajur lança uma luz suave no teto, e minha avó bate duas vezes na porta, do jeitinho dela. A escada range sob meus pés, como sempre. Subo devagar, uma mão na parede, a outra segurando a tigela de sopa. Ele está lá, no canto do quarto, em sua cadeira de rodas, o rosto inclinado levemente, olhos sem foco, o tubo da sonda refletindo a luz fraca do abajur.

— Oi, pai... —

Murmuro, forçando um sorriso.

— Hoje... foi estranho.

Não conto tudo. Só o suficiente. Ele já sofreu demais. Digo que está tudo bem, que tive um dia normal. Que a sopa está quentinha, e que amanhã será melhor. Pouso a tigela na mesinha ao lado e ajeito a manta em suas pernas. Ele não fala. Mas os olhos... piscam uma vez. Um gesto mínimo. O suficiente pra eu entender que ele ainda está aqui comigo.

Deço em silêncio. O cheiro de sopa se mistura ao do carpete velho, e a voz da minha avó me alcança ainda da cozinha:

— Seu pai precisa comer logo, Reika. E antes disso... que coisa horrível aconteceu na sua universidade, hein? Ainda bem que você está bem, filha.

Pego o celular do bolso e vejo: várias ligações perdidas dela. Me sinto culpada, mesmo sabendo que não tinha como atender.

— Vó, foi terrível. Só ouvi um estrondo... os professores nos tiraram de lá às pressas. Foi muito assustador, mas estou aqui agora, tá tudo bem.

Nem terminamos de falar e TOC TOC TOC — a porta da frente bate.

— Eu atendo, vó.

Vou até a porta, o coração ainda acelerado pelo susto. Abro devagar. Dois policiais de Minnesota, uniformes impecáveis, um deles com as mãos nos bolsos, o outro com a lanterna pendurada no cinto.

— Boa noite, garota. Queremos avisar que tem havido muitos assaltos por aqui. Se mantenham vigilantes, tá bem?

O olhar dele se desvia e passa por mim, pousando na minha avó ao fundo, que assente com a cabeça e agradece em silêncio.

— Fechem bem as portas. Qualquer coisa, nos chamem. Tenham uma boa noite.

— Boa noite... — respondo, ainda meio paralisada.

Fecho a porta devagar... e fico ali, com a mão na maçaneta, os olhos presos na madeira como se ela pudesse me responder o que está acontecendo dentro de mim. Por que meu corpo está assim?

É como se a visita dos policiais, o aviso, o medo no ar — tudo tivesse acendido algo dentro de mim. Uma energia quente, elétrica, começando a se mover por baixo da pele. O mesmo brilho verde que vi no gramado agora parece respirar em mim.

Não sei por quê, mas naquele instante... eu sinto que posso testar isso. Essa força.

— Força para um novo dia,

Murmura, como sempre minha vó antes de me deixar adormecer. Cobertores ajustados até os ombros, a luz do abajur baixinha e quente. Ela sorri de olhos fechados, como se confiasse que o mundo está seguro enquanto eu estiver por perto.

Ela fecha a porta devagar... e eu me posiciono melhor na coberta e me viro de lado. Meus músculos estão cansados. Deito. Respiro fundo. Um silêncio bom me abraça. Finalmente descanso.

Mas só por alguns segundos.

Quando abro os olhos de novo... há uma luz verde invadindo meu quarto pela janela. Não um brilho comum — essa luz pulsa como se tivesse vida própria, como se chamasse pelo meu nome.

Meu corpo começa a se mover por conta própria. Eu me sento, devagar. Coloco a pantufa sem pensar. E então...

Meus olhos ficam completamente verdes.

A consciência escorre de mim como água. Não penso, não decido, não luto. Apenas sigo. Sou guiada pela luz.

Abro a janela. A brisa da madrugada toca minha pele... e salto.

Do segundo andar. Sem hesitar. De pijama. Sem sequer fechar a janela atrás de mim. Meus pés tocam o chão como se fosse o lugar mais certo do mundo. O gramado úmido não me freia. A luz à frente continua dançando, hipnótica... e eu a sigo. Atravesso ruas, quintais, portões — e nada disso me parece estranho. Só quando ela desaparece é que o mundo volta a me acertar em cheio.

A consciência retorna como um tapa.

— Ugh... — murmuro, cambaleando, piscando várias vezes, confusa.

Foi ali que ouço uma janela se abrir abruptamente.

— Como você chegou até aqui?!

Levanto os olhos, ainda meio zozna... e meu queixo quase toca o chão.

— Ellen?

Ela está ali, com o rosto meio escondido pelas cortinas, expressão em choque.

— Pera... eu tô no... quintal da sua casa?

Olho em volta, notando os brinquedos velhos, a bicicleta encostada na parede, um varal com toalhas penduradas. E eu... estou no meio daquilo tudo. De pijama. De pantufa. De cabelo bagunçado.

Na rua.

Se alguém do campus me visse agora... era o fim da minha reputação. Adeus aura de controle, de distância, de superioridade.

Ellen começa a gesticular da janela, como se dissesse “espera aí, fica aí, não faz barulho!” Ela está de camisola, cabelo preso, olhos arregalados.

Eu... tô perdida. Congelada. E por dentro, só consigo pensar: Como caralhos eu vim parar aqui? O silêncio da rua é quebrado apenas pelo som metálico da escada encostando na parede.

Clang.

A janela se abre mais um pouco, e a luz do quarto da Ellen me envolve como um farol discreto.

Ela sussurra:

— Vem, Reika! Ninguém pode te ver assim!

Eu abaixo os braços, meio irritada, meio cética. Coloco a mão na cintura, gesticulando em silêncio:

— Sério isso...?

Minha expressão entrega tudo: confusão, espanto, e aquele toque de orgulho ferido.

Como cheguei aqui? E, principalmente... onde é “aqui”?

Sem mais opções, subo devagar pela escada. Meus pés — de pantufa — fazem um som fofo e patético contra os degraus de metal. A cada movimento, o coração pulsa mais rápido. Quando passo pela janela, Ellen segura minha mão com firmeza, me puxando com cuidado para dentro.

Fechamos a janela às pressas.

Ela faz o gesto de silêncio com o dedo nos lábios e aponta pra cama. Seu notebook está aberto, a tela iluminando seu rosto com uma aura azulada. Eu ainda estou tentando entender tudo, mas ela já começa a falar — em voz baixa, como se estivéssemos tramando algo perigoso:

— Reika... eu pesquisei algumas coisas. Muito estranhas. E antigas...

Ela se senta no centro da cama, cruza as pernas, a postura tensa e decidida.

— Existe um fenômeno... algo raríssimo, registrado só algumas vezes na história. Sempre envolvendo um símbolo — o vagalume.

Ela gira o notebook na minha direção. A tela mostra um mapa antigo, com marcas quase apagadas. Manuscritos em latim. Símbolos desenhados à mão.

— Esse símbolo aparece em diferentes culturas, em diferentes épocas. Sempre ligado à ideia de luz, guia... mas também de força e sacrifício. É um amuleto. Lampyris.

Ela pausa, e então continua, os olhos fixos nos meus:

— Datado de mais de cem anos antes de Cristo. Esse amuleto... dizem que concede força sobre-humana. Era usado por guardiões secretos, viajantes, mensageiros de reinos esquecidos. Mas ninguém sabe o que realmente é necessário para despertá-lo.

Faço menção de responder, mas ela ergue um dedo:

— Tem mais.

Um clique. A imagem muda para uma fotografia em preto e branco. Escavações antigas. Um objeto em forma de gota, com linhas que lembram asas. Brilha até na imagem desgastada.

— Esse é o Amuleto de Lampyris. Encontrado aqui. Nessa cidade. Enterrado, lacrado em um templo subterrâneo que nem existe mais.

Ela encosta o dedo sobre o vagalume da imagem.

— Eu achava que era só lenda... mas depois do que eu vi... você... pulando do céu como se fosse parte da própria noite...

Meus olhos ainda estão arregalados. As imagens passam na tela, mas na minha cabeça, só uma coisa martela:

Eu fui chamada. Eu pulei. E agora... estou aqui. No quarto da Ellen. De pijama. Com um símbolo ancestral queimando por trás dos olhos verdes que nem sei mais se são meus.

— Ellen! Primeira coisa... onde estamos?!

Minha voz sai meio esganiçada, e até eu me assusto. Ainda estou de pijama, com a pantufa ridícula no pé, e a cabeça a mil. A luz do notebook brilha no rosto dela como se ela fosse a narradora de um documentário paranormal.

Ellen me encara com a maior naturalidade do mundo:

— Estamos na minha casa.

Eu respiro fundo, pressiono as têmporas com as duas mãos e solto, impaciente:

— Eu sei, Ellen. Eu sei! Mas... onde você mora?

Ela pisca, como se só agora entendesse meu desespero.

— Ah... entendi. Há uns oito quarteirões do Campus.

A frase bate em mim como um soco seco no estômago.

— O QUÊÊÊÊÊ?!

Dou um passo pra trás, quase tropeço nas cobertas do chão. Minha voz sai tão alta que parece que vai acordar o bairro inteiro.

— Minha casa é beeem longe daqui, Ellen! Isso aqui é praticamente outro bairro, outra dimensão!!

Antes que eu consiga terminar de dramatizar, uma voz feminina atravessa a porta:

— "Ellen, tá tudo bem aí? Tem que dormir cedo pra estudar melhor amanhã!

Ellen revira os olhos e responde, rápido:

— Já vou, tia! Só não entra, tá? O chão tá cheio de cabos!

— Tá bom! Boa noite, Ellen.

O silêncio volta.

Eu fico parada ali, olhando pra Ellen como se ela tivesse me arrastado pra dentro de um sequestro alienígena. Ela aponta pro chão, sem nem piscar:

— Olha, Reika, você vai ter que dormir aqui no tapete e sair de madrugada, antes de amanhecer.

Eu encaro o espaço no chão. Um colchão improvisado com cobertor amassado, uma almofada com estampa de morcegos e uma pelúcia do Yoda jogada num canto. A humilhação já tá em curso.

Cruzo os braços.

Porque convenhamos...Pode uma coisa dessas? Alguns dias atrás eu estava no topo da cadeia alimentar desse campus! Agora... agora eu vou dormir no chão da Ellen, com pantufa de porquinho.

Aponto pra ela, séria:

— Se você contar isso pra alguém... eu te esgano.

Ellen nem responde. Só deita de lado, arruma o travesseiro e murmura, como se estivesse em um spa:

— Boa noite, Reika.

Eu deito no chão com um suspiro dramático, puxo o cobertor e fico encarando o teto.

Boa noite.

Se alguém me visse agora...

Mas algo dentro de mim — mesmo cansada, confusa, humilhada — sente que essa foi a primeira noite em muito tempo em que alguma coisa diferente estava finalmente... começando.

A manhã chega com um sol gelado que não combina com meu humor. Visto minha saia de couro preta — justa o suficiente pra virar cabeças — e uma blusa com decote em forma de coração, centrado bem no peito. É o tipo de roupa que diz: eu continuo no topo. E ninguém vai me tirar de lá.

Entro no Campus com o queixo erguido, como se tivesse dormido em lençóis de cetim, e não no chão duro do quarto da Ellen. Passos firmes. Pantufa? Nunca existiu. Os olhares me seguem. Uns de inveja. Outros, de pura curiosidade.

Jilian me encara de cima a baixo, como se estivesse avaliando uma escultura com defeito.

— Reika... contaram que você estava junto com algum desses loser.

Ela fala com aquele tom agudo, venenoso, como se sua voz fosse feita pra ecoar nos corredores e envenenar reputações.

Eu não hesito. Me aproximo com um leve sorriso sarcástico.

— Eu estava sim. E daí? — dou uma pausa dramática e viro levemente a cabeça, só pra mostrar que estou no controle.

— Só estava rodeando eles pra pegar informações da prova.— dou um leve sorrisinho venenoso.

— Como estudam bastante, poderiam colar pra gente."

A reação é instantânea. Alguns risos abafados, uma troca de olhares cúmplices entre alunos. Saraya se aproxima com aquele jeito debochado, olhos puxados, brilho provocativo:

— Você tá pegando a ruiva?

Coloco a mão na cintura com firmeza. A pergunta me pega desprevenida, mas eu disfarço como se fosse piada velha.

— Saraya... de onde você tirou essa ideia?

— Ah, não sei, Reika. Você sumiu do nada... e voltou com aquele arzinho de que viveu uma aventura.

Antes que eu responda, sinto as mãos da Jilian pousarem sobre meus ombros. O toque frio e calculado. Um gesto que não é afeto — é domínio.

Ela sussurra perto da minha orelha, mas alto o bastante pra que a roda em volta ouça:

— Reika... se você continuar assim, vou ter que te desligar das Psycho Phoenix.

Uma pausa curta.

— Nada pessoal.

Ela solta meus ombros com elegância cruel e passa direto, como se tivesse acabado de jogar um vestido no chão depois de usá-lo. Fico ali, parada por um segundo. O mundo parece ter silenciado ao redor. Saraya me encara como se esperasse que eu reagisse. Que eu explodisse. Que eu caísse.

Mas eu só sorrio.

O sol bate no pátio da universidade como se tudo estivesse perfeitamente comum. As risadas ecoam, o cheiro de café barato e perfume doce se mistura no ar, e eu finjo normalidade. Finjo que não passei a noite no chão do quarto de Ellen, que não fui tragada por uma luz verde ou ameaçada de ser expulsa do meu próprio grupo social. Cruzo as pernas devagar, encostando no banco de pedra fria. Meus dedos deslizam sobre o celular, sem foco. Tento mostrar que sou inabalável — a Reika Tamura que todos conhecem.

Então ele aparece.

Um garoto que não reconheço. Alto, pele pálida, corpo atlético, o tipo que poderia estar num pôster de time de basquete da academia de vampiros. Usa óculos escuros como se o sol o incomodasse mais que o normal — ou como se escondesse alguma coisa nos olhos. Veste roupa e sobretudo da cor preta. Cabelos azul e metade vermelho escuros.

Ele senta ao meu lado sem pedir permissão. E fala.

— Não é engraçado como o tempo muda de repente?

Sua voz é calma, controlada, com um sussurro de sarcasmo. Eu me viro devagar, tentando entender se ele está falando comigo mesmo.

Ele continua:

— Você tem uma coisa que alguém que conheço quer.

Uma pausa. Meu coração dá uma leve batida a mais.

— E é engraçado, não acha? Até parece uma piada velha... contada mil vezes por gerações e gerações...

Sinto um arrepio na espinha. Que tipo de piada é essa?

— Garota... — ele diz isso como se não soubesse ou não se importasse com meu nome — vou te dar um último aviso: entrega.

Ele se inclina um pouco, próximo demais do meu rosto. Mesmo com os óculos, sinto seus olhos cravando os meus.

— Se não entregar... teremos que acabar com você.

Ele se levanta como se tivesse apenas desejado bom dia a uma colega qualquer. Mas antes de ir, lança um último golpe:

— Ah... e tenha um bom dia.

E vai embora. Fico ali. Imóvel.

As vozes ao redor continuam, os risos, os passos... mas o som parece distante. Como se eu tivesse mergulhado em água.

Como ele sabia? Quem era ele?

E... entregar o quê?

Meu olhar desce lentamente até minha mão sobre o colo. Fechada, trêmula. Ali dentro, sem que eu lembrasse, estava o pequeno chaveiro com o símbolo do vagalume. Lampyris.

E o mundo que eu achava conhecer começa a rachar, bem ali, entre uma aula e outra.

— Reika! — a voz da Saraya me puxa de volta, como um laço em volta do pescoço.

Ela está parada a poucos passos de mim, franzindo o cenho como nunca vi antes. Sua postura firme e atrevida dá lugar a uma inquietação sincera. Ela me observa como quem vê algo errado com um espelho que sempre refletiu perfeição.

— Você está pálida... nunca te vi assim.

Engulo em seco. Evito olhar pra ela. Se eu encarar, ela vai ver. Vai ver meu medo escorrendo pelas pupilas, vai sentir minhas mãos tremendo, e eu... eu não posso deixar ninguém saber. Nem ela. Nem ninguém. A ponta dos meus dedos escorrega discretamente por cima da saia, tentando encontrar algum apoio, algum senso de normalidade. Nada. O chão sob mim já não é mais o mesmo.

— Reika?— ela se aproxima mais

— Quer uma água? Eu busco. Sério, você tá branca feito papel!

Eu solto a primeira coisa que consigo articular com um mínimo de firmeza, mesmo com a voz falhando nas margens:

— Não! Tá tudo bem. Só... só preciso de um pouco de ar.

Me levanto rápido, talvez rápido demais. Minha visão dá uma leve oscilada. O calor no rosto não volta. Os olhos da Saraya ainda me seguem, preocupados, mas eu me afasto antes que ela possa dizer mais alguma coisa. Minhas pernas movem-se sozinhas pelo campus, enquanto a cena daquele garoto ecoa na minha mente como uma sirene abafada.

"Entrega..."

"Vamos acabar com você..."

Eu não sei quem ele era. Não sei o que ele quer. E não sei o que eu tenho.

Na sala de aula eu não consigo ouvir nada. A voz do professor é um ruído distante, engolido pelo redemoinho na minha cabeça. A ameaça ainda vibra dentro de mim — como uma febre baixa, uma pulsação estranha no peito.

Meus olhos se voltam, instintivos, pra janela. Não está lá. Nada. Nenhum sinal daquele garoto de voz afiada como lâmina. Mas a ausência dele só piora tudo. Como um bicho que some no mato e deixa a floresta muda.

Sinto a mão do professor no meu ombro e só escuto a frase como se viesse de um rádio distante:

— Reika... vá tomar um ar.

— Sim, senhor. — a minha resposta sai estranha, desencaixada daquele local temendo pela vida, o problema é quem iria acreditar numa história dessas?

Eu saio. Sem pressa, mas sem alma.
Vou até o banheiro, lavo o rosto.

— Ok, Reika... você sofreu uma ameaça direta. Fica calma. Respira. Não surta!

O reflexo no espelho não me devolve nenhuma confiança. Ele só repete o pânico com um segundo de atraso.

Saio do banheiro, viro no corredor vazio.

Todas as salas estão em aula. O silêncio é quase sobrenatural.
E então...

— REIKA!

A voz vem de trás.
Ecoa no mármore como um trovão.
Eu me viro... e ele está lá.

O mesmo rapaz. Sobretudo preto. Óculos escuros. Só que agora...

Duas faixas de luz serpenteiam em suas mãos — um chicote azul e outro vermelho, tremeluzindo como corrente elétrica.

— Não corre, garota.

É tudo que ele diz.

Mas eu corro.

Os pés deslizam, o coração explode.
CLACK! — o som metálico de um chicote sendo acionado.

BOOM! — armários estouram ao meu lado como se tivessem sido atingidos por um raio. O chicote vermelho passa raspando pelo meu braço, estilhaçando o cadeado de um armário.

Ele não precisa mirar — o chicote persegue. Em linha reta. Em fúria. Em luz. As portas vão se abrindo ou voando pelos ares. Pedacos de madeira, vidro, metal... tudo voa enquanto eu corro.

O som das botas dele ecoa. Ritmado. Determinado.

— Entrega logo, Reika! — ele grita. — Ou isso vai ser só o começo!

Eu não sei o que ele quer. Mas sei o que ele é: Um Caçador e eu, a presa. Meus passos são rápidos demais. Desesperados demais. E é por isso que eu não vejo.

BAM!

Minha cabeça bate direto na parede do corredor. O impacto me derruba. A visão começa a girar — tudo perde cor, forma, equilíbrio. O som das botas dele... Clack... clack... clack... Cada passo é uma sentença. Cada passo é o tempo se esgotando.

— Garota! — a voz dele agora é distorcida, grave, quase demoníaca.

— Sabe a melhor parte? Ele não te quer. Sabia?

Ele quem?
O que ele tá dizendo?

— Então vou acabar com isso!

Minhas mãos tocam o chão frio. Tento levantar, mas minha cabeça lateja. O sangue pulsa onde bati. E então...

ZAAAP!!!

O chicote azul acerta meu pescoço. Uma carga brutal me atravessa. Meus pés saem do chão. Meu corpo inteiro treme. É como ser erguida por um raio. Não consigo gritar. Nem respirar. Meus olhos se reviram e eu só vejo flashes: Meu pai me ensinando a andar, os momentos felizes na cozinha, com meu pai e minha mãe, os passeios no parque quando era pequena, a peça colegial que participei e eles a me aplaudir... Minha vó dizendo “força pra um novo dia”...

Minha mãe me penteando quando eu era pequena...
O pôr do sol que eu achava bonito quando criança...

Tudo isso gira ao meu redor como se fosse minha despedida.

O outro chicote, o vermelho... começa a se contorcer.
Mas não mais como uma cobra elétrica — agora ele toma forma. Uma ponta aguda. Fina.
Mortal.

— Nem vai doer tanto assim.
A voz dele ecoa, fria.

Eu não consigo falar. Não consigo lutar.
Só sinto. Sinto que vai acabar.
Ali. Sozinha. Num corredor vazio.

E então...

— Reika...?

Mas essa voz... não é de fora.
É de dentro.

Algo explode no fundo do meu peito.
É como se a dor da carga do chicote tivesse se transformado em... Fúria. Luz. Vida. Meus
olhos se abrem.
Verdes. Luminosos. Verdes como nunca foram antes.

A luz se espalha em torno do meu corpo, quente, poderosa, viva.
Os cabos do chicote se rompem com um estalo, como se tivessem tocado um raio solar. A
energia me envolve, me veste.

Uma calça negra justa, armaduras verdes nas pernas, ombreiras que cintilam, e botas
fundidas com meu novo eu.
O tecido pulsa junto com meu coração, viva, respirando comigo.

Do chão, ele grita:

— NÃO!! NÃO ERA PRA TE ACEITAR!!!
— O VAGALUME DESPERTOU!!

Agora eu entendo.

Sou mais que Reika Tamura. Sou uma Vagalume. E é como se o universo inteiro dissesse:
“Ela está pronta.”

Eu me ergo. A luz explode à minha volta.
Um soco. Só um soco. Mas o chão racha.

Um redondinho perfeito o atinge com brutalidade. Ele é lançado como um míssil atravessando o corredor inteiro...

Quebra janelas, arrebenta paredes, até sumir contra a parede do estádio.

O silêncio toma conta do campus.

Eu caminho. Meus passos não fazem barulho. Sou um facho de luz em movimento.

Ele está desorientado, com os chicotes apagados, o rosto sujo de sangue e poeira. Levanto ele pelo colarinho.

— Se não quer desaparecer...

— ...sugiro que suma daqui.

Os olhos dele vacilam. Ele entende e recua. Sai da escola... Como um cão abatido. Fico parada no meio da destruição. Corredores destroçados.

A parede do ginásio quebrada.

E uma energia que ainda pulsa dentro de mim.

Eu olho para minhas mãos brilhando.

Para minha silhueta iluminada.

E pela primeira vez... sem dúvida alguma...

— Eu sou uma Vagalume.

— Reika!!!

A voz da Ellen rasga o silêncio com espanto. Ela aparece no fim do corredor, os olhos arregalados, olhando pra mim como se tivesse visto um milagre.

Ou uma bomba nuclear, parada entre a poeira e os escombros, pasma, com a boca entreaberta, tentando entender o que viu. Eu ainda estou com a roupa do Vagalume — colada ao meu corpo, uma espécie de armadura viva que pulsa como se tivesse um coração próprio.

Minha mente tenta voltar ao controle, mas meu corpo ainda pulsa como uma fonte viva de energia. Não sei como desligar.

Não sei se quero desligar.

Puxo ela pelos braços, firme, urgente:

— Ellen, a gente precisa sair daqui. Agora. Ninguém pode me ver assim.

Ela se assusta com a intensidade.

Tenta me acompanhar enquanto corremos, os estilhaços sob nossos pés.

— Você tem... asas, Reika!? Eu VI ASAS!

Eu tropeço quase caindo.

— QUE!?

Olho por cima do ombro.

Atrás de mim... um brilho verde-azulado ondula. Asas translúcidas, feitas de pura luz, pulsando em tons que refletem as paredes quebradas.

Asas? Claro. Vagalume.

Mas eu não tenho tempo de entender isso agora. Três problemas:

Eu não tenho dinheiro pra cobrir esse estrago. O corredor tá um caos. Vão querer um culpado. E a diretoria já queria me suspender por menos.

Meu rosto está exposto.

Metade do campus pode ter me visto transformada. E eu juro que alguma câmera deve ter gravado isso.

Ellen está comigo. E se as Psycho Phoenix virem? E se a Jillian souber?
E se descobrirem que... que eu me importo com ela?

Paramos atrás do galpão de manutenção, ofegantes.

— Reika, o que foi isso!? Quem era aquele cara!? Por que você tá brilhando!?

Eu me encosto na parede, o brilho começando a sumir.

A luz some aos poucos, mas a roupa continua. Meu corpo parece exausto.

Mas vivo.

— Ellen... eu não sei. Eu juro que não sei.

Ela me encara com aquela curiosidade dela... o tipo de olhar que atravessa defesas.

— Mas seja lá o que você é agora...

Ela respira fundo.

— ...foi a coisa mais incrível que eu já vi.

Eu engulo seco. Meus olhos ainda tremem. Mas eu sei. Tudo mudou.

Olho pra tudo destruído: o muro do ginásio, os armários rasgados pelo chicote, o chão com marcas do impacto. E agora, mais do que nunca, tenho certeza...

Sou uma Vagalume. Ou uma destruidora de propriedade privada.

Corremos pelos fundos da escola. A adrenalina ainda me corrói por dentro, e minha cabeça, preciso pensar rápido e a única coisa que avisto é aquela sala de xadrez que fica aberta, mas poucos usam. Então entramos no Salão do Xadrez – Trancado, silencioso.

As janelas cobertas por cortinas pesadas deixam a sala na penumbra. As peças do jogo ainda estão em tabuleiros abandonados. Eu encaro Ellen com um olhar entre cínico e à beira de um colapso existencial.

Sério... ela perguntou "e agora"?

Agora?! Estou presa numa roupa colada, que não sei tirar, com um cara que me atacou com chicotes de energia, o corredor destruído, e, claro, a possibilidade da minha avó me ver assim pela TV. Estou com 300 pensamentos girando na cabeça. Ou seriam 399?

Suspiro e digo, séria:

— Ellen, a gente precisa ir pra sua casa. Você inventa uma febre, uma alergia, sei lá — qualquer coisa que nos tire daqui agora.

Ela olha em volta, mordendo os lábios. Dá passos curtos, acelerados, até uma estante nos fundos e de repente — como se tivesse encontrado o Santo Graal — saca uma bandeira dobrada dos Phoenix, o time universitário.

— Reika! Vem cá. Tive uma ideia. — ela corre de volta até mim com os olhos brilhando.

— Nem me diga que vamos...

— Cobrir você com isso. Anda! Coloca essa bandeira no ombro, finge que é um manto, um traje de mascote, sei lá! A gente sai como se você fosse parte da equipe ou alguém fazendo campanha. Vai dar certo!

Eu suspiro fundo. A armadura colada à minha pele parece feita de tecido atlético, as botas verdes fundidas aos meus pés, o busto protegido por uma armadura leve e estranhamente confortável de metal verde. Olho pra Ellen e, mesmo sem acreditar, estendo os braços.

Ela me enrola com a bandeira. Um tecido vermelho-escuro com o brasão do Phoenix dourado. Me cobre como se eu fosse uma atleta de elite ou uma estudante em cosplay.

— Pronto. Agora abaixa a cabeça e anda com firmeza. É só isso. Qualquer um que olhar vai pensar que é alguma ação do campus.

— E se alguém perguntar...?

— A gente responde com convicção. E corre depois.

Dou um meio sorriso. Ela é boa nisso. E de alguma forma, estamos prestes a sair com classe de um crime interdimensional.

Puxo o capuz da bandeira por cima da cabeça, respiro fundo, e seguimos para o corredor. O som dos escombros ainda ecoa lá fora, mas com Ellen ao meu lado, parece que posso enfrentar qualquer coisa.

Agora... é hora de fugir da cena.

Olho pra ela. Inteligente. Corajosa. E meio maluca. Mas funciona.

— Vamos, Ellen. Antes que descubram que a mascote... sou eu.

Ela sorri, mesmo tremendo por dentro. Me cobre com a bandeira e ajeita a ponta nos meus ombros. Agora sou só mais uma sombra entre o caos. A Vagalume desaparece, mas a Reika continua. E ninguém... ninguém pode saber.

Duas malucas. Não tinha outra definição. Uma envolvida numa bandeira da escola Phoenix — com o brasão dourado me cobrindo dos ombros até os joelhos — e a outra, Ellen, andando com a pose mais natural do mundo, como se fosse totalmente normal estar levando um "primo doente" pela saída lateral do campus. O salão do xadrez ficou pra trás, mas meu coração ainda batia no ritmo da adrenalina.

Na portaria, claro, tinha que ter um segurança. Alto, cara fechada, e com aquele jeito de quem sabe que algo não está certo.

— Quem é esse aí? — ele aponta pra mim, os olhos desconfiados atravessando as dobras da bandeira.

Ellen nem pisca.

— É meu primo. Está doente. Veio visitar o campus hoje, mas não passou bem.

Eu, de dentro da bandeira, quase morri de vergonha. Primo? Justo agora que eu ainda tentava entender o estrago que deixei pra trás! Ele se aproxima, começa a nos rodear como um tubarão sentindo sangue na água.

— Tem certeza? — pergunta ele, olhando direto nos olhos dela.

Foi nesse momento que decidi dar minha contribuição para a farsa. Tossir. E não foi uma tosse qualquer, foi dramática, exagerada, quase de novela mexicana. KOFF! KOFF!

— Viu? Ele tá mal mesmo! — Ellen engrossa. — E se você não deixar a gente sair, vai ser acusado de negligência. Vai querer que meu primo morra aqui na entrada?

Eu revirei os olhos por trás da bandeira. Como fui parar nisso? Eu, Reika Tamura... enrolada numa bandeira, fingindo ser um garoto doente, sendo arrastada por uma amiga atriz de stand-up improvisado.

Mas funcionou. O segurança bufou e se afastou com um gesto de desdém, nos deixando passar. Assim que saímos, fui direto no aplicativo e pedi um carro. Durante o trajeto inteiro até a casa da Ellen, fiquei quieta, olhando pela janela, ainda enrolada como um burrito institucional. E o pior? Eu — que sempre gostei de me destacar — agora só queria sumir. A bandeira da Phoenix ainda cobria meu corpo quando descemos do carro, e Ellen já puxava

meu braço como se tudo aquilo fosse um sábado qualquer. Caminhávamos pela calçada da rua dela quando, claro, surge ela — a vizinha da cerca, a eterna vigilante do bairro.

— Oi senhora Wallie! Lindo dia, não? — Ellen acena, a voz doce como mel, como se não estivesse ao lado de uma criatura enrolada numa bandeira escolar com botas verdes e cara de febre inventada.

Senhora Wallie, claro, apenas piscou e retribuiu o aceno com um sorriso indecifrável. Talvez já tivesse visto coisa pior. Ou talvez estivesse prestes a chamar a polícia. Melhor não saber. Assim que a cerca ficou para trás, saímos em disparada. Eu quase tropecei em mim mesma — e a bandeira já estava saindo do lugar. Entramos na casa da Ellen rindo e bufando.

— Corre! — ela disse, trancando a porta atrás de nós.

No calor da correria, joguei a bandeira sobre o sofá, e ali estava eu, de pé, enfim visível: calça colada de tecido esportivo, botas verdes até o joelho, busto envolto numa armadura esmeralda e fina. A roupa se moldava ao corpo como uma segunda pele. Quando Ellen me viu por inteiro, ficou de boca aberta.

— Nossa... essa roupa é impressionante!

— Eu sei. — murmurei, olhando para mim mesma. — Só não sei como tirar ela.

Subimos para o quarto dela, e eu tive tempo de respirar pela primeira vez desde a pancada. O quarto de Ellen era aconchegante, com pôsteres de séries de suspense, algumas fotos com o irmão, e uma parede cheia de colagens de criaturas marinhas — nada como minha vida normal de estudante voltando aos poucos para minha mente.

— Reika, senta e não faça nada! — disse ela, pegando o celular, o notebook, tudo ao mesmo tempo como uma investigadora moderna. Eu me sentei na beirada da cama com sarcasmo nos olhos.

— Lógico! Pareço algo tão normal que as pessoas não vão desconfiar de nada...

Cruzei os braços e olhei ao redor. Agora que eu não estava desmaiando, nem apanhando, nem sendo chicoteada por lunáticos, me sentei na beirada da cama da Ellen, ainda meio enrolada em mim mesma. A roupa verde continuava colada ao corpo como se tivesse sido pintada, sem fechos, sem zíper, sem velcro — sem saída. Ellen se jogou ao meu lado, ligou a TV como se aquilo fosse resolver alguma coisa... e, claro, o caos já tinha virado notícia.

“Estamos vendo os estragos causados por uma luz verde misteriosa na Universidade Phoenix Cities. Ninguém viu o que aconteceu ou como aconteceu. A M6 entrevistou o diretor do campus, o Senhor Lundoni...”

A imagem do Lundoni preencheu a tela. Ele tinha aquele ar de quem só queria um café, uma planilha tranquila e o dia longe de qualquer coisa sobrenatural.

“Vamos ter que restaurar parte do corredor, fiações elétricas! Contratamos uma empresa especializada em reformas. Acreditamos que foi um curto-circuito que causou essa luz verde. Nossas câmeras foram queimadas durante a explosão e, graças a Deus, nenhum aluno sofreu ou se feriu com isso. Os trabalhos de reforma começam amanhã e não teremos aula.”

Eu olhei pra Ellen. Ellen olhou pra mim. Um segundo de silêncio.

— Curto-circuito? — murmurei, levantando uma sobrancelha.

— Eles realmente vão com essa teoria... — respondeu Ellen, segurando a risada.

— Técnica.

— Lógica.

— Científica.

— E absolutamente ridícula.

Caímos na gargalhada, mas era um riso nervoso. Porque se eles achavam que era só fiação... então ninguém viu o que eu vi. Ou o que fui. Ou seja: talvez ainda tivesse um pouco de tempo antes que tudo explodisse de verdade.

E eu não fazia ideia de como aquela roupa colada sabia tanto sobre mim... nem como ela fazia parte de algo que eu ainda não conseguia nomear. No quarto da Ellen, ainda tentando entender como a vida me colocou nessa situação, fiquei parada enquanto ela me rodeava como se eu fosse uma obra de arte interativa de museu.

— Olha, Reika... não parece sintético... e também não parece de ferro.

Ela me examinava com um brilho nos olhos, o tipo de brilho que precede uma descoberta ou um escândalo. Eu, por outro lado, não sabia se sentia mais vergonha, nervosismo ou uma leve vontade de me enterrar debaixo do colchão.

Ellen passou o dedo pela armadura que cobria meu busto.

— É bem lisa! — disse ela, maravilhada, como se estivesse testando a superfície de um carro esportivo recém-lançado.

Antes que eu pudesse responder, ela abaixou e colocou as mãos nas minhas coxas.

Eu arregalei os olhos.

— Eita! Ellen! Eu tenho cara de experimento científico?!

Ela nem piscou.

— Parece uma legging de ginástica, mas... eu não sei dizer se isso é tecido mesmo... Não tem costura!

Aí ela gritou.

— Ai credo!

Eu me virei rapidamente.

— Que foi agora?

— Eu... eu juro que toquei suas asas!

— Minhas... o quê?

— Suas asas, Reika! Asa mesmo! Tipo... de inseto!

O silêncio pairou por dois segundos. Meu rosto ficou imóvel. Eu pisquei devagar, uma vez.

— Ellen... eu tô vendo que são asas de inseto. Vagalume não é uma baleia, né? Não sei o que você esperava.

Ela deu um passo pra trás, ainda com os olhos arregalados. Eu? Segurando o surto com todo o sarcasmo que me restava.

Decidida. É, eu estava decidida.

Depois de tudo que rolou — o guarda, a bandeira, a fuga, a inspeção científica da Ellen — chegou a hora de encarar o desafio final: minha casa. Coloquei um casaco gigante por cima da armadura verde grudada ao corpo, escondendo o que dava pra esconder. As asas? Bem... que Deus me ajudasse. Olhei no espelho e pensei: tô bonita? Tô. Tô normal? Nem de longe. E lá fui eu.

Durante o caminho, só pensava em planos de emergência: fingir uma febre, sumir pelos fundos, me jogar em um portal interdimensional, fingir que sou uma estranha versão japonesa do Peter Pan. Qualquer coisa. Mas cheguei.

Na calada da tarde, entrei sorrateira pelos fundos da casa, como uma ninja de glitter biológico. Subi as escadas num impulso de desespero, e... BUM. Caí de corpo inteiro no chão do quarto. O barulho foi digno de filme de ação.

— Reika?! É você?! — gritou a voz da minha avó lá de baixo.

Me joguei sob as cobertas, abafando as asas com o cobertor e a vergonha com a força do desespero.

— Sim, vó! Sou eu! Tô mal... fui dispensada mais cedo!

Pausa. Silêncio suspeito.

— Quer que eu vá—

— Nãooooo!

Tosse falsa. Desespero real.

— Quer dizer... eu tô muito ruim, vó! Muito mesmo! Pode ser gripe, virose... cólera, sei lá! Melhor não chegar perto, é perigoso!

— Você está com febre?

— Estou com tudo, vó! Um combo viral completo!

Lá fora, o mundo queimava com luzes verdes misteriosas. Aqui dentro, eu só queria arrancar essa roupa alienígena do corpo, entender como funcionam minhas asas de inseto, e se possível, voltar a ser uma estudante normal que só precisava se preocupar com provas e crushes impossíveis.

Mas agora... agora eu era outra coisa. E sinceramente? Nem sei o quê.

Eu me sento na cama, ainda com a respiração entrecortada, o coração acelerado pela mentira improvisada, pelas asas, pelas perguntas que nem eu sabia fazer. A luz do quarto filtra pelas cortinas, e pela primeira vez desde que tudo começou... eu fecho os olhos.

Silêncio tudo em volta, fecho os olhos. Minha avó, as notícias, a Ellen, os guardas, o caos do campus... tudo fica em segundo plano. Só existe o meu corpo, a minha mente... e essa coisa nova que pulsa dentro de mim. Respiro fundo.

E pela primeira vez, sinto. A roupa respira comigo. É quase imperceptível, como se ela respondesse à minha alma, como se estivesse viva. Não no sentido assustador — mas íntimo. Conectado. Como uma extensão de mim. Ou talvez o que sempre esteve aqui, esperando despertar.

E eu digo baixinho, para ninguém ouvir. Só pra mim. Só pra ela:

— “Força para um novo dia.”

Abro os olhos devagar. E no instante seguinte, PUF — a roupa sumiu. Nada. As botas verdes, o tecido colado, a armadura... até as asas. Tudo se foi.

Grito.

— O quê?!

Caio da cama como uma maluca, me arrastando no chão, tateando o próprio corpo como se estivesse procurando um fantasma que acabou de escapar. Corro até o espelho — e o que vejo?

Nada.

Só eu. Reika Tamura. Rosto cansado, cabelo meio bagunçado, vestida com o top e a saia preta. Nenhum brilho, nenhum poder. Nenhuma asa.

Pelo menos... voltei a ser eu. Ou o que sobrou de mim.

Eu me jogo de volta na cama, vencida. Meus músculos doem, minha cabeça lateja, minha alma parece esticada como um elástico prestes a romper. Fui quase notícia no jornal da cidade — “Luz verde atinge aluna misteriosa” — e tudo o que queria era um banho quente, uma explicação... ou pelo menos, um cobertor que apagasse o mundo.

É aí que a porta range.
Devagar. Silenciosa.

Minha vó entra com aquela calma que sempre teve, como se soubesse exatamente o que fazer mesmo quando o mundo está prestes a acabar. E com aquele passo firme, ela se aproxima, se abaixa um pouco, e...

Coloca o dedo bem no centro do meu peito.

— Ele despertou, filha.

Meu corpo gela.

— Ué... como assim você...? — minha voz falha, mas ela já está se afastando.

Ela só sorri. Aquele sorriso que guarda séculos de coisas não ditas.

Vai até a porta. Fecha com carinho.
E antes que o silêncio tome o quarto, ela solta — como quem deixa uma semente no ar:

— “Força para um novo dia.”

CLIC

A porta se fecha.

Eu fico ali, estatelada na cama. Meus olhos abertos como os de alguém que acabou de descobrir que o mundo que conhecia... não é o único.

Será que ela sabe? Ou sempre soube?

Como ela disse aquilo? Com aquela certeza? Aquela... paz?

Mil perguntas gritam dentro de mim, como se cada uma achasse que poderia ser a resposta da outra. Mas nenhuma faz sentido. Eu puxo o cobertor até o pescoço. Fecho os olhos. Tento respirar.

Tento.

— Amanhã é outro dia... — murmuro.

O novo dia chegou com a cara de quem não queria ser notada. Sem aulas. Sem agitação nos corredores. Sem ser a Reika popular. Só... eu.

Visto um casaquinho claro, uma saia discreta e uma meia-calça escura. Nada de brilhos, nada de chamar atenção. Apenas eu tentando entender o que sou agora. Prendo os cabelos, coloco meus brincos — pequenos, prateados, com um detalhe em azul — como se fossem algum tipo de proteção invisível.

Abro o celular e vejo uma mensagem da Ellen.

"Reika me encontre no Ferro velho. Agora."

Chego lá e, sinceramente, ela parece saída de um comercial de leite escandinavo: sentada com jardineira jeans, bochechas coradas, cabelos trançados, uma ruiva no meio do apocalipse.

— Reika, está preparada? — diz ela com a casualidade de quem me viu ontem vestida de vaga-lume. Cruzo os braços, arqueio uma sobrancelha.

— Estou esperando o que você tem pra mostrar.

Não dá tempo nem de piscar. Uma lata voa direto na minha testa.

TUM!

— Aí! Minha cabeça! — reclamo, me curvando com a mão na testa. — "Por que você fez isso, sua doida?!"

Ela dá de ombros, como quem acaba de jogar UNO reverso no destino.

— Pra testar seus reflexos.

Claro, como se uma lata enferrujada fosse a medida universal de superpoderes.

— Ellen, minha vontade é te afundar no chão depois dessa.

Ela caminha até mim. Fica em silêncio.

PAF!

O tapa que ela me dá é forte o suficiente pra me derrubar. Vejo estrelas. Um zumbido ecoa nos meus ouvidos.

— Reika... é estranho. Sua força some.

Caída no chão, deito de lado, encaro o céu cinza acima de mim.

— E eu achando que viemos treinar. Não sabia que era uma sessão de tortura.

Fecho os olhos por um instante.

— Será que isso é só um teste? Ou sua vingança concluída, hein? Por eu ter sido uma idiota com você na escola?

Ellen se aproxima e me estende a mão. Sem pressa, como se pesasse cada gesto. Eu aceito. Ela me puxa com certa facilidade — o que só reforça o que vem a seguir.

— Reika, é muito estranho. — diz enquanto solto o pé da calça e limpo o sangue invisível do orgulho. — É como se... você não fosse aquilo.

Arqueio uma sobrancelha.

— O quê? Um saco de pancadas?

Ela contorna minha ironia com paciência.

— Não. A sua força desaparece. Como se nunca tivesse feito parte de você.

Ela se afasta, contorna um carro destruído, e se senta sobre o capô amassado de um sedã velho, de pintura descascada e vidros opacos pelo tempo.

Eu a observo em silêncio, então vou até lá e me sento ao lado dela.

— Quando o Vagalume desperta... — ela começa. — ... você ganha força. Somente quando isso acontece.

Fecho os olhos por um segundo, como se estivesse tentando ver com o corpo o que a mente não compreende.

— Então sou vulnerável sem o Vagalume.

As palavras saem como uma constatação que dói. Que pesa. Como se eu estivesse descobrindo que parte de mim agora depende de algo externo — ou interno demais para controlar. Não há resposta imediata.

Nós duas ficamos ali, sentadas lado a lado no ferro velho — cercadas por carcaças de vidas passadas, por um mundo de ruínas e metal esquecido.

O céu, acima de nós, está cinza. Denso. Como se carregasse uma resposta que não pode ou não quer ser dada.

Não dizemos mais nada. E talvez seja melhor assim. Com o céu carregado acima e o cheiro de ferrugem ao redor, a verdade chega com suavidade — talvez mais poderosa do que qualquer rajada de luz.

— Meu pai dizia que a força era de dentro pra fora, como a sua.

As palavras da Ellen atravessam o silêncio como um sussurro afiado. E ficam. Como uma nota que não se apaga mesmo depois da música. Fico olhando pra frente, mas por dentro... alguma coisa muda.

Como é engraçada a vida. Se não fosse o Vagalume, nós duas jamais estaríamos aqui. Talvez eu ainda estivesse naquela bolha perfeita, cercada de elogios falsos e amizades vazias, enquanto a Ellen continuaria sendo só um nome estranho e excluído no fundo de alguma lista de chamada.

Mas agora?

Agora ela é o único nome que ecoa dentro de mim com verdade. E eu fui uma idiota.

O orgulho, as piadinhas, as caras feias — tudo isso era escudo. Medo de olhar pro que realmente importava. A Ellen... tem algo puro. Algo que não se compra, que não se treina, que não se finge. E eu pisei nisso como se fosse nada. Como se eu soubesse mais da vida do que ela.

Olho de lado. Ela está com os olhos presos no céu, como se conversasse com ele. E pela primeira vez, penso em enfrentar a Jilian. De verdade.

Não por mim. Mas pela Ellen.

Vou apresentá-la. Mostrá-la. Não me importa mais o que vão dizer. Ela é uma ótima companhia. E talvez... talvez até mais do que isso. Talvez a única que me viu por dentro, sem brilho nem máscara.

Suspiro. Baixo o olhar. Sinto o vento leve passar por nós.

— Seu pai tinha razão.

E ali, entre latarias antigas e nuvens pesadas, algo em mim desperta.

As nuvens se movem devagar, como se o tempo tivesse desacelerado só pra dar espaço àquela conversa.

— Reika, posso te fazer uma pergunta?

O tom dela é baixo, quase inseguro. Olho pro céu, deixando o vento tocar meu rosto.

— Claro.

Ela demora. Dá pra sentir o nervosismo dela como uma brisa pesada, atravessando o silêncio e batendo no meu peito.

— Como é ser uma líder de torcida?

Eu solto o ar devagar, deito no capô do carro velho com minha saia preta se ajeitando sobre o metal frio. Estico as pernas, cruzo os braços atrás da cabeça e olho o céu cinza.

— Com toda sinceridade? É muito bom.

— Os jogos, a plateia, a dança... a energia toda. Parece que você é o centro de um palco gigante.

— Mas tem um porém: ser líder de torcida custa alto. Muito alto.

Ellen se cala por alguns segundos. Dá pra ouvir só o estalo metálico das latarias ao redor, rangendo com o vento.

— Entendo. Eu também acho bonito... — ela diz devagar. — Quando te via no corredor, eu meio que...queria ser você.

Essas palavras me pegam de surpresa. Eu, sendo espelho pra alguém? Logo ela?

Reviro os olhos, mas não por desprezo. Por saber a verdade.

— Olha, Ellen...— digo virando a cabeça pra encará-la. — Obrigada. De certa forma, isso significa muito. Mas... me conhecendo melhor, talvez você mudasse de ideia.

Ela me olha, meio sem entender.

Eu continuo:

— A Reika que você vê nos corredores é só a capa brilhante. A que dança, sorri e passa com o uniforme limpo e o cabelo arrumado. Mas por dentro... eu sou cheia de raiva, orgulho, medo. Eu não enxergo ninguém além de mim. E sinceramente? Nem a mim mesma eu enxergava."

Ela não responde, mas sei que está ouvindo com atenção. Então completo:

— Ser admirada é fácil. Difícil mesmo é ser vista de verdade. E você... foi a primeira que fez isso.

O silêncio que vem depois não é pesado. É confortável. Como se o ferro velho ao redor tivesse virado santuário por um instante.

Narrador 🗣️

Longe dali...

Um lugar escuro, abafado, onde nem o som ousava entrar. O chão era coberto por símbolos antigos pintados em vermelho e negro, desenhos que pareciam pulsar em silêncio, como se respirassem por conta própria. No centro, uma figura sentada. Oculta pela escuridão espessa como tinta derramada, apenas seu contorno era visível. Nenhum detalhe do rosto, nenhuma emoção perceptível. Só presença. Uma presença densa, esmagadora. Os passos ecoam quando o rapaz de óculos e cabelo bem penteado tingido de vermelho e azul se aproxima, o

chicote pendendo do cinto com precisão quase militar. Ele para a uma distância segura, respeitosa. Faz uma leve reverência, olhos fixos no chão.

— "Representante, permita-me ..." — a voz dele sai firme, mas com a tensão de quem sabe que uma sílaba errada pode ser sua última. — O Vagalume... despertou.

Silêncio. Um silêncio que grita.

A figura nas sombras não diz uma palavra. Apenas levanta lentamente o braço, com um gesto frio e deliberado. E aponta o dedo. O gesto é como um veredito. Como uma sentença. O rapaz imediatamente curva o corpo num aceno de obediência absoluta.

— "Sim, Cumprirei o que desejar."

Ele se levanta com rapidez, os olhos escondendo o medo atrás das lentes espessas. Dá meia-volta com o coração acelerado e desaparece pela mesma passagem estreita por onde entrou.

A figura permanece imóvel... mas o ar ao redor dela parece mais pesado agora. Como se o despertar do Vagalume tivesse trazido muito mais do que apenas um novo poder à tona. Trouxe também os olhos... de quem estava esperando por isso há muito, muito tempo.

Capítulo 2 - Entre Farpas e Silêncios

Reika: ✨

Dois dias se passaram desde aquele estranho despertar.

Desde que senti as asas desaparecerem.

Desde que conheci uma Ellen que eu jamais teria imaginado. Ela me mostrou algo puro, simples e brutal: a verdade sobre mim mesma. Mas o mundo que eu conheço... o que me moldou até aqui... exige outra versão de mim.

A Psycho Phoenix não perdoa vacilos.

E eu não cheguei até aqui para largar tudo por impulso.

Combinamos, eu e ela.

— Preciso continuar nas Psycho Phoenix.

Ela apenas assentiu, mesmo com os olhos cheios de algo que doía em mim.

Então tudo... "voltou ao normal". Ou quase.

Hoje é dia de reaparecer.

O salto dos meus tênis bate seco no chão encerado do corredor principal da escola.

Ao meu lado, Jillian, com aquele sorriso arrogante esculpido no rosto. Do outro, Saraya, com o olhar de quem poderia destruir qualquer um só com uma levantada de sobrancelha.

A trinca de ouro. As três impiedosas.

A elite das Psycho Phoenix. Os olhares seguem a gente. Ouvem o som das nossas botas. A presença toma conta.

E eu? Eu ergo o queixo, ajeito meu cabelo, e passo como se nada tivesse acontecido. Meus olhos, por um breve segundo, tocam os dela.

Ellen. Sentada próxima aos armários, com sua mochila gasta e um sorriso que não esconde o desconforto.

Mas eu não posso sorrir. Não posso desviar. Meu coração grita, mas meu rosto diz: "Você não está aqui."

E então passo. Ela finge que não sente e eu finjo que não sinto.

Mas ambas sabemos... sentimos demais.

O ginásio ecoa com vozes, tênis rangendo e bolas quicando. Luzes frias acima da quadra. Sorrisos treinados abaixo.

É dia de treino — dia de usar a máscara brilhante que criamos.

Vestir o uniforme da torcida é quase como vestir uma armadura.

A saia bordô justa, curta o suficiente pra parecer ousada, mas ainda atlética.

O top ajustado em preto e vermelho a baixo fazendo junção a saia, o símbolo das Psycho Phoenix reluzindo sobre meu peito.

Shorts preto por baixo, colado ao corpo, marcando cada linha do meu movimento.

Minha imagem grita confiança... mesmo que por dentro tudo seja ruído.

Robby já cola em Jilian, como sempre.

Aqueles dois vivem em câmera lenta, como se o resto do mundo fosse cenário.

Melvin está no canto, fingindo treinar os passes — mas seus olhos me encontram.

Longos, densos, como se ainda sentisse o impacto do voo que demos juntos naquela noite.

A queda. O risco. O Vagalume.

Ele finge normalidade, mas o corpo denuncia. O medo ficou tatuado em quem viu a morte tão de perto.

E então tem o Allan...

O clássico "das quentinhas".

Com sua bandeja térmica, seu boné torto e aquele jeitinho de mordomo improvisado do campus. Ele passa oferecendo água com tanto zelo que parece estar numa missão diplomática.

E claro, tropeça na primeira linha do chão.

Duas garrafas caem. Ele se curva, quase rola... mas se recompõe.

Me escoro na parede, sentindo o frescor da cerâmica no braço.

Saraya vem ao meu lado e começa seu alongamento de gato preguiçoso.

Ela sorri de canto e cutuca:

— Allan vai tropeçar umas três vezes hoje... quer dobrar a aposta, Reika?

Sorriso, sem nem olhar pra ela.

Me baixo lentamente até o chão, as pernas abrindo em um espacate preciso, o shorts rangendo levemente.

Me inclino para frente até minha mão alcançar o pé com suavidade felina e rebato:

— Ah, hoje ele tá inspirado... umas quatro ou cinco no mínimo. Tá mais desastrado do que antes.

Saraya gargalha. Rara, genuína.

Gosto de ver ela assim. Mesmo que o motivo seja Allan tropeçando — é um momento de leveza num mundo onde tudo pesa. Mas lá no fundo, mesmo rindo, mesmo me alongando, mesmo fingindo ser a líder destemida... Meu coração bate em outro ritmo.

Então o treinador chega e diz "

— Saraya precisamos conversar, pausa para um minuto Phoenix!

Eu não sei o que Saraya vai conversar com ele, continuo alongando minhas pernas na barra e o pensamento do que tudo que passei.

Antes que tudo se misture... Jilian chega, senta no banco e cruza as pernas com predominância;

— Reika, vejo que você está bem melhor! Eu pensei que seria o seu fim! Vejo que não.

Ela levanta e me olha me encarando

— Reika se eu souber que você está junto com os fracassados já sabe!

Eu engulo seco, as palavras dela me atravessam como um estalo no rosto. Fico ali, com uma perna esticada na barra, só concordando com a cabeça, o corpo relaxado, mas por dentro uma guerra silenciosa começa a explodir. Eu a respeito. Respeito como uma rainha respeita outra que já reinou antes. Jilian Sand é a líder. A que todos seguem. A que todos temem. E agora... a que me testa.

Por dentro, eu queria gritar. Ellen não é fracassada. E eu... não sou traidora.

Mas no mundo das Phoenix, às vezes, sobreviver é calar.

Eu apenas balanço a cabeça em silêncio, como quem diz "entendi".

Mesmo que tudo em mim queira dizer "não aceito."

Jilian sorri de canto. Sabe que venceu — por hoje.

Ela se vira e volta ao banco, suas pernas longas em movimento firme. O símbolo da letra "P" no collant dela reluz sob a luz do ginásio como uma coroa maldita. E eu fico ali. Me alongando em silêncio.

Com os músculos tensionados...

...e o coração mais ainda.

Os sons do treino ainda ecoavam ao fundo quando vi Saraya.

Correndo.

Não como quem foge de um exercício... mas como quem escapa de si mesma. O rastro de sua presença rasgava o ar — o jeito que os ombros tremiam, o modo como escondia o rosto com a manga do uniforme... Era desespero.

Ela atravessou o campo de futebol americano sem olhar para os lados e desapareceu pelo corredor lateral. E então meu instinto gritou mais alto que qualquer pensamento.

— Saraya!!

Disparei atrás dela.

Meu tênis rangia contra o chão, o ar me queimava os pulmões. Eu só sabia que precisava alcançá-la. Saraya era minha colega, minha parceira de equipe, minha companheira de estudos... e por trás daquela pose impiedosa, havia uma força silenciosa que sustentava muitas de nós. Inclusive eu. Entro no vestiário e o silêncio. Mas ao fundo, num canto esquecido e mal iluminado, ouço.

Soluços.

A porta do pequeno saguão de limpeza está trancada por dentro. Bato duas vezes, não com força, mas com firmeza.

— Saraya, o que houve?

Silêncio. Mais um soluço.

E então, um grito seco, sufocado:

— Vai embora e me deixa em paz!!!

Fico paralisada. O eco das palavras reverbera dentro de mim. Por um instante, sinto que me afasto. Que talvez seja melhor deixá-la.

Saraya tem 23 anos, é filha de indianos rígidos, passou por pressões que eu só consigo imaginar. Ela se tornou uma das figuras mais respeitadas das Psycho Phoenix, e mesmo sendo temida, também foi um pilar. Estudamos juntas, dividimos silêncios no laboratório e risos abafados nas aulas chatas.

Mas ali... ali ela não era uma líder. Não era uma guerreira. Ela era só Saraya. Trancada, chorando, escondida.

Aperto o punho. Me aproximo da porta e, com a testa quase encostando nela, falo baixinho. Meu tom é sincero, quase como uma prece:

— Tudo bem... eu não vou forçar. Mas eu tô aqui. Não vou embora de verdade, tá?

Espero alguns segundos. Nenhuma resposta. Respiro fundo, dou dois passos pra trás e me sento no chão frio do vestiário. Ali mesmo. Cruzo as pernas devagar e encosto na parede oposta à porta. Talvez ela ache que estou longe.

Talvez queira acreditar que está sozinha.

Mas eu... eu fico. Eu fiquei alguns minutos sentada diante daquela porta fechada. Os soluços dela não cessavam. E apesar da minha presença... ela não me deixou entrar.

A verdade é que não era sobre mim.

Era sobre ela. Sobre algo que quebrou por dentro. E mesmo que eu quisesse gritar, chorar, ou invadir aquela porta... não era o momento.

Me levantei devagar. O chão do vestiário parecia mais frio do que antes.

Meus passos eram pesados, arrastados.

Eu troquei de roupa no banheiro em silêncio. Prendi o cabelo num coque rápido, vesti o casaco da universidade por cima da camiseta branca e fui direto pra sala. Quando entrei, tudo pareceu... igual demais.

— Tudo bem, classe. Vamos continuar com o epílogo do que Shakespeare escreveu...

A voz do professor parecia vir debaixo d'água. Longe. Distante.

Caminhei até minha carteira e me sentei. A cadeira ao lado — a de Saraya — estava vazia. Nunca tinha visto aquela cadeira vazia antes. Saraya era o tipo que chegava antes do professor e saía por último. O tipo que corrigia a própria pronúncia mesmo quando tirava 10. O tipo que... aguentava tudo.

E agora, não estava ali.

Eu olhava para o espaço vazio ao meu lado como se fosse um buraco negro. Minhas anotações estavam abertas, mas eu não lia nada. Minha caneta girava entre os dedos, e o rosto da Ellen surgiu na minha cabeça — ela também era intensa. Tão intensa que eu mal conseguia respirar perto dela. E, de algum jeito, agora ela e Saraya dividiam o mesmo espaço no meu peito: o da confusão, da dúvida, da dor.

Foi quando o professor parou de falar e levantou os olhos para nós.

— Ah, e antes que eu me esqueça... quero informar à classe que a senhorita Saraya Fernandez não virá à aula hoje. Então, quem tiver algum trabalho em grupo com ela, procure resolver de outra forma.

A frase caiu como um baque.

Tão fria. Tão... normal.

E por dentro, algo em mim gritou:

"Ela não é só um nome numa lista. Ela tá chorando trancada num armário de limpeza!" Mas por fora, continuei ali. Olhando o vazio. Engolindo tudo.

Resolvo mandar mensagem pra minha avó: "Pode deixar, obaa-san. Hoje eu volto sozinha. Preciso espairecer." E desligo.

Meus passos me levam sem esforço até o Phoenix Lounge Bar. Todo mundo ali sabe: se tem um lugar onde você pode esquecer quem é por algumas horas — ou se lembrar de quem deveria ser — é ali.

Logo ao abrir a porta, o som abafado da música e o burburinho das conversas me envolvem. Luzes alaranjadas e vermelhas, clima quente. Alunos jogando bilhar, meninas se inclinando umas nas outras com segredos nos olhos, e vários copos girando nas mãos. Caos controlado.

Caminho direto até o balcão.

E é claro... lá está Douglas.

A camisa preta apertada nos braços fortes, sorriso debochado nos lábios. Ele joga um pano por cima do ombro e abre os braços.

— Ora, ora... quem tá aqui? Reika Tamura! A Suprasumo das Psycho Phoenix!

Reviro os olhos com um sorriso de canto.

Douglas é daquele tipo que joga charme até no gelo da bebida. Faz intercâmbio e trabalha ali desde o semestre passado. É inteligente, espirituoso, e bonito. Mas... não é pra mim. Nunca foi.

— Você viu a Saraya hoje?

Me inclino sobre o balcão, os cotovelos firmes na madeira. A calça preta encosta na borda do banco alto, o roupa azul clarinha estica suavemente com o movimento. Douglas seca um copo sem pressa, espreme meio limão num copo com gelo e sorri.

— Olha, hoje não vi não. Mas se alguém ia saber onde ela tá... seria você, né?

Ele empurra o copo pra mim.

— Limone do Lounge. Por conta da casa.

Eu rio fraco, agradecendo com um aceno.

Mas antes que eu encoste os lábios no drink, uma figura senta ao meu lado.

Ela tem um casaco marrom largo de pelos, daqueles que quase escondem o corpo inteiro. Cabelo loiro com tranças finas, luzes vermelhas e roxas serpenteando pelas franjas. Um batom escuro cobre os lábios dela, mas o olhar é o que realmente chama atenção. Firme. Perigoso.

E... muito atento a mim.

Ela fala com a voz baixa, rouca, e cheia de autoridade:

— Eu pago tudo que ela quiser.

Viro o rosto devagar. Ela me encara como se já me conhecesse. Mas eu nunca a vi antes.

— Oi, desculpe! Eu já te vi pelo Campus? — pergunto, com o copo ainda na mão.

Ela ergue um canto da boca, mas o sorriso não é gentil.

— Isso depende. Você é?

O ar parece ficar mais denso. Douglas dá um passo pra trás e finge que vai organizar as garrafas, mas sei que ele está ouvindo. A mulher cruza uma perna sobre a outra. O casaco abre levemente, revelando uma calça de couro escura e uma bota até o joelho. Ela não é só uma qualquer. As palavras dela cortam o ar como uma lâmina escondida no meio de um beijo:

— O Campus é vasto, não acha que eu posso ser alguma professora?garota? Não conheço todo mundo e muito menos você. Mas conheço o que está dentro de você.

Meu coração dispara.

Não pela frase em si — mas pelo jeito como ela disse. Como se soubesse de coisas que nem eu sei. Como se olhasse direto pro que eu escondo até de mim mesma. Eu fico pasma. Tensa. Meus dedos apertam o copo de Limone sem beber. Ela permanece ali, sentada, tranquila... como se tivesse todo o tempo do mundo.

Me viro lentamente pra ela.

— E como você sabe de tudo isso?

Ela ri. Um som seco, curto.

Tira os óculos escuros com a ponta dos dedos. Os olhos dela brilham com uma intensidade estranha, da cor de mel dourado, como se escondessem fogo atrás da íris.

Ela se aproxima até quase encostar.

— Você é engraçada...

— Sabe...garota... estou doidinha pra te quebrar numa luta. Só que quero lutar com o Vagalume, com toda a força dele. Se fosse agora, do jeito que você está, você não sobreviveria.

Ela diz isso com um sorriso.

Como se estivesse elogiando meu cabelo.

Meu peito se enche de gelo e adrenalina. Mas antes que eu reaja, ela se levanta de repente

— a cadeira faz um rangido agudo — e ela ri como se não tivesse acabado de lançar uma sentença de guerra.

— Aliás... vamos jogar um bilhar, que tal?

Eu aceito. Por que?

Não sei. Talvez porque fugir dela seja impossível. Ou talvez... porque algo em mim queima com vontade de entender quem é essa mulher. E se preciso fingir um jogo antes da guerra, eu sei fazer isso.

Caminhamos lado a lado pelo lounge bar. Alguns olhares nos seguem. As bolas coloridas já estão espalhadas sobre a mesa. Ela pega um taco, gira nos dedos como se dançasse, e se volta pra mim.

— Ah, onde estão meus modos? — ela diz com aquela ironia doce.

— Meu nome é Rud. E o seu?

— Reika. — respondo, mantendo a voz firme.

Ela se aproxima. Coloca a mão nos meus ombros. Seus dedos são firmes, mas não pesados. Quentes. A unha pintada de cor de mel com desenhos finos. Ela sussurra como se estivesse me contando um segredo:

— Eu prefiro as bolas ímpares... vamos ver se tenho sorte. Kkkk... nunca se sabe.

Narrador 🗣️:

Ela dá a primeira tacada. Forte. Precisa.

Duas bolas entram direto.

Ela sorri com a boca, mas os olhos continuam analisando cada reação sua.

Rud desliza os dedos pelas bordas da mesa como se conhecesse cada rachadura, cada batida no feltro. Reika, está inclinada com firmeza. Tacos, giz, o som seco da bola branca rompendo a formação inicial. Clack! Um encaixe perfeito. Duas bolas caem como se respondessem a uma ordem ancestral.

Rud ergue as sobrancelhas, com um sorriso entre o deboche e a surpresa.

— Ah justo... as pares! Eu não tenho sorte mesmo! Comece, Reika.— diz ela com sarcasmo e aquele ar enigmático que parece saber mais do que deveria.

Reika acerta com a confiança de quem nasceu para dominar.

— Rud, essa você perde. Sinto muito,— diz com leveza, mas com os olhos cheios de precisão japonesa. Nada em Reika é deixado ao acaso, e a postura da Psycho Phoenix está toda ali, mesmo sem a saia vinho e a letra P.

Mas então...

Reika ainda não sabia o que Rud escondia. Aquela moça de casaco marrom peludo, unhas da cor de mel e olhos que pareciam distorcer a realidade tinha algo... além do comum. E bastou um segundo para o salão inteiro sentir isso.

Um aluno, claramente embriagado, tropeça até ela. O hálito alcoólico, os olhos semiabertos e o gesto desajeitado.

— Nossa... muito gata... Gata... que tal parar de jogar e ir comigo...

Ele mal termina a frase.

Rud vira lentamente o rosto. O sorriso desaparece. Seu olhar — agora âmbar líquido, mel puro — se fixa nele. A voz sai sem elevar o tom, mas carregada de uma força invisível, quase hipnótica:

— Seu carro está pegando fogo. Vai lá apagar a chama.

Um segundo.

Dois.

— “MEU CARRO TÁ PEGANDO FOGOOOOO!!! MEU CARRO!!!” — o rapaz sai tropeçando, gritando como se as rodas estivessem em brasas vivas.

As pessoas no lounge se levantam. Gritos, correria. Alguns vão atrás dele. Outros olham atônitos. Rud dá de ombros com a maior naturalidade do mundo.

—Vão socorrer seu amigo. Deve ter bebido demais... — ela diz, casual, pegando o taco como se nada tivesse acontecido.

Reika, está ali. Com as mãos suando. O taco firme. E pela primeira vez... começa a se perguntar: Quem é essa mulher?

E o que, diabos, ela quer com o Vagalume?

Reika olha para Rud e pensa... ué? Sim, ué, porque ela simplesmente soltou essa:

— Você venceu, Reika. Eu desisto.

Assim. Na lata. Ela encosta o taco com delicadeza, como se o jogo nunca tivesse importado de verdade, e vira pro Douglas sem olhar para a sua adversária de mesa:

— “Douglas, tudo que ela pedir põe na minha conta.”

Reika ✨

Eu fico parada. Estática. Sem entender. A mulher me ameaçou, entrou na minha mente.

Ela passa por mim com aquele casaco marrom balançando nas costas, as luzes do Lounge refletindo nas tranças avermelhadas. Quando já está a alguns passos, vira só o rosto por cima do ombro — aquele tchauzinho debochado, bem estilo “amiguinha que sabe demais”.

E pra fechar, ainda lança:

— Você é bem divertida, Reika. Nos vemos em breve.

Nos vemos em breve?

Fico ali olhando pra porta como se fosse explodir atrás dela. Minha mente tentando ligar os pontos: me ameaçou, jogou comigo, venceu? perdeu? e do nada... desistiu? Rud não é normal. Isso eu entendi. Mas hoje? Hoje eu só quero um drink com limão, gelo até a borda e... esquecer que fui quase hipnotizada por uma loira de olhos de mel que joga bilhar como quem esconde um campo de batalha nas mãos.

Não vou tentar entender essa maluca agora. Volto cansada. Meus pés doem. Meu peito pesa.

— "Oi, vó... meu pai já dormiu?" — pergunto, largando minha mochila perto da entrada. Ela está na cozinha, cortando alguma coisa, talvez preparando chá.

— "Não! Sobe e fala com ele."

A resposta vem natural, mas eu sinto o que ela esconde atrás da voz firme. Subo devagar. Cada degrau é uma lembrança e um medo. Antes mesmo de abrir a porta do quarto, ouço a respiração dele... profunda, difícil. Aquilo me atravessa.

Abro devagar. A luz é fraca. Meu pai está lá, entubado, mas acordado. Seus olhos me acompanham.

Chego perto. Seguro sua mão.

— "Pai... hoje o dia foi bom."

Talvez não tenha sido. Mas ele precisa ouvir isso. Eu preciso dizer isso.

Beijo sua testa. Fico ali por um tempo. Só ouvindo o bip ritmado, como se o tempo existisse apenas naquele quarto, entre nós dois. Desço em silêncio. A vovó está sentada à mesa, com a xícara na mão. Ela não diz nada. Mas me olha de um jeito que me faz entender: ela sabe. E respeita meu silêncio.

Mais tarde, estou deitada no escuro. Ouço a porta do quarto abrir devagar. Um sussurro chega até mim:

— "Força para um novo dia."

Ela fecha a porta. E o silêncio volta.

Mas agora ele é um pouco mais leve.

O escuro do quarto é cortado pela luz do celular. Uma notificação.

Ellen: Reika, você está bem? 🙄

Me pego olhando para a tela por mais tempo do que devia. Ninguém nunca me perguntou isso aqui no campus. Ninguém... até ela.

Eu: Estou bem, Ellen. Como foi sua aula? ✨

A resposta dela vem rápido, como se estivesse esperando.

Ellen: Muito boa... a colisão das estrelas... o fenômeno do buraco negro e como se forma uma supernova nova. 😊

Supernova nova. Eu dou um sorrisinho. Ela nem percebe, mas só de ler já me dá um alívio. Um jeito simples de me fazer esquecer da Rud, do Phoenix Lounge, do olhar do meu pai preso nas máquinas.

Eu: Putz, deve ter tido aluno em coma pra decorar tudo isso kkkkk. 😊

Ellen: Reika, amanhã se for falar algo comigo, joga um papel no chão e eu sei que é nosso código secreto kkkk. 😊↑

Rio de verdade agora. Sozinha. Deitada no escuro.

Eu: "Pode deixar. Durma bem! 😊"

Bloqueio o celular. Fico deitada olhando pro teto. Sorrindo ainda. Pela primeira vez em dias, eu não estou tentando entender nada. Nem esconder nada. Só deixando esse momento ficar... pequeno e perfeito.

O dia no campus começa com um sol frio, escorrendo pelas janelas do corredor principal como uma promessa de confusão. E ela está ali. Saraya.

Meus olhos cravam nela como se eu tivesse sido empurrada contra uma parede invisível. O ar some por um segundo. Ela me vê, abre um sorriso e sem me dar tempo de reagir se engancha no meu braço como se fôssemos inseparáveis.

— Vamos, meninas. Arrasar. — diz ela com um tom que é mais uma ordem que convite.

E então estou andando. Com Saraya de um lado, e Jilian do outro, e os saltos, e os olhares, e as palavras afiadas como glitter cortante. Caminhamos feito um cometa de energia feminina e superioridade platinada. No canto do corredor, vejo Thimoty com o olhar de sempre — um misto de desprezo e tédio com a vida. Ignoro. Mas então...

Vejo ela. Ellen. Perto do armário, com sua saia xadrez azul-marinho, meias longas que sobem sob o tecido, e um casaquinho da mesma paleta. Delicada. Atenta aos livros. Alheia ao caos das estrelas que passam por ela.

Meu coração acelera. As pontas dos meus dedos tremem discretamente. E então eu faço.

Pego o papel já amassado no bolso do casaco e, com a precisão de quem vive entre segredos e guerras, deixo-o cair perto dos pés dela, como se fosse um acidente. Como se eu nem a tivesse notado.

"Sala de ginástica depois das 15h."
É o que está escrito.

Ela não olha. Não reage. Mas eu sei que ela entendeu. Sigo andando. Fingindo que não doeue ignorá-la.

— Ai, Reika, você viu a cara dele? Parece que dormiu num curral!" — Jilian ri alto. Eu rio junto.

Mas lá no fundo...

Eu só queria saber se ela vai aparecer.

A sala de ginástica parece ainda maior quando se está sozinha. As paredes ecoam o silêncio. Estou ali, sentada no banco, ainda com o uniforme de líder de torcida — a saia vinho, o collant justo, as meias ainda perfeitas... mas minhas pernas tremem, inquietas. Tento dizer mentalmente aos meus pés: "Fiquem quietos."

Mas não obedecem. Então a porta se abre. E meu coração dispara. Um brilho involuntário me atravessa por dentro.

Mas não é ela. É Thimoty.

Seu dedo já vem em riste, como se as palavras saíssem afiadas do osso.

— Você não vai manipular ela... vocês só querem manipular os outros! — ele cospe, como se o veneno fosse justificativa.

— E com você sozinha... — agora surgem dois rapazes atrás dele — os rejeitados vão te dar o troco!

Eu me levanto.

— O que você tá falando, garoto?!

Mas não adianta. Eles estão com um saco de tomates. Rindo. Com aquele tipo de raiva covarde que só ganha coragem quando está em bando.

A primeira explosão vermelha me atinge no ombro. A segunda estoura nas minhas pernas. Eu tento cobrir o rosto.

— Por favor... para! — eu imploro, e minha voz quebra.

Mas então...

"PAREM!"

A voz dela.

Ellen. Como uma lâmina cortando o ar, sua presença para o tempo.

Ela me olha.

Vê meu corpo coberto de tomate, os cabelos respingados, o uniforme arruinado. Mas não diz nada.

Apenas corre. Como se não suportasse ver. Thimoty se desespera:

— Ellen! Volte aqui!

E então os desajeitados saem atrás dela, tropeçando nas próprias intenções.

E eu fico. Melecada. Sozinha.

Tremendo. Eu poderia contar.

Poderia avisar Robby. Ou os jogadores dos Phoenix. E Thimoty estaria acabado.

Mas... algo dentro de mim diz não.

Não dessa vez. Não vou deixar que a minha dor arraste mais ninguém.

Talvez pela primeira vez...

não quero confusão por minha causa.

Só quero saber por que Ellen fugiu.

E o que aquela lágrima contida no canto do olho dela queria me dizer.

Narrador 🗣️

A luz filtrava pelas janelas altas da sala de ginástica, mas o silêncio era pesado como chumbo. Reika estava de pé, inquieta, ainda vestindo o collant branco em degradê vinho, colado ao corpo, o símbolo da letra "P" em amarelo e vinho estampado com orgulho no peito. A saia de prega vinho com barra amarela balançava com seus passos ansiosos, e o shorts preto de lycra por baixo mal protegia seus músculos já trêmulos da tensão. As meias brancas até os joelhos, agora sujas de tomate, grudavam nas canelas, e os tênis brancos, firmes no chão, escorregavam levemente no líquido escarlate espirrado.

Então, um vulto surge atrás dela. Não há som, não há aviso.

Apenas duas mãos — suaves, femininas — tocam seus ombros com precisão cirúrgica.

— Tsc, tsc... se o Vagalume despertasse, esses idiotas iriam conhecer outro mundo...

Reika gira assustada, ainda arfando, os olhos arregalados entre a dor e a confusão.

— O quê...? O você está fazendo aqui??? E então...

PAH!

O som do chute não é um estalo. É um trovão abafado. Rud levanta a perna com precisão e brutalidade, seu coturno girando no ar, e acerta em cheio o rosto de Reika.

O corpo da japonesa voa como uma boneca largada — a saia se abre num redemoinho e o collant colado exhibe cada torção do impacto — até se estatelar no canto da parede, escorregando até o chão com os cabelos desgrenhados, agora cheios de tomates e suor.

Ela geme, grogue, tentando entender a força sobrenatural por trás daquele golpe.

Passos lentos.

O som das botas de Rud ecoa pelo ginásio. Cada batida contra o piso parece um prenúncio. Ela se aproxima, agacha e pressiona suas mãos com as unhas pintadas em cor de mel entre as bochechas de Reika com uma mão só. Reika é erguida como um saco de areia — o corpo mole, os olhos perdidos, o símbolo “P” do collant agora coberto de sujeira.

— Quero ver esse Vagalume despertar daí... — murmura Rud, bem perto do rosto dela.

Então, joga Reika de volta ao chão, com desprezo cirúrgico, como se não tivesse acabado de humilhar uma campeã de torcida. E sai caminhando com o mesmo silêncio com que chegou.

A porta se fecha.

Fica apenas o som da respiração entrecortada de Reika.
Ela está suja, ferida, derrotada.

Reika ✨

Eu estou deitada, meu corpo mole, cabeça latejando de dor. Ouço de longe, quase como um sussurro abafado, alguém me chamando:

— Reikaaaaaaa!!!

Levanto os olhos para o teto branco e vejo Saraya ali, o rosto cheio de preocupação.

— Aguenta amiga! Vamos te levar.

Sinto mãos me segurando, uma maca se ajustando sob mim. Ao redor, rostos embaçados, olhares tensos. Vejo Ellen, com a mão no rosto, visivelmente angustiada. Tudo está confuso, eu não sei para onde vão me levar, mas sinto o movimento, sinto que estou sendo transportada para algum lugar seguro — a enfermaria? Ou uma ambulância?

Minha mente está zonga, o barulho distante dos passos e vozes médicas chegam como ecos, e as luzes frias da enfermaria brilham como numa série médica dramática.

E ali estou eu, pela primeira vez na posição de paciente, vulnerável, sentindo tudo de uma forma que nunca imaginei.

Locutor 🗣️

O hospital estava silencioso, exceto pelo som dos calcanhares de Ellen batendo ritmicamente contra o chão branco do corredor. Seu casaco azul se movia junto ao corpo inquieto, o mesmo que horas antes balançava entre as risadas e a segurança da rotina escolar. Agora, ela parecia um pêndulo descontrolado, andando de um lado pro outro com os olhos marejados.

A avó de Reika chegou com passos firmes, os cabelos bem presos e o olhar atento, como uma mulher que já enfrentou muita coisa na vida — mas nada parecido com ver a neta desacordada numa maca. Ela parou ao lado de Ellen, olhou para ela com ternura, mas também com uma intensidade grave.

— Você viu o que aconteceu? — perguntou, com a voz baixa e firme.

Ellen hesitou, as palavras pareciam fugir como lágrimas.

— Não sei... eu não vi nada! Eu não sei o que houve! — respondeu, aflita, suas mãos tremendo levemente.

A avó respirou fundo, abaixou a cabeça e apontou para um dos bancos do corredor:

— Sente, por favor. Eu estou nervosa igual a você... mas isso vai te fazer mal.

As duas se sentaram, lado a lado, como se dividissem o peso de algo invisível e doloroso. Então, a porta do consultório se abriu com um clique seco. Ambas se levantaram num salto, o coração acelerado.

— Como está ela, doutor? — perguntou a avó, com um fio de esperança.

O médico, jovem, mas experiente, tirou os óculos e respondeu com calma:

— Ela só precisa de repouso e alimentação adequada. Algumas escoriações, mas posso afirmar que está fora de perigo.

Ellen desabou, deixando as lágrimas escorrerem livremente. Abraçou a avó de Reika com força, como se aquele gesto fosse um pedido de desculpas e um alívio ao mesmo tempo.

— Se precisar... eu ajudo. De verdade.

E ali, naquele corredor gelado, uma promessa silenciosa foi feita. A dor que feriu Reika começou a costurar laços inesperados.

Reika ✨

Acordei com aquela sensação estranha de quando o corpo ainda não obedece direito. Como se a alma tivesse voltado antes do resto. Tudo parecia meio embaçado, os sons abafados, como se eu estivesse debaixo d'água. A cabeça latejava, o peito pesava...

A porta se abriu devagar, e mesmo na penumbra da enfermaria eu reconheci aquela figura inconfundível. Cabelos ruivos em tranças firmes, olhos claros que não conseguiam disfarçar a culpa, e aquele jeito grandalhão de ocupar o espaço como uma guerreira.

— Reika... Reika, me desculpa! — ela disse antes mesmo de se aproximar, e quando chegou, me abraçou com tanta força que senti meu corpo reclamar.

Minha cabeça virou levemente pro lado, e com aquele meu sarcasmo automático que nem o hospital arrancou de mim, sussurrei:

— Ora, ora... a rainha dos vikings em pessoa.

Ela chorava. Chorava mesmo. Soluçava contra meu ombro como se tivesse deixado um império cair. E por um segundo, só por um, senti como se fosse minha mãe ali. Mas o momento era estranho demais pra eu entregar o coração assim.

— Reika... eu tinha que ter chegado antes. Me desculpa. Me desculpa. — repetia ela.

Eu virei o rosto, olhei bem nos olhos dela, mesmo grogue. A luz branca da enfermaria refletia no brilho molhado dos olhos de Ellen.

— Chega, Ellen. Tá tudo bem... já passou. — murmurei, com a voz rouca, quase cansada de sentir tanto.

Foi então que minha vó entrou. Silenciosa, mas presente como uma âncora no meio do caos. Pegou minha mão entre as dela com cuidado, como se eu fosse de vidro.

— Filha, eu estou com você. Mas agora vou deixar você e sua amiga... vocês têm muito que conversar.

Ela se inclinou, com os olhos úmidos, e beijou minha testa com ternura de quem já perdeu noites demais.

— Força para um novo dia, meu amor. — sussurrou.

E então saiu, deixando a porta entreaberta... e a gente ali, com o silêncio e o peso de tudo que precisava ser dito.

A luz da enfermaria já não me incomodava tanto. O som dos equipamentos parecia distante, como um fundo musical de um filme que não era meu — ou pelo menos eu fingia que não era. Ellen estava ali, sentada ao meu lado, mas não falava nada por alguns segundos. Só chorava, com o rosto entre as mãos, até que finalmente sussurrou.

— Desculpa... desculpa...

Eu respirei fundo, exausta, e a chamei com firmeza:

— Ellen!

Ela nem me olhou, só repetiu:

— Desculpa...

— Ellen!!! — chamei outra vez, agora mais alto. — Eu tô aqui, viva!

Ela ergueu o olhar, o rosto molhado, como se só agora tivesse acreditado que eu ainda respirava.

— Eu não sabia que o Thimoty iria fazer isso com você... — disse, a voz tremendo. Enxugou as lágrimas com as costas da mão e continuou, hesitante — O que você tinha pra contar? Quer contar agora?

Suspirei. Meus olhos se voltaram pro teto branco como se a resposta estivesse escrita ali, flutuando entre as luzes e o silêncio.

— Uma tal de Rud...— murmurei. — Ela sabe sobre o Vagalume... aliás, ela sabe de muita coisa.

Ellen franziu o cenho, confusa.

— Espera... quem é Rud?

— Eu não sei, — confessei, sentindo um calafrio — só sei que ela sabe sobre o Vagalume. E não estava brincando. Ela é... imprevisível. Bem imprevisível.

Ellen se mexeu na cadeira, inquieta.

— Alguém do Campus viu ela?

Virei o rosto, encarei ela com um olhar mais sério do que talvez já tivesse usado.

— Estávamos no Phoenix Lounge Bar... jogamos sinuca... e eu não esperava que ela viesse daquele jeito. Foi ela, Ellen. Foi ela. Levei minhas mãos até as dela, segurei com firmeza, e olhei nos olhos dela. Bem nos olhos.

— Me prometa que, se você ver ela, não vai tentar nada. Jure pra mim, Ellen! Ela é muito perigosa. Prometa!

Ela hesitou. Os olhos buscaram os meus e, por fim, só acenou com a cabeça em silêncio. E isso bastava.

Afrouxei os dedos, encostei de novo na maca e voltei os olhos pro teto. A dor ainda estava lá. Mas agora havia outra coisa junto: um aviso. Um nome. E um perigo que a gente ainda nem entendia.

Rud.

Locutor 🗣️:

[Local desconhecido – entre sombras e paredes de concreto cru.]

O silêncio é espesso, quebrado apenas pelo som suave de uma lixa passando por unhas longas e bem cuidadas. Rud, sentada em um banco metálico inclinado, retoca suas garras cor de mel como se estivesse preparando armas invisíveis. Um brilho perverso dança nos olhos dela — metade tédio, metade prazer.

Atrás dela, surgindo das sombras feito uma serpente domesticada, caminha o rapaz dos chicotes. Mas agora ele está sem eles. Usa uma camisa preta justa e calças igualmente escuras, como uma presença que quer ser esquecida, mas carrega a ameaça de um relâmpago silencioso.

Sua voz ecoa suave, fria.

— Diga-me... você viu o Vagalume?

Rud nem levanta os olhos. Apenas dá de ombros com aquele desdém que só ela sabe dar.

— Se eu conseguisse ver o Vagalume, não estaria aqui conversando com você... nunca vi a portadora.

Ele começa a rodear o corpo dela, passos lentos, como se medisse o terreno. Fala mais baixo, mas a tensão escorre de cada sílaba:

— Ela despertou o Vagalume... comigo.

Nesse instante, Rud se levanta com uma risada repentina, como se tivesse ouvido a piada do século.

— Ah... escaravelho... você apanhou da portadora?!" — ela ri alto, segurando o estômago. — Kkkkkkkkk... pera, preciso de ar... kkkkkkkk...

Mas o riso dela é cortado pelo olhar dele. Um olhar que carrega tempestade: o olho direito vermelho, o esquerdo azul. E dentro deles, nada além de vergonha, raiva... e sede de revanche.

— Ria enquanto pode. Ainda bem que os Senhores do Conselho não sabem disso.

Rud muda de tom. Dá dois passos lentos, contornando ele agora. Passa suas unhas cor de mel pelos ombros dele, quase como uma carícia venenosa. A voz sai baixa, calculada:

— Se eu por acaso vir essa portadora... eu te aviso.

Ela se afasta. E conforme entra numa faixa mais escura da sala, sua silhueta parece se dissolver no nada. Só os passos ecoam, e depois... nada.

O Escaravelho permanece parado. Seus punhos se fecham. Os olhos ardem em desejo de redenção.

Do outro lado da penumbra, ele murmura:

— Vagalume... ainda vamos nos encontrar. E dessa vez, eu não caio.

Já do outro lado desselugar desconhecido — onde o tempo parecia escorrer por frestas de um mundo esquecido — Rud estava sentada como uma deusa impiedosa. Suas pernas cruzadas, seu corpo levemente inclinado, e o olhar entediado acompanhava os movimentos trêmulos de um rapaz magro, quase translúcido de tão desnutrido. Ele esculpia — ou tentava — uma estátua dela em pedra opaca, suas mãos sujas de poeira branca, os olhos fundos tentando alcançar a perfeição que jamais viria.

Atrás dela, o silêncio é rasgado por um som seco:

CLANG!

A ponta negra de um tridente toca o chão.

Um guarda surge da penumbra. Sua máscara escura refletia apenas a luz das tochas ao redor, e as asas negras nas suas costas pareciam feitas de penas queimadas. Sua presença era a própria sentença.

— Abelha Rainha! — sua voz era abafada pela máscara, mas carregava autoridade.

— O Grande Conselho pediu para informá-la que a portadora está no Campus de Minnesota.

Rud não se levanta. Apenas move os olhos em direção ao guarda com um sorriso preguiçoso.

— Obrigada pela informação... — diz com desdém, como se falassem da previsão do tempo.

Ela então gira o rosto lentamente para o escultor. Seus olhos — de puro veneno dourado — fixam-se na estátua malfeita.

— Está muito feia... — diz com nojo.

— Desperte!

O escultor, como se acordasse de um transe profundo, solta as ferramentas. Seus olhos se arregalam. Ele respira fundo, confuso, olhando ao redor:

— Onde... onde eu estou??? Por favor...

— Joguem esse infeliz no mar. — Rud fala, se levantando. Sua voz sai limpa e fria.

— Na próxima, eu controlo um artista melhor.

— O quê!? Não! Por favor! Nããão! — grita o rapaz, agarrando-se ao pedestal da estátua, desesperado.

Mas dois Sentinelas do Ferrão — criaturas híbridas, meio homens, meio bestas mascaradas — o agarram sem piedade. Seu corpo é arrastado, suas unhas riscando o chão de pedra, os gritos ecoando até desaparecerem... engolidos pelo som do mar e pelo destino. Rud apenas ajeita uma das luvas. As unhas de cor de mel brilham à luz do fogo.

— Minnesota, então... Que comece o enxame. — Levem e reportem que vou até esse local.

— Sim! Abelha Rainha!

Reika ✨

— Eu tô quase de licença médica, né? Que fase...

Mas minha cabeça já tá na Universidade.

Quero voltar não só andando, mas altiva, erguida, sem demonstrar um arranhão — mesmo com o corpo todo marcado.

Só que agora... também com os dois olhos bem abertos. Porque a Rud... aquela doida imprevisível... Ela ainda tá por aí.

E eu tô contando as horas até o próximo movimento dela.

Foi nesse clima que a porta abriu.

E, como um pequeno desfile de caos e afeto, Jilian, Saraya e Robby entram juntos, carregando flores.

Eu quase revirei os olhos, mas... não.

Na verdade, meu peito aqueceu.

Jilian veio direto com a provocação, como sempre:

— Olha pra você, Reika... se era pra entrar no MMA, era só avisar!

Saraya colocou as flores na mesa ao lado com delicadeza, mas sua voz veio firme:

— Sem Reika, não tem as três impiedosas... melhora logo.

E Robby, meio no fundo, meio tentando parecer desinteressado, mas visivelmente preocupado, soltou:

— Sara logo, japonesinha...

Eu sorri.

Não só com os lábios — com o peito todo.

Por dentro, eu me emocionei.

Esses três são insuportáveis... mas são meus insuportáveis. E o carinho deles? Não tem preço.

Minutos depois que o trio insuportável e fofo se despediu, o clima no quarto ficou calmo de novo. Até demais.

Foi quando a porta abriu e entraram dois rostos conhecidos: Ellen, toda prestativa com aquele jeitinho dela, e o Doutor, com o jaleco impecável.

— Reika, vamos! Consegue se levantar? — ela perguntou com aquele brilho no olhar, usando a jardineira jeans com uma camisa branca por dentro — sempre simples, sempre bonita do jeito dela.

Eu tentei parecer forte, juro que tentei. Puxei o ar e disse:

— Não, eu consigo me levantar, Ellen.

Spoiler: não consegui porcaria nenhuma. Minhas pernas fraquejaram na hora e quase fui pro chão se ela não tivesse me segurado pelos ombros com firmeza.

— Reika, para de teimosia! — ela resmungou.
— Você estava dopada pelos remédios... vem logo! E, Doutor, obrigada!

Fui saindo, me apoiando nela, tropeçando no próprio orgulho. Olhei pros lados, o hospital com aquele cheiro de éter e silêncio... E soltei, com a voz meio arrastada:

— Cadê minha vó?

Ellen respondeu com a naturalidade de quem já conhece a peça:

— Tranquilo. A Senhora Mikoto deixou eu te ajudar aqui.

Aquilo me fez rir. Imaginar minha vó confiando em alguém pra me carregar... É, alguma coisa improvável aconteceu mesmo.

Do lado de fora, a luz do sol invadiu meus olhos. Me senti uma vampira recém-despertada. Ardia. Literalmente.

Ellen me levou até o carro e me colocou no banco do carona.

— Ai, caçamba! Minha perna, Ellen! — reclamei, sentindo aquela dor filha da mãe.

Ela entrou do meu lado, sem perder o sorriso, e pediu desculpas com jeitinho.

— Tá, e agora... pra onde a gente vai? — perguntei tentando me ajeitar.

E ela, como se tivesse guardado a surpresa pra esse momento, disse animada:

— Minha casa!

Aí... minha mente bugou um pouco.

Mas eu só encostei a cabeça no vidro, respirei fundo...E deixei ela me levar.

Logo que chegamos, ela já foi avisando:

— Entre, Reika. Minha tia tá trabalhando!

Passei pela porta com o corpo ainda doído, mas me forçando a parecer viva.

Ellen já foi direto ao ponto — porque com ela é assim: foco total.

— Temos muito o que ver.

Sentou, ligou o notebook, e enquanto ele carregava, me olhou com um misto de frustração e inquietação:

— Rud... Rud... — repetiu como se estivesse tentando decifrar um enigma com o próprio nome — Eu tentei, juro que tentei buscar algo sobre ela. Como aluna, professora, qualquer coisa. E não achei nada.

Aquilo me deu um arrepio estranho.

O tipo de ausência que não era só descaso...Era como se Rud não existisse e isso me assustava.

Mas ao mesmo tempo, aqueceu algo no meu peito. Mesmo quando eu estava desacordada, Ellen estava ali, buscando por mim. Me joguei de pernas cruzadas na cama dela, estilo yoga improvisada, e respirei fundo antes de dizer:

— Não fiquei surpresa com isso. Parece que ela não existe...

Meu estômago protestou e comecei a atacar um potinho de doce que ela tinha deixado no criado-mudo.

Docinho demais, mas... eu precisava daquilo.

— Ellen, eu não sei o que dizer.

Ela não me olhou. Continuou vidrada na tela, os olhos correndo como se estivesse procurando além do que o Google podia mostrar. E só respondeu, baixo:

— Eu tentei, Reika.

Apontou um dedo pra cima, como se invocasse uma ideia.

— Mas... achei algo.

Meu corpo respondeu antes da mente.
Ergui uma das sobrancelhas, sentindo o coração acelerar:

— Como assim?

Ellen se levantou da cadeira com uma expressão estranha.
Colocou uma das mãos pra trás, como se escondesse uma carta na manga — ou um raio X da realidade.

— Essa Rud deve estar ligada ao Vagalume! — disparou — Alguma coisa nela... não sei explicar.

Ela andava de um lado pro outro, tensa, elétrica.

— E se o Vagalume fosse algo importante pra eles? Tipo, essencial. Uma coisa que eles não podem viver sem. Como uma peça que está faltando. E sem ela... tudo desmorona?

Eu fiquei ali, pasma, ouvindo aquela mente fervilhante raciocinar em voz alta.
E pensar que ela nem viu a Rud...
Mas já sentia o peso dela como uma sombra.

— Ellen... — eu murmurei, quase sem fôlego — ...o que é o Vagalume, afinal?

E por um segundo, o silêncio entre nós pareceu mais revelador que qualquer resposta.

Ellen parou na frente da cama com os olhos faiscando. Ela estava sentindo algo. Não era teoria solta. Era instinto.

De repente, ela bateu a mão fechada contra a palma esticada, com força. Um estalo seco, como quem selava uma verdade:

— Reika, a bioluminescência do vagalume serve como um farol. É isso que eles precisam!

Eu arregalei os olhos. Meu coração bateu como se tivesse reconhecido algo escondido em mim mesma.

— Eles estão perdidos... e precisam do farol pra seguir.

Ela caminhava de um lado pro outro agora, o cabelo balançando, a mente borbulhando.

— Os vagalumes usam sua luz pra atrair presas e enganar predadores!

Meu corpo gelou. O sangue pulsava nos ouvidos.
“Atrair e enganar...”

— Então você acha que o Vagalume é alguém... ou algo... que tem esse brilho, essa função?
— perguntei com a voz baixa, como quem teme acender a lâmpada do quarto errado.

Ela apontou pra mim com força, como se de repente tudo tivesse feito sentido.

— Talvez seja mais do que um símbolo. Talvez seja uma pessoa. Talvez seja você.

Eu travei. Olhei pro pote de doce na minha mão como se ele fosse um tijolo de chumbo.

— Ellen... se for isso... por que eu? Por que comigo?

Ela se aproximou devagar, mais calma agora.

— Porque desde que você entrou nisso, tudo mudou. A presença da Rud. As derrotas estranhas. O sumiço de informações. As peças fora do lugar.

Ela respirou fundo.

— Talvez você seja o farol, Reika. Talvez você seja a peça que eles tentam controlar... ou apagar.

Fiquei ali, imóvel.

Na cama dela. Com as pernas cruzadas. O corpo moído. E o coração... aceso.

Como um vagalume.

E pela primeira vez desde a luta, eu senti não só medo... Mas algo perigoso.

Certeza.

E de repente ela mostra a tela do notebook falando sobre vagalumes: Takeda mostre somente o que está na tela

[TEXTO NA TELA DO NOTEBOOK – MONITOR DA ELLEN]

■ Arquivo de Pesquisa: Photinus pyralis – O Vagalume Comum da América do Norte

Fonte: Laboratório de Bioluminescência | Universidade de Minnesota

📁 Trecho selecionado:

"A bioluminescência dos vagalumes serve a múltiplos propósitos: comunicação, defesa e reprodução. O padrão de piscada é específico por espécie e pode atrair tanto parceiros quanto predadores."

"Algumas espécies predadoras, como as fêmeas do gênero Photuris, imitam o padrão luminoso de outros vagalumes para atrair vítimas – comportamento conhecido como 'falso farol'."

"A luz do vagalume é produzida por uma reação química envolvendo luciferina, oxigênio, ATP e a enzima luciferase. Essa reação é altamente eficiente, produzindo quase zero calor – razão pela qual é chamada de luz 'fria'."

🧬 Observação adicional:

"A estrutura simbólica do vagalume na cultura humana é amplamente associada à esperança, orientação e mistério. É usado frequentemente como metáfora para guiar na escuridão ou atrair o desconhecido."

✦ Nota de rodapé (grifada por Ellen):

"Sem o brilho, o predador se perde. Sem o farol, o caminho se apaga."

🗨️ Anotações de Ellen (digitadas no canto inferior):

— "Rud não quer apagar a luz. Ela quer controlá-la."

— "E se o Vagalume for uma pessoa? Uma isca viva?"

Eu olho pra tela do notebook da Ellen e sinto como se estivesse presa dentro de um documentário da National Geographic...

"E o Vagalume... observa... à espreita, em silêncio, esperando sua presa."

Me falta só a trilha instrumental sinistra ao fundo.

É bizarro pensar que talvez eu seja isso: uma peça viva de um ciclo natural que eu nem entendo. Como se alguém tivesse decidido acender uma lanterna dentro de mim e me empurrar pra floresta escura, dizendo: "Brilha aí, garota."

Mas eu não faço ideia de onde estou me metendo. E, pior... nem sei o que estou pensando direito. Só sei o que sinto agora.

Quero proteger a Ellen.

Quero proteger o campus.

Quero segurar esse frágil pedaço de normalidade que ainda me resta entre uma luta, um mistério e uma pancada na cara. Porque uma coisa está cada vez mais clara: cedo ou tarde, vou ter que encarar a Rud de novo.

E não vai ser como antes. Dessa vez, eu vou estar preparada.

Mas o que mais me assombra é aquele "eles"...

Eles?

Quantos mais existem?

Será que a Rud é só uma peça, como eu? E aquele rapaz dos chicotes? Ele parecia mecânico... ou talvez vazio. Mas e se forem mais? Quantos? Onde?

Não faço ideia.

— Ellen, por que o Thimoty me jogou tomates?

A frase sai da minha boca e já soa como pesadelo. Absurda. Surreal.

Mas foi isso que vi. Ou... achei que vi.

Ellen, do jeito prático e direto dela, me olha confusa:

—Tomates? Quais tomates, Reika? Eu vi o Thimoty sozinho te dando uma bronca, e você estava em posição de indefesa. Acho que as palavras dele foram pesadas... pra te deixar assim.

Isso é pior que um pesadelo. É como se minha cabeça estivesse editando a realidade.

Eu me esforço... e a lembrança vem como um estalo. O bar, o carro pegando fogo. E onde a Rud não estava... ou deveria estar? Será...?

Me viro pra Ellen com os olhos arregalados, quase sem respirar:

—Ellen... tenho quase certeza que ela manipulou meu cérebro de alguma forma. Eu estava com ela jogando sinuca, ela disse algo..."

Fecho os olhos com força, tentando puxar a memória.

— Eu lembro do rapaz saindo correndo, gritando que o carro tava em chamas! E toda hora... toda hora... ela fala sobre o Vagalume despertar.

Ellen, com o raciocínio ágil que eu já conheço, me corta no ato:

— Lógico! Ela quer que o Vagalume desperte! E fez um tipo de controle mental em você pra tentar ter êxito! É isso, Reika!"

O que era medo vira calafrio. O que era confusão vira paranoia. E, de repente, tudo que parecia exagero agora soa perfeitamente possível.

Ellen continua digitando com agilidade. A luz da tela do notebook reflete no rosto dela — determinada, imersa, quase brilhando. Até que ela para, olha pra mim com um brilho nos olhos e diz:

— Eu vi em alguns registros esse nome... Lucy Mackenzie. Ela é cega.

Meus olhos se estreitam, confusos, ainda com a mente latejando da última descoberta.

Ellen desliza o notebook na minha direção e aponta para uma anotação digital com palavras destacadas:

“Antes da cegueira, a jovem Lucy afirmava ter visto uma criatura brilhante no campo... semelhante a um vagalume. Após o ocorrido, perdeu a visão de forma inexplicável.”

— Parece que, em relatos antes da cegueira... ela viu um vagalume!

Ellen diz, como quem liga fios invisíveis. — Acho que você pode conversar com ela.

Silêncio.

Minha garganta aperta. O nome Lucy Mackenzie martela na minha mente como se o universo estivesse me jogando mais um fragmento. Mais um passo no escuro.

Ellen segura minha mão. Firme. Real.

— Se quiser, eu vou junto. Estou nessa com você, Reika. E não vou te abandonar.

Aquela frase me quebra por dentro.

Eu nunca tive uma amiga assim. Nunca me permiti. Olho pra ela e solto uma respiração pesada, meus olhos marejando:

— Obrigada, Ellen. De verdade... eu vou precisar de você. Mais do que nunca.

O carro para devagar na entrada. Eu ajeito o vestido branco largo que dança com o vento — me sinto deslocada, como uma peça fora de tempo. Ellen sai primeiro com a jardineira jeans e a camisa branca por dentro. Se alguém nos visse de longe, podia até pensar que éramos mensageiras da paz... só faltava mesmo uma pomba pousando no ombro.

Caminhamos entre um jardim florido, organizado e vivo. A fachada da casa de classe média é simples, mas acolhedora. Dou uma olhada para Ellen. Ela respira fundo. Eu também.

— Queria falar com Lucy Mackenzie. Ela está? — pergunto, tentando soar calma.

Um homem maduro, de barba rala e olhos atentos, sai da varanda. A expressão dele é de proteção absoluta.

— É minha filha! O que vocês querem com ela?

Antes que eu pense em uma desculpa, Ellen se adianta com um tom leve e convincente:

— Somos estudantes da Universidade de Minnesota e estamos fazendo um trabalho de escola.

Eu só não fico de boca aberta porque me recuso a transparecer surpresa.

Ele nos olha com um certo pesar, mas algo nele acredita. Ele faz um gesto com a cabeça e nos convida a entrar.

A sala tem aroma de flores secas e fotografias espalhadas pelas paredes — Lucy em várias idades, com sorrisos diferentes. Algumas parecem antigas demais para serem recentes. Sentamos no sofá. O ar ali dentro é denso, mas não sufocante. Logo depois, ela aparece.

Lucy Mackenzie.

Ela caminha lentamente com uma bengala especial, Tateando o chão com delicadeza, mas firmeza também. Veste um pijama de algodão, cabelo Chanel bem cortado, e seus olhos têm a íris clara... como vidro. Vazia e cheia de lembranças ao mesmo tempo.

Ela se senta com cuidado e diz com voz calma, mas incisiva:

— Vocês vieram fazer um trabalho de escola mesmo?

Eu olho para a Ellen. Depois para Lucy. E finalmente busco com os olhos a posição do pai — um pouco mais afastado, distraído com algo na cozinha.

Então falo com cuidado, mas sem mentira:

— Na verdade... viemos aqui porque, infelizmente, você teve uma experiência trágica envolvendo vagalumes. Estamos estudando esses comportamentos... e o que pode estar por trás disso.

Ela solta um suspiro longo. Quase parece aliviar. O corpo dela relaxa um pouco no sofá.

— Sim. Eu recebi o Vagalume... — diz, sem rodeios. — ...e depois perdi a visão. Ele não me aceitou. Eu ouvia vozes. Sei que... não fui escolhida.

Aquelas palavras me acertaram como uma martelada no centro do peito. Quase dói.

— Lamento muito, Lucy.— digo com sinceridade.

Mas ela continua, como se esperasse que alguém um dia viesse ouvi-la.

— O Vagalume não aparece fácil. Eu fui um caso raro. Não tenho certeza se o próximo portador terá sorte. Dizem que quando for aceito... a luz vai atrair os verdadeiros donos.

Ela faz uma pausa breve.

— Meu pai não quer que eu fale sobre isso.

Ellen se ergue com gentileza e se aproxima de Lucy. Se agachando mantendo a mão cuidadosamente pousada na mão de Lucy:

— Eu te entendo, Lucy. Não deve ter sido fácil. Obrigada... por confiar na gente.

Lucy sorri levemente, como quem reencontrou algo esquecido dentro de si.

— Tive medo. E ódio. Hoje entendo que mexi com algo que não é humano... e paguei o preço. Se precisarem de algo, peguem meu telefone na mesa. — ela estende a mão na direção certa, apesar da cegueira.

— Sinto que vocês duas têm algo de especial... e desejo sorte ao próximo portador.

Me levanto, meio em silêncio, processando cada palavra.

— O portador... vai ficar bem com as suas palavras.

Saímos dali com um número anotado, um arrepio estranho na pele... e a certeza de que algo nos espera adiante.

Então começamos a discutir esses eventos, enquanto caminhamos pelo jardim até o carro:

— Ellen... ela realmente viu o Vagalume. E ele a rejeitou.

— Eu sei. E ainda assim, ela sobreviveu. Isso diz muito sobre ela... e sobre o que estamos lidando.

— Quando ela falou da luz que atrai os "verdadeiros donos"... senti um frio na espinha. Como se não fosse só metáfora.

— Eu senti também. Como se... algo estivesse esperando o momento certo pra se revelar.

— Será que eu... posso ser aceita? Ou vou acabar como ela?

Ellen ao ouvir isso me parou, coloca a mão em meus ombros e olho nos meus olhos, tentando passar segurança.

— Ei... olha pra mim. Você não está sozinha nisso. Se ele aparecer de novo, você não vai estar no escuro. Eu vou estar do seu lado, sempre.

— O Vagalume já apareceu pra mim, Ellen... mesmo que por segundos. Ele me viu. Eu sei que viu.

Então voltamos a caminhar:

— Então talvez ele esteja te testando. Esperando algo... uma escolha.

— A gente precisa descobrir mais. Mas agora eu tenho mais medo... e mais vontade ainda de entender.

— Bem-vinda ao clube, Tamura.

seguimos andando, lado a lado, entre as flores e os segredos que só aquele dia parece nos escutar

Então no Campus, o corredor parecia se calar à nossa passagem — como se até os armários soubessem que as três impiedosas estavam de volta. Minha saia preta justa desenhava cada passo, e o rosa com babado no top balançava leve, em contraste com o olhar que eu carregava: raiva crua.

— Meninas me dê um tempo!— larguei para Jilian e Saraya, e fui direto até ele.

Thimoty.

Sem rodeios, com a fúria subindo feito labareda, empurrei ele contra o armário, meus braços firmes trancando qualquer fuga. Aquele olhar dele de quem sempre tem resposta foi engolido por um silêncio tenso.

Meus olhos furavam os dele quando falei com a voz baixa, porém cortante:

— Olha Thimoty... entenda, seu cabeça de vento! Ellen Turkson! Sim... eu sei o nome dela! É minha amiga! E se você acredita nisso ou não, pouco importa. Só tem uma coisa que eu não quero — UMA coisa — que você não a machuque. Porque se fizer isso...você vai entender o que é a fúria da Reika Tamura.

Soltei ele sem piedade, virando nos calcanhares.

— Já tô indo, meninas! — avisei, retomando minha postura de líder impiedosa como se nada tivesse acontecido.

No ginásio, o técnico ergueu a voz com aquela tensão de véspera de guerra:

— Amanhã temos um grande jogo: DEVILS vs PHOENIX! Temos que mostrar garra! Empenho e força! Mostrar que com o nosso time... o buraco é BEM profundo! E PSYCHO PHOENIX... façam valer a sua animação! Comecem o treino!!!

Narrador 🗣️

As líderes se posicionaram.

E ali estavam de volta ao campo de batalha. Onde o fogo, o suor e o brilho dos olhos não mentem.

O rabo de cavalo firme. O quadril marcado. As pernas se flexionando com domínio. Reika treinava — incendiava. Cada passo, cada grito, cada gesto... como se dissesse:

“Vagalume... eu não tenho medo da sua luz. Nem da sua sombra.”

E naquele treino, até o técnico ficou sem ar. O ginásio estava vibrando com gritos, bolas quicando, assobios e suor — o treino dos meninos parecia o caos organizado de uma partida oficial. Reika com o uniforme de líder de torcida — saia vinho curta, top com símbolo das Phoenix, meias brancas altas — alongava suas pernas como se fosse só mais uma tarde... até a voz do técnico cortar o ar.

— Saraya, precisamos conversar. Venha até minha sala.

O corpo de Reika parou de se mover, os dedos ainda no tornozelo esticado. O olhar foi mais rápido que a Jilian.

— Reika, onde vai? Pergunta Jilian

— Tô apertada... — mentiu com um sorriso contido e olhar afiado.

Mas por dentro, ela já era outra: sombra escorrendo pelos corredores, os passos leves e silenciosos, encostando-se na parede ao lado da porta entreaberta da sala do treinador. Então veio o som que não devia vir dali: beijos abafados, a madeira da mesa rangendo como se suplicasse... gemidos sussurrados.

—Me perdoa... vou ser uma garota obediente... — a voz de Saraya, trêmula e embebida de submissão.

O coração de Reika apertou, não de ciúmes, mas de alerta. Aquilo era mais do que prazer. Era domínio.

Ela se afasta dali. Aquilo não era sua guerra. Até ouvir a voz que gelou sua espinha.

—Treinador, mande todo mundo sair. O treino acabou!

Rud. A garota do casaco pesado. A voz que corta como lâmina quente. E o mais assustador? O treinador obedeceu. Sem questionar.

Reika entra mais rápida que o raciocínio. O instinto falou mais alto.

— Rud... estou aqui!

Ela virou com a calma de quem já sabia. Sentada sobre a mesa do treinador, as pernas cruzadas, o casaco aberto revelando parte das coxas no couro preto. Os olhos — ah, os olhos — estavam dourados. Literalmente dourados. Como mel líquido.

— Olha quem temos aqui... Reika a portadora. Minha portadora favorita

— Opa, linda... o treinador tá voltando.

Ele entra. Mas não era ele. Era uma marionete.

— Agora você sabe um dos meus truques — ela diz, chegando perto, sussurrando no ouvido dele como uma serpente venenosa. Mas ele não... observe, Reika.

E então ela ordena:

— Treinador... se jogue da janela pra provar sua masculinidade.

Reika prende a respiração. Ele começa a andar. A janela é alta, dá direto para a garagem. Os vidros brilham como lâminas prestes a rasgar.

"NÃO!"

Ela se joga. O barulho do vidro estilhaçando. O corpo no limite. Os braços segurando o peso dele por um pé, as meias brancas já manchadas com pequenas gotas de sangue dos estilhaços.

— Que pena, Reika... — a voz da Rud agora soa longe, mas com a força de um trovão.

— Ou você revela o Vagalume... ou o treinador de vocês morre.

— Não sei quanto tempo seus bracinhos aguentam...

E o pior, Reika também não.

Os dedos escorregam. O peso do treinador puxa o braço da garota como uma âncora viva. Os olhos se enchem de lágrimas, mas ela não está disposta a soltar. Não pode.

— Eu tô tão cansada, Reika...

— Faz um favor. Faz o nosso brilhoso aparecer...

Aquela frase... partiu o coração. Mas foi como um código secreto. Algo dentro de Reika que entendeu. Algo queimado em verde.

E então — flash! — a luz atravessa o vidro, as paredes, até a alma. A roupa se transforma numa armadura justa verde luminosa, cintilante. O símbolo do Vagalume pulsa em seu peito.

O corpo despenca com o treinador, mas amortecido pela força da metamorfose. O chão da garagem range sob o impacto dos dois. Reika o deita com cuidado, ainda ofegante.

Mas não há tempo.

PÁÁÁ!

Um chute explode contra as suas costelas. O mundo gira. Carros, teto, concreto — tudo rodopia. O ar escapa dos seus pulmões enquanto a Vagalume capota como uma boneca jogada.

— Que bom, Reika... — diz Rud, se aproximando com os olhos de mel brilhando.

— Agora a diversão vai começar.

Ela ergue a Vagalume como uma boneca suada, os dedos apertando sua bochecha.

— Pobre Reika... já está tonta, tá? Não se preocupe. Eu vou fazer seu sofrimento piorar! Viu?"

Rud pega a Vagalume pelos braços e a arremessa!

CRASH!

O corpo atravessa a parede como se fosse feita de papel. Os armários de treino desabam sobre Vagalume. Tentando respirar, as pernas bambas se arrastam, a cabeça latejando. Mas ela está lá de novo.

Shlak! — Ela agarra a sua legging preta tensionada pela armadura, a puxando com brutalidade.

CRASH! — Outra parede destruída. Vagalume cai entre ferros retorcidos e cabos de treino, a dor consumindo tudo.

Reika quase desmaia. O peso do seu próprio corpo é demais. Mas então...

toc... toc... toc...

Os pés dela, calçados em botas pesadas, sobem no seu busto. Ela esmaga com um sorriso cruel.

— Isso é o Vagalume? Que decepção!

Reika mal respira. Mas ela não para.

— Eu vi você falando de uma tal de... Ellen.

Seu coração acelera.

— Talvez eu me divirta com ela...

Aquelas palavras... são fósforo na mente. A raiva nasce. A luz explode. Verde. Viva. Feroz. Seu corpo se ergue. Como uma chama.

— RUD! — Reika grita, com a voz de um trovão esmeralda.

— NÃO MEXA COM A ELLEN!!

O mundo inteiro responde ao seu grito. A garagem escurece, Reika vira um raio. Um cometa.

BOOOOOOOM!

Seu punho verde acerta o queixo de Rud com uma força que atravessa vidros, paredes, e o som de algo divino rachando o concreto. Ela voa. Duas paredes são destruídas até que seu corpo rola no chão, sangrando pela boca e pelo nariz.

Reika caminha, eletrizante, ficando exatamente diante dela.

— Rud... quer mais?

Ela limpa o sangue dos lábios. Ri.

— Kkkkkkk... então essa é a força do Vagalume."

— Hoje... já vi o que tinha que ver.

E gostei do que vi.

E então ela se vira... desaparecendo atrás dos escombros que ela mesma causou.

Reika cai de joelhos entre os destroços.

Os olhos ainda ardem, mas agora não é de dor — é de descoberta.
O corpo todo pulsa como se tivesse sido atropelado por um trem...
... mas o coração, ah, esse bate como se tivesse acabado de nascer.

A armadura bioluminescente ainda envolve sua pele como um casulo vivo. Um vento suave entra pela parede estilhaçada e agita seus cabelos desalinhados. A poeira baixa, revelando o treinador ainda inconsciente, deitado entre os fios de cobre e fragmentos de concreto.

Ela encara suas próprias mãos brilhantes. E então sussurra, quase como uma prece:

— Força para um novo dia...

Pshhhhhhhh...

A armadura derrete em luz. Desaparece como fumaça esverdeada. E em seu lugar... o collant branco com degradê vinho e o símbolo das Psycho Phoenix se forma como mágica reversa, delicada e crua. A saia de prega se ajusta na cintura. O vinco da meia branca retorna. Os tênis tocam o chão como se nada tivesse acontecido. Mas tudo aconteceu.

Ela venceu. E agora carrega uma nova cicatriz — invisível, mas profunda.
O corpo ainda treme.

Ela respira com dificuldade, toca a lateral do abdômen onde Rud a chutou com brutalidade, e geme baixinho. Depois se aproxima do treinador, se abaixa, segura sua mão.

— Você ficou... aqui. Enquanto alguém vem te buscar.

Silêncio.

O celular vibra. Ela puxa do bolso da jaqueta e, mesmo com os dedos doloridos, liga para o contato que importa mais que qualquer coisa agora:
Ellen

— Alô...?

— Oi... tô indo pra casa.

— Reika? Tá tudo bem?

— Só... cansada. Meu corpo tá todo doendo.

— Quer que eu vá aí?

— Não. Só queria ouvir sua voz.

Ela desliga antes que a voz trêmula entregue mais do que deveria. Não vai contar sobre Rud.
Não ainda.

A proteção começa na palavra não dita.

Reika se levanta, devagar.
Cada passo parece uma travessia.

Reika ✨

As palavras da Ellen cortam fundo, mais do que qualquer golpe que eu tenha levado da Rud. Estou sentada no sofá, com a perna dobrada e a outra esticada, e a bolsa de gelo pressionada contra a lateral da minha testa latejante. Meus ombros estão caídos, como se cada hematoma da noite passada tivesse um peso emocional embutido. A casa dela tem aquele cheiro de chá com hortelã que sempre me acalma, mas hoje... nada consegue silenciar a dor que pulsa no fundo do meu peito.

Foi tudo tão rápido. Um vulto de mel nos olhos da Rud, o vidro da janela estilhaçando, minha queda com o treinador, a luz verde. Tudo isso está vibrando ainda dentro de mim, como uma corrente elétrica que não para.

Quando olho em volta, algo me pega de surpresa. Os pôsteres na parede... de recortes de jogos, recortes de treinamentos. Como se ela estivesse guardando tudo o que a gente viveu juntas. Sem ser exatamente aquilo. Eu nunca tinha reparado nisso antes. Ou nunca tinha me permitido ver.

— Reika, você vai se matar, é isso?! — ela explode, com a voz embargada.

Eu me encolho um pouco. Ela tá uma pilha. O cabelo bagunçado, os olhos vermelhos. Eu a fiz passar por isso.

— Todo o campus! Os carros! Vidros estilhaçados! Você tomou vários golpes! Sabe como eu fiquei? Sabe!? — a voz dela vai rompendo cada linha de defesa que me restava. Eu tento falar, me explicar. "Ellen..." Mas não sai nada de bom.

— E agora, Reika!? Será que o corpo discente vai ficar quieto? A polícia!? Eu vi uma luz verde!!! E se for pra você tomar pancada, me avisa antes!

Ela grita. Mas é um grito que vem do medo. Do cuidado. Do amor. Levanto um pouco o pescoço, sentindo a pressão do gelo escorrer por entre os fios do meu cabelo. A roupa de Vagalume já não está em mim, mas parece que ainda arde na pele, como um selo.

— Vamos parar, Ellen. Eu não consegui evitar. Era tudo ou nada. O técnico... ele ia morrer.

— E você também! — ela retruca na hora, com os olhos marejados.

E então... ela vem. Ela se ajoelha no chão, me abraça forte, apertado, como se quisesse segurar todos os pedaços que sobraram de mim. E finalmente chora. Desaba.

— Reika... você agora é muito mais pra mim do que antes. Se for lutar como Vagalume, me avise. Eu quero te ajudar. No que eu puder.

Fico paralisada. Meu coração vacila. Nunca fui boa com esse tipo de coisa... carinho, entrega, medo de perder.

— Ellen... — minha voz sai falha, mas verdadeira. — Eu não sei o que dizer... vamos só... esquecer isso um pouco.

Encosto minha testa na dela, deixando o gelo escorregar. O mundo pode esperar. Por agora, eu só preciso desse abraço.

Locutor 🗣️

As luzes coloridas do cassino piscavam como olhos atentos, vigiando os pecados cometidos em silêncio. O som das moedas caindo ecoava junto aos risos de ganância e derrota. Ali, em meio ao barulho dos caça-níqueis, Rud estava reclinada numa poltrona barata de couro gasto, com uma perna cruzada sobre a outra, como se fosse a dona do lugar. Seus dedos de unhas cor de mel — sujas da luta com Reika — empurraram com desdém a manivela de uma máquina.

— Esses joguinhos são tão... divertidos — disse ela, com um meio sorriso preguiçoso, vendo os ícones girarem.

Foi então que a presença dela chegou. Silenciosa. Atravessando o salão como uma lâmina fria.

Eudora.

A mulher parou à frente de Rud como uma estátua grega que decidira ganhar vida. O cabelo branco impecavelmente curto e bem penteado, os olhos azuis afiados como bisturis. A roupa era social, elegante — camisa abotoada até o pescoço, saia cinza lápis que revelava o quanto de controle ela exercia até na postura. Seu batom era preto como um selo de luto eterno.

— Já terminou? — perguntou Eudora, sem sequer olhar para a máquina, apenas para Rud. Braços cruzados, uma sombra de desaprovação no olhar.

Rud ergueu os olhos, quase se divertindo.

— Eu não posso me divertir nessas coisas, Eudora? — sorriu com ironia. — Você sabe... algo além de tortura psicológica e reuniões chatas?

Eudora deu um pequeno suspiro. Parecia conter o impulso de responder com veneno.

— Já brincou demais, Rud. Vamos.

Rud se levantou devagar, batendo as mãos contra o próprio casaco empoeirado. O casaco era velho, quase uma capa de chuva, sujo de fuligem. Havia sangue seco ainda em sua gola, invisível para os distraídos.

— Tá faltando empatia no Centro Maior — provocou ela, encarando a outra com um brilho travesso nos olhos.

— É algo que você não larga, né? Mas quem largaria? Controle... disciplina... frieza... tão sexy.

Eudora apenas girou nos calcanhares e sentou-se numa poltrona baixa do cassino, cruzando as pernas como uma víbora elegante. Rud sentou-se ao lado, largada como um animal selvagem domado à força.

— Dois com gelo, por favor — pediu Eudora a um garçom que passava, sem tirar os olhos de Rud. Quando os copos chegaram, ela os empurrou de leve, como se entregasse uma sentença.

— Rud. O que está acontecendo?

Rud tomou um gole e encostou o copo gelado no próprio pescoço, encarando o teto de luzes falsas.

— Hm... você vai ter que ser mais específica. O que está acontecendo no mundo? Comigo? Ou com a Vagalumezinha que quase me rachou no meio hoje?

Eudora não respondeu de imediato. Mas os olhos dela... os olhos disseram tudo: preocupação. Mas do tipo mais perigoso — aquela que vem antes de decisões frias, limpas, fatais.

Cassino de luzes decadentes, máquinas velhas piscando em vermelho e verde.

Eudora suspira e lança um olhar direto — clínico, limpo, de alguém acostumada a manter tudo sob controle. Mas está visivelmente desconfortável naquele lugar.

Seu olhar vacila, desconfiada, mas ainda sem saber exatamente o que está por trás daquela mente. Rud apenas sorri — como se escondesse o mundo inteiro atrás daquele brilho travesso nos olhos.

— Rud, o Grande Conselho não pode saber que você está fora do horário."

Rud gira a mão no ar como se espantasse uma mosca e exhibe as unhas — longas, reluzentes, amarelas como mel.

Rud encena um gesto de deboche com suas mãos para o alto:

— Bla, bla, bla, bla, bla, bla... já terminou?

Eudora sacode o copo, ouvindo o tilintar do gelo.

— Temos um trato. Espero que o acordo continue sendo respeitado.

Rud se reclina na cadeira, esticando as pernas, soltando o ar como quem não deve nada ao universo.

— Isso nunca será quebrado. Mas... esse lugar tá um tédio, sabia?

Eudora se inclina de repente, apoiando os cotovelos na mesa, os olhos faiscando com algo diferente: informação.

— Eu sei que você esteve várias vezes com a portadora.

Rud nem pisca

— Sim. Dei uma boa surra nela. — fingindo pensar ela provoca claramente

— Mas não sei qual borboleta te contou. Número 1? 2? 3? Não prestei atenção, desculpa, são todas iguais.

Eudora solta um longo suspiro e fecha os olhos por um segundo.

— Cale a boca. E lembre-se: essa conversa nunca aconteceu.

Ela se levanta com uma elegância militar, pronta para sair.

Rud sorri com um ar de menosprezo enquanto dá o último gole:

— Por que não manda suas borboletas olharem os caras no vestiário? Aposto que iam se distrair um pouco...

Eudora nada responde.

Caminha em silêncio até sumir na penumbra do corredor, os saltos batendo no chão com ritmo perfeito.

Rud continua sentada. Espera a mulher desaparecer no corredor escuro e úmido do cassino. Então, ergue seu copo sozinha, os olhos fixos nas luzes decadentes acima, e sussurra com a voz baixa, rouca, quase sensual:

— Um brinde à decadência.

O gelo tilinta. A bebida desce.

E Rud sorri — como quem sabe mais do que todos naquele salão.

Longe dali, no silêncio sereno de um jardim florido desconhecido, Eudora se agacha entre as flores delicadas. Com as mãos erguidas, uma borboleta azul repousa suavemente em seus dedos. Ela olha para a pequena criatura com olhos carregados de compreensão e sussurra, quase para si mesma:

— Eu entendo sua dor...

De repente, uma voz masculina grave ressoa nas sombras. Um homem de sobretudo preto, cabelos lambidos para trás e óculos vermelhos se aproxima com passos firmes.

— O Grande Conselho exige uma reunião com o Centro Maior, anuncia ele, firme.

Eudora ergue o olhar e, com um movimento delicado, tira os óculos, revelando seus olhos azuis cristalinos — da mesma cor das asas das borboletas.

— Estou ocupada, mas o recado foi entendido. — responde, com firmeza e uma ponta de desafio.

A cena se afasta, deixando no ar a certeza de que Reika conhece apenas uma parte da verdadeira dimensão do Vagalume.

Reika ✨

— Vó, cheguei!! Cadê meu pai?

Ela nem me deixa terminar a frase.

— Lá em cima.
Responde seco, direto, como sempre.

Subo as escadas correndo. Entro no quarto. A respiração dele ainda depende de tubos, máquinas. Mas seus olhos se movem... Me aproximo e encosto meus lábios devagar na testa dele, como quem devolve o mundo em silêncio.

— Reiiikaaa...
Ele murmura, fraco.

Olho nos olhos dele, cansados, quase se apagando, e sussurro com um sorriso calmo:

— Hoje o dia foi bom.

Beijo a sua testa e desço as escadas tentando me manter inteira. Mas minha avó me encara de um jeito estranho, mais pesado do que o normal.

— Reika, preciso te contar uma coisa.

Paro. Isso me assusta. Minha vó nunca começa uma conversa assim. Sento no sofá, e involuntariamente coloco minhas mãos entre as coxas, apertando, tentando conter o tremor. Meu corpo inteiro tenso.

Ela se senta bem na minha frente, como se fosse entregar um segredo enterrado há anos. Respira fundo. Depois diz:

— Sua mãe nunca foi de desistir, filha. Nunca pensou em te abandonar. Ela te amava muito. E... eu sei o que você tem dentro de você.

Meu coração dispara. Minha vó?

Ela continua:

— Reika... o Vagalume quase matou sua mãe. E deixou seu pai assim.

Sinto o golpe. Um soco no estômago. Mas ela segue:

— Olha, filha... pela primeira vez, ele aceitou alguém. E esse alguém foi você. Sua mãe, uma arqueóloga obstinada, estava estudando a relação do amuleto de Lampyris... Ela estava fascinada com aquele poder. Eu pedi... implorei para ela parar, mas ela dizia que precisava entender, conhecer... e um dia, ela trouxe o amuleto aqui. Nesta casa."

Minha vó olha pro chão como se revivesse tudo.

— Ela colocou o amuleto no peito, determinada. Ele entrou na pele dela, como se fosse vivo. E então... eu só vi feixes de luz verde, ofuscantes. Seu pai foi arremessado longe. Tudo tremia. Ela levitava no meio da sala. A casa parecia desmoronar ao redor.

Engulo em seco.

— Quando tudo cessou, sua mãe caiu desacordada. Você... você estava na sua caminha, lá em cima. Linda, tranquila... como se nada tivesse acontecido. Mas sua mãe nunca mais foi a mesma. Levaram ela pro hospital. A perícia? Disse que foi uma explosão de gás. Mas eu vi. Eu senti. E o amuleto só saiu dela quando ela murmurou... 'força para um novo dia'."

Silêncio.

Eu fico ali, sentada, paralisada.

Minha mãe... ela não me abandonou.

Ela foi uma vítima do mesmo poder que agora me queima por dentro.

Tudo que eu pensei... tudo que julguei...

Aquela noite mudou tudo.

E a culpa... começou bem antes de mim.

A porta se fecha atrás de mim com força. Nem ouço mais os gritos da minha avó. Vou em direção a rua.

— Reika! Volte aqui!!

Mas eu não volto. Eu não quero saber.

Meus pés disparam, sem rumo. Só quero sair de casa. Fugir de tudo.

A rua está cinza. As nuvens começam a se abrir em lágrimas. A chuva cai, fria, pesada... e eu não me importo. Nem um pouco. Corro até a avenida, quase tropeçando nos próprios pés. Vejo um canto — uma mureta baixa, perto da calçada larga. Me jogo ali. Sento. Encolho as pernas contra o peito. E o mundo... desaba junto comigo.

— Essa droga... essa coisa maldita presa em mim...

Minhas mãos vão direto pro estômago. Começo a bater. Uma, duas, três vezes. Socos de desespero, com toda a minha força.

— SAI!!! Sai daí! Sai de mim... por favor... saiiiiii!!! Desgraçado!!!!

A cada golpe, o grito vem mais trêmulo. O soluço engasga. A dor não é física. Não só. É como se meu próprio corpo estivesse me traindo.

Foi ele. Esse maldito brilho verde. Essa maldição. Matou minha mãe. E agora... agora destruiu meu pai.

Eu me reclino sobre as pernas, o queixo encostado nos joelhos. O choro vem sem freio, sem pudor. Um lamento quase animal, como quem grita por ajuda mas não quer ser salva.

A chuva engrossa. Minhas roupas colam no corpo. Os cabelos grudam no rosto. Tudo molhado. Gelado. Mas é melhor assim. Quero que o mundo me esqueça. Quero que a chuva leve embora esse sangue, esse poder... essa culpa.

O celular vibra no bolso.

Não olho. Não quero.

Não posso voltar pra lugar nenhum.

Não hoje. Hoje minha alma está sozinha e é melhor que continue assim.

Ninguém vem. Nenhum guarda de bairro. Nenhum transeunte curioso. Nenhum amigo, professora ou salvador de ocasião.

Apenas o barulho da chuva martelando o concreto e meu corpo encolhido como uma criança rejeitada pelo próprio destino.

As lágrimas não param mais.

E eu já não sei se estou chorando por mim, por ela, ou por tudo isso que me afunda. Cada soluço corta a garganta. Meus olhos doem de tanto esforço. O nariz escorre. E eu...

...eu me sinto menos que nada.

O mundo segue, indiferente do que passe. Os carros passam com seus faróis borrados pela água. O céu está escuro. As nuvens parecem pesadas como eu.

Em algum lugar, alguém deve estar rindo, vivendo, comendo algo quente.

Mas aqui...

...a única coisa quente é a dor cravada no meio do meu peito.

E nesse instante, por um breve momento, eu não sou Reika. Não sou a garota das meias combinando. Não sou a que se acha. Nem a que enfrenta.

Sou só alguém despedaçada, tentando entender se vai conseguir juntar os cacos quando amanhecer.

No dia seguinte...

Eu acordo, se é que dormi.

A cabeça lateja, os olhos estão fundos como dois buracos abertos pelo tempo.

A chuva cessou, mas dentro de mim tudo ainda desmorona. Caminho até o Campus depois descer do ônibus como um zumbi.

— Reika! Você tá um caco! Vamos! — Saraya agarra meus braços com força.

Eu nem reajo. Apenas sigo. Como um espectro. Saraya está ali, como sempre. Jillian também, falando coisas que não escuto. A voz dela soa como o ruído de uma TV distante, fora de sintonia.

Nada importa.

Somos três. As impiedosas. Ou quase.

Andamos juntas pelo corredor. Os passos ecoam, firmes. A aparência é a de guerreiras. Mas dentro de mim...

...algo está quebrado.

Meus olhos percorrem os corredores.

Vejo alunos sentados contra as paredes. Mochilas rasgadas. Cabeças abaixadas.

Rejeitados. Esquecidos e eu me tornei um deles.

Pela primeira vez, eu entendo.

Não sou melhor. Nunca fui.

Só estava olhando do topo de uma pirâmide feita de ilusões.

Meu corpo anda, mas meu coração ficou na calçada daquela avenida chuvosa.

Enterrado em lágrimas que ninguém viu.

Olho para Ellen ao longe. Ela está ali. Quietinha. Me observando.

Mas eu finjo que não a vejo. Não posso.

A dor pesa. Cada passo é como se meu corpo inteiro estivesse gritando para parar.

Mas eu sigo.

A porta está ali. A grande porta que leva ao campo de futebol. Vamos atravessá-la.

Vamos treinar, fingir que está tudo bem, fingir que temos força, que temos algum propósito.

Mas eu...

Eu só quero esquecer do mundo. Esquecer de mim.

Mais um treino...então lá vamos nós.

Respiro fundo e visto a roupa.

A maldita roupa de líder de torcida.

Branca, degradê vinho, saia pregada, o símbolo das Phoenix estampado no peito.

Uma armadura de plástico pra um coração em ruínas.

O campo nos engole com sua imensidão artificial. O céu está cinza. Ou talvez eu que enxergue tudo assim.

Saraya, Jillian e eu lado a lado. Três meninas prontas para fingir.

Robby e Melvin aparecem. O de sempre.
Gargalhadas, piadinhas idiotas. Nem olho.
Nem pra eles. Nem pra ninguém.

— Phoenix! Façam fileira! — a voz do treinador ressoa alta.

Lá vem ele, com aquele andar que tenta ser autoritário mesmo machucado.

— Tive um acidente. Caí do meu escritório.

Ele aponta pra perna engessada, mas com aquele sorrisinho de quem se acha invencível.

— Mas estou firme! Amanhã temos os Devils! Façam valer cada treino!

Meus olhos seguem o movimento dele por um segundo, depois voltam a afundar no chão.

Saraya se encosta no meu ombro, debochada como sempre:

— Kkkk olha o fracassado do Alan das quentinhas!
Alan estava lá, com o uniforme apertado e expressão perdida.

Por um instante, olho pra ele.
E penso: acho que sou uma fracassada também.

Jillian cutuca meu braço com cuidado.
— Reika... sei que não dormiu direito, mas pelo menos dá um palpite.

Fecho os olhos. Inspiro. Forço alguma lucidez.

— Três quedas. — Falo baixo.
— Parece que ele está menos atrapalhado... pra dizer o mínimo.

Elas riem. Jillian faz um gesto de “ufa”.

Mas por dentro... Ninguém faz ideia do quanto o chão me engole.
No meio do treino... algo muda.

Eu estava fazendo o que mandam.
Saltando, girando, empurrando a mim mesma pra seguir. A dor ainda está em mim, mas...
eu sou boa em fingir.

Até que vejo ele.

Sentado. No banco da torcida.
O rapaz dos chicotes. Aquele psicopata.
A mesma presença que me fez estremecer naquela luta. O mesmo olhar inumano.

Minha alma congela. A dor some.
A chuva de ontem se apaga.
Minha visão foca só nele. O Vagalume está atraindo essas coisas... O campus não é seguro.

Jogadores passam correndo, cortando meu campo de visão.
Quando olho de novo — ele sumiu.

Fico parada. Atônita. O coração martelando no peito como se estivesse preso e em pânico.

— Reika? Tá tudo bem? — Saraya encosta no meu ombro, preocupada.

Engulo seco.

— Nada... só... me dá licença. Preciso pegar uma coisa.

Saraya insistente continua:

— Reika temos treino!

Eu meio que sem saber para onde olhar me inclino com a visão na direção da entrada do corredor

— Preciso, pegar uma coisa realmente...eu volto!

Me afasto. Primeiro andando.

Depois correndo. Corro como se minha alma dependesse disso. Dão gritos atrás de mim, mas não ouço mais nada.

Corro por trás da arquibancada.

Ninguém. Vazio. Droga!

Minhas mãos vão à cabeça, desespero, raiva, medo puro.

— Ellen...? — sussurro.

Disparo pelos corredores.

Piso forte, os tênis batem ecoando nos azulejos.

— Por favor não... não!

Porta da sala 33.

BUM!

Abro com tudo, a porta bate contra a parede. Todos se viram e o silêncio é instantâneo. O ar pesa.

Uma Psycho Phoenix invadindo a sala?

As três impiedosas nunca fazem isso.

Nunca. Ellen me encara como se tivesse visto um fantasma.

A professora fica em pé, confusa:

— Senhorita Tamura... posso te ajudar em algo?

Ofegante. Coração martelando.

Todo mundo me olha como se eu fosse um erro no sistema.

Respiro fundo e assumo meu personagem.

— Foi um engano meu, professora.

Arrumo os cabelos. Ajeito a saia.

Volto a ser Reika Tamura. O nariz empinado. A máscara.

— Voltem a estudar! Fracassados!

Fecho a porta com firmeza.

Mas...Ellen entendeu.

Ela entendeu.

E só isso... por um instante... me salva de enlouquecer.

Corredor lateral. Piso frio. Silêncio estranho. Me encosto na parede como se meu corpo precisasse se sustentar por algo além das pernas.

A adrenalina passou. Agora só sobra o vazio. O treino? Nem lembro mais.

A Phoenix? Ficou no campo.

Eu? Estou aqui, tremendo.

Puxo o celular. Abro a conversa com a Ellen. O nome dela brilha na tela como um abrigo. Meus dedos hesitam.

Escrevo. Apago. Escrevo. Apago de novo.

Até que...

[Reika - 13:11 PM]

"Oi. Desculpa invadir sua sala daquele jeito. Eu... achei que você podia estar em perigo. Foi um impulso."

Olho pra mensagem.

Mando.

Respiro.Nada.

Pessoas passam no corredor, mas não me veem. Talvez eu esteja me tornando invisível.

[Reika - 13:13 PM]

"Você tá bem, né? Eu juro que vi alguém. Aquele cara da luta. Ele tava ali... depois sumiu."

Envio.

Me encolho. Esqueço do treino. Dos Devils. Da Saraya.

Só quero uma resposta.

Talvez... uma que me diga que eu não estou ficando maluca.

Que ela também viu. Ou que... mesmo não tendo visto, acredita em mim.

Isso já era pedir muito?

Corredor vazio. O celular ainda na minha mão. A mensagem da Ellen sem resposta.

Quando ouço aquela voz.

— Senhorita Tamura. Por que está no corredor?”

Arrepios. Direto na espinha.

era o Diretor Lundoni, meio moreno, um pouco fortinho se vocês me entendem e cabelos grisalhos, barba sempre feita, seu terno marrom e gravata preta.

Engulo seco. Não há espaço pra tristeza agora. Não com ele ali.

Viro devagar, escondo o celular no bolso da saia, coloco as mãos pra trás com toda pose possível.

— Diretor Lundoni... eu... estava pegando meu casaco no armário.

Boa, Reika. Boa. Firme. Nariz empinado.

Pelo menos por fora.

Ele me encara. Por um momento acho que vai continuar. Mas então:

— Tamura. Esteja na minha sala depois do treino.

Frio. Reto. A sentença de alguém que já decidiu alguma coisa.

Eu só consigo assentir. Um movimento quase automático.

— Sim, senhor.

Ele se afasta. Eu continuo ali, parada por um segundo. Casaco. Que casaco, Reika? Tá 25 graus. Mas funcionou.

Respiro fundo e finalmente me foco no treino.

Me recomponho. Caminho firme de volta pro campo, como se nada tivesse acontecido. Como se não houvesse um raio negro sentado na arquibancada.

Como se o chão debaixo de mim não estivesse prestes a desabar.

A toalha ainda molhada no meu pescoço.

Os músculos doem, o corpo cansado. Mas nada disso importa.

Troco de roupa devagar, calça jeans preta, jaqueta vinho com o “P” bordado no peito.

Pelo menos ali, a armadura das Psycho Phoenix me protege.

E então vejo ele.

Sentado no banco, como se fosse parte do vestiário. O rapaz dos chicotes. O vulto da arquibancada. O passado que não morre. Meu coração pulsa tão forte que chega a doer. Meus punhos fecham sozinhos.

— Fique tranquila, Portadora. Não vim pra matar.

A voz dele é calma demais. Como se quisesse fingir paz. Dou um passo à frente, sem abaixar a guarda.

— Então veio pra quê?

Ele não se move. Fica ali, tranquilo, o corpo largado, a aura ainda ameaçadora mesmo sem dizer.

— Nossa última luta foi mal resolvida. Você tinha chance, Reika... Por que não acabou comigo?

Meus olhos queimam. A resposta sai com os dentes cerrados:

— Vontade não faltou de te quebrar.

Ele ergue as mãos, como se pedisse trégua, ou debochasse de mim.

— Calma. Só estou aqui pra conversar.

Meu busto se projeta pra frente, postura firme, olhar de lâmina.

— Então fala. Vai. Desembucha logo.

É nesse instante que vejo.

Uma borboleta azul pousa perto.

Tão viva. Tão improvável ali.

Ele a observa por um momento.

E sem aviso... a pega com os dedos e a espreme. Farelos azuis caem como poeira de um sonho morto.

— Não, não... essa conversa é particular.

Meu estômago revira. O gesto fala mais que mil palavras. O som da borboleta sendo esmagada ainda ecoa na minha mente. Meus olhos arregalam por um segundo, mas não deixo ele ver meu pavor.

— Você... Quem é você?

Ele sorri de lado, como se minha pergunta fosse irrelevante. Ou como se a resposta já estivesse dentro de mim, só esperando que eu fosse forte o bastante pra encarar.

— Sabe o que me fascina em você, Portadora? É essa sua teimosia em fingir que o mundo ainda faz sentido. Mesmo quando tudo ao seu redor já desabou.

Dou um passo à frente. Meu coração batendo feito um tambor de guerra.

— Você me seguiu? Estava no treino... o que você quer de mim?

Ele finalmente se levanta.

O banco range. Ele é mais alto do que parecia sentado. Mas o que me prende não é o tamanho dele. É o olhar. Um vazio ali dentro que me faz querer correr.

— Você me viu. Você sentiu. Esse campus... não é seguro pra você. Não mais.

Engulo seco. Meu cérebro procura uma explicação lógica. Será que é só um delinquente? Um psicopata? Alguém do passado da Ellen?

Mas algo em mim sabe que é mais. Muito mais.

— Sai do meu vestiário. Agora!!!

Ele ri. Um som abafado, sem alegria.

— Acha mesmo que está no controle disso?

E antes que eu diga qualquer coisa, ele caminha lentamente até a saída, passando tão perto que quase posso sentir o calor da loucura dele encostar em mim.

Na porta, ele para.

— Ah... e Reika. Bela tomada de decisão a de hoje. Mas da próxima vez... talvez eu não só assista.

A porta se fecha.

E eu desabo sentada no banco, sem conseguir entender. Mas sentindo.

Sentindo que tudo mudou.

Que a Vagalume não é o único pesadelo neste campus.

Sala do Reitor Lundoni.

As paredes estão cobertas com quadros, todos os reitores que já passaram pela Universidade Phoenix Minnesota.

O carpete vermelho vinho com o símbolo do pássaro flamejante brilha sob a luz quente. Há uma estante com livros, algumas plantas cuidadas com esmero. E um silêncio absoluto.

— Sente-se, senhorita Tamura.

Claro que eu sento. O que achavam que eu ia fazer? Fugir? Cruzo as pernas, mãos no colo, tentando manter uma aparência de controle.

Ele me observa. Frio, mas não cruel.
E dispara:

— Senhorita Tamura, o que está acontecendo com suas notas?

Meu estômago vira. Mas mantenho o rosto neutro.

— A última vez que nos falamos, notei um declínio no seu desempenho. O curso de Filosofia não está sendo suficiente? Está perdida?

Ele se levanta. Dá passos lentos sobre o carpete. Olha pela janela da sala com as mãos atrás das costas, como se contemplasse séculos de tradição.

— A Universidade Phoenix Cities de Minnesota tem um compromisso com disciplina e formação docente.

Por isso exigimos que nossos jogadores, líderes de torcida e integrantes do núcleo esportivo mantenham boas notas.

É um legado entre gerações.

Ele volta a se sentar. Agora o tom é mais baixo, quase melancólico:

— Tamura... se você continuar assim, vou ter que desligá-la das Psycho Phoenix.

Silêncio. Ele cruza os dedos sobre a mesa.

— Se esforce para voltar a ser a aluna que nos orgulha. Está dispensada.

Eu não discuto. Não explico. Não imploro.
Só me levanto, respiro fundo e digo, com a voz firme:

— Sim, senhor Lundoni.

E saio.

Sem olhar para trás do corredor lateral do ginásio. O lugar já está quase vazio. Só o barulho dos secadores no vestiário feminino, o eco de uma bola quicando distante, e meu coração batendo forte — não por causa do treino, mas por causa dela.

Ellen.

Me apoio na parede, deslizando até o chão com o celular nas mãos. O joelho ainda está com uma marca roxa da última acrobacia. Minha jaqueta vinho com o símbolo das Phoenix está meio aberta, revelando a camiseta grudada de suor.

Eu só queria uma mensagem. Uma palavra. Uma desculpa, talvez. Ou só um "oi".

Minutos passam. Meu dedo desliza sem parar pela conversa anterior, olhando os dois últimos checkmarks.

"Visto há 2 horas."

Minha garganta aperta. As palavras do reitor ainda me cercam como uma corrente:

"...vou ter que desligá-la das Psycho Phoenix..."

"...declínio no desempenho..."

"...nos orgulha..."

Minha visão começa a embaçar, mas disfarço. Alguém pode passar. Eu sou Reika Tamura. Eu não choro no corredor. Não posso quebrar.

Mas então...

O celular vibra.

 Ellen:

"Ei... desculpa não ter respondido antes. Você tá bem?"

Meu peito incha. Aquele "Ei" tão simples parecia um cobertor. Respiro fundo e seguro o impulso de escrever tudo. Ao invés disso, digito com os dedos trêmulos:

"Mais ou menos. Queria te ver."

Silêncio por um momento. Meus olhos não saem da tela. E então:

 Ellen:

"Quer que eu vá até aí? Eu tô livre agora."

E é aí... que minha armadura dá uma pequena rachada. Como se já não estivesse no modo sobrevivência.

"Sim."

Só isso. A verdade coube em três letras.

Capítulo 3 — Um abraço revela muitas coisas

O vento da tarde empurra folhas secas pela calçada larga do campus. Eu estou sentada no mesmo banco de pedra que já segurou muitas das minhas quedas — físicas e emocionais. As mensagens da Ellen ainda abertas na tela do meu celular, os olhos varrendo o entorno. Eu espero.

E então ela surge.

Vinda do lado oposto da praça, Ellen Turkson corta o cenário como uma flecha certa. A boina preta encaixada no topo dos cabelos, o top branco revelando parte do abdômen, e a saia xadrez vermelho e preto balançando como uma bandeira de guerra. Ela está ofegante. Corre. Me vê.

E me abraça.

Com força. Com urgência. Com algo que nem sei se entendo. O mundo inteiro para. Não há mais treino, não há Lundoni, não há quadros na parede. Há só ela e seus braços ao redor de mim. Me afundo naquele abraço como se ele tivesse sido desenhado para me salvar.

— Reika... eu te vi na minha classe... tá tudo bem?

— Na verdade... o que aconteceu? Ou quem você viu?

A voz dela é pura preocupação. Mas antes que eu consiga responder, outra voz corta o ar como uma lâmina:

— Não acredito!

Eu olho de lado e é Saraya.

Parada. Imóvel. Com a expressão de quem acabou de presenciar uma heresia. A postura reta. Os braços soltos ao lado do corpo, mas o rosto... o rosto é de julgamento. Me afasto do abraço da Ellen. Endireito as costas. Caminho até ela com o olhar firme, uma impiedosa diante de outra guerreira.

— Sim. Sou amiga da Ellen Turkson. Qual o problema?

Ela coloca a mão no nariz com repulsa teatral.

— Você tá com a fracassada.

Meu sangue ferve. Eu me inclino para frente, encarando cada palavra.

— Sim, estou.

— E... ela não é fracassada.

Se ela é... então eu também sou.

Silêncio. Mas não um silêncio leve. É um vácuo cheio de tensão. Eu vejo Saraya como o que ela é agora — uma oponente.

E sem piscar, jogo minha única carta:

— Eu sei da sua relação com o técnico.

Saraya congela. As mãos vão direto à boca. Olhos arregalados. Eu circulo em volta dela lentamente. Como predadora em terreno conhecido.

— Tá pensando que sou a única com segredos?”

Me inclino até o ouvido dela. A voz baixa, afiada como navalha.

— Vamos fazer assim, Saraya... você não conta, e eu não espalho seu relacionamento, já que gravei vocês aos beijos.”

Mentira, claro. Um blefe. Mas ela engole como verdade. O rosto dela perde cor.

— Ok, ok... eu não vi nada.
E nem você.

Me aproximo por trás. Sorrindo.

— Ótimo. Agora curte sua popularidade...
que tá por um fio de cair. Igual à minha.

E volto para os braços da Ellen. Com o coração em chamas, mas a cabeça erguida. Pelo menos hoje, eu protegi o que mais importava.

Ela ainda está com o cheiro doce da rua, o cabelo um pouco bagunçado da corrida. Mas agora... me olha como se quisesse me dar uma bronca.

— Você ficou louca, Reika?!

A voz dela sobe, mas não é raiva — é medo.

— Você ameaçou a Saraya?! Na frente de todo mundo! E... e falou do técnico?! Sabe o tamanho disso?

Eu dou de ombros, tentando parecer fria.

— Eu defendi você. Ou queria que eu ficasse calada enquanto ela te chamava de fracassada?

— Sim! Não! Não é isso, mas... você se expôs. Por mim. E agora ela vai espalhar! Ou pior, vai se vingar. Você sabe como Saraya é.

Eu suspiro e olho para o lado. A raiva ainda escorrendo dos meus ombros como suor depois de um treino. Mas não me arrependo.

— Ela mexeu com você, Ellen. E ninguém mexe com quem eu gosto.

Silêncio. Pesado. Tenso. Bonito.

Ela me olha como se não soubesse se grita ou me tira de todo o pesadelo.

— Você não precisava se queimar assim, Reika... Você... você já tá num ponto tão delicado...”

Eu encaro firme.

— Você vale mais do que a reputação de qualquer uma das Psycho Phoenix.

Ela aperta os olhos, e depois os fecha por completo. Como se estivesse tentando segurar algo dentro de si.

— Por que você faz isso? Por que você se arrisca por mim desse jeito?

A voz dela quebra um pouco.
E eu abaixo a guarda. Pela primeira vez naquele dia.

— Porque eu te vejo, Ellen.

— E ninguém nunca me viu do jeito que você me vê.

Ela empalidece.
Um passo pra trás. Um olhar nervoso. Um dedo no próprio colar.

Ela balança a cabeça. Uma lágrima quase escapa, mas ela não deixa. Em vez disso, fala baixo:

— Vamos sair daqui.

Dou o braço. Ela segura.

E enquanto caminhamos pelo campus, a boina dela se ajustando no lugar, eu só penso em uma coisa:
Se a minha queda servir pra levantar alguém como ela... então que eu caia com estilo.

A gente tá sentada num banco de pedra perto do bosque atrás da universidade. As árvores balançam devagar, o som das folhas se mistura com a respiração pesada. Ellen segura uma latinha de chá gelado, mas nem toca nela. Ela tá só esperando.

Eu olho pro chão, brincando com uma pedrinha com meus pés. Meus olhos estão baixos, como se lutassem contra um peso enorme.

— Ellen... eu não sei por onde começar. Parece que tudo desmoronou de uma vez.

— Então começa do meio, Reika. Do ponto onde você quase afundou.

Eu suspiro, fecho os olhos por um segundo e então se viro de frente pra ela.

— Tem uma coisa... Ele me procurou hoje. O doido dos chicotes. Alto, olhos vermelhos e azuis. Disse que eu sou fascinante como a portadora. E revelou seu apelido ou nome, não sei bem dizer... Escaravelho.

Ellen arregala os olhos. A lata cai no chão.

— Espera. Escaravelho? Você tá falando daquele cara estranho que apareceu na semana passada? Ele tem nome? E sabe de tudo isso?

— Sim. E ele sabia. Sabia de mim... e sumiu logo depois de dizer que esse lugar não era seguro.

Seguro o próprio braço com força. Ellen se aproxima devagar, como se estivesse lidando com algo precioso e frágil.

— E tem mais, não tem?

— Fui chamada pelo Lundoni. Minhas notas estão péssimas. Ele disse que, se eu continuar assim... vai me tirar das Psycho Phoenix. Ellen... esse grupo é tudo que me sobra!

Ellen me abraça de novo, mas dessa vez com mais calma. A mão dela acaricia as minhas costas como se quisesse costurar cada rasgo que o dia deixou.

— Reika... você não tá sozinha. Não com isso, nem com as Psycho Phoenix. Você tem a mim. E eu juro... juro que se esse cara aparecer de novo, eu vou estar do seu lado. Com boina ou sem boina.

Mergulhada no choro ela consegue me arrancar um riso, bobo, contido mas tá valendo.

— Obrigada... só... obrigada.

Sentadas no banco sob a sombra das árvores, o silêncio entre nós duas é confortável, mas carregado de sentimentos não ditos. Respiro fundo, os olhos ainda marejados, e olho para Ellen com uma sinceridade que só uma amiga de verdade pode receber.

— Tem mais coisa, Ellen... algo que minha vó me contou hoje, algo que até então eu não queria acreditar.

Ellen me incentiva com um leve aceno, segura firme a minha mão.

— Minha mãe... ela não desistiu de mim, nunca pensou em me abandonar. Ela me amava demais. Mas o Vagalume... ele quase a matou. Foi ele que deixou meu pai assim — falto tocando no próprio peito, como se sentisse a dor ali — entubado, frágil.

Os olhos de Ellen se arregalam, seu rosto se enche de preocupação.

— Minha mãe era arqueóloga. Estava estudando esse tal amuleto de Lampyris, fascinada pela ideia do poder dele. Minha vó me disse que eu nunca devia mexer nisso... que era perigoso demais.

Faço uma pausa, engolindo seco, e continuo.

— Ela mostrou o amuleto para meu pai, aqui mesmo em casa. Quando ela o abraçou contra o peito, faixas de luz verde explodiram por toda parte, tudo ao redor parecia desmoronar. Minha mãe foi arremessada, desmaiou. Eu estava na cama com 4 anos de idade, quieta.

Ellen aperta a minha mão e não sabe o que dizer. E resolvo soltar tudo que está entalado.

— Depois disso, minha mãe foi levada para o médico, mas ninguém entendeu direito o que aconteceu. Diziam que foi uma explosão doméstica. Meu pai ficou assim, com a minha mãe levitando, quase como se tivesse perdido o controle do próprio corpo... e só voltou ao normal quando ela disse as palavras “força para um novo dia”.

Eu respiro fundo, lágrimas escorrem silenciosas.

— Minha mãe... foi vítima do Vagalume por causa da ambição dela de descobrir mais. E agora, parece que essa coisa... essa luz, está presa em mim.

Ellen me abraça com toda a força, a única coisa que pode fazer naquele momento.

— Reika, você não está sozinha. Eu estou aqui, e vamos enfrentar isso juntas.

A dor explode em seu peito, uma mistura cruel de perda e desespero que não consigo conter. A voz falha, os soluços tremem enquanto entrego toda a verdade para Ellen, me envolve num abraço firme, um porto seguro no meio da tempestade.

Minhas palavras explodem em ódio com a voz embargada:

— Minha mãe... morreu pelo Vagalume. Minha mãe! Minha vó tentou tirar essa maldição, usou aquela palavra... e o amuleto saiu dela... mas... mas... foi tarde demais.

Me apoio no corpo de Ellen, sentindo o calor e a segurança que só uma amiga de verdade pode oferecer naquele instante.

Ellen aperta meus ombros, sussurrando palavras que não precisam ser ditas em voz alta, porque o silêncio ali já diz tudo.

Neste abraço, entre as lágrimas, eu encontro uma força que parecia perdida — a certeza de que, mesmo com essa dor toda, não estou só.

Ela passa as mãos em meus cabelos

— Sabe Reika...meu pai também foi ambicioso tentando enfrentar o maior pugilista da história! Ele se orgulhava de chegar perto ao grande feito...e foi aí que nessa pressa seu carro capotou, foi mais pela pressa que qualquer coisa!

Com minha cabeça reclinada no colo dela tento esquecer a minha dor e dizer a única palavra em mente:

— Eu sinto muito Ellen

Ela acaricia meus cabelos pra me manter calma "

— Eu não vi ele voltar Reika e tá tudo bem, eu já aceitei o luto, a irmã dele ficou comigo!

A voz dela muda e pergunta:

— Nesse encontro com esse cara estranho do chicote vc viu mais alguma coisa?

Eu respondo:

— Vi...foi horrível ele esmagou uma borboleta"

Ellen paralisa por um segundo, a mão ainda repousando em meus cabelos. O toque fica mais lento, quase pensativo.

— Uma borboleta? — ela repete, baixinho, como se testasse o peso da imagem.

Eu sinto os dedos dela hesitarem, depois retomarem o carinho com mais delicadeza ainda.

— Reika... isso não é só simbólico — ela diz, a voz agora mais séria, mais sombria.

— Esmagar uma borboleta... esse gesto carrega um recado. Ele não quer só te assustar, ele quer mostrar que é capaz de destruir beleza, fragilidade... ou esperança.

Eu fecho os olhos por um instante, sentindo o calor do colo dela, tentando se ancorar ali. A lembrança do homem de olhos vermelho e azul ainda pulsa em minha mente como um raio que partiu o chão.

— E o que ele disse... "O escaravelho tem contas com você"... — sussurra, ainda tentando entender. — Por que ele sabia da portadora? Por que ele me chamou assim?

Ellen inspira fundo.

— Reika, tem algo muito maior nessa história. A gente precisa descobrir quem é esse cara. E o que ele sabe sobre você.

Ela me envolve com os braços como quem tenta proteger não só o corpo, mas a alma.

— E eu não vou sair do seu lado. Você me ouviu?

Eu percebo, sem palavras. Pela primeira vez, o abraço da Ellen não era apenas refúgio. Era promessa. A cabeça ainda pesava.

Eu estava ali, no colo da Ellen, tentando juntar as peças que minha avó deixou espalhadas com as palavras cortantes sobre a minha mãe. O Vagalume. Minha mãe morreu por isso. E eu... eu quase também.

Mas então... a Ellen se levanta num pulo.

Minha cabeça vai junto, sem aviso, e BATE contra o banco.

— A!!!! Ellen!!!

Ela nem me escuta.

Olha pro nada, olhos vidrados como se tivesse recebido uma transmissão alienígena. As mãos meio erguidas, os dedos tremendo com ideias demais e palavras de menos. Ela vira o rosto devagar e diz, como uma cientista que acaba de descobrir um fóssil novo:

— Reika... não existe só uma espécie de vagalume!

Eu arregalo os olhos. O que?!

— Vagalume? — repito, sem fôlego.

Ela se joga no banco ao meu lado, sacando o celular com a velocidade de quem quer provar o impossível.

— Olha isso, presta atenção! — ela vai deslizando o dedo frenética na tela, me mostrando imagens, artigos e mapas.

— Há milhares de espécies, Reika. MILHARES! No mundo todo!

Os olhos dela brilham.

— E se o seu amuleto for só uma versão? Um modelo? E se existirem outros... outros que são incompatíveis com a alma de quem toca? — ela ergue o dedo como quem termina uma equação — E se o que matou sua mãe... não foi o mesmo que está com você?!

— Mas o símbolo era o mesmo... — eu murmuro, assustada.

— E daí?! Escuta isso: — ela gira o celular e me mostra um artigo. — "Arqueólogos da Namíbia encontraram fragmentos de amuletos vagalume. A energia dos objetos parecia reagir de forma diferente em cada pesquisador."

— Lucy Mackenzie... — eu sussurro, sentindo uma fisgada no estômago.

Ellen confirma com um aceno firme.

— Sim, Reika. Lucy pode ter sido vítima de um amuleto amaldiçoado. Não o seu. Talvez o que ela tocou... não fosse para ela. Mas o SEU...

Ela olha pra mim. Fala baixo agora, quase como um segredo.

— ...o seu te escolheu.

Engulo em seco. A borboleta esmagada. A presença daquele homem. Minha mãe sendo arrancada de mim por um nome.

— E se esse outro amuleto ainda estiver por aí...?

— ...esperando a próxima vítima ou a próxima portadora. — ela completa.

Aperto o casaco contra meu corpo. Um arrepio sobe pela espinha. Ellen continua digitando, buscando, buscando como se a verdade estivesse escondida no próximo clique. Mas eu já sei: a verdade está dentro de mim.

E também, talvez... em Lucy Mackenzie.

Eu ainda sentia as palavras da Ellen ecoando quando ela se levantou do nada, com aquele jeito doido dela.

— Nossa... que lindo... várias borboletas!

Pisquei, confusa.

— Borboletas? — murmurei.

Mas logo vi. Centenas. Não. Milhares.

Borboletas azuis. De asas translúcidas, como vidro em movimento. Elas nos cercaram como um campo de força feito de beleza. O céu inteiro parecia ter parado — ou melhor, o mundo inteiro.

Minhas pupilas se dilataram.

— Ellen...? — toquei seu ombro.

Mas ela estava imóvel. Congelada no gesto. Um suspiro paralisado nos lábios. Até as asas das borboletas... estavam imóveis no ar. Como presas num quadro, como pixels presos no tempo.

— Não... o que é isso? — sussurrei, recuando um passo.

Foi então que a voz veio.

Firme. Calma. Imponente.

— Sim, portadora. Eu congelei o tempo.

Me virei bruscamente. Ali estava ela.

Uma mulher alta, esguia, imponente como uma juíza cósmica. Roupas sociais em grafite: saia reta, camisa de botões negros, sapatos como espelhos. Os cabelos eram curtos e

brancos como a neve. A pele morena trazia um brilho que não era natural — e os olhos... meu Deus, os olhos.

Azuis. Idênticos às borboletas.

O campus inteiro parou. Estudantes, carros, árvores, até o vento. Tudo suspenso.

— Não se preocupe, — ela disse, com um meio sorriso que não aquecia — já ouviu falar do efeito borboleta?

Dei um passo firme pra frente.

— Sim. — respondi, a voz trêmula. — Mas se você acha que vai me assustar, esquece.

Ela soltou um leve suspiro, e seus olhos não piscavam.

— Estamos na área divisória de eventos. Um instante fora da linha principal do tempo. Aqui, podemos conversar sem alterar o fluxo.

— Conversar? — avancei um passo, punhos cerrados. — Ou me ameaçar?

Ela me estudou como se eu fosse uma equação errada.

— Você carrega o que o Grande Conselho chamou de Anima Primária. O Vagalume primordial. Existe apenas um jeito de removê-lo...

Ela deu uma pausa, cruel.

— Acabando com a sua vida.

Engoli em seco. A garganta ardeu. O coração, apertado num punho invisível, batia como tambor.

— Se é isso que você quer, — disse eu, trincando os dentes — vai ter que lutar.

Ela ergueu uma sobrancelha, como se eu tivesse dado a resposta certa e errada ao mesmo tempo e então... virou-se de costas.

— Tudo bem, portadora. Eu te dei uma escolha.

As borboletas começaram a se mover de novo — as asas batendo lentamente, como quem acorda de um sonho.

— Nos vemos em breve. — ela disse, desaparecendo entre as luzes azuladas.

Pisquei. O som do campus voltou como uma maré: vozes, passos, o riso de Ellen, ainda encantada com as borboletas.

Mas eu já não via mais beleza.

Só o eco daquela escolha que parecia ter mudado tudo. O Jeep vermelho parou.

Por um instante, tudo ficou em silêncio no campus. Só o som do motor abafado. Só a poeira levantada devagar. Só o peso no meu peito. A porta se abriu. E mesmo sem ver, eu já sabia quem era.

Ela saiu apressada. Os passos firmes. O cabelo preso num coque apertado. A expressão... entre raiva, alívio e cansaço.

Minha vó me viu.

E eu vi algo que não via há muito tempo nos olhos dela: medo. O medo de perder de novo.

— Reika!

Foi a única coisa que ela disse. E correu. E me envolveu nos braços.

Eu... eu não tive tempo nem de pensar. Não consegui resistir.

Me joguei naquele abraço. Fiquei ali. Encolhida. O cheiro dela... de casa. De chá. De cobertor velho. De colo que consola.

Ela me apertou forte. Como se tivesse medo que eu sumisse de novo.

— Você não foi pra casa, Reika... — a voz dela saiu tremida, perto do meu ouvido. — Você não atendeu o telefone, você não me respondeu... Eu achei...

— Vó... — murmurei, com os olhos cheios d'água. — Desculpa...

Ela me afastou um pouco, só o suficiente pra segurar meu rosto entre as mãos.

— Olha pra mim.

Eu olhei.

— Você tá bem? Hein? Tá machucada? Tá com fome? Tá... você...

— Eu tô aqui agora. — interrompi.

Ela me olhou por alguns segundos. Como se quisesse acreditar. Como se ainda não tivesse certeza se aquilo era real.

Depois, suspirou fundo.

E só disse:

— Vamos pra casa, Reika. Só isso. Vamos pra casa.

Eu assenti. E naquele momento... não havia mais nada. Nem universidade, nem uniforme, nem notas, nem passado. Só aquela estrada de volta. Só o Jeep vermelho. Só o som do rádio baixo e a respiração dela mais calma.

Eu encostei a cabeça no banco e deixei o coração descansar.

Capítulo 4 - O Começo do Veredito

Narrador 🗣️

Um salão de pedras polidas, envolto em silêncio sagrado, se abre como se estivesse selado há séculos. O carpete negro absorve a luz ao redor, guiando o olhar até o centro — onde um símbolo branco, semelhante a um laço, repousa no chão e se repete esmaecido na parede principal, como se houvesse sido apagado à força. Guardas perfilados de ambos os lados mantêm o ar de ordem absoluta.

A porta principal se abre. Um jovem de túnica preta caminha em passos firmes. Seus cabelos longos e brancos contrastam com a pele pálida, e seus olhos — azul — lembram os de Eudora. Ele para à frente do salão, levanta a cabeça com solenidade e pronuncia:

— Atenção! Por deliberação do Grande Conselho, está aberta a primeira sessão... Convoco os nossos Mestres para iniciar os trabalhos.

Quatro figuras envoltas em capas e capuzes negros surgem pelas sombras. Suas silhuetas — duas femininas, duas masculinas — deslizam até os cantos de um círculo central, posicionando-se sobre linhas de pedra que levam a quatro emblemas ainda apagados no chão.

O cerimonialista prossegue:

— Convoco agora a Borboleta do Centro Maior, a Abelha Rainha da Divisão Central... e o Escaravelho da Imigração Leste. Apresentem seus relatórios.

A primeira a surgir é Eudora, trajando uma armadura reluzente como vidro azul cristalino, combinada com calças pretas e botas de combate. Suas asas transparentes vibram suavemente ao caminhar. Ela se curva, respeitosa, diante do Conselho, e estende a mão sobre um dos símbolos apagados. Uma pedra negra se conecta a uma vala entalhada no chão, que começa a brilhar até alcançar uma das figuras do Conselho — envolta por máscara e capuz.

— Meu relatório, Grande Rainha — diz Eudora.

A conselheira responde com uma voz poderosa:

— Muito interessante... Então, a portadora não quer entregar o Vagalume. Bom trabalho, Borboleta. Já basta pra mim.

Silêncio.

O cerimonialista anuncia em tom firme:

— A Rainha do Centro Maior já recebeu a mensagem.

Agora, Rud adentra o salão. Seu uniforme dourado tem o brilho do mel, contrastando com a leggings preta que esculpe seus movimentos precisos. Pela primeira vez, suas asas enormes se abrem como véus imperiais. Ela se curva com firmeza.

— Aqui está meu relatório, Vosso Rei.

O mesmo ritual acontece: a luz percorre a vala até alcançar o trono encoberto de outro membro do Conselho. A resposta vem em voz grave:

— Ótimo trabalho, Abelha Rainha. Então você testou a força da portadora. Para mim, já basta.

Por fim, surge o Escaravelho, vestindo um uniforme com peitoral marcado por linhas pulsantes em vermelho e azul, e asas roxas densas como sombras. Ele se curva com reverência:

— Aqui está meu relatório, Nobre Rainha da Imigração Leste.

A luz alcança o último trono. Uma voz feminina, hesitante mas firme, ecoa:

— Então você conseguiu despertar a portadora... ótimo trabalho. Para mim, já basta.

Os três se ajoelham ao mesmo tempo diante do Conselho.

O jovem cerimonialista conclui com imponência:

— A sessão está encerrada. O Grande Conselho terá três dias para o veredito. Estão dispensados. E assim, com um sopro de silêncio, o destino da Vagalume começa a ser traçado.

Reika ✨

É hoje. O dia do grande jogo.

Antes de sair, passo pelo espelho com o uniforme de líder de torcida já vestido — aquele collant branco que se perde num degradê vinho até a cintura, a saia plissada vinho com a barra amarela vibrante, os tênis brancos impecáveis. Dou uma última ajeitada no rabo de cavalo e saio do quarto.

Minha vó me olha da cozinha, com aquele jeitinho dela que tenta esconder a emoção, mas não consegue. "

— Você está linda, amor... vai brilhar!

Ela nem precisa dizer mais nada. Eu sorrio, meio nervosa, meio empolgada, e saio.

Chego na área dos vestiários. O clima já está eletrizante. Saraya me vê primeiro e acena com um sorriso animado. Logo atrás, Jillian — sempre a mais séria — aparece, reunindo o grupo antes de subirmos as escadas. Ela fala olhando pra frente, voz firme:

— Vamos arrasar. Psycho Phoenix. P. S. Y. C. H. O... Psychooooo!!!

O grito ecoa com as vozes das meninas, todas unidas. Sinto um arrepio na espinha. Não importa o que esteja acontecendo na minha vida — aqui, agora, eu sou uma Psycho Phoenix. Subimos as escadas. As arquibancadas estão cheias. Tem bandeiras balançando, faixas, gente gritando... A fanfarra começa a tocar e o campo vira um espetáculo de som e cor.

Eu entro em ação com os pompons brilhando nas mãos. Esqueço os pesadelos, o conselho, a dor. Só existe isso: a batida, o grito, a energia.

— Vai P, vai Phoenix! Vai P, vai Phoenix!

Do outro lado, vejo a torcida adversária, mas eles não têm o nosso brilho. E então

— bum! — os confetes explodem no céu como se fosse uma tempestade de luz. Os Phoenix entram em campo. Ombreiras brancas, calças vinho com listras amarelas. Um a um, os nomes são chamados. A torcida delira:

— E o grande turbilhão dos Phoenix... Roooodney!!!

Vai anunciando o locutor.

Eu levanto os braços, girando os pompons como se puxasse a energia do público pro campo. E quando ele entra...

— E agora... o único... o relâmpago Quarterback... Robby!!!

O estádio vai abaixo.

Do outro lado, os Devils, uniformes vermelhos com calças pretas, encaram o campo como predadores. Mas aqui não tem medo — tem paixão. Tem alma. E eu estou ali, em meio ao furacão de vozes, pulando, dançando, sentindo cada célula do meu corpo viva. No meio do som das fanfarras, do barulho dos pompons, dos gritos ensurdecadores da arquibancada, só eu ouço aquela voz que atravessa tudo como um raio de sol num céu nublado:

— Vai Reika, brilha uuuuuu!

Congelo por um instante, ainda sorrindo, o coração batendo forte como se fosse o tambor principal da fanfarra. Me viro instintivamente para a arquibancada... e lá está ela. No meio de tanta gente, como uma ilha solitária no mar de vozes e bandeiras: Ellen. Com sua boina preta de sempre, cabelo ruivo brilhando sob o sol. Ela finge que não olhou. Finge que não gritou. Finge tão bem que quase me engana. Mas foi ela.

E bastou uma vez. Só uma vez. E tudo em mim acende.

Volto pro campo com o coração queimando de alegria e energia. Salto mais alto, giro com mais força, puxo as meninas com mais vontade. O grito se transforma em dança, e quando o Phoenix marca o primeiro touchdown, eu simplesmente explodo.

— TOUCHDOWN PHOENIX!!!

Pulo com toda a empolgação que tenho. Os pompons brilham, o suor escorre na testa, mas eu nem sinto. Só vibro.

— Vai Phoenix! Vai Phoenix!

E pra minha surpresa — o público responde em uníssono! A arquibancada inteira grita com a gente, pulando, batendo palmas. Parece que tudo pulsa em um só ritmo. O jogo continua, e eu fico ali na beira do campo, os olhos brilhando, o corpo em movimento constante. Trombadas, corridas, lançamentos precisos — é um espetáculo, e eu tô dentro dele.

Mas no fundo, mesmo com toda essa vibração, com o estádio inteiro em festa... meu peito ainda sente aquele sussurro:

Foi ela. Ellen me viu. E gritou por mim.

E isso vale mais do que qualquer touchdown.

Voltamos pro vestiário. Suadas, elétricas, pulsando adrenalina no sangue. O placar: 23 a 21. Tá apertado. Tenso. E o jogo ainda promete mais.

Mas meu destino agora não é sentar nem beber água — é o lado oposto. Passo pelo corredor com o coração ainda batendo no ritmo do último touchdown, até que dou de cara com ela.

Ellen.

Lá está, meio encostada, com a mão na boca, tentando segurar o riso.

— Reika, você está espetacular! Eu não acredito que estou frente a frente com a famosa do Campus... Reika Tamura!!! Agora te vendo em ação... a ficha caiu.

Ergo uma sobrancelha. Mãos no quadril. Corpo ainda quente de palco e movimento.

— Só agora você caiu na real!? Conta outra, ruivinha.

Ela ri mais ainda, como se não tivesse sido pega de surpresa. Me estende uma garrafinha d'água como se fosse uma oferenda real.

— O que você acha do placar? O jogo tá quente!

Dou uns goles, encosto o ombro na parede, olho pra cima e solto com minha voz de torcida ainda vibrando:

— Sei lá. Acredito na vantagem nossa... Mas o jogo só termina quando a gente apaga as luzes. Tenho que voltar. E você, se tentar sair do estádio, eu te arrasto pelos cabelos até a arquibancada.

Ela levanta as mãos num tchauzinho, e sua resposta é tão ela que me faz sorrir antes mesmo de terminar a frase:

— Eu não vou a lugar algum, Miss Impiedosa. Kkkkkk

Respondo com um olhar de canto, já virando de volta pras escadas.

Ela me viu em ação. Me sentiu. E agora... agora ela sabe quem é Reika Tamura. E eu? Eu tô só começando.

Narrador 🗣️:

Ela desce as escadas do vestiário como quem comanda o próprio espetáculo. O som da fanfarra vibra, o público grita o nome do time, mas nada, absolutamente nada, rouba minha atenção dela: Reika Tamura — a líder das Psycho Phoenix.

O collant justo em branco desce num degradê elegante até o vinho profundo que marca a identidade do time. O tecido molda o corpo dela com precisão, como se tivesse sido feito sob medida para suas curvas. No centro do peito, orgulhoso, o símbolo em formato de "P" — um P estilizado com listras douradas, que reluzem sob o sol e os refletores do estádio. A marca da casa Phoenix. A marca dela.

A saia de prega vinho balança com os passos ritmados, enérgicos. As barras amarelas nas pontas tremulam com o movimento dos pompons, fazendo tudo parecer uma dança — mas uma dança de combate, uma presença de guerra.

Sob a saia, o shorts de lycra preto aparece vez ou outra quando ela gira, pula ou ergue o corpo para dar impulso nos gritos. Justo, funcional — como ela. Nos pés, tênis brancos. Nas pernas, meias brancas até os joelhos que deixam visível só o suficiente da sua força atlética.

Ela pula, gira, lidera os cânticos:

— "Vai P, vai Phoenix! Vai P, vai Phoenix!"

O som do estádio explode.

.

Reika estava no meio disso tudo, vestindo seu uniforme como uma armadura viva: o collant branco em degradê vinho, justo, marcando as curvas como se tivesse sido pintado à mão. O símbolo "P" em dourado e amarelo reluzia no peito. A saia curta girava conforme ela andava, revelando, aqui e ali, o shorts de lycra preto por baixo. Tudo nela gritava: sou uma Phoenix. Mas alguma coisa... sussurrava outra coisa.

Reika ✨

Depois da vitória suada, fomos animadas para o vestiário, gritando o grito de guerra. A Saraya riu e jogou o cabelo pro lado quando olhou direto nos meus olhos:
— Reika... bonita lente de contato. Verde combina com você.

Eu congelei. Lente?

Meu coração parou um segundo antes de acelerar como um tambor furioso. Me virei e atravessei o vestiário sem nem responder. Passei pelas meninas comemorando como se elas fossem sombras e eu estivesse atravessando um pesadelo.

Empurrei a porta do banheiro com força. A luz fria me atingiu como uma lâmina. Me aproximei da pia. A água escorria, mas eu só ouvia o meu coração martelando nos ouvidos. Levantei o rosto. E quando olhei pro espelho...

... meus olhos estavam acesos.

Verde. Um verde forte, pulsante, vivo. Como néon. Como se eu tivesse guardado vaga-lumes dentro das pupilas e eles tivessem acordado.

Minha garganta apertou. Minhas mãos tremiam.

— Não... não pode...

Abaixei a cabeça, respirei fundo. Minha mente gritava. “Não é real. Não é real. Diz a frase. Acalma. Isso vai passar.”

Olhei de novo pro espelho. O reflexo me encarou, brilhando mais do que antes.

E então eu disse:

— Força para um novo dia...

Esperei. Nada. O brilho não sumiu. Ele cresceu.

Minhas pupilas estavam praticamente emitindo luz. Como um farol. Como se algo dentro de mim estivesse dizendo: "Chega de esconder."

— Merda... — sussurrei.

Joguei água no rosto. Outra vez. E outra. Me afastei, olhei de novo. Ainda lá. Peguei os óculos escuros. Coloquei com pressa. Mas dava pra ver pelas laterais... pelas bordas... o brilho vazava.

Corri do banheiro. Minhas pernas pareciam feitas de fumaça. O vestiário inteiro estava em outra frequência — e eu, em silêncio, atravessando como um erro prestes a explodir.

Vagalume.

O que você está fazendo comigo...?

Corro. Atravesso os corredores como quem foge de um incêndio invisível. Passo por mochilas, por gente, por vozes abafadas que já não alcançam minha mente. Lá estão as escadas. E lá está ela. Ellen. De boina preta, encostada na parede do corredor das salas, com o celular na mão e aquele jeito blasé.

Paro na frente dela. Minha voz mal sai, um sussurro desesperado:

— Ellen... me ajuda...

Ela levanta o rosto e me vê. Óculos escuros. Respiração falha. Mãos tremendo. E ela... não se assusta.

Ela apenas entende.

— Vem comigo — diz.

Sem perguntas. Sem drama. Só ação. Ela pega minha mão. E eu me agarro nela como um naufrago. Descemos. Rápido. Atravessamos o campus até a garagem lateral. O concreto é úmido. O cheiro é de borracha e óleo. Nos escondemos atrás de um carro coberto por uma lona. Me sento, sem fôlego. Os olhos ainda queimando sob os óculos. Meus lábios tremem.

— Logo agora que eu ia comemorar... — murmuro, como se aquilo fosse injusto. Como se meu corpo tivesse me traído justo quando tudo parecia se ajeitar.

Ellen se senta ao meu lado. A luz tênue da garagem reflete em seus olhos atentos.

— Reika... o problema é você ir iluminando assim.

Ela pega o celular. Dedilha a tela com os dedos rápidos. Então, para.

— Olha isso. Ela me mostra.

— Vagalumes usam sua bioluminescência para atrair parceiros, mas também para avisar sobre perigos e predadores.”

Ela vira o rosto devagar.

— E se... seus olhos acenderam porque alguém lá fora é o predador?

Meus pelos se arrepiam. A teoria parece insana. Mas... e se não for?

Me levanto. Ellen me segue. Subimos discretamente de volta, atravessando o corredor que dá acesso às arquibancadas. O jogo tinha acabado. O público já se dispersava, mas havia ainda movimento e confusão. Olho ao redor.

— Tem um homem... de boné... ali... — aponto. — Ellen! Olha o que tá brilhando no bolso dele!

Ela vê. Um objeto metálico... refletindo como o meu olhar minutos atrás.

Não penso eu corro.

Me lanço em cima dele com tudo. Nos chocamos. Rolamos de grau abaixo. Sinto a dor do impacto, as costas ralam no chão, mas eu não paro.

Fico em cima dele e aponto:

— É ELE!!!

Gritos. Seguranças. Correria. Uma arma cai do bolso do homem. Eles o imobilizam. Gente começa a gritar. A confusão vira notícia. Eu fico ali... de joelhos... tremendo. E então... meu olhar volta ao normal.

Ellen chega ofegante e se ajoelha do meu lado com um sorriso nervoso, os olhos cheios de lágrimas contidas.

— Reika... seu olho tá normal!

Eu respiro e fecho os olhos e a adrenalina vai saindo devagar.

"Força para um novo dia."

— Reika... seu olho tá normal! — diz Ellen, ainda de joelhos ao meu lado.

Mas o barulho em volta aumenta. Sirenes ao longe. Câmeras de celular surgindo como erva daninha. Os seguranças estão distraídos com o agressor — e eu vejo a chance. Viro o rosto pra Ellen. Falo só com os lábios:

— Corre.

Ela entende na hora. Seguramos nossas mochilas e corremos como duas fugitivas invisíveis. Cortamos pelo fundo da arquibancada, descemos uma saída de emergência, e então... sumimos.

Passamos por trás dos galpões de equipamento, pela lateral dos campos de treino, o coração martelando no peito. Minhas pernas doem, minha respiração falha, mas a única coisa que me move agora é o instinto de sobrevivência.

Entramos num jardim lateral. Uma sombra comprida cobre a gente. Escalamos uma cerca baixa e caímos de novo do outro lado.

— Por aqui! — Ellen me puxa por conhece os caminhos que eu nem sabia que existiam. Subimos por uma escada de manutenção. Pulamos pra dentro do prédio dos dormitórios por uma janela de vestiário abandonado. Tudo escuro e silencioso.

Caímos sentadas no chão frio velho, ofegantes.

— Você é louca. — diz Ellen. — Atacou um cara armado e depois me arrastou por meia universidade. Eu dou risada, nervosa, meio surtada.

— Ele tava armado... o olho avisou, né?

— É... — ela respira fundo, limpando o suor da testa. — A Vagalume avisou.

Ficamos quietas por um segundo. Só ouvindo nossos batimentos tentando se acalmar e a adrenalina ainda zumbia. Mas... uma parte de mim estava feliz.

Salvei o jogo e as vidas.

Narrador 🗣️

A Vagalume caiu. Literalmente.

O impacto na arquibancada não foi gentil, e agora, no chão de uma sala vazia, Reika tenta controlar a respiração ofegante e a dor que pulsa no corpo.

Ela está com a perna esticada, tentando mover o joelho. Geme baixinho. O cotovelo direito ralado. Um ombro lateja de um jeito estranho.

— Merda... — ela murmura, tentando forçar um alongamento.

Estala o pescoço. Torce o tronco com cuidado, os olhos apertados, dentes cerrados. Cada movimento parece rasgar algo por dentro. Mas ela não para.

Porque Reika Tamura não é do tipo que se permite quebrar — não na frente de ninguém, nem da própria dor.

Enquanto isso, Ellen está sentada com as costas na parede, o celular em mãos, dedos deslizando frenéticos.

— Usam bioluminescência como forma de comunicação... pra afastar predadores... tem até código específico entre machos e fêmeas... e Reika, você tá ouvindo?"

Reika não responde de imediato. Ela fecha os olhos, respira fundo. Suada, os cabelos grudando no rosto, os pompons jogados ao lado, esquecidos. O collant justo com o P dourado ainda brilha sob a luz da garagem, mas agora tudo nela parece mais... humano. Mais frágil.

Ela se apoia com as duas mãos no chão e, com esforço, força o tronco pra cima. Uma careta escapa.

— Ai! — a dor vem em ondas no quadril. Mas ela não desiste. Ergue o corpo até ficar ajoelhada.

— A gente precisa entender isso. Você não pode sair brilhando em qualquer jogo, Reika..., diz Ellen sem levantar os olhos do celular.

— Eu sei! — Reika responde, a voz baixa, tensa. — Mas eu não tô no controle. Eu tentei... eu disse aquela frase estúpida e não funcionou.

— Qual frase? — Ellen pergunta.

Reika olha pra baixo. A palma da mão ainda trêmula.

— Força para um novo dia.

Silêncio.

O que antes era um mantra de calma... agora era só um eco. Um sussurro impotente diante da coisa que queimava dentro dela.

Ellen finalmente larga o celular e olha pra amiga.

— Ei... você tá comigo. A gente vai descobrir o que essa luz quer. Mas agora, você precisa descansar.

Reika dá uma risada rouca.

— Descansar? Eu quase explodi num jogo de futebol. Amanhã a manchete vai ser: Líder de torcida tem colapso radioativo e derruba terrorista com um tackle cósmico.

Reika ainda está sentindo o baque do tombo. O joelho esquerdo ralado, o ombro latejando. Mas ela se recusa a parar. Sentada no chão de cimento frio, puxa a perna machucada para o lado e tenta forçar um alongamento lateral.

Os músculos protestam.

Ela grunhe, mas força o tronco pra frente mesmo assim, as mãos tocando a ponta dos pés com determinação. O collant branco em degradê vinho estica sobre as costas suadas, revelando cada fibra de esforço. As linhas douradas ao redor do símbolo P brilham à luz trêmula da garagem. O shorts preto de lycra ajustado quase não permite flexão, mas ela não se importa.

Do lado, Ellen a observa com o celular na mão, olhos arregalados.

— Isso é hora de se alongar??— pergunta, num tom meio incrédulo, meio preocupado.

Reika ergue o olhar, a testa suada, e responde como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo:

— Lógico que sim.

Volta a encostar a testa no joelho com um suspiro ofegante.

Ellen pisca. Solta o ar pelo nariz e balança a cabeça como se dissesse ela é impossível...

— Reika, você quase foi presa. Seu olho virou uma lanterna de vagalume. Você saltou de uma arquibancada em cima de um criminoso armado. E agora tá fazendo alongamento como se fosse yoga matinal!

Reika se senta de novo, ajeita o corpo, alonga o braço por trás da cabeça, trincando os dentes com a dor que volta a pulsar.

— O corpo não perdoa, Ellen. Se eu deixar esfriar, amanhã não ando.

— Você é maluca.

— Sou dedicada.

— É... tá. Rainha da Bioluminescência, né?

Reika sorri com o canto da boca.

— Exatamente.

E volta ao alongamento, estalando o quadril. Ellen volta a olhar o celular, murmurando:

— Se pelo menos esse fogo verde aí viesse com manual de instrução...

Mas Reika nem ouve mais. Ela tá concentrada. Alongando. Respirando. Mantendo o controle da única coisa que ainda sente como sua.

Reika ✨

Me sento devagar no chão frio da sala vazia do campus, ainda sentindo o peso do treino e da luta que se aproxima. Tento controlar a respiração, alongar os músculos doloridos, quando ouço a voz desesperada de Ellen:

— Reika, seu olho tá brilhando de novo!

Meu coração dispara. O que? Não de novo... Tudo vem rápido como um soco no estômago, e eu mal tenho tempo de pensar direito.

— Rud! Sai daqui, Ellen!! — eu grito, mas é tarde.

Antes que eu possa me mover, sinto um chute forte me arremessando contra a parede, me deixando zozna, sem rumo.

— Ah, pra uma portadora demorou pra entender! — a voz fria de Rud ecoa enquanto meus ouvidos zumbem.

Ouço os passos firmes dela se aproximando, e seu olhar ameaçador se volta para Ellen:

— Você não fuja!!!

Minha cabeça gira, tento sacudir a tontura, e num impulso agarro Rud pelos quadris. Com força, a jogo ao chão e começo a desferir socos rápidos, cheios de raiva contida.

Ela ri, provocando:

— Parabéns, Reika... kkkk esse soco tem muito ódio! E só isso que você tem?

Antes que eu reaja, ela me pega pelo pescoço e me ergue lentamente do chão. Vejo Ellen tentando socar Rud, mas sem sucesso.

— Solta ela! — Ellen grita, desesperada.

Rud olha diretamente nos meus olhos que começam a perder o foco, sorrindo com desdém:

— Reika, você é bem divertida como portadora.

De repente, uma borboleta azul pousa em Rud. Num instante, ela me solta.

— Vamos nos ver de novo, Vagalume. — diz ela, enquanto desaparece.

Caio exausta no chão, tentando recuperar o fôlego. Ellen rapidamente se ajoelha ao meu lado, segurando minha mão firme, o único ponto de apoio que me resta.

Tô ali de novo na casa da Ellen, claro... com a maldita bolsa de gelo encostada na testa, sentindo a dor latejando atrás dos olhos como se minha cabeça fosse estourar.

— Reika, ela tá sempre um passo à frente! — diz Ellen, sentada no chão do quarto dela, com uma caneca de café na mão e o notebook no colo, digitando furiosamente.

Reviro os olhos, mas nem preciso falar... falo mesmo assim, com o sarcasmo pingando da minha boca mesmo dolorida:

— É? Não diga... Uau, Ellen, sério Nunca teria percebido..."

Deito o pescoço na cama dela, a almofada apertando contra minha nuca enquanto o gelo derrete devagar sobre a pele quente. Fecho os olhos, tentando respirar, mas tudo em mim é um turbilhão.

— Então... tudo foi uma armadilha. E pra piorar... o homem era inocente... — resmungo, me odiando por ter reagido tão impulsivamente.

Ellen nem olha pra mim, só continua digitando:

— Realmente, muito bem planejado...

Minha mandíbula trava. Ódio e frustração brigam dentro do peito. Tô exausta, machucada, e Rud me venceu mais uma vez — e o pior — com estilo.

— Isso é uma droga... — sussurro, apertando os olhos. — Ela sempre me pega desprevenida...

O silêncio é cortado só pelas teclas sendo pressionadas e eu continuo ali, cuspidando veneno entre os dentes, com a alma fervendo:

— Essa maldita... maldita! — bato de leve a mão no colchão. — Eu queria pegar ela com toda a força que tenho agora!

Ellen para de digitar por um segundo, talvez querendo dizer alguma coisa. Mas ela me conhece. E sabe que às vezes, o melhor é me deixar queimar primeiro... antes da próxima fásca me transformar de novo.

— E ainda por cima... vou virar inimiga das borboletas azuis! — solto alto, quase cuspidando as palavras.

— Porque eu sei de quem é! Sei muito bem...— minha voz falha de raiva, e o gelo escorrega um pouco da minha testa.

Ellen, sentada no chão, encostada na parede com o notebook no colo, fecha o navegador com um estalo seco no touchpad. Do nada, ela dá um soco na quina da rack de chão.

— Droga! Nada!!! — explode.

E eu, deitada ali com a dor latejando na cabeça, só consigo fazer o que parece ser o lema da noite:

— Droga...

Ela me acompanha no lamento, soltando um suspiro bem fundo:

— Droga!

É quase cômico se não fosse tão miserável. Ellen esfrega a testa com força e puxa os próprios cabelos pra trás, frustrada:

— Na internet não vou conseguir achar mais nada! Droga!

Minha voz sai arrastada, ainda no travesseiro, o gelo agora quase derretido na minha testa:

— Drogaaaa... coloque droga nisso...

E ficamos ali. Duas vezes no breu do quarto, soltando a mesma palavra como se fosse um feitiço falho, entre o desabafo e o desacerto. Só que essa era a nossa noite. E nossa resistência.

Eu não pude comemorar a vitória dos Phoenix. No lugar disso? Cai da arquibancada, fui arrastada pela Ellen, apanhei da Rud e ainda saí fugida como uma criminoso. Nada melhor do que isso, né? Palmas pra mim. 😬

Entro no corredor do ginásio com a sensação de ter dormido abraçada numa britadeira. E é só passar pela porta pra levar um soco no ombro — do nada!

— Reika! Você tá atrasada! Elas já passaram por aqui! Vai!!!

É a Ellen. De boina. E de soco. Eu me encolho no impacto, resmungando com a dor.

— Sério?! Depois do gelo na testa esse é o novo agradecimento? Tá, tô indo!

Sigo mancando com dignidade — se é que isso é possível — até a quadra onde as meninas já estão todas perfiladas, vibrando no ritmo do treino. Os meninos jogam numa parte lateral. O som de bola quicando no chão, gritos de incentivo, assobios.

E eu mal encosto na fileira quando... TÁ! Outro tapa no mesmo ombro.

— Ai! Sério? Desde quando virei boneca de testes?!”

A mão da vez é da Saraya, linda, impiedosa e cheia de razão.

— Essa era pra doer mesmo, Reika! Você não apareceu na nossa comemoração! Se faltar de novo, eu vou onde você estiver e te busco pelos cabelos!

Sinto a palma da Ellen reverberando com o bônus da Saraya e murmuro entre os dentes, tentando massagear o ombro:

— Ai... aiai... já entendi...”

Jilian, nossa lider, começa a dar as ordens e montar a nova formação da semana. Mas algo tá errado. O cheiro do treino tá incompleto. Olho pros lados e me aproximo um pouco da Saraya, ainda com dor:

— Ei... cadê o Allan das quentinhas?

Uma das meninas mais novas da torcida, que devia estar ali só ouvindo, se mete na conversa:

— O pai dele foi preso naquela arquibancada, durante o jogo! Iria sacar uma arma... um maluco! Dizem que queria fazer uma besteira!”

Aquilo me congela.

Meu coração acelera. Aquele homem... o homem que eu derrubei. O brilho, a arma, a queda. Eu rolei com ele arquibancada abaixo. E agora... agora dizem que ele é um maluco?

Não. Ele foi manipulado. Pela Rud. Por aquela borboleta azul maldita. E agora, o Allan... o Allan deve estar sofrendo. Ele não tem culpa. E só eu sei disso.

Penso rápido. Reika, você precisa sair daqui. Ir atrás disso. Fazer alguma coisa. Não vai conseguir parada nessa quadra tomando ordem da Jilian.

Levo a mão à testa. Finjo vacilar. Me abaixo de leve. Coloco expressão de cansaço. E deixo as pernas bambas. Me deixo cair — de forma dramática, mas convincente.

— Reika!!!

Saraya se agacha desesperada. Outras meninas fazem barulho em volta.

Eu fico sentada no chão, com as mãos na cabeça. O olhar cansado não é atuação. Eu estou cansada. Mas dessa vez, é útil.

— Não estou bem... preciso sair..." murmuro.

O técnico se aproxima e acena para me retirarem da quadra.

— Levem a Reika pra tomar um ar! Deve ser o sol. Esperamos que você fique bem, Tamura!

Quando saio da quadra, mais alívio que culpa. Assim que estou sozinha, puxo o celular, os dedos trêmulos de raiva e adrenalina.

Mensagem para Ellen:

"Temos um problema. O pai do Allan... aquele homem... foi preso. Era inocente. Foi a Rud. Me encontra agora. Preciso ir até a casa dele. Não posso deixar assim."

Envio. E fecho os olhos.
Allan... segura aí. Eu vou descobrir tudo.

A resposta da Ellen vem quase na mesma hora.

"Nããããã acredito! Vou dar um jeito de sair e vamos!"

A mensagem pinga no visor e logo vem mais uma:

"Todo o campus conhece o Allan... já fui num 'verdade ou desafio' na casa dele uma vez."

Eu ergo a sobrancelha. Sozinha no corredor, encaro aquela segunda parte com um misto de surpresa e julgamento silencioso. Meus dedos digitam sem dó:

"Verdade ou desafio?"

Ela só manda:

"Já tô indo."

Dez minutos depois, estamos dentro de um carro de aplicativo, janelas fechadas, ar-condicionado no talo, e o caminho curto vira um silêncio de tensão.

Eu olho pela janela, Ellen está digitando algo no celular, com sua boina torta de um lado e a saia preta impecável. Parece uma mistura de investigadora com poeta beatnik.

E então... chegamos.

O prédio do Allan é daqueles mais humildes — sem porteiro, com a pintura descascando e um ar de abandono que pesa na atmosfera. Ouço criança chorando no térreo, um casal discutindo em espanhol no andar de cima, e o cheiro de fritura no ar que parece morar ali.

E eu? Estou de uniforme. O maldito uniforme das Phoenix. Mini saia, collant vinho e branco, e aquele símbolo "P" bem no centro do peito.

Sensação estranha...

Eu treinei, humilhei, provoquei e ridicularizei o Allan tantas vezes... e agora estou prestes a pedir ajuda a ele?

Ellen me olha antes de tocar o interfone.

A expressão séria. Mãos firmes. Olhos focados.

— Preparada? — ela pergunta.

Eu apenas aceno. Ela toca o interfone uma única vez.

—Quem é?

— Ellen e trouxe minha amiga Reika ... lembra de mim? Precisamos falar com você. Pode dar um tempinho?

O portão automático abre. Sem mais palavras. Subimos as escadas entre barulhos, gritos abafados, uma mãe xingando alguém em espanhol e o cheiro de algo queimando vindo do terceiro andar.

Chegamos no 47, quarto andar.

Ellen ajeita a boina, respira fundo e olha pra mim:

— Reika, não fala nada.

Ela bate. A porta se abre e ali está ele.

Allan.

Cabelo bagunçado, camiseta do Capitão América com o escudo já desbotado. Um pouco suado. E com os olhos arregalados como se tivesse visto uma sereia da vida real saindo da televisão.

“Rei... Reika... Reika Tamura na minha casaaaa...”

Ele está em transe.

Quase com baba nos lábios.

Um completo colapso hormonal.

Ellen me lança um olhar de quem finalmente entendeu o motivo do garoto não conseguir se concentrar nos treinos.

— Agora entendo porque ele ficava longe de você.

Eu dou um passo pra dentro.

— Ow, garoto, eu não sou uma ET. Precisamos falar com você.

Ele parece acordar um pouco, coça a cabeça, nos deixa entrar.

— Allan... soubemos que seu pai está na delegacia.

Ele faz um gesto como quem já sabia... mas não tira os olhos de mim. Como se eu fosse um especial de Natal da Netflix em carne e osso.

Ellen entra em modo produtivo:

— Allan, acreditamos que seu pai é inocente.

O garoto dá um giro aleatório, liga a televisão... e se joga no sofá como se aquilo fosse um encontro casual.

— Garotas... querem assistir terror comigo?

...

Silêncio.

Eu encaro Ellen. Ela não move um músculo. Foi como se ele tivesse dito “vamos fazer um piquenique com unicórnios?”

Eu dou um passo à frente, me colocando entre ele e a TV. Péssima ideia.

Os olhos dele arregalam como se eu tivesse acabado de ganhar o Oscar de "melhor visão frontal do dia".

Céus... esse idiota não tem filtro.

— Allan, o meu corpo não é o assunto aqui! Será que você não ouviu? Seu pai está na delegacia!!

Ele respira fundo, ainda com aquele ar quase etéreo.

— Reika Tamura... você pode ficar na frente da minha TV quantas vezes quiser.”

Eu viro lentamente o rosto para Ellen.
Olho fixo. Sem piscar. Meu olhar diz tudo:

“Essa. Foi. Uma. Idiotice.”

E o pior? Ela sabe.

Ok. Ele quer emoção? Vai ter emoção.

Eu respiro fundo e olho o idiota largado no sofá com a cara de quem acha que está numa comédia romântica universitária. Meu coração bate mais forte, e eu sei que essa ideia é ruim. Péssima. Um desastre em potencial. Mas também sei que se tem uma coisa que tira idiotas do transe... é um impacto real.

Num impulso, pulo no sofá e fico por cima dele, os joelhos apoiados de cada lado do seu corpo. Estou de collant branco e vinho, com o “P” estampado bem no centro, mini saia vinho plissada, e o maldito shorts de lycra preto por baixo.

Meu corpo encosta no dele, e Allan congela. Olhos arregalados. Respiração suspensa. Um som quase inaudível escapa de sua garganta — um misto de choque, excitação e pânico.

Chego bem perto do rosto dele e cuspo as palavras com firmeza:

— Não viemos pra satisfazer os seus desejos, idiota! Viemos pra ajudar com o seu pai. E se quer brincar com uma garota como eu... quero ver tentar! Você sabe que sou muito pra você!!!

Ele arregala ainda mais os olhos.

Dá pra ver que está engolindo seco, completamente sem reação, e provavelmente sentindo meu shorts de um jeito que só alimenta o caos mental dele.

Mas, bingo. Funcionou!

Ele finalmente fala:

— Meu pai... ele procurou isso.

Eu me travo. A frase me acerta.

Mas não deixo mostrar.

Ainda em cima dele, agarro a gola da camiseta com o escudo do Capitão América e puxo com força, quase o levantando do sofá:

— É o que estamos tentando dizer! Seu pai está na delegacia, mas ele é inocente, seu panaca!

Solto ele com força, saio de cima como se tivesse pisado em algo nojento, e caminho até o canto da sala tentando controlar a raiva. E como está a Ellen...?

Bom, Ellen está com aquela cara de quem viu um plano horrível funcionar pela primeira vez. Ela me lança um olhar do tipo “não acredito que isso deu certo”. Mas nem dá tempo.

Allan, largado no sofá de novo, cruza os braços, encara o teto e solta a pior frase possível:

— Eu tô nem aí se ele vai ser preso ou não.

...

Silêncio. Total.

Ellen e eu viramos o rosto ao mesmo tempo, como se um balde de gelo tivesse caído sobre nós. Mas ela é a primeira a reagir.

Ela avança dois passos, a boina torta de raiva, o dedo em riste e os olhos pegando fogo:

— Covarde! Vai deixar seu pai mofar na cadeia? Por mais que a relação de vocês seja ruim, isso... isso te torna um covarde!

Ela respira com força. Está tremendo. E diz com firmeza, sem olhar pra trás:

— Vamos, Reika. Já perdemos tempo demais aqui.

Eu respiro fundo e dou uma última olhada pra Allan.

O garoto que todo treino era motivo de piada. O cara que nunca levantava a cabeça. Que parecia invisível.

E que agora... estava mais perdido que nunca. Mas ali, naquela sala, cercado de bagunça, camisetas jogadas, louça suja, e uma TV mostrando terror em segundo plano... Ele não era só patético.

Ele era o espelho de alguém desistindo.

E isso... isso me doía mais do que qualquer soco da Rud. Saio pela porta ao lado de Ellen. Não digo nada.

Mas por dentro... Jurei que isso ainda não tinha terminado.

Chega um outro rapaz com sacolas de compras. Barba e camisa de rock, ele nos olha atônito e solta:

— Allan, elas são suas amigas?

Ele responde:

— Bem que queria algo mais!

O rapaz aparenta uns 35, parece o irmão mais velho.

— Olha, garotas, não liguem para meu irmão. Vamos conversar na cozinha. Eu ouvi a conversa enquanto chegava.

Olhei pra Ellen e fomos pra cozinha. Sentamos. Ele, com várias tatuagens, começou a preparar alguma refeição.

— Meu pai foi no campus de vocês e tentou matar alguém?

Eu fico quieta e deixo a Ellen conduzir.

— Acreditamos na inocência dele.

Esse cara pega um cigarro, dá um trago e olha pra Ellen:

— Você está me dizendo... que acreditam na inocência dele?

Ele espalha as cinzas no cinzeiro, fuma de novo.

— Meu pai já era doido antes disso.

Eu percebo que o lugar onde estamos é perigoso.

— E você, japonesa... qual seu nome?

Fico muda. O ar fica denso.

— Duas garotas na minha casa... não é todo dia que sou abençoado, kkk.

Nem conheço o irmão dele, mas acho nojento. Ele vai até a sala.

— Allan, fecha a porta!

Meu sangue congela. Ellen segura minhas mãos, firme, sabendo que estamos na casa errada. Ele volta, passa por nós, senta na cadeira com o cigarro.

— Vocês duas não vieram pelo Allan. E meu pai pouco importa agora. Então, gatinhas... já pensei em aventuras, e olha o que temos aqui: uma líder de torcida e uma ruiva toda elegante!

Ele levanta.

— Meu irmão fica de boa na sala, e a gente se diverte.

Ele tira os cintos. Meus olhos atentos a cada movimento. Abre a gaveta. Pega uma arma.

Ellen se apavora.

— Dizem que mulheres gostam de desafios...

Sinto minhas mãos tremulando. Ellen suando. Não é um tarado que vai nos parar hoje.

Ele senta e aponta a arma pra uma de nós.

— Olha, gatinhas... vamos fazer o que o Valker quiser. Que tal?

Meus punhos se fecham.

Sinto uma energia incontrolável nas mãos.

Não consigo ouvir uma palavra desse nojento.

Ele aponta a arma na cabeça da Ellen.

— Levanta! Vamos! Obedeçam ao Valker agora!

A cozinha inteira sente o ar verde se espalhar. Quando ele mira na minha cabeça, tudo para.

Meu soco vai na fuça dele.

O corpo dele quebra a parede da cozinha e para na sala, destruindo a TV do Allan, que fica imóvel.

Eu pego o Allan pelo colarinho com as mãos em brilho verde fervendo.

Levanto esse panaca.

— É isso que você pensa das mulheres? E ainda encobre seu irmão?

Os olhos dele veem a morte de perto.

— Nunca mais volte ao campus. E se contar a alguém... eu vou garantir que sua alma saia do corpo, seu tarado!

Deixo o apartamento com o irmão dele apagado e o Allan como uma memória de um idiota.

Capítulo 5 — Entre os Segredos do Centro Maior

Narrador 

O lugar parece uma fenda esquecida pelo mundo, uma caverna sagrada selada por eras. As paredes não são apenas rochas — são como carne viva, pulsando em tons de vermelho escuro, cobertas por símbolos que se acendem e apagam numa respiração sobrenatural. Há um lago no centro... mas não é água. É sangue. Espesso, quente, refletindo um brilho doentio. Um santuário macabro.

Zan entra.

O irmão de Eudora não anda — ele desliza como se o chão aceitasse sua presença sem peso. Os olhos dele... são feitos de vidro, brilhando como asas de borboleta. Cintilantes. Ilusórios. Seu sobretudo preto se move com o ar pesado do ambiente, como se algo invisível estivesse sempre atrás dele.

E então, ele a vê. A figura. Sentada à beira do lago. Encapuzada. Solitária.

Zan se ajoelha.

— Majestade. O Centro Maior está em suas mãos...

Silêncio.

O eco daquelas palavras parece se dissolver no ar quente.

A mulher levanta a cabeça. Ainda não vemos seu rosto. Só ouvimos sua voz — firme, com autoridade que corta a alma.

— Estou avaliando com o Grande Conselho...

Ela estende a mão e que mão.

As unhas são longas, curvas como garras, numa cor impossível de nomear — entre o preto e o roxo, como o céu antes de um vendaval sobrenatural. Há um brilho nelas que parece lambar a carne da realidade.

— Venha até mim, ela ordena.

Zan obedece. E o lago, como um ser vivo, treme ao redor deles. A verdadeira face do Centro Maior está prestes a se revelar. E o mundo... talvez não esteja pronto.

O ar pesa mais no Poço dos Esquecidos. Como se o tempo estivesse suspenso, como se qualquer palavra ali fosse ouvida por deuses adormecidos ou monstros que preferimos esquecer.

Zan se aproxima da figura encapuzada com passos lentos, quase cerimoniais. Ele se ajoelha. Mas não como quem reverencia um líder. Há medo nos olhos dele. E uma inquietação escondida entre os cílios longos. Ele engole seco, o som da saliva parecendo ecoar pelas paredes da caverna.

— Há muitos anos... — sua voz finalmente quebra o silêncio — ...ninguém vem até o Poço dos Esquecidos.

A pausa vem carregada de reverência e tensão.

— Majestade, eu sei que Vossa Rainha tem total inteligência para isso, mas...

— Eu e o poço temos muito que conversar.

A voz dela o corta como uma lâmina coberta de mel. Doce. Mas letal.

E então ela se ergue.

O tecido pesado do manto desliza pelo corpo dela enquanto a mulher remove o capuz lentamente. A luz pálida do ambiente revela, enfim, seu rosto: uma humana de traços orientais, olhos negros como abismos com texturas roxas que parecem se mover por dentro da íris. Os cabelos presos em tranças grossas caem por seus ombros como serpentes. Uma beleza perigosa, etérea, intocável. Não parece ter mais que 35 anos — e ainda assim, carrega séculos no olhar.

Ela se abaixa. Fica frente a frente com Zan. A distância entre os dois é mínima. E quando fala, sua voz muda. Suave. Quase... humana.

— Aqui você não precisa me tratar assim... Zan...

Ele baixa os olhos, derrotado pela própria emoção.

— Perdão... Darla...

Darla não sorri. Apenas observa. Depois volta o olhar para o lago de sangue, que vibra levemente com sua presença.

— Zan, eu já tenho meu veredito...
Ela fala como quem sela um destino.

— E você sabe que confio em você. Por todos esses anos.

A túnica desliza de seus ombros, caindo ao chão feito sombra.

Por baixo, o corpo de Darla está coberto por um macacão justo, negro, com listras roxas que acompanham o contorno do seu corpo com precisão brutal. Um traje de combate. Um aviso silencioso.

O silêncio no Poço dos Esquecidos é espesso como névoa. Darla caminha com a túnica esvoaçando levemente atrás de si, deixando à mostra o macacão justo, negro com listras roxas que pareciam pulsar com a luz espectral do lugar. Suas botas tocam suavemente a beirada do lago vermelho — o sangue imóvel como vidro, refletindo sua silhueta como um presságio.

Ela entrelaça as mãos nas costas e fala com firmeza sombria:

— Meu veredito final é dar um fim na vida da portadora.

Zan se sobressalta, levanta-se num impulso, e sua voz explode num sussurro desesperado:

— Darla! Se for o Vagalume que achamos que é... será difícil. E eu não quero te ver em combate!

A Rainha vira-se para ele lentamente. Seus olhos negros e roxos brilham com um calor raro. Ela se aproxima, ergue as mãos e as apoia delicadamente no rosto de Zan. O gesto é íntimo, protetor. Mas o fogo em suas palavras não vacila:

— Zan, não é agora que vou cair.
Sua voz é um sussurro cheio de ferro.

— O Grande Conselho está nas minhas mãos. Eliminar a portadora já é meu desejo... — ela encurta a distância entre eles — ...desde agora. E vamos fazer isso juntos.

O lago atrás dela estremece. Como se ouvisse. Como se concordasse.
A Rainha Darla está decidida.
E seu julgamento não virá por palavras, mas por sangue.

As asas negras dos guardas do Tridente do Ferrão se agitam com um ruído metálico e seco, como penas feitas de aço. A câmara reverbera com o som das botas tocando o chão escuro e polido do Centro Subterrâneo. Eudora mantém a cabeça erguida, olhos impassíveis, sua armadura azul de vidro cintilando sob a luz tênue de cristais suspensos no teto. À sua frente, o imenso portão se abre com um rugido arcano, as trancas luminosas se desfazendo como fios de névoa viva.

— Ótimo — diz ela, sua voz com a firmeza de quem carrega o peso de mil segredos.

Os guardas se alinham ao longo do corredor e não a seguem. Este trecho, ela cruza sozinha. Um ritual.

O corredor que se revela é úmido, gélido, como uma masmorra ancestral. Nas celas, figuras humanas — algumas há muito tempo esquecidas pelo mundo exterior — se encolhem, murmuram, sussurram orações ou delírios. Olhos fundos, membros tremendo. Cada um ali parece ter tocado o inominável... e sobrevivido. Por enquanto.

Eudora caminha lentamente, seu rosto não trai emoção alguma. Até que para diante de uma cela. A luz bruxuleante revela o corpo de um homem, sem camisa, pele suja, cabelos bagunçados, os olhos apagados como um fósforo que ardeu demais. Ele ergue a cabeça ao som dos passos dela.

— Sua hora chegou — diz Eudora, suave e imponente ao mesmo tempo. — Orgulhe-se por seu feito.

Os olhos dele hesitam. Estão vivos, mas quebrados. Ainda assim, ao ver o olhar cristalino e inumano de Eudora fitando-o, algo desperta — medo, talvez. Ou reverência. O silêncio entre eles pulsa como um tambor abafado, até que ela vira as costas, confiante de que ele seguirá o destino que lhe foi reservado.

Porque o Centro Maior não escolhe por acaso. Ele colhe.

Eudora dá mais um passo. A luz refletida em sua armadura azul cristalina projeta sombras sobre as grades úmidas. Ela para diante do prisioneiro — um homem reduzido à respiração. Nem medo ele parece ter... talvez porque até o medo já tenha sido esvaziado dele.

Com calma quase cerimonial, Eudora estende o braço. Seu dedo indicador e o do meio apontam para baixo, cruzando o espaço entre as grades. O gesto é antigo... quase esquecido. Mas carrega poder.

O homem apenas respira fundo. Não compreende. Não precisa compreender.

Então, os olhos de Eudora brilham. Um azul cortante, puro, irrefutável. Sua mão começa a emitir a mesma aura azulada — viva como um trovão contido. E num único movimento preciso, ela vira os dedos para cima.

O corpo do prisioneiro se curva de dor. Os músculos se retesam. O peito se ergue como se puxado por dentro. Um brilho azul atravessa o esterno, pulsando, forçando-se para fora... até que rompe.

Uma borboleta translúcida, azul como gelo e alma, emerge em silêncio. Ela paira no ar, frágil e perfeita, enquanto o corpo do homem — agora cinzento, exausto de existir — se ajoelha. Seus olhos perdem toda cor. Não há mais nada. Ele apenas cai, morto. Seu fim é seco, inevitável, esquecido.

Eudora, ainda firme, estende a mão. A borboleta pousa em sua palma como se sempre tivesse pertencido ali. Ela a observa por um instante... e sussurra:

— Sua dor será a minha dor...

Com a borboleta em mãos, ela caminha de volta pelo corredor sombrio. Os ecos de suas botas se arrastam como uma prece afiada, e logo seu vulto se dissolve nas sombras que ela própria domina.

Reika ✨

E lá estávamos nós. Eu e Ellen. Duas adolescentes, duas fugitivas, duas... baratas tontas no quarto dela. Ela de joelhos no chão, eu andando em círculos como se fosse arrancar o carpete com as passadas.

— Meu Deus! Será que aquele cara resistiu ao seu golpe? — ela lança pro teto como se fosse receber uma resposta divina.

— Eu sei lá... — resmungo, tentando manter a cabeça fria, mas nem frio nem calor, só caos.
— Minha força veio de repente! Pensei que só era com a roupa...

Ela se joga na cama, abre o notebook com uma mão, joga um chiclete na boca com a outra. O desespero dela é quase artístico. Eu fico olhando como quem vê um meteoro caindo e ninguém corre.

— Reika, se a polícia entra no meio, estamos condenadas!

Eu paro, viro pra ela com aquela cara de “você tá me ouvindo, ou tá me ouvindo?”. Cruzo os braços e solto:

— Perai! O que eles vão falar, hein? Que o Allan vai dizer que o irmão dele foi arremessado da cozinha até a sala por duas garotas de saia e pompom? Eu sei que tenho força, mas um soco que explode parede é coisa de anime, Ellen! Não de boletim de ocorrência!”

Ela não ri. Nem sorri. Apenas suspira. Longo. Denso. E abaixa o olhar.

— Reika... sério mesmo. — a voz dela baixa um tom, tão real que meu coração para pra ouvir.
— Eu tive medo naquele momento. Medo de virar uma notícia. Medo de ser mais um número, um nome apagado em algum canto escuro.

Ela se aproxima. Senta comigo. E pela primeira vez desde a confusão, o quarto para. Ela pousa a mão suavemente sobre a minha. Seu toque é quente. E sincero.

— Mas você esteve lá. O Vagalume esteve lá. Você me salvou... Reika.

Ela ergue o olhar. E pela primeira vez, sem nenhum deboche, sem nenhuma piada, sem nenhum “ah mas”, ela diz:

— Obrigada.

Eu engulo seco. Porque naquele silêncio entre a nossa respiração e o mundo que desmorona lá fora... eu entendi.

Aquilo era mais do que poder.

Era pra ter sido o raio certo no momento certo.

Capítulo 6 — E com vocês a Tia da Ellen Turkson, Marrie Turkson

Enquanto o caos da minha vida gira feito um furacão, o universo decide adicionar mais uma peça nesse tabuleiro de insanidades: a tia da Ellen. Estou sentada, tentando entender se destruí ou não uma parede com meu punho brilhante, e então...

CLAC!

A porta se abre. A voz firme e tranquila ecoa da escada:

— Ellen, traz a Reika pra jantar!

Alguns barulhos de sacolas, armários sendo fechados e o tom cansado de quem trabalhou o dia todo:

— Hoje o dia foi pesado, filha... Desce com ela. Trouxe frango daquela conveniência que você gosta.

Ellen olha pra mim com aquela expressão de quem tá lidando com o fim do mundo... e o jantar ao mesmo tempo. Ela desliga a TV, se encara no espelho e sussurra como se fosse uma cientista observando o próprio experimento:

— Nada aqui... e nem um arranhão.

Como se eu fosse ficar só olhando? Peguei o espelho da mão dela com um dos olhos semicerrados, vistoriei o meu queixo — nada. Virei o rosto de lado como quem procura um hematoma secreto e graças... nada.

Ela já calça os chinelos, coloca uma roupa larga de ficar em casa, e me solta uma bomba como se fosse coisa simples:

— Olha... minha tia já te viu várias vezes, mas se ela tá te chamando pra jantar é um passo importante.

Eu, como uma das Três Impiedosas™, puxo meu corpo com dignidade e cruço as pernas no melhor estilo 'estou no controle da situação'. Ergo o queixo com aquele ar blasé, respiro e mando:

— Pode deixar... etiqueta e presença é comigo mesma.

Mentira. Absoluta mentira. A verdade é que minha presença foi registrada no soco que desintegrou metade da cozinha do Allan, ou talvez na surra que tomei da Rud... Isso se chama legado.

Mas tudo bem. Se é frango de conveniência e uma tia que cozinha melhor que o destino, então desce a escada que eu encaro.

A mesa está posta, cheirosa como pecado, o balde de frango frito reinando no centro com gomos de limão siciliano brilhando como relíquias. Estou com o uniforme impecável — símbolo "P" vinho no peito, saia plissada e o shorts de lycra bem ajustado — sento como uma campeã... mas as mãos de Marrie entrelaçadas na mesa não anunciam uma refeição: anunciam um interrogatório. E todas as luzes estão sobre mim.

Ellen, ao meu lado, é uma estátua de tensão. A boina preta repousando no colo, os olhos verdes tentando prever o próximo ataque da tia que, naquela casa, é o que chamariam de última instância. Mãe, tia, avó e juiz supremo do que entra ou não na vida da Turkson.

— Reika... seus pais não estão preocupados?

O frango quase cai da minha mão. Uma mordida é o suficiente pra manter o disfarce da calma, mas por dentro sinto o ringue tremer. Meu olhar cruza com o de Ellen, que sorri... nervosa.

— Eu avisei minha avó que estaria aqui.

— Você disse que mora um pouco longe daqui.

— Sim. Moro no lado sul de Minnesota, perto do Mercado Global.

— Entendo. Eu gosto desse mercado também.

A tensão parece aliviar por um segundo... até que ela vira pra Ellen:

— E você não é da mesma sala da Ellen, não é, Ellen?

Ellen engole o ar. Parece até que passou a bola pra ela sem querer. A resposta vem seca:

— Reika é minha amiga, tia.

O silêncio é tão denso quanto o óleo do frango frito. Marrie volta o olhar pra mim, olhos verdes como gelo derretendo lentamente sobre um julgamento.

— Reika, você é uma líder de torcida bem popular. Creio que gosta dessa sensação.

Eu tento processar. Mas a fome vence. Um frango vai pra boca. Mastigo com dignidade. Mastigo com honra. Engulo, limpo o canto da boca com o guardanapo e respondo:

— Senhora Marrie, conheci a Ellen no intervalo. Ela estava com livros na mão, e vi um que também gosto. Não somos da mesma classe, mas conversamos bastante sobre... livros?”

A cara da Ellen me trai. O meio sorriso dela grita, Livros?

Sim. Falei livros. Eu, Reika Tamura. Impiedosa. A líder que mais xingou calouros em uma só tarde.

E a cara da Ellen... bom, a cara da Ellen valia um capítulo à parte. Porque o que veio a seguir foi a temida pergunta:

— Livros? Interessante. Qual você gosta de ler?

...é, Reika... boa sorte.

E meu cérebro? Em pânico. Descartou toda a biblioteca que já li, ele naquele segundo de resposta apagou qualquer página de conhecimento e me deixou apenas com isso:

— Do patinho feio... sabe, aquele que depois vira um cisne!

A Ellen do meu lado, sorrindo como quem implora: “Reika... cala essa boca.” Imóvel. Estátua. Tensa. Só os olhos suplicando por silêncio. Marrie, a tia onisciente, relaxa os ombros. E como se nada tivesse acontecido, solta:

— Meninas, peguem o frango. Comprei mais.

Eu não sei se ela percebeu a nossa mentira descarada ou simplesmente... desistiu de tentar decifrar a gente. Mas duvido muito que aquela mulher desista fácil. E aí, quando finalmente levo o frango maravilhoso à boca, com o colante colando nas costas de tanto nervoso, ela dispara:

— Soube dos estragos e da luz verde no Campus. O que deve ter sido isso?

BUM.

A pergunta me atravessa como raio. Engasgo na hora. Literalmente.

— Cof!! Cof!!

Ellen entra em modo pânico: bate nas minhas costas, derruba o guardanapo, derruba um pensamento, tenta parecer natural — falha.

— Desculpe, senhora Marrie! Cof!! Cof!! Preciso de água!

E tudo que consigo pensar entre uma tossida e outra é: de líder de torcida exemplar a criatura do brilho verde que não sabe nem mentir sobre um livro infantil.

Reika dos Vagalumes, atropelada pelas próprias palavras, vencida por uma tia e um balde de frango...Parabéns!

Depois do susto, consigo finalmente comer o franguinho. Crocante, quentinho, o tipo de coisa que salva uma noite... mas a tia da Ellen? Ah, ela não ia entregar os pontos ali, não mesmo. Começou com aquelas perguntinhas bobas que até vendada eu conseguiria responder com as duas mãos pra trás.

— Então Reika, você veio para os Estados Unidos ou já nasceu aqui?

Pego o guardanapo com toda educação possível, limpando o canto da boca como manda o figurino:

— Morei em Nagoia quando pequena, vim para Minnesota com 10 anos.

Ela acena com a cabeça, satisfeita com a resposta. Mas a sequência veio certa:

— Interessante... e você está cursando o quê?

— Estou cursando filosofia.

Claro, burra! Era só ter mencionado um livro de filosofia no lugar daquele patinho feio. Um turbilhão de autores e nomes vieram agora, quando já era tarde demais.

— Eu tenho vontade de conhecer o Japão — diz ela, casual, abrindo espaço pra eu brilhar.

Hora de consagrar.

— É um país espetacular, com muita cultura e costumes! E pensa em pessoas educadas!? São os japoneses. Fora a cordialidade...

Ela levanta, pede licença, pega mais um balde de frango e volta, dessa vez mais calma... só que com uma bomba prestes a explodir.

— Eu sei o que se passava no Campus com a minha filha.

Aquilo foi como se a Rud tivesse me jogado contra a parede com um dos golpes sujos dela. Seco. Direto. Quase sem tempo pra reação.

Ellen se intromete, lógico. Sempre tentando me salvar quando pode:

— Tia! Então... a Reika é diferente... e sempre foi.

Eu ouço aquilo da Ellen e, de verdade, me corta por dentro. Porque eu fui a carrasca dela. Fui a Patricinha que a deixava em segundo plano, que zombava dela. E mesmo assim, ali estava ela, do meu lado, me defendendo. Eu olho pra Ellen, sentada ali pertinho. Faço questão de fixar meus olhos nela. Só um segundo. Só nós duas no mundo.

Sussurro, bem baixinho:

— Desculpa!

E ela... estufa o peito, quase em alívio. Como quem responde sem palavras: tá tudo bem, Reika. Já passou.

Aquele sussurro de "desculpa" ficou pairando no ar. E mesmo com tudo acontecendo — frango, mesa posta, a tia olhando entre a gente como se entendesse mais do que deixava escapar — a Ellen apenas assentiu com os olhos. Como quem diz: você cresceu.

E talvez eu tenha mesmo. Um pouco. Não muito.

A tia dela, a famosa Marrie Turkson, agora servia limão siciliano com o frango, como se a gente estivesse num restaurante cinco estrelas e não numa noite pós-apocalipse pessoal. Eu, de collant branco com o "P" vinho no peito, mini saia vinho e o inseparável shorts preto de lycra... agora parecendo uma atleta deslocada num jantar de família. Não combina. E ainda assim... ali estava eu. Comendo.

Marrie tomou mais um gole do chá gelado e disse, sem levantar muito a voz:

— Você sabe cozinhar, Reika?

Eu dei uma mordida grande no frango e pensei, mastigando: Se eu responder que sei, ela vai me testar. Se eu disser que não, pareço uma inútil. Se eu falar "às vezes", soa misterioso o suficiente?

— Às vezes.

Ela arqueia uma sobrancelha, meio que duvidando.

— Espero que pelo menos saiba fritar um ovo.

— Só se for com kimchi — devolvo, rindo. Ellen deixa escapar um sorriso. Marrie... não sei se aprovou ou não. Ela apenas riu de leve e voltou a olhar pro frango. Um mistério.

O jantar continuou assim. Tranquilo por fora. Tenso por dentro. Porque todo mundo ali sabia que o mundo tinha virado do avesso. Só que ninguém queria falar isso de boca cheia.

Quando finalmente a mesa começou a se esvaziar, Ellen levou os pratos pra pia e Marrie ficou um pouco mais atrás, no canto da cozinha, secando as mãos com um pano. E então, sem aviso, ela disse:

— Reika... cuida da minha filha.

Meus olhos se levantaram sozinhos, como se meu corpo soubesse que era hora de parar tudo.

— Eu... eu cuido, sim.

Marrie assentiu e foi até a escada. Subiu devagar, como quem já tinha falado tudo que precisava. Ellen voltou com o pano da pia e perguntou:

— O que ela disse?

— Que era pra eu cuidar de você.

Ela ficou me olhando. E, por um segundo, eu juro que vi nos olhos dela a mesma luz que vi quando lutei pela vida dela.

E dessa vez, não foi o Vagalume que brilhou. Fui eu.

Marrie se levantou e foi até a cozinha pegar um copo d'água. Voltou, sentou de novo e olhou para a Ellen com aquele brilho de quem vê um verdadeiro tesouro no céu.

— Sabe... ver você e a Ellen sentadas aqui juntas me traz muita coisa à tona," — ela disse, inclinando o cotovelo na mesa.

— Essa é a primeira vez que vejo minha filha com uma amiga... Ellen, não lembro de você ter trazido ninguém antes.

Ellen ficou meio sem jeito, e eu tentei entender aquilo tudo, o que havia por trás daquele olhar e daquele silêncio.

Ela se ajeitou na cadeira e falou, meio rápida:

— Tia, precisamos subir e estudar.

Marrie deu um meio sorriso e disse:

— Tudo bem... Reika, vai me ajudar a lavar os pratos?

Eu respondi sem hesitar:

— Tudo bem.

Ela assentiu, satisfeita, e continuou:

— Se você trouxe pijama, está muito tarde para voltar. Pode ficar aqui tranquila. E, filha, me ajuda a conectar aquele streaming. Ellen brilhou nos olhos, animada com a ideia.

Ligou a TV da sala e subiu as escadas para o quarto, enquanto eu fiquei ao lado da Marrie, ajudando nas louças.

Ela falou baixo, quase como um sussurro, mas que eu escutei firme:

— Reika, quero que você entenda, quando te disse que a Ellen nunca trouxe ninguém aqui, isso é verdade. O pai dela e minha irmã não tiveram a oportunidade de vê-la crescer... Ellen é sociável, mas com poucos.

Eu continuei lavando a vasilha, sentindo que, naquela hora, até a impiedosa da Psycho Phoenix podia ficar quieta, só observando e aprendendo.

— Nicolas Flame Turkson era apaixonado por minha irmã, tiveram a Ellen muito jovem... ela era bem pequenina, mal sabia falar as palavrinhas.

Olho para Marrie e vejo no semblante dela aquela necessidade de desabafar, de contar algo que pesa no peito.

— Eu vi ela crescer, ela puxou muito minha irmã! Quando ela estava nos seus 10 anos, foi o golpe final... Reika, eu confesso que lembro do acidente, da notícia... o pugilista Nicolas Flame e sua mulher morrem num acidente de carro! Isso me deixou em choque! Tudo virou uma nuvem cinza, foi quando, aos prantos, corri para dentro do quarto dela e abracei como nunca!"

Ao ouvir aquilo, meus olhos marejam junto com a voz emocionada de Marrie, e a única coisa que consigo dizer naquele instante é:

— Eu lamento muito.

Marrie olha pra cima, o rosto marcado por um misto de peso e rancor, e fala baixo, como se dividisse um segredo sombrio:

— Nicolas sempre vivia bebendo e caindo nas próprias apostas... Eu dizia pra minha irmã que ele não era tudo aquilo. Que ela podia se separar, vir com a Ellen morar comigo. Mas, Reika, nem sempre a gente pode fazer o que quer. E foi no dia em que ela ia dar um basta que aconteceu o acidente.

Aquelas palavras me quebram por dentro. Porque eu sei o quanto a Ellen vê o pai dela como um herói, e ouvir essa outra verdade me deixa perdida, tentando juntar as peças. Enxugo a louça que Marrie me entrega, com a voz um pouco trêmula respondo:

— Senhora Marrie, eu nem sei o que dizer...

Ela retruca, firme e direta:

— Não precisa dizer nada. Eu nunca contei à Ellen quem era o pai dela de verdade.

Eu tento justificar o injustificável, o nó apertando o peito:

— Eu entendo... Ellen já me falou dele uma vez.

Naquele instante, com as palavras de Marrie, eu sinto que estou abrindo as páginas escondidas da história dela, revelando capítulos que até então estavam só no silêncio. Cada

frase é uma chave, cada segredo uma porta para um mundo novo que agora começa a se mostrar pra mim.

Subo para o quarto já pronta, pijama no corpo, banho tomado, toda preparada para finalmente descansar. Antes disso, eu e a Ellen assistimos juntas aquele grupo de garotos que está bombando, comentando sobre o clipe, rindo, vivendo um momento normal. A madrugada vai chegando, e ali estou, no quarto dela, pela primeira vez sem ter que me esconder de ninguém. No chão, com um colchão estendido, Ellen deitada em cima, eu embaixo, quando todas as luzes se apagam.

De repente, ouço a voz dela, suave e preocupada:

— Reika, o que minha tia te disse?

Pensei que viria um interrogatório, daqueles que a Ellen sabe fazer, mas dessa vez eu sabia que me sairia bem. Olhei para o teto escuro, suspirei e respondi:

— Ela falou de mim, do jantar, e dos seus primeiros passos. Agora vamos dormir. Boa noite, Ellen.

— Boa noite, Reika.

Capítulo 7 — A Borboleta

Reika ✨

Eu abro os olhos, o sol bate na minha cara como se quisesse me cutucar pra levantar logo. Estou no quarto da Ellen. Ela se estica, ainda sonolenta, e solta com aquela voz preguiçosa:

— Vamos preparar panquecas...

Antes mesmo de eu responder, como se a vida quisesse me testar logo de manhã, ela grita:

— Reika!!! Olha na janela! Que borboleta azul linda!!!

Ela fala como se fosse a coisa mais mágica do universo. Mas pra mim? Perigo. Alerta vermelho. Eu viro o rosto no impulso — pronta pra bater em alguém, se for preciso — e lá está ela. Uma borboleta azul. Pousada, calma, serena, como se estivesse admirando a vista. Meu primeiro pensamento? Aquela doida da Borboleta. Tá vigiando. Ferrou. Ela descobriu nosso esconderijo.

Meu coração dá uma batida seca. Mas antes de fazer alarde, me aproximo devagar, analiso, encaro... E vejo. Não é a mesma. Não tem o mesmo brilho, nem a aura estranha, nem aquele peso que parecia segurar meu peito.

Eu suspiro, tirando pelo menos um quilo das minhas costas, e com um leve sorriso no canto da boca, respondo:

— Sim... muito bonita.

Locutor 🗣️

A cozinha da casa dos Turkson era pequena, mas cheia de vida. A luz do sol entrava pelas frestas da janela, aquecendo a bancada de mármore claro, e os armários tinham um charme antigo com os puxadores de bronze já um pouco gastos. Reika desceu as escadas ainda com o cabelo meio bagunçado, mas a postura de sempre: firme, meio implicante, meio perdida nos próprios pensamentos.

Ellen veio logo atrás, de meias, com aquele andar meio indeciso que ela sempre tinha de manhã. Reika deu uma olhada na sala de estar e apontou com o queixo:

— A sua tia já saiu?

Ellen bocejou e balançou a cabeça afirmando:

— Ela acorda bem antes da gente. Sempre deixa um bilheteinho... — pegou o papel sobre o aparador da sala — Tá aqui: "Bom dia, meninas! Comam bem, deixei frutas e a massa da panqueca pronta. Não esqueçam de colocar manteiga na frigideira! Beijinhos, Marrie."

Reika soltou um riso fraco. Aquilo era tão... família. Diferente de tudo que ela vivia. A casa ainda cheirava a perfume suave e café da manhã esquecido na pressa.

Ellen já foi puxando a tigela com a massa e acendendo o fogão.

— Vai querer com banana ou só manteiga e mel?

Reika se apoiou no batente da porta, braços cruzados, observando a amiga de cabelo ruivo desalinhado e camiseta larga.

— Você cozinha panquecas como se estivesse montando uma armadilha... — brincou, e depois completou com um sorriso torto — Mas tô com fome, então capricha.

Ellen revirou os olhos e começou a mexer a frigideira com certa habilidade. Reika sentou-se na bancada, uma perna balançando, o olhar mais leve do que nos últimos dias.

Por alguns minutos, nenhuma delas falou sobre borboletas, forças verdes ou confrontos no Campus.

Era só... paz. Panquecas, risos abafados e duas garotas tentando encontrar alguma normalidade depois do caos.

E enquanto a primeira panqueca dourava na frigideira, Reika pensou consigo mesma:

"Talvez eu consiga ser um pouco mais... disso. Não só a Vagalume. Talvez só Reika por um tempo." Mas só por um tempo.

Reika ✨

Chegando no Campus, respiro fundo. Ellen também. A gente não precisa dizer nada... ambas sabemos que ali dentro, cada uma volta a ser o que o mundo espera. Não dá pra andar juntas como se ontem tivesse sido só um passeio. A entrada da garagem se aproxima e nos separamos — ela pela lateral norte, eu pelo pátio principal. Cada uma com sua vida acadêmica.

Mas antes, não resisto e chamo:

— Ellen...! — ela para e se vira. — Não fique no corredor na hora que eu passar!

Ela entende. Não precisa perguntar o porquê. Só assente com a cabeça e segue, com aquele andar dela meio manso, meio contido. Eu? Eu viro de novo pra frente.

Hoje... hoje eu não conseguiria fingir desprezo. Estou de calça jeans escura, aquela roupa vermelha que valoriza meu corpo, com mangas curtas em branco. Ajustada, firme, decidida. Olho para a entrada da Universidade e puxo o ar uma última vez.

— Vamos lá, Reika... seja a impiedosa de sempre.

Dou meus passos e, como sempre, a sincronia acontece. Vejo Saraya e Jilian encostadas na mureta, rindo de algo no celular. Não precisa mais do que isso: me aproximo e, como imã, nossos braços se entrelaçam — a clássica formação de corredor. O impacto visual que elas tanto esperam.

Uma coisa eu tinha certeza: Ellen não estaria no corredor. E isso... me dava alívio. Então vida que segue.

— Jilian viu a última fofoca?

Nem precisei perguntar. Saraya solta no ar, como quem não aguenta guardar:

— Uma estúpida quase se afogou na piscina!

Dou risada. Claro que dou.

— A piscina olímpica daqui não é pra qualquer um.

Diz Jilian, com aquele tom de quem acabou de descartar alguém da raça humana.

Eu? Eu só acrescento com o veneno costumeiro:

— Ela precisa de um patinho de borracha nessa hora! Perdedora kkkkkk!

Saraya olha de lado. Sabe de coisa minha, claro. Mas vê — com olhos atentos — que a Reika impiedosa, egoísta e mesquinha tá ali, firme como sempre. Ela não vai soltar nada hoje. Não com esse meu sorriso de escárnio no rosto.

Andamos pelo corredor como se o chão fosse nosso. Comentamos de tudo. Um ali com cabelo parecendo ninho de pombo, outro com uma blusa infantil do Vila Sésamo... e é Jilian quem solta a frase de ouro:

— Às vezes é uma tortura andar no corredor dos perdedores.

Saraya, com toda sua fúria refinada, arremata:

— É nosso teste de sobrevivência!

E eu? Eu apenas sorrio com os olhos.

Porque ninguém duvida.

Ali, no meio de todas... eu sou a líder da crueldade disfarçada de charme.

E quem tentar se aproximar do meu fogo...

Vai sair queimado.

Saraya para do nada. Fica uns segundos encarando o celular como se tivesse visto um fantasma. A expressão dela muda e, sinceramente, eu reconheço aquele olhar. Aquele tipo de notificação que não se responde — se obedece.

— Meninas, chego em seguida no treino!— ela diz, mas os olhos... os olhos estão em mim.

Como se soubesse que eu entenderia.

Ela se vira e dispara pelo corredor na direção contrária. Passa pelos alunos como se estivesse fugindo de alguma coisa — ou indo encontrar. Sei lá.

Jilian arqueia a sobrancelha, cruzando os braços:

— Primeiro você, Tamura... agora a Fernández com comportamento de ET.

Ela balança a cabeça, indignada, e solta:

— Vocês duas precisam de uma terapia.

E então, com aquele ar esnobe que ela domina tão bem:

— Vamos! Não quero deixar o Robby esperando.

Eu a sigo, calada. Mas por dentro, eu tô tentando entender o que está acontecendo. Porque essa história tá ficando grande demais, estranha demais.

E se não foi a Rud mandando aquela mensagem?

Ou o treinador mandou a mensagem pra Saraya. Tá bom, segredo dela.

Cada uma com seu mistério, né?

Ela que se vire com o motivo de sair correndo como se tivesse visto um espírito. E eu que segure o meu.

Me troco no vestiário como quem veste uma armadura.

Collant branco e vinho com o P reluzente no peito, a saia plissada em vinho, o shorts de lycra que, sinceramente, tá ficando famoso demais — e lá vou eu.

No ginásio, Jilian já comanda o ensaio como se fosse a rainha do mundo.

— Vamos, meninas! Sincronia é tudo! Vai Phoenix! Do começo! De novo!!

Ela não perde tempo nem quando o time tá faltando metade do elenco.

Olho pras meninas saltando, girando e ensaiando como se fosse o último campeonato da vida delas.

E eu ali, voltando pro meu papel oficial:

Reika Tamura. Líder de torcida. Impiedosa. Intocável. Infiltrada.

Mas no fundo... sei que a qualquer momento, alguma borboleta azul pode pousar na janela de novo. E tudo desandar de novo.

Treino começando, e Jilian já tá no comando — a voz dela não deixa dúvida, é pra valer.

— Meninas, foco total! Alongamento primeiro! Não adianta querer voar se a base não tá firme.

A gente se estica, cada músculo pedindo misericórdia, mas ninguém reclama.

O sacrifício é parte do jogo. Pelo menos, é o que todo mundo finge acreditar.

Depois vêm as séries de agachamento, saltos, coreografias sincronizadas — um passo errado, e Jilian não deixa passar. Ela grita, corrige, aponta, e a gente volta pro começo. De novo.

Meu coração dispara, o suor escorre no rosto, as pernas tremem.

Mas não posso mostrar fraqueza. Nunca.

— Vai, Reika! Mais alto nesse salto!

Grita Jilian do lado. Tento mandar ver, porque no fundo eu sei que não é só a técnica, é o orgulho que tá em jogo.

Depois da coreografia, corrida em volta da quadra. O ar entra e sai rápido demais, as pernas queimam.

Mas a mente — essa não para.

Eu lembro da luta, da Rud, da luz verde no campus, das borboletas. Treino pesado pra manter o controle — e pra estar pronta quando a próxima batalha chegar.

O treino termina com flexões, abdominais e respiração acelerada. Jilian respira fundo e solta:

— Esse time vai fazer barulho. Vocês vão mostrar quem manda.

E de repente, meus olhos capturam aquela imagem familiar — a borboleta azul. Mas não era qualquer uma, era a Borboleta de Eudora. Ela voa leve ao redor do campo, como se fosse só mais uma criatura qualquer, sem pressa, sem compromisso. Mas eu sei que não é assim. Sei que ela está lá para vigiar, para observar cada movimento meu.

Fico parada, olhos fixos nela, o coração batendo acelerado. Não posso agir impulsivamente — esmagar aquela borboleta seria um erro fatal. Ela está alta demais, voando em círculos precisos, perfeita na sua posição. Meus dedos se fecham, pensando se atiro uma pedra, se espero silenciosa, invisível.

Não posso contar a ninguém sobre isso, nem a Ellen, nem ao time. Esse segredo tem que ser meu.

E assim fico, imóvel, observando aquele sinal azul, sentindo que cada passo meu está sendo medido e pesado.

Essa luta vai muito além do campo.

— Saraya! Será que ela voltou? — pergunto, disfarçando a tensão na minha voz, como se a borboleta azul não tivesse deixado meu estômago revirando.

Jilian olha rápido pros lados, um pouco impaciente, e responde:

— Parece que não. Ela deve chegar depois... Vou passear com o Robby, tchauzinho Reika!

Aceno, mas permaneço ali, inquieta. Algo me puxa por dentro, como um pressentimento. A borboleta desapareceu — mas a sensação de vigilância continua, grudada em mim.

Sigo andando pelo campus, tentando ser a líder que esperam. Mas quando me aproximo do vestiário... Ouço os sons. Socos. Fortes. Repetidos.

Empurro a porta devagar. E lá está ela.

Saraya, de costas, socando o armário com força bruta. Seu corpo inteiro treme. Está chorando, sem disfarçar, sem esconder — como se tivesse se quebrado inteira e ninguém tivesse notado.

Fico parada por um instante, sentindo um nó na garganta. Aquilo não é normal. Aquela não é a Saraya que anda de cabeça erguida, que responde tudo com sarcasmo e que marcha como uma rainha pelo corredor dos perdedores. Aquilo ali... é outra coisa. É o avesso dela.

Me aproximo devagar, inclinando o corpo, tentando não ser engolida pela vulnerabilidade que a rodeia.

— Saraya... Todas as meninas da Psycho Phoenix estavam à sua procura.

Ela vira o rosto com raiva e dor, os olhos vermelhos, a respiração falhada.

— Sai daqui, Reika! Isso não é pra você...

Eu dou dois passos. Firmes.

— Agora é. E não vou sair daqui até você me dizer o que está acontecendo.

E então... Ela desaba.

O corpo dela escorrega lentamente, até suas costas tocarem o chão, encostadas no armário. Tremendo. Com uma das mãos pressionando a testa, como se aquilo fosse segurar o colapso.

Não era mais Saraya Fernandez.

Não era a garota sarcástica, destemida e feroz. Era uma menina... Sem brilho nos olhos. Vazia e frágil. E o pior: completamente sozinha no que quer que estivesse enfrentando.

E mesmo que eu não soubesse o que fazer — mesmo que eu nunca tenha sido boa com sentimentos — eu sabia o que não podia fazer: virar as costas.

Fiquei ali. Sentada no chão, ao lado dela.

Sem dar ordens, sem ironia, sem máscaras. Só fiquei. Esperando que, talvez, ela deixasse eu ver a dor de verdade.

— Reika... eu acabei com a minha vida.

Aquela frase me atingiu como um golpe baixo, vindo de um lugar escuro que eu nunca imaginei ver nos olhos dela.

— Saraya, posso saber o que houve realmente? — perguntei com a voz mais calma que consegui.

— Eu sou uma burra mesmo! — ela resmungou, o rosto escondido entre os joelhos.

— Tá tudo bem... vamos com calma... me diga o que houve.

Ela levantou o rosto, e os olhos dela estavam marejados, brilhando de um jeito tão frágil que pareceu me implorar por algo — por socorro, talvez.

E então ela me abraçou. Forte. Como quem se agarra à última boia no mar revolto.

— Reika... eu queria... me destruir... sumir! Qualquer coisa!

Eu respirei fundo, sentindo o corpo dela tremer no meu.

— Eu estou aqui, Saraya. Eu tô aqui no seu apoio. Você não tá sozinha.

Ela parecia ter chorado tanto que não restava mais lágrimas. Se afastou um pouco, sem conseguir encarar meus olhos, e sua voz saiu fraca, engasgada:

— Eu... eu tava tendo um lance rápido com o Treinador...

Parei. Não disse nada. Só escutei.

— Te juro, Reika... era algo casual, sem compromisso, nada demais! Foi quando ele começou a me forçar e... e...

Minha garganta fechou. Me ajoelhei mais perto.

— Saraya... solta. Pode me dizer.

Ela me olhou. Pela primeira vez, de verdade. Os olhos vermelhos, os lábios trêmulos. E então, como se quebrasse de novo ali mesmo, ela disse:

— Ele me forçou, Reika. Me machucou. E eu não consegui parar. Eu congelei... como se eu não fosse nada. Depois ele disse que se eu contasse, ninguém ia acreditar. Disse que eu era uma qualquer. E eu acreditei...

O silêncio depois daquilo foi pesado, brutal. Mas eu não desvie o olhar. Não me afastei. Não soltei suas mãos.

Fui clara.

— Eu acredito em você, e eu não vou te deixar.

Ela chorou de novo. Mas dessa vez, não sozinha. Saraya enxugou as lágrimas, baixou a cabeça e ficou quieta por um momento. Ficamos ali sentadas, naquele banco velho, o mesmo onde tantas conversas aconteceram durante os treinos — só que dessa vez, era como assistir alguém que eu gostava se perder, lentamente.

— Reika, eu e o treinador Tedy estavamos começando a namorar...

Minha cabeça girou, tentando entender. A surpresa veio junto com uma pontada no peito.

— Eu sei... eu sei... ele tem o dobro da minha idade, mas eu via como algo único, uma paixão secreta... sei lá o que vi nele.

A confissão me acertou como um soco bem no estômago.

— E de repente descobro que ele é casado.

Eu fiquei muda, sem saber o que dizer. Só consegui murmurar:

— Lamento por isso.

Coloquei minha mão sobre as dela, que estavam apoiadas nas coxas, tentando transmitir algum conforto.

Ela suspirou fundo, como se carregasse o peso do mundo nas costas, e continuou:

— Quando eu descobri, fiquei péssima. Eu não queria que meus pais soubessem que eu fiz papel de amante... que droga! E tudo só piorou depois.

— Ele começou a me pressionar para não contar para ninguém, dizia que ele me tinha, e que se eu falasse... se eu falasse...

Ela engasgou, a voz quase um sussurro desesperado.

— Eu perderia minha bolsa de estudos, Reikaaaaa...

Depois do treino, minha vontade é ir direto até o escritório daquele treinador nojento, mas terminamos ali e voltamos para o treino. Saraya está logo atrás de mim, enquanto meus olhos grudam nele... mal sabe esse pateta que eu sei tudo — como ele a chantageou, como está sendo um covarde. Ele pega o apito e solta para todas nós:

— Phoenix, vocês são motivo de orgulho, respeito e determinação! Mostraram aos Devils quem manda!

Aponta pra cada uma.

— É isso que quero ver nesse time! A garra! No dia em que vocês entraram por aquela porta, sabiam que não seriam mais estudantes de Minnesota, e sim Phoenix!

Discurso bonito e hipócrita, só isso que vejo — se colocando como o salvador, o responsável por levar o time à vitória. Vou fazer ele provar do próprio veneno. “

— Reika! Vamos treinar a pirâmide humana!

A voz da Jilian corta meu pensamento... mas sei usar meus atributos a favor nessa jogada. Enquanto ele fica dando lição de moral, acho que a quadra de queimado é perfeita para o meu plano.

Primeiro, tenho 60kg e conheço bem meus atributos; vou fazer esse idiota cair na armadilha da aranha. Carrego um vagalume dentro, não sei exatamente como vai ajudar, mas vai. Tiro a roupa de líder de torcida, coloco uma bermuda preta de lycra que brilha, bem justa, perfeita pra grudar nele. Visto a camisa branca do colégio, a bermuda que não gosto, mas que serve pra ocasião — é o uniforme que já usei na educação física. Prendo meu cabelo em um rabo de cavalo e começo a me alongar.

O alongamento começa assim: estico os braços pra cima, sinto os músculos se alongando, puxo o corpo pro lado esquerdo, depois pro direito, faço círculos com os ombros, dobro o tronco pra frente tocando os dedos dos pés, e por fim balanço as pernas suavemente, preparando cada parte pra ação que vem.

Vejo ele sozinho, o treinador, ainda com o apito e boné virado pra frente. Ele me nota, e percebo o impacto que causei.

— Tamura, não sabia que você estava em outro treino.” — diz:

— Nem eu, só estou acabando o treino e volto pra sala. Ele me olha de cima a baixo, quase engasgando, nojento: —

— Quer ficar sozinha? Se eu estiver atrapalhando, me fala.

Levanto do alongamento, caminho lentamente até ele, sinto a respiração dele acelerar, e falo olhando fixo nos olhos:

— Não me atrapalha em nada.

Ora, os dois a sós. Ele acha que finalmente tem a oportunidade, mas não tem... nunca teve. Sento-me de perna cruzada na banquetta dos reservas, como se fosse o lugar mais inocente do mundo, e solto com naturalidade:

— Treinador, pode sentar aqui comigo. Já te vi o dia inteiro de pé!

Ele aceita sem pensar duas vezes e se deixa cair ao meu lado. Ouço o suspiro dele — pesado, quase um alívio sujo.

— Você é uma das minhas melhores líderes de torcida... ahhhh... ahhhh... ahhhhhhh!!!!"

Arregalo os olhos no mesmo instante. Vejo a mandíbula dele travar como se um espasmo subisse pelo pescoço.

— Treinador??

O corpo dele começa a se debater na banquetta, os músculos contraindo de forma estranha, os olhos virando para o branco, como se algo tivesse tomado conta dele. A cabeça pende para trás de forma antinatural. Meu senhor... ele não respira. E aí acontece.

A boca dele se abre lentamente... e de lá saem duas borboletas azuis. Não é um voo bonito. É um rasgar silencioso, como se cada batida de asa carregasse algo proibido. Elas circundam o corpo dele, que continua sentado, paralisado, os dedos rígidos.

E então ouço uma voz fria atrás de mim:

— Não se preocupe, portadora. Ele não está morto.

O eco dos saltos dela preenche a quadra vazia. Ela passa ao meu lado, e eu sinto a presença antes de vê-la. Eudora. Terno social, saia grafite, aparência impecável como se viesse de um trabalho formal — mas com um ar de quem nunca foi apenas isso.

Ela para na minha frente, olhos firmes, braços para trás.

— Seu destino está com o Grande Conselho.

Ou ela é completamente louca... ou eu não entendi nada.

— Grande o quê? O que é isso...?

Ela não muda o tom:

— O Grande Conselho está decidindo o seu destino, portadora. E dependendo da decisão... eu irei cumprir até o fim.

Dou um passo pra trás, confusa e irritada.

— Cumprir o quê? O que você quer?! Sua doida!

Eudora se aproxima, segura meu queixo com uma mão fria e diz, suave, como se saboreasse cada palavra:

— Independente da decisão... quero que saiba que adoraria te desafiar.

Ela solta meu rosto, vira-se com rapidez e vai se afastando.

— É certo que não tenho tempo para isso.

E então, como se nada tivesse acontecido, ela some pelo corredor lateral.

O treinador desperta como se tivesse apenas piscado. As borboletas já não estão. Ele ajeita o boné e retoma a frase exatamente de onde tinha parado:

— Então, Reika... como eu disse...

Mas eu já estou em pé, o coração martelando.

— Depois conversamos. Eu preciso ir.

E saio, deixando pra trás o eco de um momento que eu preferia não ter visto... mas que sei que vai me perseguir.

Onde eu estava com a cabeça? e o pior faltam 3 minutos para aula de filosofia, saio correndo em disparada coração ofegante, troco minha roupa e coloco um top vermelho e uma calça jeans clara com barra larga, pego meus livros e saio em disparada, como assim Grande Conselho? Que coisa é essa?! Minha cabeça um vendaval e nem deu para falar poucas e boas ao treinador...o professor nem me olha e fala:

— Atrasada 2 minutos Tamura!

Eu tento me recompor como a soberana que sempre fui, mas é muita coisa pra digerir, finjo que nem estou cansada e entro firmando passos e ainda solto:

— Só estava bebendo água o tempo que me espere!

Boa...Reika o lance é não perder o controle, olho para um carinha qualquer e jogo.

— O que está olhando? Perdeu algo perdedor?

Sento na cadeira e vejo Saraya me olhando de lado " Eu não sou um fantasma hein!" como sempre não perco a pose e a máscara, Saraya dá um safanão no meu ombro! Como se

aquele episódio dela não tivesse sido real, ou seja viramos duas mascaradas! E ela diz sussurrando:

— Ele vai passar teste! Que droga Reika não estudei nada!

O professor vê os borburinhos na sala e interrompe

— Penso logo existo! Quem disse essa frase senhorita Tamura?"

— Descartes — respondi sem hesitar, com um sorrisinho de quem não dá o braço a torcer.

O professor levanta as sobrancelhas, talvez surpreso, talvez fingindo que me testa.

— Muito bem, senhorita Tamura. Vejo que, apesar dos atrasos, pelo menos lê algo além de mensagens no celular.

Bato de leve com a caneta no caderno, como se fosse uma batuta, marcando um ritmo só meu. Ainda sinto o suor do treino grudando na pele, mas não vou deixar que ninguém perceba. Saraya, ao meu lado, respira fundo e disfarça olhando para o quadro, mas eu sei que ela está tensa.

Meu coração ainda está acelerado, não só pelo esforço físico, mas pelo maldita aparição dessa Eudora. Grande Conselho... teste... segredo... A sala parece apertar as paredes ao meu redor, como se o ar ficasse mais denso só para me lembrar de que não tenho tempo para respirar.

Enquanto o professor escreve frases filosóficas no quadro, eu abro o caderno na primeira página em branco e começo a rabiscar uma asa de vagalume no canto. É meu truque para não deixar os pensamentos me dominarem: transformar o caos em desenho.

Saraya cutuca minha perna por baixo da mesa.

— Você vai me ajudar, não vai? — ela murmura.

Olho para ela, semicerrando os olhos como quem analisa se vale a pena ou não entrar nessa.

— Depende... — deixo o suspense no ar e volto a olhar para frente.

Por dentro, sei que minha cabeça está uma bagunça. Por fora, continuo sendo Reika Tamura, a que nunca se dobra, mesmo que o mundo inteiro esteja tentando me empurrar para baixo.

O professor fecha o livro que estava folheando e me encara com aquele ar de quem se diverte em testar os alunos.

— Muito bem, Tamura... parece que não veio apenas para ocupar a cadeira.

Deixo um meio sorriso escapar, aquele que não revela nem metade do que penso.

— Eu só ocupo espaços que me pertencem, professor.

Ele dá uma risada curta, seca, como se medisse minhas palavras.

— Ambiciosa... gosto disso. Mas Descartes não é só uma frase famosa. O que você entende dessa afirmação?

Cruzo as pernas, apoio o cotovelo na mesa e deixo meu olhar preso ao dele.

— Que a consciência é prova de existência. Se posso pensar, posso questionar... e se posso questionar, ninguém dita meu caminho.

Os olhos dele estreitam, e por um instante, o silêncio da sala pesa.

— Está dizendo que não aceita autoridade? — pergunta, meio sério, meio curioso.

— Aceito. Desde que ela mereça. — respondo, firme, e volto a encostar na cadeira.

Um canto do lábio dele se ergue.

— Interessante... talvez você não esteja aqui só para aprender. Talvez esteja aqui para confrontar.

Não confirmo, nem nego. Apenas deixo o silêncio responder por mim.

O professor caminha pela frente da sala, as mãos atrás das costas. Para diante de Saraya Fernández, que ajeita os óculos com pressa.

— Senhorita Fernández... — diz com um tom calmo demais para não ser intimidador

— Explique, sem recorrer ao livro, o que Descartes quis dizer com "dúvida metódica".

Saraya engole seco.

— Eu... é... acho que... é quando... — a voz dela treme, e a frase morre no ar.

Do meu lugar, sem tirar os olhos do professor, deixo escapar um sussurro quase inaudível:

— É questionar tudo até encontrar algo impossível de duvidar...

Saraya parece ouvir, mas não tem coragem de repetir. O professor levanta uma sobrancelha, percebendo a hesitação dela.

— Então? — insiste, dando um passo à frente.

Ela balança a cabeça, sem conseguir responder. Eu continuo imóvel, o rosto neutro, mas por dentro sinto o calor da provocação. O professor volta o olhar para mim por um breve instante, como se tivesse captado algo.

Ele se inclina levemente sobre a mesa de Saraya, a voz baixa mas cortante:

— Senhorita Fernández... estou esperando.

Ela continua paralisada, o olhar perdido no vazio, até que minhas palavras chegam, sutis, como vento que só ela sente:

— É questionar tudo até encontrar algo impossível de duvidar...

Saraya pisca rápido, como se tivesse recebido um sopro de lucidez. Respira fundo, encara o professor e repete, ainda com um leve tremor:

— É... é questionar tudo até encontrar algo impossível de duvidar.

O professor a observa por alguns segundos, depois se endireita.

— Muito bem. Está correta.

Saraya abaixa o olhar, mas eu percebo o leve movimento dos lábios dela, murmurando um “obrigada” quase imperceptível na minha direção.

Ele com seu colete já um pouco amarrotado e o jeito de meia-idade cansado, se ergue da cadeira, ajeita os óculos e se apoia com a mão firme na mesa. A voz dele corta o silêncio.

— Alunos, vamos dar uma pausa para a preparação do teste. Voltem em três minutos! Aproveitem esse tempo para folhear os livros.

Vejo a oportunidade perfeita. Meu coração bate rápido. Pego o celular escondendo-o sob a mesa e abro direto a conversa com Ellen. Os dedos correm pela tela.

"Vai, Ellen... vê a droga da mensagem..."

Digito rápido:

"Preciso conversar antes do intervalo. Urgente!!!!"

Do meu lado, Saraya já está com o celular na mão, rolando as redes sociais. Sinto o olhar de canto dela sobre mim, um olhar que parece enxergar além da superfície.

— Reika, o que tá pegando? — pergunta ela, inclinando a cabeça, a voz carregada de curiosidade.

Viro o rosto lentamente, tentando disfarçar.

— Só uma mensagem pra Ellen.

Ela arqueia a sobrancelha, tira um chiclete do bolso, coloca na boca e começa a mastigar, estalando de propósito como se quisesse me provocar.

— Nossa, vocês são amigas mesmo! Mas eu te conheço... sei que não é só isso.

A mandíbula dela trabalha o chiclete enquanto me encara. Por dentro, penso naquilo que não posso contar... não aqui, não agora. O Vagalume... se eu abrir essa porta, não tem volta.

Respiro fundo e forço um sorriso rápido.

— Pois é, lindona... segredos.

Encontro Ellen no corredor, o eco dos meus passos soando mais alto do que devia. O ar parece pesado, carregado de algo que não sei explicar. Quando chego perto, ela percebe que minha expressão não é das melhores.

— Ellen... — minha voz sai baixa, quase um sussurro — Eudora está nos vigiando.

Ela franze o cenho, inclinando levemente a cabeça. Eu continuo, sem dar tempo para ela perguntar:

— Existe algo... algo maior por trás disso. Eles chamam de Grande Conselho. — faço uma pausa, escolhendo bem as palavras:

— Estão decidindo sobre a minha vida, Ellen. Sobre tudo que aconteceu... cada passo que dei, cada erro, cada luta... tudo está na mesa deles.

O silêncio entre nós parece engolir o corredor. Ellen aperta os lábios, como se tentasse medir o que sente.

— Reika... isso é sério demais...

— Eu sei. — respondo, olhando para o chão por um instante e depois encarando-a de volta:

— E é por isso que você precisa ficar atenta. Eles não avisam quando vão agir...

O som distante de uma porta batendo me faz virar a cabeça rapidamente. Sinto um arrepio subir pela espinha. Não sei se é medo... ou se é o prenúncio de algo maior prestes a acontecer. O corredor estava mais vazio do que de costume, mas mesmo assim eu tinha a sensação de que cada passo ecoava alto demais. Nesse encontro com Ellen perto da escada de incêndio, os olhos dela já estavam atentos como se soubesse que eu vinha com algo sério.

— Isso é grave, muito grave!

— Eu sei, eu sei! E o pior... eles estão pelo campus, por todo lugar que a gente pise.

Ellen aperta o celular na mão, olhando rapidamente para os lados antes de voltar a falar.

— Eu vou tentar puxar a lista de alunos dessa faculdade e também averiguar históricos... ver se um deles está como aluno aqui.

— E, Ellen, pelo amor de tudo que é sagrado... se você ver uma borboleta azul, saia do local ou não fale muita coisa. Eudora usa as borboletas como câmeras!

Os olhos dela se arregalam. Ela dá um passo para trás, como se a simples ideia já fosse sufocante.

— Reika, precisamos pensar em algo... esse lugar vai ficar insuportável com tanto perigo assim!

— Então... eu não posso mudar de universidade. Vou na sua casa, está bem?

— Lógico. Assim pensamos melhor... e eu vou fazer um levantamento sobre esse tal Grande Conselho. Vou vasculhar tudo, ver se há algum registro, história... qualquer coisa.

Ela morde o lábio, pensativa, mas não esconde o receio. Eu apoio minhas mãos nela e deixo meus olhos bem fixos para ela ouvir bem as minhas palavras:

— Olha, Ellen... aconteça o que acontecer... estarei com você.

O silêncio que veio depois pesou mais do que qualquer resposta. A gente se olhou por alguns segundos, e eu sabia que ela tinha entendido — não era apenas um aviso. Era uma promessa.

O que eu vou falar pra minha vó?

Pro meu pai? Pra Marrie, pra quem quer que seja... Diretor Lundoni, Saraya, Jilian... qualquer um!

Que a vida deles está por um fio com a minha presença aqui? Ou que a minha vida é a que está pendurada, prestes a cair?

O banco da garagem da escola está vazio, e eu me jogo nele como se fosse a única âncora no meio desse caos que se desenha. Meus dedos quase começam a estalar sozinhos — um tic nervoso que eu não consigo conter — enquanto a sensação de que algo ruim está prestes a acontecer aperta meu peito.

Abaixo a cabeça, respiro fundo, tentando acalmar, quando vejo uma sombra se arrastar pelo chão de concreto. Ergo o olhar, devagar... e é Timothy.

Mas não o Timothy que eu conheço.

Esse tem os olhos vermelhos, pupilas dilatadas, a mandíbula trincada de raiva contida. As mãos tremem tanto que mal parecem dele.

— Reika Tamura! — ele berra, a voz quase se partindo

— Por que a Ellen fica mais tempo com você?

Eu me ergo, a postura se transformando, como se eu ainda fosse uma das Três Impiedosas... ou o que restou delas.

Olho no fundo dos olhos dele e deixo a voz firme cortar o ar:

— O que você quer dizer, garoto? Tá doido?

Foi aí que vi. O brilho frio.
O metal. Uma arma. Nas mãos dele.

Mas antes que eu reaja, o cano sobe... e aponta direto para o próprio queixo dele.

— NÃO! — minha voz rasga a garagem.

— Timothy!!!

Avanço como um raio, agarro os pulsos dele e caímos juntos no chão áspero. Sinto o gosto metálico de adrenalina na boca.

— Você tá doido?! Não faça isso! — minhas mãos apertam, imobilizando o metal contra o cimento. Meu corpo inteiro pressiona o dele, impedindo qualquer movimento brusco.

E então... um som que não pertence a esse momento. Palmas. Devagar, viro o rosto na direção do som.

Rud.

Casaco preto felpudo, unhas de mel que captam a luz fraca da garagem, óculos escuros ocultando metade da expressão, mas o sorriso... o sorriso entrega tudo.

Ela se senta no capô de um carro, cruza as pernas como se estivesse assistindo a um espetáculo particular.

— Muito bem, Portadora!

O tom é irônico, quase um veneno doce.

— Eu não salvaria ele se fosse você — ela completa, o cinismo pingando em cada sílaba.

Eu não mordo a isca.

— Agora sei dos seus transe... tire ele disso agora!

Rud apenas observa suas próprias unhas com desinteresse:

— Ah, Portadora... deixe ele cometer seu fim. Eu só estou ajudando a acabar com a dor dele.

O corpo de Timothy treme sob o meu. O metal ainda frio entre nossas mãos. A respiração dele curta, irregular.

Eu aperto os pulsos com toda a força que tenho, pressionando meu quadril contra o dele para mantê-lo no chão, porque sei...

Ele não está no controle. Nem um pouco.

Estou no chão, cada músculo do meu corpo ardendo, mas mantendo Timothy imobilizado com toda a força que ainda me resta. Não posso deixá-lo levantar esse maldito braço e fazer alguma besteira.

— Reika... você não quer brincar com a Ellen!? — a voz dele sai estranha... um misto da dele com a da Rud. Perturbador. Assustador. Mas eu sei o que significa: ela está no controle.

Minha coragem atravessa o medo como uma lâmina. Ergo o rosto, olho para ele e disparo:

— Fale na minha cara, Rud. Não use inocentes como seu alto-falante, cretina!

Ela ri. Aquela risada preguiçosa e irritante enquanto lixa as unhas como se nada estivesse acontecendo.

— Não me diga que não é divertido? — provoca.

No chão, ainda segurando Timothy, encaro-a.

— O que você quer afinal? Estou cansada desse teatro barato! Anda, Rud! Diz!

O rosto dele se fecha em seriedade:

— Eu quero o Vagalume aqui comigo. E agora. — E de novo, ela o usa como megafone.

— Você está me salvando por quê, Reika?

A voz dele sai arrastada, impregnada pelo tom venenoso dela

— ... você não sabe o que eu fiz?

Rud pega o celular e aperta o play. O som é claro: Timothy discutindo com Ellen, a tensão escalando... e então, um tapa. Alto. Cortante.

— Aí, portadora... kkk... ainda querendo salvar ele? — ela debocha, saboreando cada palavra.

A raiva me toma como um incêndio. Por um instante, sinto vontade de eu mesma destroçar esse moleque. Mas algo me diz que isso é um truque dela. Que nada aqui é simples. Meus cabelos caem sobre meu rosto, cobrindo o cansaço, mas meus olhos continuam fixos nela.

— Você não vai ter o que quer, Rud. E quando o Vagalume aparecer... te juro... você vai se arrepender por isso.

Rud solta uma risada curta, cansada, como se o jogo já tivesse perdido a graça para ela:

— Ah, portadora... acho que hoje não vai ser, mas a gente se encontra numa próxima vez.

— Ela se levanta devagar, joga o casaco peludo para trás e dá um último olhar frio, venenoso.

— Até lá, aproveite o “poder” que você tem.

Enquanto ela se afasta, sinto o ar aliviado, mas sei que não é o fim. Esse encontro só serviu para esquentar a guerra que ainda está por vir.

Timothy permanece no chão, com o rosto confuso, como se ainda não entendesse direito o que aconteceu. Ele tenta levantar, mas eu o seguro com firmeza, falando com uma voz calma, tentando abafar a tensão no ambiente:

— Está tudo bem, Timothy. Não foi nada demais. Só um momento ruim que passou.

Nesse instante, a sombra que eu tanto esperava aparece no portão da garagem. Minha avó chega, sua presença forte e serena, pronta para intervir no que for necessário. Ela olha para nós três com um misto de preocupação e autoridade, e eu me sinto protegida só de vê-la ali.

— Reika, querida, está tudo bem? — Sua voz doce mas firme corta o silêncio.

Respiro fundo, me levanto devagar, e respondo com um sorriso forçado, tentando esconder o turbilhão que ainda sinto dentro de mim:

— Está tudo bem, vó. Só um susto passageiro.

Timothy, ainda atordoado, me lança um olhar perdido. Eu aperto sua mão, querendo transmitir segurança, porque sei que o pior ainda pode estar por vir — mas por agora, estamos juntos, e isso já é um começo.

Enquanto minha avó me observa com aquele olhar cheio de cuidado, o ronco baixo do motor interrompe o silêncio tenso da garagem. O Jeep vermelho aparece devagar, os faróis acendendo, iluminando a cena como um farol no meio da noite.

Ela está ao volante, aquela mulher calma e firme, que sempre foi meu porto seguro, esperando pacientemente para me buscar. Ela vê o que está acontecendo, mas não precisa de explicações — sua expressão diz tudo.

Eu me aproximo dela, e ela desce do carro com a tranquilidade de quem sabe que o momento é delicado, mas que estará ali para proteger.

— Vamos, Reika — ela diz com um sorriso suave, estendendo a mão para mim. — Está na hora de você ir para casa.

Dou uma última olhada para Timothy, que ainda está confuso no chão, e para minha avó, que me observa com um misto de preocupação e força silenciosa.

Sinto um misto de alívio e ansiedade. O que aconteceu aqui não acabou, mas por enquanto, estou segura — e é isso que importa.

Subo no Jeep, o calor do carro me envolvendo, enquanto ele acelera rumo a um refúgio temporário.

Chego em casa com o coração ainda acelerado, as emoções do dia martelando na minha cabeça. Subo as escadas rápido, quase correndo, direto para o quarto do meu pai.

Lá está ele, quieto, com a sonda que cuida dele, encostado na cama como sempre. Me aproximo devagar, com calma e carinho, e beijo a testa dele.

— Hoje o dia foi bom — sussurro, tentando passar um pouco de paz e força.

Ele sorri fraco, e eu fico ali um momento, absorvendo a presença dele.

Deço correndo as escadas de volta, sabendo que minha vó já sabe do Vagalume, mas que ela ainda não entende nada do que está realmente acontecendo.

O peso do segredo fica comigo, mais forte do que nunca. Volto para a sala onde minha vó está sentada, olhando distraída para a TV. Ela levanta os olhos e sorri quando me vê.

— Como foi seu dia, querida? — pergunta, a voz doce, mas carregando um peso que só ela sabe.

Eu tento parecer leve, escondendo o turbilhão que me consome.

— Foi bom, vó. Tenso, mas bom.

Ela me observa, desconfiada, como se pressentisse que algo está por vir.

Sei que não posso contar tudo, ainda. Não agora. Então me sento ao lado dela, tentando absorver um pouco da calma que ela emana.

Enquanto isso, minha mente não para de pensar: o Grande Conselho, Eudora, Rud, o Timothy... tudo girando como um vendaval.

Deito na cama, olho pro teto sem conseguir relaxar. A porta se abre devagar e minha vó fala baixinho:

— Força para um novo dia, Reika.

Pego o celular, abro a conversa com Ellen e digito.

 “Ellen, não consigo desligar a cabeça hoje... tô preocupada demais.”

Logo aparece a resposta.

Ellen

“Depois de tudo que você disse, faria o mesmo.”

Eu

“É aquela coisa do “Grande Conselho”, das borboletas azuis... Sinto que estão me vigiando o tempo todo.”

Ellen

“Isso é sério demais. Você precisa ficar atenta e me avisar se algo estranho acontecer.”

Eu

“Vou tentar, mas tô cansada de viver assim, sempre no alerta.”

Ellen

“Eu sei, Reika. Mas não está sozinha, tá? A gente vai encontrar um jeito de lidar com isso.”

Eu

“Obrigada, Ellen. Falar com você já me acalma um pouco.”

Narrador 🗣️

Em um salão antigo, iluminado por tochas e sombras, a trigésima reunião deliberativa do Grande Conselho se desenrola. Zan, envolto em sua túnica preta que arrasta pelo chão de pedra, avança imponente, sua presença domina o ambiente e os convidados. Com voz firme e ecoante, ele anuncia a decisão que todos aguardavam.

— O Grande Conselho decidiu! Estamos todos felizes e agradecidos pela sábia decisão. As reverências ecoam como um coro sombrio.

Ele prossegue, contando os votos com gravidade:

— Um voto para a acolhida da portadora... Um voto para seu destino... E dois votos para sua aniquilação!”

O silêncio que se segue é pesado, como um presságio.

— Que seja feita a vontade do Grande Conselho!

Zan finaliza, erguendo o braço com os dedos indicador e médio juntos, símbolo da autoridade que exerce. Os presentes reverenciam, selando o destino da portadora.

— Que a morte da portadora nos traga o Vagalume para nós!

O destino foi lançado. A guerra está para começar. O corredor escuro se estendia como um túnel sem fim, e cada passo de Zan ecoava suavemente, mas com peso suficiente para que a presença dele fosse sentida antes mesmo de ser vista.

Soldados da guarda do Ferrão estão a sua espera, rígidos e silenciosos, perfilados em seu caminho, baixavam a cabeça em saudação — um gesto que misturava respeito e temor.

Zan ajusta o capuz preto, cobrindo parcialmente seu rosto, deixando apenas os olhos de vidro à mostra, frios e calculistas como os de sua irmã, Eudora. Ele se aproxima da porta à sua frente — negra como ferro antigo, desgastada pelo tempo, com uma aura de segredo e autoridade.

Respira fundo, inclinando a cabeça, como se reunisse toda a força e decisão em si mesmo. Então, com um movimento firme, a porta se abre, rangendo lentamente, revelando o que quer que esteja além, pronto para enfrentar o próximo capítulo do destino que ele e o Conselho escreveriam.

O eco dos passos de Zan desaparece na imensidão branca, como se o lugar engolisse até os sons. Ele avança, o contraste da túnica negra marcando sua presença como uma sombra indesejada naquela sala branca sem fim. O ar ali parece imóvel, suspenso — quase sagrado e ao mesmo tempo sufocante.

A mulher à frente não precisa se virar para impor sua autoridade. O branco do macacão, as linhas rosadas que delineiam sua silhueta e aquele cabelo rosa longo, reto, são quase etéreos. Mas é o olho — vítreo, rosa, cortante como cristal — que irradia a ameaça silenciosa quando ela lança o olhar por cima do ombro.

Zan se curva em reverência, o gesto solene e controlado. O vazio ao redor intensifica a voz dela quando rompe o silêncio:

— Creio que deve ser algo muito importante para estar aqui.

A calma nas palavras é um peso, um aviso velado. Zan sente como se cada fibra do ambiente testasse sua coragem. Ali não havia lugar para erros, nem para respostas fracas.

A mulher dá a volta lenta em torno de Zan, cada passo dela ecoando suave no branco infinito, mas cortando a tensão como lâmina. Os pássaros presos na gaiola feita de pura energia tremulam e batem as asas freneticamente, como se pressentissem o peso daquela conversa.

Ela para diante dele, tão próxima que o cheiro metálico do ar parece se intensificar. O olho rosa vítreo brilha, examinando-o como quem perscruta uma peça em um tabuleiro delicado.

— Quero uma resposta adequada...— repete, mais baixo, deixando cada sílaba gotejar como veneno.

Zan mantém a cabeça baixa, a sombra do capuz escondendo seus traços, mas sua voz firme rompe o silêncio:

— Não queria incomodá-la, alteza. Trago a mensagem da Rainha Darla. Como seu voto não foi bem definido, a Rainha Darla, do Centro Maior, a convida para jantar. Ela me ordenou dizer que a recusa de sua alteza Parminades será considerada com bom acolhimento... seja qual for a vossa decisão.

O ar parece endurecer. A boca da mulher curva-se, lenta, num sorriso que não alcança os olhos. Ela aproxima o rosto do dele, quase encostando, e sussurra:

— Então a Rainha Darla acha que pode me medir por convites triviais?

Os pássaros na gaiola de energia explodem em cantos dissonantes, como se rasgassem o ar em protesto.

Zan se mantinha em reverência, sentindo o ar gélido daquele salão branco, sem portas ou janelas, apenas infinitas paredes que pareciam se expandir para além da compreensão. A figura de Parminades era imponente, seu macacão branco justo riscado por linhas rosas parecia fundir-se com aquele espaço vazio. O cabelo longo e alvo descia como lâminas até as pontas, e o olho vítreo cor-de-rosa cintilava como se fosse feito de cristal.

Ela caminhava com leveza, girando em torno de Zan como uma soberana que não precisava elevar a voz para esmagar o espírito de quem a servia. De repente, aproximou-se da gaiola de energia e estendeu a mão — um pássaro vermelho e amarelo pousou delicadamente em seus dedos.

Sem olhá-lo diretamente, murmurou:

— Sabe o que a raça humana e a nossa têm em comum, Zan?

Ele permaneceu calado, a testa quase tocando o chão, o coração batendo como um tambor abafado em sua caixa torácica.

— Todos acham que estão livres de alguma forma... como este pássaro. — sua voz soava calma, porém tão cortante quanto uma lâmina.

— Veja: ele está livre em minhas mãos. Mas a liberdade não pode ser medida pelo que está em volta. A liberdade é uma mera ilusão.

Parminades ergueu o olhar frio, fixando o pássaro com desprezo.

— Ele acredita estar solto... mas até quando? Se o soltar sem preparo, um predador o devorará. Se o manter em minhas mãos, a sua liberdade é apenas um reflexo do que eu permito.

E num gesto brusco, ela lançou o pássaro contra o chão branco. Mas ao tocar a superfície, ele não se espatifou. O chão se abriu como um espelho líquido, engolindo a criatura em silêncio, o pássaro fica de ponta cabeça do chão onde eles estão. Um instante depois, o bater frenético de asas ecoou lá embaixo com muito sangue... seguido de um fim súbito e abafado.

Zan ergueu os olhos apenas o suficiente para ver o reflexo do ato. Sua respiração falhou.

Com a postura ereta e uma das mãos rigidamente apoiada atrás das costas, Parminades decretou:

— A liberdade é uma ilusão. Diga a Darla que eu me recuso.

Zan, ainda em reverência, deu alguns passos para trás antes de se retirar. O som de suas sandálias contra o chão branco ecoava enquanto a figura de Parminades permanecia imóvel, altiva, como uma deusa cujo juízo não poderia ser contestado.

Reika ✨

Sinto o peso do sono nos olhos enquanto encaro o celular, os números do despertador piscando como uma acusação silenciosa. Meus olhos se arregalam, a incredulidade me invade: “Estou atrasada!” Desço as escadas em disparada, os degraus ecoando a pressa pelo corredor silencioso da casa. A voz firme da minha vó corta o ar:

— Dormiu muito hoje, Reika!

— Eu... sei... eu sei! — murmuro apressada, sem olhar pra trás.

A mochila pendurada no ombro balança enquanto corro para o Jeep. O motor ronca e minha vó me lança um olhar que mistura reprovação e preocupação, mas não há tempo para explicações. Chego ao Campus, saltando do carro, e o corredor parece maior do que nunca, os passos ecoando no piso liso enquanto meus pensamentos ainda estão presos à conversa com Eudora.

Avanço pelo corredor, sentindo cada segundo de atraso como um puxão no peito. A voz de Saraya me atravessa como uma flecha:

— Reika! Onde você estava? Já estamos na metade do treino!

Ela está de pé, postura impecável, uniforme de líder de torcida ajustado, a expressão de frustração tão evidente que me deixa desconfortável. Ao meu lado, Jilian cruza os braços, o olhar de repreensão me fuzilando:

— Reika, pelo amor! Da próxima avisa!

O peito aperta, os punhos se fecham involuntariamente. Percebo que perdi o controle de tudo, a sensação de vulnerabilidade me assusta. Minha respiração acelera, e então o treinador aparece. O homem nojento, cheio de autoconfiança, surge como se meu atraso fosse um detalhe irrelevante. Meus olhos se encontram com os dele, e naquele instante sei: hoje não vai ser fácil.

Saraya e Jilian já estão no centro do campo, movendo-se com precisão, e eu percebo que todos os meus minutos de atraso só ampliaram minha própria frustração. O apito do treinador corta o ar e, por um instante, sinto vontade de ignorar tudo e confrontá-lo ali mesmo — mas a presença de Eudora e seu julgamento espectral ecoa na minha cabeça, lembrando-me que o que faço tem consequências, que cada movimento meu é observado por olhos que não posso enganar.

Minhas mãos se fecham em punhos novamente, mas desta vez há foco. A raiva pelo treinador, o incômodo da sua presença repugnante, e o peso da imagem de Eudora se transformam em combustível. Respiração profunda. Olhos fixos no horizonte.

O treinador nojento, ainda com seu apito pendurado no pescoço, observa cada movimento meu como se eu fosse uma presa à mercê de sua aprovação hipócrita.

Então ele me vê enfileirada com as outras, pede para todo mundo se aquecer e advinha quem ele pede para esperar? Lógico! A intrometida de relacionamentos abusivos...eu de pé fico imóvel e ele passa bem perto e quase encosta no meu pescoço quando diz:

— Se precisar de ajuda naquele seu treino extra, eu posso te ajudar.

Espero ele se afastar sem dizer uma palavra, começo a alongar meus braços e pernas com precisão, mostrando que não estou apenas atrasada — estou pronta, alerta, concentrada. Meu olhar se perde por um instante no nada, e a lembrança de Eudora, de seus olhos rosa de vidro, surge como uma sombra provocadora: fria, distante, lembrando-me que o mundo está cheio de julgamentos e que minha força precisa ser mais que física; precisa ser implacável, estratégica.

O apito soa novamente, e as meninas se alinham. Hoje, não há espaço para distrações. Hoje, cada salto, cada pirueta, cada grito de comando será marcado

Meu coração dispara assim que vejo a mensagem de Ellen. O dedo treme ao digitar de volta, a adrenalina me subindo pelas veias.

 Eu

“ Ellen, o que houve? Explique!”

Não demora muito, e a resposta dela aparece na tela:

Ellen:

“Reika, você não vai acreditar, eu fiz uma pesquisa maior sobre o Vagalume e revirei endereços pra ver se alguém tem alguma resposta do que você tem! E advinha...”

Sinto um frio na espinha, mas a ansiedade só aumenta.

Eu:

Ellen, fala! Estou aflita já com tudo que te contei ontem sobre a Eudora!

O alerta dela chega rápido, quase pulsando na tela:

Ellen:

Existe uma mulher no Sanatório Spell Grinds, há relatos antigos dela... coisas que fazem ligação com o Vagalume. Chamam ela de Quartzo... Não dá tempo, precisamos sair da aula e falar com ela!

Leio a última mensagem várias vezes, sentindo o impacto de cada palavra. “Quartzo... Sanatório Spell Grinds... ligação com o Vagalume.” É como se todas as peças do quebra-cabeça estivessem se movendo de repente, e agora eu precisava agir rápido.

Olho para o treinador, que ainda está distribuindo ordens no campo, alheio ao que se passa na minha cabeça. Saraya me observa, curiosa, mas não tenho tempo para explicar nada. Aperto o celular com força, respiro fundo e murmuro para mim mesma:

“Se a Ellen disse, é hora de descobrir o que Quartzo sabe... e ninguém vai me impedir.”

Meu olhar se fixa no horizonte do campo de treino, calculando cada passo que precisarei dar para sair daqui sem levantar suspeitas. O coração ainda bate acelerado, mas a determinação de encontrar respostas pelo Vagalume agora é maior que qualquer medo. Faço meia culpa no treino e saio em disparada.

Entramos no carro de aplicativo, Ellen se senta ao meu lado no banco, mexendo no celular, enquanto o motorista mantém os olhos no trânsito, mas de vez em quando percebo que ele olha pelo retrovisor. Me sinto desconfortável com a sensação de ser observada, principalmente porque minha meia calça é transparente escura e a meia de Ellen preta. Tento manter a postura, mas meus olhos se prendem à tela que Ellen segura.

— Reika, olhe!

ela aponta com o dedo, chamando minha atenção. No celular aparece o Sanatório Spell Grinds. Ellen explica:

— Já tinha dado alta para essa tal de Quartzo, mas... veja isso! Parece que ela não tinha família. Alguns alegam que ela é imortal, mas dizem que foram relatos de pacientes.

Eu fruncido a testa, absorvendo a informação. Meu instinto grita cautela.

—Hmm... interessante...

Murmuro, mantendo os olhos no trânsito.

— Mas... será que essas histórias são reais? Ou só relatos malucos de pacientes do sanatório?” Pergunto, franzindo a sobrancelha.

Ellen parece entender meu ceticismo.

— Pode ser exagero, sim. Mas algo nela chamou a atenção de muitos... achei melhor te mostrar.”

Suspirei, tentando controlar a ansiedade que borbulhava em mim.

— Então precisamos conversar com ela, mas vamos com calma. Nada de acreditar em tudo na hora. Primeiro, ver com os próprios olhos, depois tirar nossas conclusões.

Ellen sorri, segura minha mão por um instante, e seguimos pelo trânsito da cidade, a tensão crescendo, mas com a mente alerta, cada detalhe sendo registrado. Quartzo poderia ser perigosa — ou apenas uma história mal contada. Só o encontro iria nos revelar a verdade.

Sinto um frio percorrer minha espinha enquanto Ellen não para de falar. O Sanatório Spell Grinds... cada história que ela conta parece mais macabra que a anterior: pacientes que desaparecem, mortes misteriosas, inquéritos policiais sem respostas. Meu peito aperta e, mesmo tentando me convencer, uma parte de mim sente aquele peso estranho de verdade.

Eu quero não acreditar na fama da Quartzo, mas algo no tom obsessivo da Ellen, no brilho dos olhos dela, me mantém em alerta. Ela fala de Vagalumes e da pedra de Lampirys, e meu instinto me diz que não há tempo a perder. A hora de agir ou descobrir algo sobre isso é agora.

Olho pela janela do carro, o reflexo do farol iluminando trechos do asfalto molhado, e tento ler Ellen. Tento entender o que é exagero, o que é real, mas cada segundo que passa me deixa mais consciente: alguma coisa me espera, e não posso mais hesitar.

Descemos do carro e eu olho para o Sanatório Spell Grinds. Na minha cabeça, todo o medo e a fama do lugar iam se traduzir em um castelo sinistro, portas rangendo, raios cortando o céu... qualquer coisa que valesse os relatos macabros que ouvi. Mas o que vejo é... um prédio branco, simples, quatro andares, mais um bloco ao lado formando um L, parecendo aqueles conjuntos habitacionais da Rússia.

O jardim florido me chama atenção. Alguns pacientes de branco caminham calmamente pelo lado de fora. Não sinto medo, mas há uma pontada estranha de alerta, uma sensação de que algo está escondido por trás daquela fachada tranquila.

O Diretor Bromening aparece. Ele nos avalia de cima a baixo, como se fosse a primeira vez que via duas alunas ali.

— Bem-vindas. Só não fiquem por muito tempo aqui, mas entrem! — diz, com uma calma quase fria.

Ele se volta para Ellen:

— É interessante alunas virem até aqui para o seu trabalho de escola.

Ele abre a porta do escritório e nos indica para sentarmos. Enquanto Ellen se acomoda, já confiante no que vai dizer, meu cérebro não consegue deixar de processar o absurdo da situação. Duas alunas, sozinhas, conseguem entrar nesse sanatório... sem qualquer barreira? E ninguém parece estranhar?

Eu respiro fundo, tentando parecer séria, mas não consigo segurar meu deboche: “Ah, claro... só mais uma daquelas coincidências convenientes. Acho que perdi algumas coisas enquanto estava vendo séries.”

Não faço ideia do quanto Ellen já manipulou tudo, deixou álibis e convenceu o diretor. Pra mim, ainda parece completamente fora do normal, e esse absurdo só aumenta minha atenção: se algo vai acontecer, melhor eu estar preparada.

O Diretor Bromening se senta atrás da mesa, oferecendo café com aquela postura de quem está acostumado a controlar tudo. Ellen recusa. Se Ellen Turkson recusou, quem sou eu pra cair nessa? Não caio, recuso também, tentando parecer séria enquanto minha mente borbulha de sarcasmo e incredulidade.

E então ele começa a descrever a situação dos pacientes, todo formal, com aquele ar de “trabalho de escola”:

— Os pacientes de Spell Grinds começam um processo abrangente que inclui a Anamnese Psiquiátrica e o Exame do Estado Mental, detalhando sintomas atuais, histórico pessoal e familiar, uso de substâncias e fatores psicossociais para auxiliar no diagnóstico e plano de tratamento. Profissionais de saúde mental, como psiquiatras e psicólogos, realizam essa avaliação para entender a condição do paciente e desenvolver um tratamento adequado, que pode envolver acompanhamento para monitorar a evolução e melhorar o bem-estar.

Eu quase caio da cadeira de tanto rir por dentro. Para o trabalho de escola? Sério, Ellen meteu isso? Ela realmente convenceu o diretor que nós estávamos ali só para um trabalho? Meu cérebro processa o absurdo e a manipulação ao mesmo tempo. Não acredito que ela conseguiu enganar todo mundo assim... e eu aqui, tentando parecer interessada, fingindo que tudo isso faz sentido.

Minha mente começa a divagar, misturando deboche com alerta: se Ellen planejou isso tão perfeitamente, é melhor eu prestar atenção. Cada palavra, cada gesto... qualquer detalhe pode ser importante.

Tudo ao redor da sala desse tal Bromening eu observo em silêncio. Aprendi desde pequena: olhar tudo, cada detalhe, até o mínimo. Não vejo tesoura nem caneta em lugar nenhum. Estranho, mas Ellen, sentada ereta, começa a me olhar com um misto de preocupação. Só então me dou conta — como ele explicou, os pacientes aqui têm graus diferentes de insanidade, então faz sentido: nada de objetos cortantes ou pontiagudos à vista.

Na parede, os certificados dele, bem emoldurados, quase como troféus de alguém que precisa reafirmar sua autoridade. O senhor Afro, um pouco fortinho, barba rala, óculos de lente fraca. Analiso seu corpo, seus gestos, o timbre da voz. Medindo cada passo mentalmente, porque estar numa sala fechada com esse tipo de homem me deixa sempre no limite da atenção.

A sala é clara, luzes brancas refletindo no branco das paredes. Tudo limpo demais, asséptico demais, como se o lugar escondesse a verdadeira face atrás de uma fachada de normalidade.

E um pensamento martela na minha mente: no momento em que eu abrir a boca pra falar algo sobre o Vagalume, vão me considerar a insana aqui dentro.

Ellen continua firme, atirando perguntas, mantendo a pose como se tivesse tudo sob controle. E eu? Eu só observo. Porque esse Diretor Bromening está se saindo bem demais... até para o meu gosto. E isso, na minha experiência, nunca é bom sinal.

Ellen ajeita a postura, pega o caderno como se fosse realmente uma repórter de jornal estudantil, e começa a disparar perguntas com aquela calma calculada que só ela tem. Eu fico quieta, de braços cruzados, deixando a cena rolar, mas meus olhos não param de varrer cada detalhe da sala.

O Diretor Bromening se anima. Dá até pra ver o brilho satisfeito nos olhos dele quando começa a falar de sua obra.

— Spell Grinds existe há trinta e cinco anos, promovendo o bem-estar e a segurança dos pacientes. Temos orgulho da nossa trajetória, sempre comprometidos em oferecer um ambiente adequado de recuperação. — A voz dele é firme, treinada, como quem repete o mesmo discurso pra qualquer visitante curioso.

Enquanto Ellen anota, eu me seguro pra não rir. Trinta e cinco anos de bem-estar? É sério que alguém acredita nesse marketing de sanatório? Tudo soa ensaiado demais, limpo demais. E é justamente isso que me incomoda.

Observo Ellen, tão ereta e segura, como se já tivesse tudo no bolso. Eu, por dentro, só penso: essa garota sabia muito bem onde estava entrando, e eu... eu tô aqui bancando a figurante nesse teatrinho.

Ellen nem pisca. Entre uma anotação e outra, solta de cara:

— E quanto à paciente 46? Aquela que não tem nome... a que chamam pelo pseudônimo de Quartzo. Posso visitá-la?

Eu quase deixo escapar uma gargalhada nervosa. É isso mesmo? Trabalho de escola e a Ellen me vem com essa?

O Diretor Bromening arregala as sobrancelhas por um instante, como se o nome tivesse atravessado uma barreira invisível. O silêncio pesa por alguns segundos. Então ele se recompõe, ajeitando os óculos.

— Essa paciente é... estável — diz, escolhendo cada palavra como quem pisa em vidro quebrado. — Podemos visitá-la no jardim. Mas, claro, antes vou deixar que um de meus enfermeiros acompanhe o trajeto de vocês duas até ela.

Meus olhos estreitam. Estável? Essa palavra pode significar qualquer coisa aqui dentro. E, se é tão estável assim, por que tanto controle?

Olho de canto para Ellen. A postura dela não muda, mas sinto que por dentro ela vibrou em conseguir arrancar essa permissão. Eu, em compensação, só penso: ótimo, agora vamos passear de mãos dadas com a tal Quartzo, sob vigia, como se fôssemos as próximas pacientes em observação.

O enfermeiro nos conduz pelo jardim. O lugar é bonito, florido, tulipas e outras flores que eu nem consigo identificar agora. Outros pacientes caminham acompanhados, todos de branco, passos lentos, semblantes vazios. O silêncio ali é quase incômodo.

E então eu a vejo. De costas para nós, uma mulher de roupa branca, calça branca, descalça sobre a grama úmida. O cabelo... verde, com mechas roxas, ondulado, caindo pelos ombros. A figura dela parece deslocada, quase largada naquele cenário calmo demais, como uma mancha de cor no meio do branco.

O enfermeiro para a alguns passos de distância e anuncia, com voz neutra:

— Quartzo, com licença... essas duas garotas querem falar com você.

Ela não se move. Nem um gesto, nem uma palavra. O silêncio fica pesado. Eu e Ellen permanecemos ali, em pé, paradas perto dela.

Eu, sinceramente, não sei como reagir. Não há nada no mundo que tenha me preparado para essa cena. Estou diante de alguém de quem só ouvi rumores, e agora... agora é real.

Eu nunca vi essa mulher na minha vida.

Ellen, com aquele jeito que só ela tem, se aproxima devagar. Seus cabelos ruivos caem sobre os ombros enquanto ela se agacha diante da mulher descalça, tentando olhar de frente.

— Quartzo! Que nome bonito!!! — diz, forçando um entusiasmo suave.

Ela olha para mim, como quem pede aprovação. Sério, Ellen? Quer que eu bata palminha pra introdução? Seguro meu riso por dentro, mas meu olhar fala por mim.

Quartzo continua ali, imóvel, cabeça abaixada, como se o mundo inteiro não merecesse sua atenção. Nem um músculo dela reage.

Mesmo assim, Ellen insiste, doce e firme:

— Meu nome é Ellen Turkson... e essa atrás de você é minha amiga, Reika Tamura. Não queremos te fazer mal algum. Por favor... você deve saber alguma coisa sobre a pedra de Lampirys, já ouviu falar?

Meu coração dá um salto. Ela disse. A ruiva teve a coragem de falar aqui, no meio do jardim, sob os olhos de um enfermeiro e sabe-se lá quantas câmeras. Eu respiro fundo, gelada por dentro.

Quartzo permanece imóvel. Nem um gesto, nem um som. Apenas silêncio.

E eu fico ali, de pé, sentindo que cada segundo de silêncio dela pesa como uma sentença.

Quartzo instala os dedos, e tudo ao meu redor começa a ficar embaçado. Um tremor estranho percorre meu corpo, uma sensação que eu jamais senti antes. Que diabos está acontecendo? Eu não tomei nenhum remédio...

Mesmo sentada, a voz dela sai forte, carregada de autoridade:

— O que vocês duas querem? Sumam daqui!

Olho para Ellen. Seus olhos verdes estão arregalados, choque estampado no rosto, enquanto tudo ao redor parece se distorcer, como se estivéssemos em duas realidades ao mesmo tempo.

Meu olhar encontra o enfermeiro, imóvel do outro lado, sem reação. Meu coração acelera. Nunca senti nada parecido. Cada segundo é uma mistura de pânico, fascínio e alerta absoluto.

Decido encarar Quartzo de frente. Minha voz sai firme, quase desafiadora:

— Eu tenho o Vagalume, Quartzo!

Finalmente ela me olha, os olhos verdes perfurando minha visão. A intonação dela muda, e sinto que algo dentro dela se altera:

— Depois de anos, ele está com você! — diz, com uma mistura de surpresa e reconhecimento.

Ellen, ainda zozna pela sensação estranha que tomou conta do jardim, consegue balbuciar:

—... quem é você?

Quartzo solta um riso curto, enigmático, e instala os dedos de novo. A distorção retorna, e sua voz corta o ar com autoridade:

— A entrevista acabou. Agora me deixem!

Tudo volta ao normal. A sensação de distorção desaparece, mas eu me sinto levemente zozna, como se tivesse atravessado algo real e paralelo ao mesmo tempo. É impossível explicar... mas sei que, por alguns instantes, o poder dela tomou conta de tudo ao redor.

O enfermeiro se aproxima, voz firme e sem emoção:

— Ela não quer falar com vocês duas! Lamento. Quartzo é muito calada, quem sabe na próxima!

Ellen e eu engolimos seco. Mas o que me deixa realmente gelada é que o enfermeiro não escutou nada da nossa conversa. Nem viu, nem sentiu, nada. Como se tudo o que aconteceu com Quartzo tivesse existido só para nós.

Eu olho para Ellen, tentando decifrar o que ela pensou, mas vejo que ela também está abalada. Seus olhos dizem tudo: vimos algo que não deveria ser visto. Minha mente dispara. Quem é essa mulher de cabelos verdes e mechas roxas, que domina a realidade ao seu redor?

Ellen vem em minha direção, passos lentos, respira fundo. Seguimos o enfermeiro até a porta de saída, mas nenhum de nós diz uma palavra. É como se aquilo que acabamos de viver nunca tivesse existido. Se eu abrisse minha boca pra contar, pra falar que conversamos com ela... bem, camisa de força seria meu próximo destino, sem dúvidas.

Ellen ajeita a boina preta com um gesto automático, tentando recuperar a compostura. Saímos do Sanatório Spell Grinds, e eu ainda sinto o peso daquilo tudo, um frio na espinha que não vai embora tão cedo. Por fora, estamos calmas. Por dentro, eu sei que nada mais será como antes.

Sentamos fora, no banco do jardim, Ellen ainda ofegante. Eu fico ali, inquieta, o peito apertado, e começo a desabafar:

— Olha, já vi de tudo! — digo, tentando rir, mas a tensão ainda pulsa no corpo.

— Não estranhei esse negócio dela. Agora, se nunca tivesse ouvido falar do Vagalume ou visto qualquer coisa... juro que acharia que estava dopada por eles!

Ellen ri, meio nervosa, tentando acompanhar meu jeito:

— Eu nem sei o que dizer. Só sei que estamos perto de uma mulher diferente desse mundo. Ela ficou surpresa em saber que o Vagalume está com você.

Meus olhos seguem sem querer algumas árvores na entrada do portão do sanatório, como se buscassem alguma lógica para tudo aquilo:

— Essa você acertou! — digo, meio com deboche, meio sério.

— Quem diria que alguém assim estaria internada nesse lugar?

Ellen me olha de canto, cruza as pernas, e suspira fundo:

— Verdade... a pergunta é exatamente essa! — diz, séria agora. — Por que ela está aqui? E quem será ela?

Eu continuo olhando para o portão, sentindo um peso estranho, consciente de que não vimos apenas uma paciente comum, mas algo... maior, mais intenso, que desafia qualquer explicação. E, por dentro, sei que aquela mulher não é alguém que se possa ignorar.

Chamamos o carro para voltar ao campus. Nem reparo no modelo; entro e, surpresa... adivinha!, é o mesmo motorista. E, claro, o safado olha para minha meia-calça de forma descarada. Sempre tem que ter um desses...

Ellen e eu permanecemos em silêncio no banco de trás. O carro parte, e de repente ele olha pelo retrovisor, voz firme e inesperada:

— Minha senhora quer falar com vocês!

Sinto meu corpo gelar. A voz... mistura-se com a de Quartzo. Um arrepio percorre minha espinha, e vejo Ellen congelar ao meu lado. Ela murmura, tensa:

— Reika... essa é nova pra mim...

Meu instinto não deixa passar. Reconheço o mesmo domínio que já presenciei da Rud, aquela habilidade de usar o corpo dos outros para se comunicar. É perturbador e fascinante ao mesmo tempo, na verdade acho que estou ficando maluca nessas esquisitices.

O motorista, agora com a voz misturada à dela, fixa os olhos no retrovisor, direto no rosto de Ellen:

— Garotas, como me acharam? Alguém mandou vocês?

Sinto um frio na espinha. Cada palavra ecoa como um comando silencioso. Meu corpo quer reagir, mas meu raciocínio está acelerado, analisando cada nuance, cada gesto, tentando descobrir como aquela mulher e o motorista estão conectados, e o quanto isso pode nos colocar em risco.

E, mesmo assim, uma parte de mim observa tudo com aquele deboche silencioso: eles acham que podem nos assustar... que adorável ilusão.

Ellen respira fundo, ainda rígida no banco, tentando organizar alguma resposta. Ela olha para mim de canto, como se pedisse apoio silencioso. Eu só respiro devagar, mantendo o olhar fixo na janela, fingindo normalidade, mas cada músculo do meu corpo está alerta.

— Ninguém... — começa Ellen, hesitando, a voz trêmula — ninguém nos mandou. Estamos apenas investigando por conta própria...

O motorista desvia o olhar do retrovisor por um instante, mas logo volta a fixá-lo no meu rosto e no de Ellen. A voz dela, ou melhor, a mistura da voz do motorista com a de Quartzo, ecoa firme, controladora:

— Vocês sabem que poderiam estar em perigo por isso, certo?

Sinto meu coração acelerar, mas mantenho a postura, o deboche contido como sempre. Perigo? Ah, eu já vi perigo antes. Isso aqui é só outro tipo de teste.

Ellen morde o lábio, olhando para o reflexo do retrovisor, claramente impressionada com a presença invisível de Quartzo:

— Reika... isso é insano. Ela está usando ele como... como... extensão dela! — sussurra, quase sem fôlego.

Dou um leve sorriso, meio irônico, enquanto meus pensamentos correm: Extensão ou não, ninguém aqui vai me assustar. Eles subestimam a Vagalume.

O motorista/fusão de vozes continua:

— Agora quero que sejam cuidadosas. Nada de mais... — a voz se dissolve em um tom mais neutro, quase como um aviso — ...ou poderão se arrepender.

Ellen solta um suspiro baixo, recostando-se no banco, enquanto eu continuo observando, calculando, medindo cada gesto do motorista. A tensão ainda pulsa no ar, mas no fundo, sinto aquele frio familiar: a sensação de que estamos lidando com algo que não dá pra subestimar, mas que podemos enfrentar... se mantivermos a cabeça fria.

Sento no banco do carro, ainda sentindo aquele frio estranho da presença dela. O motorista desvia os olhos do retrovisor, mas então a voz dela corta o ar, clara e firme, mesmo misturada à do motorista:

— Então é você que está com o Vagalume? Eu não imaginaria que isso aconteceria!

Sinto meu coração bater mais rápido, mas mantenho a postura:

— Sim. Estou com ele e não pretendo entregar a ninguém. Quero saber o que você sabe sobre a pedra... e tudo mais.

A voz dela, calma e afiada, responde:

— E porque te falaria alguma coisa?

Ellen, ainda tensa, intervém:

— Porque fomos visitar você!

Dou de ombros, mantendo o tom firme, quase provocativo:

— E porque fomos num sanatório? Só por isso vale um ponto? Talvez?

Há uma pausa no ar, e então a voz dela corta novamente, direta:

— Agora entendi... quem mais sabe do seu segredo, garota?

— Somente minha amiga Ellen — respondo, firme, sem hesitar.

Ellen, pálida, quase cochicha:

— Você não vai apagar minha memória, certo!?

Quartzo solta uma risada baixa, quase maliciosa, através do motorista:

— Não, por enquanto não. Esse motorista é meu servo. Lemy é o nome dele.

Sinto o peso daquilo tudo. O poder dela é real, e aquele servo, o motorista, é só uma extensão. Mas, mesmo assim, há algo familiar no frio na espinha... o mesmo frio que senti quando vi Rud manipulando corpos antes. Perigoso? Sim. Mas não impossível.

O motorista para o carro, estaciona e desliga a chave e com a voz dela e dele ao mesmo tempo diz:

— Estarei de olho em vocês, cuidado com quem falam, e o motorista volta ao normal...Ellen até toca no ombro dele como uma iniciativa de ressuscitação, ele só olha para nós moreno de parecia indiana e responde

— uhhh que sensação a muito tempo Quartzo não faz isso! Ellen pergunta

— Você está bem? Ele nos olha e confirma

— Estou acostumado, podem descer e por ordens vou guiar vocês para onde precisarem, eu desço e ele acena:

— Cuidem Se e até mais!...Ellen e eu parecíamos zumbi só acenando para ele no modo automático quase robótico

O motorista para o carro, gira a chave e desliga o motor. O silêncio cai pesado, e então a voz dela e dele se mistura perfeitamente, fria e firme:

— Estarei de olho em vocês. Cuidado com quem falam.

O carro parece pulsar com aquele aviso, e então, de repente, tudo volta ao normal. O motorista, só ele agora, sem nenhum traço do domínio de Quartzo, está imóvel à nossa frente. Ellen, meio instintivamente, toca no ombro dele, como se fosse um gesto de verificação, quase tentando “ressuscitá-lo”.

Ele nos olha, sereno, e comenta:

— Uh... que sensação! Há muito tempo Quartzo não faz isso.

Ellen, ainda tentando processar, pergunta hesitante:

— Você está bem?

Ele nos encara com um olhar firme, confirmando:

— Estou acostumado. Podem descer, e por ordens, vou guiar vocês para onde precisarem.

Respiro fundo, tentando me recompor, e quando abro a porta, ele acena para nós:

— Cuidem-se e até mais!

Ellen e eu nos levantamos, ainda meio atônitas. Parecemos zumbis, acenando de volta, quase no modo automático, robóticas, enquanto meu cérebro tenta encaixar tudo o que acabou de acontecer. A sensação é estranha, desconcertante... mas ao mesmo tempo, há aquele frio familiar: Quartzzo está jogando xadrez conosco, e nós ainda estamos aprendendo as regras.

O campus me parece silencioso... silencioso demais. Um silêncio pesado, estranho, quase como se todos os sons tivessem sido sugados do ar. Eu e Ellen avançamos pelo corredor, e de repente... borboletas azuis, dezenas delas, voando lentamente ao nosso redor, como se estivessem marcando território.

Ellen para, olhos arregalados, e comenta:

— Reika... seus olhos estão iluminados!!!

Sinto a adrenalina correr pelo meu corpo, cada célula alerta. Sei que algo aconteceu... algo grande, mas ainda sem explicação.

Entro na minha sala e... é um choque. Alunos e meu professor estão paralisados, cada um com a boca aberta e os olhos fixos nas borboletas que flutuam por toda parte. Corremos para tentar chegar a eles, mas o caos se espalha: o Diretor Lundoni está em sua sala, também imóvel, e todo o campus parece estar em estado de inércia, como se o tempo tivesse parado.

Ellen sussurra, assustada:

— Reika... o que faremos?

Olho para ela, medindo o pânico e tentando transmitir segurança, mesmo que eu mesma não saiba o que vai acontecer.

— Acho que não tem muito o que fazer agora... — digo, a voz firme, tentando ancorar a realidade

— Eudora está aqui... e não sei o que vai acontecer.

Coloco minha mão nos ombros de Ellen, firme, mas suave:

— Vai ficar tudo bem. Vamos ver o que podemos fazer.

Ela me encara, buscando segurança, agarrando-se a mim em meio ao caos que tomou o campus. E, por dentro, sei que algo extraordinário começou — algo que talvez ninguém além de nós duas consiga enfrentar.

Instintivamente, corro para fora do campus e me dirijo à quadra de futebol. Sinto o vento bater no rosto e, sem pensar muito, grito com toda força que meus pulmões suportam:

— Eudora! Se você me quer? Estou aqui! Chega do seu showzinho! Estarei pronta!!!

Pela primeira vez, sinto meu corpo realmente reagir. Respiro fundo, tentando isolar tudo o que está acontecendo ao redor. Suspiro devagar, enchendo meus pulmões com cada fio de ar que posso, como se estivesse carregando energia em cada célula:

— Força para um novo dia!!! — solto, firme.

Fecho os olhos, e a luz verde surge, vibrante. Desta vez, invocar o Vagalume não exige esforço; parece natural, como se sempre estivesse pronto para mim. Minha roupa de combate se ajusta ao meu corpo: pulsos e pulmões ganham algo indescritível, energia pura correndo pelas veias. Sei que, como Vagalume, posso enfrentar Eudora.

Dou um passo à frente, a roupa colada e o busto metálico verde refletindo a pouca luz das nuvens acinzentadas. As botas pressionam a grama, que parece sentir a tensão que eu carrego. Meu peito se enche, e eu repito, desafiadora:

— Se você queria o Vagalume... vem pegar!!!

O mundo ao meu redor parece se encolher, cada folha, cada brisa, cada raio de luz se curva ao meu comando. Estou pronta. Cada músculo meu vibra com poder, e sei, no fundo, que este confronto será decisivo.

Narrador 🗨️:

Eudora caminha pelo campo devagar, cada passo medido, calculado. Sua roupa colada preta brilha à luz do dia, armadura cobrindo busto e tórax, ombreiras cintilantes em azul refletindo o sol. As asas transparentes de borboleta se abrem suavemente, quase hipnotizantes.

Seus olhos de vidro azul fixam na Vagalume com uma calma ameaçadora, quase predatória. Os cabelos curtos e brancos balançam levemente, e o batom preto acentua a expressão séria e determinada. Cada passo de suas botas escuras, com linhas em azul, ecoa pelo campo, quebrando o silêncio e impondo poder.

Vagalume engole seco. O coração bate rápido, cada respiração pesada anunciando a adrenalina que corre pelo corpo. Ela sabe, de forma instintiva, que dali não há volta. Recuar não é opção.

As mãos de Reika se fecham em punhos, dedos se contraem, músculos tensionados pela energia acumulada. Cada fibra do corpo vibra com expectativa. A luta que está prestes a começar não é apenas física — é um confronto de força, presença e determinação.

O ar entre as duas parece vibrar, carregado de tensão. Até o vento parece ter parado, assistindo ao embate iminente.

Eudora para, firme, a voz cortante como lâmina:

— Preparada para morrer e perder o Vagalume? Portadora?

Vagalume, com postura inabalável, responde com confiança:

— Vem tentar, Eudora!!! Não era isso que você queria? Venha!

O céu parece reagir ao desafio. Nuvens se acumulam rapidamente, e pequenas gotas de chuva começam a cair. Cada gota pingando na grama faz o solo tremer levemente, refletindo o peso da batalha iminente.

O olhar oriental de Reika é fulminante, concentrado e feroz. O de Eudora, confiante, como se já soubesse cada passo da oponente.

Sem perder tempo, Reika abre suas asas transparentes e dispara em linha reta, quase rente ao chão, em direção a Eudora. A oponente grita e vem voando para encontrá-la.

As mãos de ambas se chocam no ar com uma força titânica, criando um vácuo instantâneo que faz vidros de carros próximos quebrarem e alarmes dispararem. Um impacto físico e energético reverbera pelo espaço, fazendo a chuva parecer mais pesada e intensa.

As duas se entrelaçam pelas mãos, testando força e resistência. Cada músculo se tensiona, cada fibra vibra com o esforço.

Eudora sorri, um sorriso frio e calculista, e anuncia:

— Vamos elevar isso, portadora!

De repente, ela desaparece da frente de Reika, transformando-se em pura luz. Antes que Vagalume consiga reagir, Eudora reaparece atrás dela.

O primeiro soco acerta o corpo de Reika com força brutal. Antes que possa se recompor, um segundo golpe atinge seu rosto, seguido por um terceiro, que a lança para longe. Ela voa, rolando pelo gramado, a grama se comprimindo e estalando sob o impacto. Um frio percorre sua espinha, e a tontura do primeiro golpe ameaça dominá-la.

Reika sente a cabeça pesar, mas balança para se recuperar. Cada respiração é rápida e pesada, cada músculo tenso com a adrenalina e a raiva que a impulsionam. Ela avança novamente, confiante em seu poder, mas seus golpes colidem contra algo impossível de romper: um campo de força azul, formado por uma chuva de borboletas de luz, que protege Eudora com perfeição.

As borboletas giram e brilham, refletindo o céu nublado e a chuva que cai, fazendo Reika perceber que cada ataque vai testar não apenas sua força física, mas sua habilidade de ler e reagir ao inimigo. O impacto ressoa pelo campo, ecoando como trovões pequenos, cada golpe uma batalha de poder e determinação.

Eudora concentra seu poder nas borboletas de luz, e elas se condensam em uma explosão brilhante e avassaladora. Reika é atingida de cheio e cai de costas no gramado, a grama

úmida comprimida pelo impacto. O corpo de Vagalume se vira de lado instintivamente, absorvendo cada golpe, tentando entender o que Eudora está fazendo.

A energia que a atinge é intensa, diferente de qualquer coisa que Reika já tenha sentido. Uma dor aguda percorre seus músculos e ossos, mas, mesmo assim, ela não desiste. Com esforço, começa a se levantar, o corpo tremendo, respiração ofegante.

— Eudora!! — grita, firme apesar do corpo dolorido — Eu não sei como isso vai terminar! Mas quero que você saiba que não vou cair tão fácil!

Eudora avança até ela, a calma ameaçadora em cada gesto:

— Sua escolha, portadora...

Em um movimento quase instantâneo, um gancho de luz azul envolve Reika. A força do ataque é brutal, lançando-a para cima, tão alto que ela bate contra o placar apagado do campo. O impacto faz seu corpo girar no ar antes de cair zozna na grama já encharcada, molhando o cabelo e a roupa metálica.

Reika ofega, cada respiração pesada e dolorosa, mas dentro dela, uma chama arde: a determinação de não ceder, de enfrentar cada golpe, de se levantar ainda mais forte. A chuva continua caindo, cada gota misturando-se ao suor e à tensão do embate, transformando o campo em um palco de energia e poder descomunais.

Reika geme baixo, ofegante, cada respiração pesada refletindo o esforço e a dor. Ela sabe que essa será uma luta difícil. A roupa colada ao corpo se comprime contra seus músculos tensos, respondendo instintivamente aos movimentos, enquanto sua cabeça zozna só consegue exalar o cheiro do gramado encharcado de chuva.

De repente, sente os braços de Eudora se fecharem em volta de seu pescoço. Um aperto sufocante, que corta o ar, mistura dor e desorientação. Reika sente a pressão aumentando, cada músculo tenso tentando reagir enquanto sua visão fica turva.

— Seu fim está próximo! — diz Eudora, a voz fria e firme ressoando no ouvido de Reika.

Instintivamente, Reika tenta se mover, alcançar os cabelos ou o rosto de sua oponente, aplicando uma chave de pescoço, tentando recuperar alguma vantagem. Mas o mundo ao seu redor começa a se embaralhar; a chuva, a luz refletida na armadura, a sensação do Vagalume dentro dela, tudo se mistura em confusão.

A falta de ar aumenta, cada segundo se arrastando enquanto ela luta contra a pressão, cada fibra do corpo queimando com esforço e adrenalina. Reika sabe que precisa reagir — e rápido — antes que Eudora consiga finalizar o golpe.

Reika sente a pressão nos braços, a falta de ar quase a derrubando, mas algo dentro dela desperta. Instintivamente, ela golpeia o abdômen de Eudora com várias cotoveladas rápidas. Cada impacto ganha mais força, guiado pelo instinto do Vagalume, e o aperto de Eudora começa a ceder.

Com um último golpe certo, mesmo caída, Reika consegue se soltar do sufocamento. Eudora é jogada para trás, rolando pelo gramado encharcado, sentindo pela primeira vez a força pura e bruta que a Vagalume é capaz de concentrar.

Reika respira fundo, o corpo ainda zozzo, a adrenalina correndo, mas um sorriso quase imperceptível surge. Ela sabe que mostrou a Eudora que não será subestimada — que mesmo em desvantagem, cada golpe dela carrega poder, precisão e a determinação de não cair.

O campo está silencioso por um instante, a chuva caindo como se marcasse o ritmo do embate. Cada uma respira, analisando a outra, sabendo que o confronto ainda não terminou, mas que Reika acabou de deixar claro: ela não vai desistir.

Reika sente suas mãos pulsando com força, cada músculo tenso, cada fibra vibrando com a energia do Vagalume. Mesmo ofegante, tudo ao seu redor se transforma em uma concentração intensa de luz. O punho fechado brilha, envolto na luz verde, pronto para desferir um golpe que desafia a própria realidade.

Ela avança, golpeando em direção a Eudora, que imediatamente ergue as mãos abertas, evocando uma nuvem de borboletas de luz. Cada borboleta se materializa como uma barreira, criando um escudo quase impenetrável. O punho de Reika firme contra a luz de Eudora tenta empurrar, romper aquela energia, e cada esforço é sentido nos braços, ombros e peito como se estivesse esmagando seu próprio corpo.

— Você não vai conseguir me acertar assim, portadora! — a voz de Eudora corta o ar, carregada de ódio e desafio

— Eu sou a guardiã do Centro Maior, e você vai entender que me enfrentar custará caro!

Reika, sentindo a pressão e o peso da energia, não se intimida. Com determinação e voz firme, responde:

— Se custar caro ou não, você também sentirá isso, Eudora!

O choque de energias cria um pequeno redemoinho de luz e chuva ao redor delas, a tensão física e sobrenatural reverberando pelo campo. Cada segundo parece esticar, cada movimento carregado de força, habilidade e vontade inquebrantável. O embate de poderes não é apenas físico: é um duelo de presenças, de determinação, de quem dominará o outro.

O campo de força de Eudora se expande rapidamente, as borboletas azuis se transformando em tons roxos, condensando-se em esferas de energia pura. Elas se lançam contra Reika sem aviso, velozes, quase invisíveis na chuva e na luz difusa.

Cada impacto atinge o corpo da Vagalume: o tórax arde, o rosto e a bochecha latejam, e as coxas recebem golpes que fazem os músculos tremerem. Reika sente o peso e a força de cada esfera, cada impacto sacudindo seu corpo, deixando-a desorientada e zozza.

Antes que consiga reagir, uma mão forte a atinge de surpresa, jogando-a para o chão molhado. Ela cai, o corpo tremendo, a respiração ofegante e irregular.

Eudora caminha pelo gramado com confiança, cada passo calculado, enquanto Reika se apoia na cabeça, tentando absorver e entender a intensidade dos ataques. A chuva molha sua roupa metálica verde, os músculos tensos queimando com cada golpe. A sensação de vulnerabilidade é forte, mas, no fundo, uma determinação crescente brilha nos olhos da Vagalume: ela não vai se render, não importa a força da adversária.

O campo parece vibrar com cada passo, cada impacto, cada esfera lançada, transformando o campo em um palco de poder e resistência — um duelo onde só a força de vontade e habilidade definirão quem prevalecerá.

Reika ✨

Estou zozna, meu corpo parece quebrado, e minha visão mal consegue focar. Não sei nem pra onde olhar. Piscar os olhos é um esforço enorme, mas então vejo Ellen correndo em minha direção.

— Reika!!! Reika!!!! — ela grita, e meu coração dispara.

Só consigo murmurar o nome dela, mas meus olhos captam algo ainda mais urgente: Eudora correndo em direção a Ellen, veloz, impiedosa.

O mundo parece parar por um instante. Cada gota de chuva, cada respiração, cada batida do coração reverbera na minha cabeça. Eu arregalo os olhos e, sem pensar, me levanto com uma força que nem sabia que tinha.

— Deixa elaaaaa!!! — grito, a voz cortando a chuva e o vento.

Meu punho pulsa com energia, e a vontade de despedaçar Eudora queima em meu peito. Cada músculo se contrai, cada fibra do corpo vibra com determinação e fúria. Não há dor que me segure, não há cansaço que me pare. Ellen está em perigo, e o Vagalume não hesita.

A chuva cai em meu rosto, misturando-se com suor e adrenalina. O chão treme levemente a cada passo que dou, enquanto minha aura verde brilha, anunciando que o contra-ataque está prestes a começar.

Narrador 🗣️

O golpe de Reika projeta Eudora com força, e ela bate contra a parede, que se quebra com estalos e detritos voando para todos os lados. A adversária para apenas nos vestiários, mas rapidamente se recompõe, o ódio irradiando de cada gesto.

Reika, ofegante e ainda com o corpo dolorido, corre até Ellen:

— Ellen, sai daqui! É perigoso! — alerta, tentando proteger a amiga.

Mas Ellen, pela primeira vez, se recusa:

— Eu não vou a lugar nenhum, Reika!!!

Um frio percorre a espinha da Vagalume. Ela sente, antes mesmo de olhar, que Eudora vai surgir novamente. E, como pressentido, a inimiga dispara de volta com fúria total.

Reika protege o rosto instintivamente enquanto Eudora desfere uma série de socos cheios de ódio:

— Como você... como você ousa? Morra, portadora!

Os dois corpos se arrastam pelo gramado, Eudora atacando com força brutal, Reika tentando se defender. A defesa da Vagalume começa a ceder quando Eudora concentra energia em uma áurea roxa, pulsante e ameaçadora.

Golpe após golpe, Reika recebe impactos violentos no rosto fazendo sua cabeça balançar. Cada soco faz seu corpo tremer, cada respiração é puxada com dificuldade, e finalmente ela é arremessada contra as arquibancadas, caindo com um baque que ecoa pelo campo.

Reika fica estirada nas arquibancadas, o corpo dolorido, gemendo pela tontura e dificuldade de respirar. Cada respiração é pesada, a cabeça latejando pelo impacto dos golpes de Eudora. Ela não terá a mínima defesa com o próximo golpe.

Eudora se aproxima lentamente, confiante, os olhos cheios de ódio. Com um gesto de mão, ela lança ao redor de Reika borboletas roxas de luz que se transformam em estacas afiadas, ameaçando atravessar tudo no caminho.

— Adeus, portadora! — diz Eudora, com a voz cortante, pronta para finalizar.

Mas antes que as estacas alcancem Reika, uma luz amarela intensa irrompe do nada, uma força tão potente que empurra Eudora de volta contra a parede do estádio. O impacto faz a vilã tropeçar, caindo e se levantando com dificuldade, surpresa e desorientada. Uma parte da arquibancada cai sobre Eudora.

De dentro da luz, emerge uma figura familiar: Quartzo, vestida com a roupa branca do Sanatório Spell Grinds. A presença dela é imponente, carregada de autoridade e poder sobrenatural. Ela se aproxima de Reika e diz, firme:

— Isso não é por você! É pelo Vagalume.

Reika, ainda ofegante, sente um alívio imediato misturado à adrenalina. A presença de Quartzo transforma o campo de batalha, mudando completamente a dinâmica da luta. A luz amarela ao redor de Quartzo resplandece, afastando a escuridão e a ameaça das estacas roxas, enquanto Eudora recua, surpresa e cautelosa.

O vento e a chuva parecem responder a essa nova energia, e Reika, mesmo caída, percebe que não está mais sozinha. O Vagalume dentro dela pulsa com força renovada, inspirando coragem e determinação.

Eudora tenta se recompor, mas a energia de Quartzo ainda pulsa no ar e a atinge em cheio. Ela se afasta, sem entender, os olhos arregalados, a surpresa evidente:

— Quem é você??? O que está fazendo???

Confusa e acuada, Eudora recua, desaparecendo entre as borboletas azuis que ainda dançam no estádio.

Ellen corre para Reika e a envolve nos braços, firme, segurando a amiga caída e exausta. Reika sente o apoio, o calor, e ainda zozna murmura com dificuldade:

— Ellen...

Mas Ellen, com um sorriso tranquilo apesar da tensão, responde:

— Não se esforce, Reika. Vamos sair daqui.

Reika olha para frente e vê Quartzo, em pé à distância, cabelos verdes com mechas roxas, a presença misteriosa e poderosa. Ela se afasta, saindo lentamente e sumindo pelo estádio, deixando um rastro de luz amarela no ar.

Reika sente o corpo pesado, cada músculo dolorido, mas o coração acelera com a adrenalina e a sensação de que, mesmo derrotada momentaneamente, o Vagalume ainda pulsa dentro dela. Ellen a segura com firmeza e cuidado, enquanto saem do campo, conscientes de que Eudora vai voltar, mas também de que não estão mais sozinhas.

Confusa, Eudora recua e some entre as borboletas azuis que ainda dançam pelo estádio.

— Ela vai voltar a qualquer hora, garotas!

Ellen olha enquanto coloca a amiga nos braços, surpresa e preocupada, e pergunta:

— Obrigada! Mas... como você fugiu de lá ??

Quartzo responde, firme e enigmática:

— Não precisa saber os detalhes...

E começa a se afastar, andando pelo estádio e sumindo lentamente.

Reika se senta no chão do estádio, o corpo dolorido, cada músculo latejando. A chuva fina ainda molha sua roupa de combate: Ellen se aproxima devagar e coloca a mão firme e cálida no braço de Reika, transmitindo segurança e apoio. Reika fecha os olhos, respirando fundo, e murmura com esforço:

— Força para um novo dia...

No instante em que diz essas palavras, a armadura verde metálica, as asas transparentes e toda a roupa de combate se dissolvem diante de seus olhos, voltando automaticamente para sua roupa normal: saia preta justa, colete preto e meia-calça escura. A sensação é estranha, mas reconfortante, como se todo o peso e tensão do poder se liberassem junto com a armadura.

O corpo pesado ainda pulsa com a adrenalina da luta, mas a mente de Reika começa a se acalmar aos poucos. Ellen observa cada movimento, preocupada e atenta, e pergunta com suavidade:

— Reika, você está bem? Precisa de cuidados agora...

Reika abre os olhos e encara Ellen, sentindo um misto de gratidão e alívio, com a exaustão evidente em cada gesto. Sua voz sai fraca, mas firme, carregada de sinceridade:

— Obrigada por estar aqui.

O momento fica suspenso por alguns segundos, apenas as duas no campo silencioso, a chuva caindo devagar e o eco da intervenção de Quartzo ainda presente. Reika sente cada músculo dolorido, mas também a certeza de que, apesar da luta, da dor e do caos, não está sozinha. Ellen permanece ao seu lado, oferecendo apoio silencioso, pronta para protegê-la se Eudora decidir voltar.

Reika se apoia nos braços de Ellen, ainda sentindo cada músculo doer, cada respiração pesar. O gramado encharcado e a chuva fina ainda caindo deixam o chão escorregadio, obrigando ambas a caminhar devagar. Cada passo é um esforço, mas Reika sente uma determinação silenciosa pulsando dentro dela, a certeza de que precisa se recompor antes de enfrentar Eudora novamente.

O estádio agora está silencioso, exceto pelo leve som da chuva e pelo eco das borboletas que desapareceram, mas deixaram um rastro de luz residual que cintila no ar. Reika observa ao redor, consciente de que a intervenção de Quartzo salvou a situação, mas também alerta: Eudora ainda está à espreita, pronta para atacar de novo a qualquer momento.

— Você conseguiu segurar a situação... mas não vai ser fácil da próxima vez, — murmura Ellen, ainda segurando Reika, seus olhos verdes atentos a qualquer movimento suspeito.

Reika respira fundo, tentando relaxar os ombros, e diz:

— Sei... mas pelo menos agora estou de pé. E não vou me deixar derrubar tão fácil.

Com cuidado, Ellen ajuda Reika a caminhar para fora do estádio, mantendo-a próxima e protegida. Cada passo é um lembrete da intensidade da batalha e da força que Reika ainda carrega dentro de si, mesmo exausta.

Enquanto saem, a sensação de alerta permanece: o confronto com Eudora não terminou, e o eco da energia de Quartzo ainda pulsa na mente de Reika. Mas, pelo menos por agora, elas estão juntas, seguras e com tempo para recuperar forças antes da próxima luta.

Um pouco distante do estádio, Eudora se senta em um open bar, o corpo elegante e tenso, braços e pernas cruzados com postura impecável. O garçom se aproxima com uma bandeja e pergunta:

— Mais alguma bebida?

Eudora, sem desviar os olhos do horizonte, responde com calma, quase monótona:

— Não, obrigada. Estou satisfeita.

Seu semblante é impassível, mas por dentro, a mente da guardiã do Centro Maior não para. Ela revisita mentalmente cada movimento, cada golpe que desferiu e cada reação da Vagalume. A missão que estava quase concluída parecia agora incompleta, e aquela mulher... aquela mulher que a atingiu com tamanha força, com energia que Eudora nunca havia sentido, ainda pulsava em sua memória.

A cabeça lateja ligeiramente, misturando a dor física causada pelos golpes da Vagalume com a lembrança do impacto devastador daquela intervenção. Era algo mais intenso do que qualquer combate anterior, algo que a deixou desconcertada, quase intrigada. Quem era aquela mulher? E como tinha conseguido atingir Eudora de maneira tão precisa e potente, quase anulando toda sua estratégia?

Ela respira fundo, tentando organizar os pensamentos, sentindo a tensão em cada músculo ainda presente. O open bar continua com sons distantes de copos e conversas, mas Eudora está isolada em seu próprio mundo, refletindo sobre a inesperada força da mulher que salvou a Vagalume, e sobre o que isso significava para sua missão.

Eudora permanece sentada, imóvel, absorvendo cada instante do que aconteceu. O copo quase vazio em sua mão balança suavemente, refletindo a luz ambiente do open bar. Ela murmura para si mesma, a voz baixa, quase sussurrada:

— Eu não quero reportar ao Grande Conselho... mas por que estou assim? Por que algo... algo nessa mulher não me deixa em paz?

Ela fecha os olhos, a mente revisitando cada golpe, cada instante do combate, tentando entender como a situação saiu de seu controle.

— Eu estava quase finalizando com aquela portadora... como ela surgiu do nada? E esse poder todo... de onde veio?

O copo em sua mão chocalha suavemente, refletindo seu estado interno de inquietação. Ela o segura com força, mas sem perceber, mexe a bebida de forma compulsiva, girando o líquido

quase vazio, como se cada movimento pudesse ajudá-la a organizar o turbilhão de pensamentos e frustração que pulsa em seu peito.

Eudora observa o copo, o olhar distante, e uma mistura de incredulidade e fascínio percorre sua mente. A mulher que interferiu não era apenas forte — havia algo nela que desafiava a própria percepção de Eudora sobre poder e controle.

Por alguns instantes, o bar ao redor desaparece; tudo que resta é essa presença desconhecida ecoando em sua mente e a necessidade de compreender quem ela realmente era.

Eudora ainda balançava o copo entre os dedos, o olhar perdido, quando uma sombra se projetou sobre sua mesa. Ela ergueu os olhos devagar, e à sua frente, um rapaz de presença enigmática puxava a cadeira e se sentava sem pedir permissão.

Sobretudo preto caía pesado até quase os tornozelos, uma corrente discreta cintilava em contraste com a penumbra do bar. Os óculos escuros refletiam a iluminação baixa, escondendo seu olhar. O cabelo vermelho, impecavelmente penteado, parecia um contraste vivo contra a sobriedade da roupa.

Ele ajustou os óculos vermelhos com dois dedos, o gesto calculado, e falou com uma calma que mais parecia uma ameaça silenciosa:

— Eu não estou aqui para julgá-la.

A voz era firme, baixa, quase sem emoção, mas cada palavra soava como um peso.

— Só quero que você reporte ao Grande Conselho qualquer novidade inicial das suas ações. O que você faz ou deixa de fazer... não é problema meu.

Eudora manteve o silêncio por alguns segundos, observando cada detalhe dele, tentando entender se era um aviso velado ou apenas uma cobrança. O copo em sua mão parou de balançar. Pela primeira vez naquela noite, um arrepio percorreu sua espinha.

Eudora inclinou-se para frente, apoiando o cotovelo na mesa. A voz dela saiu baixa, firme, quase um sussurro carregado de tensão:

— Eu não posso agora dizer nada ao Grande Conselho. Estou estudando a Portadora há dias... e não quero vacilar no meu julgamento.

O homem ajeitou-se no sofá, cada movimento milimetrado, quase teatral.

— Sinto que é um impasse. — a voz dele soou cortante, mas sem pressa. — Por mais que eu saiba o que deseja — a aprovação do Grande Conselho — suas medidas não estão claras.

Eudora pegou o copo outra vez, girando o líquido no fundo como se buscasse respostas ali. Um suspiro pesado escapou.

— Eu preciso de um tempo... preciso matar a Portadora, recuperar o Vagalume. Assim, posso equilibrar as coisas.

O silêncio se prolongou. Ele apenas a encarou por trás dos óculos, até que se levantou devagar. O sobretudo negro acompanhou o movimento como uma sombra se desprendendo do sofá.

Virou-se um pouco, a voz grave ecoando a sentença final:

— Faça o que tiver que fazer. Eu nunca estive aqui.

Sem olhar para trás, caminhou em passos firmes até desaparecer na penumbra do lounge, deixando Eudora sozinha com o copo na mão e a cabeça cheia de perguntas.

O lounge estava cheio de vozes arrastadas pela bebida, risadas altas e música abafada. Mas para Eudora, nada disso importava. Sem suas borboletas vigilantes, ela se sentia nua, desprotegida. O vazio em torno dela pulsava como uma ferida aberta.

Os olhos dela varreram o ambiente lentamente, analisando cada mesa, cada alma. Um casal discutia baixinho perto da sinuca; mais adiante, três homens jogavam cartas, a tensão no olhar deles era pura avareza. Mas foi no canto, quase jogados um sobre o outro, que ela encontrou o alvo perfeito: dois rapazes bêbados, rindo sem controle, o corpo mal se equilibrando.

Ela deixou o copo vazio sobre a mesa com um som seco, ajeitou a saia grafite que descia justa sobre as pernas e o blazer social elegante que moldava sua postura. Caminhou até eles com a cadência calculada de quem sabe ser a tentação inevitável. O perfume adocicado misturava-se ao álcool no ar, criando uma trilha quase hipnótica ao redor dela.

Os dois rapazes a notaram de imediato, como cães sentindo o cheiro da caça. Um deles tentou endireitar a coluna, mas quase tropeçou. O outro apenas abriu um sorriso tolo, incapaz de esconder a fragilidade da embriaguez.

Eudora não precisava de conversa. O olhar dela, firme e profundo, já dizia tudo. Aproximou-se deles com a calma de uma predadora que conhece o fim da cena antes mesmo de começar.

No íntimo, o plano estava traçado: duas vidas em troca de duas borboletas vigilantes. Duas almas para servir ao seu propósito.

Eudora caminha devagar pelo lounge, como uma predadora escolhendo sua caça. Os dois rapazes já estão embriagados, rindo alto, cambaleando, sem nem perceber o perigo que se aproxima. Um deles quase derruba o copo, o outro tenta ajudá-lo, tropeçando junto. É exatamente a oportunidade perfeita que Eudora esperava.

Ela se aproxima, e o perfume dela mistura-se ao cheiro forte de álcool e fumaça de cigarro do lugar. Um deles ergue os olhos, encantado com a presença daquela mulher misteriosa, mas não tem tempo de reagir.

Os dois rapazes mal conseguem andar em linha reta, mas mesmo assim, animados pela ideia de levar Eudora para um quarto barato logo ao lado do bar, se apoiam um no outro, tropeçando. Ela os segue sem pressa, o salto das botas ressoando no corredor estreito, o olhar gélido fixo nos dois.

Quando a porta do quarto se fecha atrás deles, o clima muda. Os rapazes riem alto, tentando se aproximar dela de maneira desajeitada, mas Eudora já os analisa como um predador que sabe a hora exata de atacar.

— Vocês não fazem ideia... — murmura, a voz baixa e carregada de intenção.

O primeiro rapaz encosta-se na parede, quase caindo de tanto álcool. O segundo estende a mão em direção a Eudora, tentando tocá-la. Ela segura o pulso dele com firmeza, erguendo o queixo com calma. Então, posiciona dois dedos sobre o tórax do rapaz, exatamente sobre o esterno.

De imediato, ele começa a se contorcer, a respiração presa, o corpo arqueando. O amigo tenta chegar perto, mas Eudora lança um olhar fulminante que o faz congelar no lugar.

Seus olhos brilham em azul intenso, e com um giro lento dos dedos para cima, a cena se consuma: o rapaz abre a boca em um grito sem som, e de dentro dele explode uma borboleta luminosa, que tremula no ar, pairando com asas azuis cristalinas antes de pousar no ombro dela. O corpo cai ao chão, torrado, sem vida.

O segundo rapaz, agora sóbrio pelo terror, tenta recuar para a porta, mas tropeça nos próprios pés. Eudora cruza a distância em um passo rápido, encurralando-o contra a parede. Dois dedos deslizam friamente até o tórax dele. O estômago dele se contrai, ele começa a tremer, o suor escorrendo pela testa.

— Shhhh... — sussurra Eudora, quase como um carinho perverso.

Os dedos sobem, e mais uma vez, a vítima se arqueia, a boca se abre num silêncio horrível, e a borboleta roxo-azulada se desprende dele, voando em círculos antes de se juntar à primeira. O corpo cai duro no chão, os olhos vidrados, a pele marcada pelo mesmo brilho sombrio.

Eudora fecha os olhos, inalando fundo, sentindo a energia das duas novas vigilantes se fundirem a ela. Suas asas transparentes cintilam levemente enquanto as borboletas flutuam em sua volta, girando como sombras obedientes.

Com a missão feita, ela ajeita o cabelo branco curto, limpa de leve a mão na saia grafite e solta um sorriso discreto. Antes de sair do quarto, lança um último olhar aos corpos — dois rapazes que acharam que estavam no controle, mas que nunca passaram de peças descartáveis no seu jogo.

Eudora se inclina suavemente, posiciona-se diante do primeiro rapaz. Seus dois dedos descem até o tórax dele, tocando levemente a região do esterno. Imediatamente, o corpo do jovem se contorce. Ele segura a barriga, sente o estômago virar, a náusea subir. O segundo rapaz tenta ajudá-lo, mas está tão bêbado que apenas balbucia algo incompreensível.

Então os olhos de Eudora brilham em azul intenso. Com um movimento lento e cruel, ela vira os dois dedos para cima. O corpo do rapaz arqueia, a boca se abre em um grito mudo... e dele explode uma borboleta luminosa, azulada, que voa em círculos antes de pousar sobre a mão de Eudora. O corpo cai para trás, já sem vida, a boca aberta, os olhos vidrados, a pele marcada como se tivesse sido queimada por dentro.

O segundo rapaz tenta recuar, mas Eudora o agarra pelo colarinho com uma força sobrenatural, puxando-o contra si. Sem hesitar, os dedos descem novamente até o tórax dele. Ele começa a tremer, o rosto vermelho, a respiração ofegante e sufocada. Quando ela ergue os dedos em direção ao teto, o mesmo destino se repete: uma nova borboleta azul roxa se liberta dele em meio a um clarão breve, antes do corpo desabar, torrado, sem vida.

Eudora fecha os olhos por um instante, sentindo o poder fluir novamente até ela. As duas borboletas circulam o corpo dela, fiéis, prontas para vigiar. Com um leve sorriso satisfeito, ela volta a se sentar no sofá, ajeitando a saia grafite e respirando fundo, como se nada tivesse acontecido. No bar, ninguém percebeu de verdade o que se passou — apenas mais dois bêbados caídos, confundidos com vítimas da própria farra.

As duas borboletas recém-libertas pairam no ar, ainda vibrando com o resquício de vida de suas vítimas. Eudora ergue lentamente as mãos, deixando que ambas se aproximem e pousem delicadamente sobre seus ombros. O brilho azul reflete no batom preto, nos olhos frios de vidro e nos fios brancos de cabelo curto.

Com a voz firme e suave ao mesmo tempo, ela sussurra:

— Eu entendo a sua dor... mas agora preciso que vocês fiquem perto do monumento da cidade. Voem pra lá e me tragam boas notícias.

As borboletas abrem as asas em um movimento sincronizado, como se compreendessem o comando. Num instante, levantam voo, cruzando a janela quebrada do quarto e desaparecendo na noite escura.

Eudora permanece por alguns segundos em silêncio, ouvindo apenas o som distante da cidade misturado ao leve eco dos alarmes do bar. Seus lábios se curvam num sorriso frio. Ela sabia que não precisava correr: agora tinha olhos no coração da cidade, e nada escaparia de sua rede.

Com passos lentos e calculados, ajeita o sobretudo e sai do quarto, deixando para trás o cheiro de álcool, corpos queimados por dentro e a lembrança de um pacto silencioso entre predador e suas vigias.

o Hermann Heights Monument está no centro do parque do campus, com árvores e caminhos de pedra ao redor, e um ponto de ônibus próximo, de onde estudantes e transeuntes podem observar, sem imaginar a dimensão sobrenatural do que acontece ali.

As borboletas azuis de Eudora voam pelo ar crepuscular, passam por entre as árvores floridas e pousam suavemente sobre a estátua de Hermann, envolvendo o monumento com um brilho místico. Elas se posicionam estrategicamente para vigiar todo o campus, inclusive áreas próximas ao ponto de ônibus, onde qualquer movimento estranho seria imediatamente detectado.

Eudora observa à distância, braços cruzados, seu corpo elegante refletindo a luz do entardecer, sabendo que agora suas sentinelas estão no lugar perfeito para alertá-la de qualquer mudança no campus ou perto do monumento.

Eudora está sentada na cabeceira da cama do quarto, com as duas vítimas transformadas em borboletas azuis pousadas calmamente ao redor. A noite envolve o ambiente, e pelo monitoramento das borboletas, ela observa o Hermann Heights Monument no centro do parque do campus, estrategicamente elevado, permitindo visão ampla de entrada e saída de alunos.

O campus parece tranquilo à distância, mas Eudora procura sinais de movimento de Reika: o horário de entrada da portadora, se ela vem acompanhada de Ellen, e se a misteriosa mulher de cabelos verdes e mechas roxas está por perto, pronta para intervir.

Mesmo sem se mover do quarto, Eudora controla a situação à distância, usando as borboletas como extensão de sua vigilância, absorvendo cada detalhe, cada sombra, cada passo que possa indicar a aproximação de Reika ou de qualquer aliado inesperado.

À noite, o lado de Eudora fica mais visível:

Sentada na cabeceira da cama, com o quarto iluminado por uma luz suave e indireta, ela revela seu lado calculista e metódico. Não há pressa, não há descontrole — apenas paciente observação e avaliação constante. Cada gesto é preciso: o balançar do copo, o olhar pelas janelas, a postura ereta, o corpo elegante, as mãos cruzadas ou apoiadas de forma a projetar poder silencioso.

Neste momento, Eudora também absorve o impacto psicológico do confronto com Reika. Ela entende que aquela portadora é forte, mas sua mente fria calcula cada possibilidade, cada movimento futuro, cada vulnerabilidade que possa explorar.

Mesmo sozinha com suas duas borboletas vigilantes, ela não se sente vulnerável — pelo contrário, sente satisfação no controle absoluto que agora exerce, sabendo que Reika acredita estar segura, sem perceber que Eudora continua um passo à frente, preparando-se para quando precisar intervir diretamente.

Eudora para sua vigilância pelas borboletas, observando o quarto silencioso e quase desconhecido. Dois corpos falecidos permanecem imóveis, testemunhas silenciosas de seu

poder. Seus olhos se voltam para o teto, onde um ventilador de madeira girava lentamente, rangendo levemente com o desgaste do tempo.

Para Eudora, as condições do lugar não importam, o que importa é cumprir a missão com precisão. Caminha até a janela e observa a rua: pessoas bêbadas sendo abordadas pela polícia, luzes amarelas e sombras que se movimentam. Nada escapa ao seu olhar.

Seu olhar recai sobre o frigobar. Encontra apenas água e uma garrafa de vinho seco de 1906. Ela pega a garrafa, observa o rótulo, e murmura com um toque de apreciação:

— Você vai me fazer companhia por esta noite...

Sem cerimônia, abre a garrafa com qualquer objeto à mão, serve um copo cheio, e naquele simples gesto, encontra a única companhia de que precisava — silêncio, controle e a sensação de que tudo ainda estava sob seu comando.

Eudora fecha os olhos, o sabor seco do vinho ainda em sua boca, e é como se a bebida a puxasse de volta para um passado que ela raramente permite reviver.

Um campo. Flores em cores que os olhos humanos jamais poderiam descrever. Borboletas azuladas flutuando ao redor, quase como se fossem parte dela desde o princípio. Mas a lembrança não traz conforto — porque logo o cenário se distorce. O cheiro de queimado invade o ar. O fogo se espalha. Chamas devoram sua casa, um lugar diferente do mundo dos humanos, com estruturas estranhas, familiares mas de outra natureza.

No meio do caos, uma voz feminina ecoa, forte, desesperada:

— Fugam, Zan... Eudora! Fugam para longe, crianças!

A lembrança se embaralha. O fogo toma forma nos olhos da pequena Eudora. E lá está ele: Zan, seu irmão mais velho, puxando sua mão com força.

— Não largue a minha mão... ouviu? Não largue!

Eles correm. Eudora, ainda muito pequena, tropeça, chora, soluça. O calor das chamas rasga seu pulmão a cada respiração curta. Zan, ofegante mas firme, a olha de relance.

— Não se assuste, Eudora. Eu estou aqui com você! Nossa mãe pediu para eu cuidar de você...

Mas as lágrimas dela escorrem.

— Eu quero voltar, Zan... eu quero voltar!

O menino, com apenas onze anos, a segura pelos ombros, tentando ser adulto quando ainda era só uma criança.

— Eudora! Não chore. Vamos dormir ali... — ele aponta para um abrigo improvisado na sombra das árvores — ...e amanhã pensamos no que vamos fazer.

Antes que a escuridão engula os dois por completo, uma silhueta feminina surge contra o céu iluminado pelo incêndio. Uma presença estranha, quase majestosa, sua forma recortada pelas chamas. A mulher estende uma mão esguia na direção da pequena Eudora.

Sem hesitar, sem medo, a menina estica sua mão e aceita.

E, no instante em que a mão é tocada, Eudora desperta. Os olhos se abrem no quarto abafado e silencioso, o ventilador girando lento no teto, o vinho ainda pela metade. A lembrança fica presa em sua mente como uma cicatriz que nunca cicatriza.

Eudora segura a garrafa de vinho como se fosse um troféu sombrio. O líquido vermelho desliza no copo pela metade, refletindo as luzes fracas do quarto barato. Ela ergue o olhar fixo, a respiração calma, e sussurra para si mesma, carregada de rancor:

— Eu vou acabar com você, portadora... e recuperar o Vagalume.

Os olhos dela brilham em um tom frio. Lentamente, Eudora se levanta da cabeceira e olha para os corpos estendidos ao lado da cama — suas duas vítimas da noite. Ainda imóveis, a morte foi gravada em seus semblantes. Sem qualquer traço de hesitação, ela abaixa-se, toca-os com dois dedos, e a cena muda num espetáculo macabro: os cadáveres se desmancham em pó azul luminoso, que se dispersa pelo quarto como poeira cintilante, até não restar nada além de silêncio.

Sozinha, Eudora ajusta-se sobre o colchão gasto. O ventilador de teto continua rodando devagar, como se marcasse o ritmo lento de sua respiração. Um quarto que não é seu, em uma cidade que não é sua — nada importa. Tudo é apenas passagem, até a missão ser concluída.

Ela deita, puxa o lençol rasgado até a cintura e fecha os olhos, deixando que a garrafa de vinho repouse ao lado. O sono chega como uma sombra inevitável. Amanhã seria um novo dia. Um dia em que a portadora, a Vagalume, estaria cada vez mais próxima de pagar o preço.

Reika ✨

Já em casa, o silêncio mal se sustentava quando a porta se abriu com aquele estrondo típico da minha avó. Eu até pisquei forte, não sabia se tinha ficado surda ou se a dor do corpo todo tinha piorado. Aproveitei meu verdadeiro álibi: sem condições de pisar no campus hoje.

Minha avó entrou como um furacão. Primeiro veio o olhar — aquele famoso “você aprontou alguma?” ou talvez o ainda mais temido “tá me escondendo alguma coisa?”. Eu já podia prever as próximas palavras só pelo jeito que ela apertava os lábios.

Ela, então, se sentou ao meu lado e soltou com a delicadeza de quem acerta bem no ponto fraco:

— Reika, quero a verdade, meu amor... você brigou com alguma menina?

Meu coração quase saiu pela boca. Pensei em todas as respostas possíveis. Será que eu dizia que briguei com uma mulher sobre-humana que quase me matou e de quebra quase levou a Ellen junto? Talvez funcionasse contar que uma luz absurda iluminou tudo no meio da luta, ou melhor, que dei um passeio até o Sanatório para socializar com doidas?

Claro que não. Isso seria pedir para ser trancada junto com elas.

Então, respirei fundo e abri a minha gaveta de desculpas baratas, aquele arsenal de álibis prontos para situações de emergência.

Minha avó me observa atentamente, sentada na beirada da cama, os olhos atravessando meu corpo como se cada músculo, cada sombra no meu braço tivesse um código secreto. Eu ainda estava meio zonha, o corpo dolorido, mas tentava aparentar normalidade. Ela não é qualquer pessoa: qualquer sinal mínimo de confusão ou machucado não escapa da sua percepção.

Os roxos nos meus braços denunciavam a intensidade do que tentei esconder. Eu sabia que estava frita, se ela percebesse que não se tratava de uma simples queda ou tropeço, seria impossível inventar qualquer história convincente.

Respirei fundo, pensando rápido. Precisava de um álibi à prova de desconfiança, algo que fosse totalmente crível para ela, impossível de questionar. Afinal, minha vó não poderia imaginar que eu realmente estivera em uma batalha com uma mulher sobrenatural, enfrentando luzes, energia e caos — isso seria inacreditável demais.

Então comecei a formular mentalmente cada detalhe do que diria, cada hesitação, cada expressão que seria natural, tentando que cada palavra parecesse uma verdade cotidiana, ainda que fosse totalmente inventada.



Aguarde a parte 2 de VAGALUME que estará disponível em breve.
Confira pelas bibliotecas digitais e o site oficial.